Harlan Coben

Mais de 50 milhões de livros vendidos em todo o mundo

Fique comigo

Quando menos se espera,
o sonho pode virar pesadelo.



ARQUEIRO

Fique comigo



O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Harlan Coben

Fique comigo



ARQUEIRO

Título original: *Stay Close*

Copyright © 2012 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Fátima Amendoeira Maciel, José Grillo e Rafaella Lemos

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: Sally Waterman / Millennium Images / Latinstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C586f

Carrasco, Walcyr, 1951-
Fique comigo [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.
Tradução de: Stay close
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-148-5 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

13-1283

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para
meus tios Diane e Norman Reiter,
Ilene e Marty Kronberg,
com amor e gratidão.

capítulo 1

ÀS VEZES, NA FRAÇÃO DE SEGUNDO em que Ray Levine tirava uma foto e o mundo se perdia no clarão de seu flash, ele via sangue. Sabia, é claro, que era apenas sua imaginação, mas de vez em quando, como naquele instante, a visão parecia tão real que ele precisava baixar a câmera e dar uma boa olhada no chão à sua frente. O momento terrível – em que sua vida mudara completamente, em que ele deixara de ser um homem com futuro e ambições para se transformar em um grande fracassado – nunca o visitava em seus sonhos ou quando ele estava sozinho no escuro. As visões devastadoras esperavam até que ele estivesse bem acordado, cercado de pessoas, ocupado com aquilo que alguns poderiam chamar, sarcasticamente, de trabalho.

Por sorte, as imagens desapareceram à medida que Ray continuava a fotografar o garoto que celebrava seu bar mitzvah.

– Olhe para cá, Ira – gritou Ray por trás de sua lente. – Quem foi o estilista que criou sua roupa? É verdade que Jennifer Aniston e Angelina Jolie ainda estão brigando por você?

Alguém deu um chute na canela de Ray. Outra pessoa o empurrou. Ele continuou a tirar fotos.

– Onde vai ser a continuação da festa, Ira? Quem vai ter o privilégio da primeira dança com você?

Ira Edelstein franziu a testa e protegeu o rosto da câmera. Ray se lançou para a frente, sem se deixar intimidar, fotografando de todos os ângulos possíveis.

– Saia da frente! – gritou alguém.

Ray foi empurrado novamente e tentou recuperar o equilíbrio.

Clique, *clique*, *clique*.

– Malditos paparazzi! – exclamou Ira. – Será que não posso ter um minuto de paz?

Ray revirou os olhos, mas não recuou. O sangue reapareceu por trás da lente. Ele tentou afastar a visão, mas ela não queria ir embora. Continuou pressionando o obturador. Ira, o Garoto do Bar Mitzvah, se movia em câmera lenta sob a luz estroboscópica.

– Parasitas! – gritou Ira.

Ray se perguntou se era possível descer mais fundo que isso.

Quando levou outro chute na canela, soube qual era a resposta: não, não era.

O "guarda-costas" de Ira – um sujeito enorme com a cabeça raspada chamado Fester – empurrou Ray para o lado com o braço, que era da grossura de um tronco de árvore. O brutamontes exagerou um pouco na medida e quase o derrubou. Ray lançou um olhar de "Qual é?" para Fester, que fez um "Desculpe" silencioso com a boca.

Fester era o chefe de Ray, seu amigo e dono da Celeb Experience: Paparazzi de Aluguel – um negócio que era exatamente o que o nome dizia. Ray não perseguia celebridades para conseguir fotos comprometedoras e vendê-las para tabloides, como um paparazzo de verdade. Não, ele estava abaixo disso. O que oferecia era a "experiência da fama" a aspirantes a celebridades dispostos a pagar. Em suma, os clientes (em sua maioria com problemas de autoestima e, provavelmente, disfunção erétil) contratavam paparazzi para persegui-los e tirar fotos suas, o que lhes proporcionava, como dizia o folheto, a "genuína experiência de ser famoso com seus próprios e exclusivos paparazzi".

Ray achava que talvez até pudesse descer mais fundo, mas não sem uma última intervenção divina.

A família Edelstein havia contratado o Megapacote Supercelebridade: duas horas com três paparazzi, um guarda-costas, um repórter e um microfonista, todos perseguindo Ira, a "celebridade", e tirando fotos suas como se ele fosse Charlie Sheen entrando às escondidas em um monastério. O pacote também incluía um DVD de lembrança sem custo adicional e uma revista de fofoca de mentirinha com seu rosto e uma manchete personalizada estampados na capa.

O preço do Megapacote Supercelebridade?

Quatro mil dólares.

Respondendo à pergunta óbvia: sim, Ray se odiava.

Ira passou por eles aos empurrões e desapareceu dentro do salão de festas. Ray baixou a câmera e olhou para os dois outros paparazzi. Nenhum deles tinha um *F* de fracassado escrito na testa porque, francamente, seria uma redundância.

Ray conferiu as horas.

– Droga – disse ele.

– Que foi?

– Ainda faltam 15 minutos para acabar.

Seus colegas – tão burros que mal deviam conseguir soletrar seus próprios nomes – resmungaram. Mais 15 minutos. Isso significava entrar e fazer a "cobertura" da apresentação. Ray detestava aquilo.

O bar mitzvah estava acontecendo em Wingfield Manor, um salão de festas de incrível mau gosto que, guardadas as devidas proporções, poderia muito bem passar por um dos palácios de Saddam Hussein. Havia candelabros, espelhos, marfim falso, madeira trabalhada e montes de tinta dourada reluzente.

A visão do sangue voltou a aparecer diante de seus olhos. Ele piscou para afastá-la.

O evento era a rigor. Os homens pareciam exaustos e ricos. As mulheres, bem cuidadas e cirurgicamente melhoradas. Ray abriu caminho pela multidão usando calça jeans, um blazer cinza amarrotado e tênis pretos de cano alto. Vários convidados o olharam como se ele tivesse acabado de fazer cocô em seus talheres de salada.

Havia uma banda com 18 músicos e um "animador", cuja função parecia ser incentivar os convidados a se divertirem a todo custo. Imagine um péssimo apresentador de programa de auditório. Ele pegou o microfone e disse, como se fosse anunciar a entrada de um boxeador no ringue:

– Senhoras e senhores, por favor deem as boas-vindas a ele, em sua primeira aparição após receber a Torá e alcançar a maioridade... o inigualável... Ira Edelstein! Por favor, uma salva de palmas!

Ira apareceu com duas... Ray não sabia bem como chamá-las, mas talvez a melhor expressão fosse "strippers de luxo". As duas gostosonas escoltaram Ira para dentro do salão com seus decotes. Ray preparou sua câmera e se lançou para a frente, balançando a cabeça. O garoto tinha 13 anos. Se mulheres como aquelas sequer chegassem perto de Ray quando ele tinha aquela idade, ele ficaria uma semana inteira de pau duro.

Ah, a juventude...

Todos aplaudiram com entusiasmo. Ira deu um tchauzinho majestoso para a multidão.

– Ira! – gritou Ray. – Essas são suas novas beldades? É verdade que você pretende acrescentar uma

terceira ao seu harém?

– Por favor – disse Ira em um tom bem ensaiado de lamúria –, eu tenho direito a privacidade!

Ray conseguiu não vomitar.

– Mas seus fãs querem saber!

Fester, o Guarda-Costas de Óculos Escuros, colocou uma pata gigante em cima de Ray, abrindo passagem para Ira. Ray tirou uma foto, fazendo o flash disparar. A banda começou a tocar a música da moda das festas, "Club Can't Handle Me", no último volume. Em que momento as cerimônias de casamento e de bar mitzvah tinham passado a tocar música na altura de um show de rock? Ira começou uma dança indecente com as duas acompanhantes de aluguel. Então seus amigos da mesma idade entraram na brincadeira, lotando a pista de dança e pulando freneticamente. Ray "brigou" para passar por Fester, tirou mais algumas fotos e conferiu as horas.

Mais um minuto.

– Paparazzi de merda!

Outro pontapé na canela de algum idiota em miniatura.

– Ai, cacete, essa doeu!

O idiota saiu correndo. *Nota mental*, pensou Ray: *passar a usar caneleiras*. Ele olhou para Fester como se implorasse por misericórdia. O chefe o liberou com um gesto da cabeça, chamando-o para um canto. O lugar estava barulhento demais, então eles saíram do salão.

Fester apontou lá para dentro com seu polegar enorme.

– O garoto se saiu muito bem na leitura da haftarah, não é?

Ray se limitou a encará-lo.

– Tenho um trabalho para você amanhã – continuou ele.

– Que maravilha. O que é?

Fester desviou o olhar.

Ray não gostou nada daquilo.

– Ai... – falou ele.

– É George Queller.

– Ah, meu Deus.

– Pois é. E ele quer o de sempre.

Ray suspirou. George tentava impressionar as garotas com que saía pela primeira vez deixando-as atordoadas e, em última análise, apavoradas. Contratava a Celeb Experience para infernizar a vida dele e de seu par – no mês anterior, por exemplo, tinha sido uma mulher chamada Nancy – enquanto os dois chegavam a um pequeno e romântico bistrô. Uma vez lá dentro, a mulher se deparava com – é sério – um cardápio personalizado que dizia: "O primeiro de muitos jantares de George e Fulana", com endereço, dia, mês e ano impressos abaixo. Quando saíam do restaurante, os paparazzi de aluguel já estavam a postos, tirando fotos e querendo saber como George tinha tido coragem de recusar um fim de semana nas ilhas Turcos e Caicos com Jessica Alba para ficar com a adorável (e a essa altura apavorada) Fulana.

George achava que essa encenação romântica seria o prelúdio de uma linda e eterna história de amor. Nancy e as outras achavam que seria o prelúdio de uma noite em um galpão abandonado com uma mordaça na boca.

Ele nunca chegava ao segundo encontro com mulher nenhuma.

Fester finalmente tirou seus óculos escuros.

– Quero que você seja o chefe da equipe neste trabalho.

– Paparazzo-chefe – corrigiu Ray. – Melhor eu ligar para minha mãe, para ela poder se vangloriar no grupo de baralho.

Fester deu uma risadinha.

– Você sabe que eu te amo.

– Só isso?

– Só.

Ray guardou a câmera com cuidado, separando a lente do resto do equipamento, e jogou o estojo por cima do ombro. Então foi mancando em direção à porta, por conta não dos chutes, mas do estilhaço em seu quadril – aquele que marcara o início do seu declínio. Não, isso seria simplificar demais as coisas. O estilhaço era uma desculpa. Em algum momento de sua vida patética, Ray tivera um potencial praticamente ilimitado. Ele se formara na faculdade de jornalismo da Universidade Columbia, demonstrando o que um professor chamou de "um talento quase sobrenatural" (que agora ele desperdiçava) na área do fotojornalismo. Mas, no fim das contas, essa vida não tinha dado certo para ele. Algumas pessoas atraem problemas. Algumas pessoas, por mais fácil que seja o caminho reservado para elas na vida, encontram uma maneira de estragar tudo.

Ray Levine era uma delas.

Estava escuro lá fora. Ele se perguntou se seria melhor ir direto para casa e se enfiar na cama ou dar um pulo no Tétano, um bar tão pé-sujo que tinha recebido esse nome. Difícil decidir com tantas opções à disposição.

Ele voltou a pensar no cadáver.

As visões retornaram com toda a força. Era compreensível, imaginava ele. Aquele dia era justamente o aniversário do fim de tudo, de quando todas as esperanças de um final feliz tinham morrido como... bem, a metáfora mais óbvia envolveria as visões em sua cabeça, não é mesmo?

Ele franziu a testa. *Dá para maneirar no melodrama, Ray?*

Tinha esperado que aquele trabalho idiota fosse tirar a imagem de sua mente. Não adiantara. Lembrou-se do próprio bar mitzvah, do momento no púlpito, em que seu pai se agachou para lhe sussurrar no ouvido. Lembrou-se de como seu pai cheirava a desodorante; do carinho com que ele segurou sua cabeça; de como, com os olhos marejados, disse apenas: "Eu te amo muito."

Ray afastou o pensamento. Era menos doloroso pensar no cadáver.

Os manobristas quiseram cobrar dele (pelo jeito, não existia mais cortesia profissional), então Ray tinha encontrado uma vaga a três quarteirões de distância, numa rua transversal. Ele dobrou a esquina e lá estava ele – sua lata-velha, o Honda Civic de 12 anos com um para-choque faltando e a janela lateral sustentada por um pedaço de fita adesiva. Ray coçou o queixo. Estava com a barba por fazer. Barba por fazer, 40 anos, uma lata-velha na garagem, um apartamento de subsolo que, se passasse por uma reforma pesada, talvez pudesse ser chamado de espelunca, nenhuma perspectiva, bebendo mais do que devia. Poderia lamentar a própria vida, mas, pensando bem, para isso teria que se importar com ela.

Ray estava pegando a chave do carro no bolso quando levou uma pancada forte na nuca.

Mas o que...?

Ele despencou com o peso em um dos joelhos. Tudo ficou escuro. O formigamento subiu pelo seu couro cabeludo. Ray ficou desorientado. Tentou balançar a cabeça, para clareá-la.

Outro golpe perto da têmpora.

Algo dentro de sua cabeça explodiu em um clarão e ele se estatelou no chão. Deve ter perdido a consciência – não soube ao certo –, mas de repente sentiu um puxão no seu ombro direito. Por alguns instantes, ficou simplesmente caído ali, com o corpo mole, incapaz ou sem vontade de resistir. Sua cabeça girava de dor. O lado primitivo de seu cérebro, sua parte animal mais básica, havia entrado no modo de sobrevivência. Evite mais sofrimento, dizia sua mente. Encolha-se e se proteja.

Outro puxão quase deslocou seu ombro. Em seguida, a agressão ficou mais fraca, como se a pessoa o estivesse soltando. De repente, entendeu o que estava acontecendo e abriu os olhos.

Alguém estava roubando sua câmera.

Era uma Leica clássica, atualizada recentemente com um recurso de envio digital. Ray sentiu seu braço ser erguido no ar e a alça do estojo passar por ele. Dali a um segundo, não mais que isso, a câmera seria levada embora.

Ray não possuía muita coisa. Sua câmera era o único bem ao qual ele realmente dava valor. Era seu ganha-pão, é claro, mas também era seu último elo com seu velho eu, com a vida que ele tinha antes do sangue, e nem sonhando iria desistir disso sem lutar.

Tarde demais.

A alça já havia se soltado do seu braço. Ele se perguntou se teria outra oportunidade, se o ladrão iria tentar pegar os 14 dólares em sua carteira e lhe dar uma última chance. Mas não podia esperar para ver.

Com a cabeça ainda girando e os joelhos trêmulos, Ray gritou "Não!" e tentou se lançar contra o criminoso. Chocou-se contra algo, talvez pernas, e se esforçou para envolvê-las com seus braços. Não conseguiu segurar firme, mas o impacto foi suficiente.

O assaltante foi ao chão. Ray também, aterrissando de barriga. Ouviu o barulho de algo caindo e torceu desesperadamente para não ter quebrado a própria câmera. Piscou várias vezes, tentando abrir os olhos por completo. Só conseguiu abri-los em parte e viu o estojo da câmera a menos de um metro de distância. Tentou se arrastar na direção dele, mas nesse momento viu duas coisas que fizeram seu sangue gelar.

A primeira foi um taco de beisebol no asfalto.

A segunda, e mais preocupante, foi a mão enluvada de alguém pegando-o.

Ray tentou erguer os olhos, mas foi inútil. Lembrou-se do acampamento de verão que seu pai administrava quando ele era criança. Seu pai (todos os campistas o chamavam de tio Barry) costumava organizar uma brincadeira em que você tinha que segurar uma bola de basquete acima da sua cabeça e girar ao redor do eixo do próprio corpo o mais rápido possível, sempre olhando para a bola. Então, completamente tonto, você precisava atravessar toda a quadra e fazer uma cesta. O problema era que você ficava tão tonto que caía para um lado enquanto a bola ia para o outro. Era assim que ele se sentia naquele instante, como se estivesse tombando para a esquerda enquanto o resto do mundo pendia para a direita.

O ladrão levantou o taco de beisebol e começou a ir em sua direção.

– Socorro! – gritou Ray.

Ninguém apareceu.

Ele foi invadido pelo pânico. Um instinto de sobrevivência primitivo desencadeou sua próxima reação: fugir. Ele tentou se levantar, mas isso ainda estava fora de cogitação. Ray já estava nas últimas. Mais um golpe, mais uma pancada daquele taco de beisebol...

– Socorro!

O agressor deu dois passos em sua direção. Ray não tinha escolha. Ainda de bruços, saiu se arrastando como um caranguejo ferido. Ah, ótimo plano, com certeza iria dar certo. Sem dúvida ele seria rápido o suficiente para manter distância do maldito taco. O desgraçado já estava quase em cima dele. Ray não tinha a menor chance.

Seu ombro bateu contra alguma coisa e ele notou que era seu carro.

Viu o taco se erguer no ar acima de sua cabeça. Dentro de um segundo, talvez dois, seu crânio seria esmigalhado. Só havia uma chance, e ele a aproveitou.

Virou a cabeça para o lado direito, colando a bochecha ao asfalto. Achatou seu corpo o máximo possível e deslizou para baixo do carro.

– Socorro! – tornou a gritar. Então, dirigindo-se ao assaltante: – Só pegue a câmera e dê o fora daqui!

Foi o que o ladrão fez. Ray ouviu os passos se afastando pela rua. Simplesmente maravilhoso. Tentou sair de baixo do carro. Sua cabeça atrapalhou, mas ele conseguiu. Ficou sentado no chão, recostado contra a porta do carona. Continuou assim por alguns instantes. Impossível saber quanto tempo. Talvez tivesse até desmaiado.

Quando se sentiu capaz, Ray xingou o mundo inteiro, entrou no carro e deu a partida.

Que estranho, pensou. No aniversário do acontecimento que culminara em todo aquele sangue, ele quase tinha acabado com litros do seu próprio espalhados pelo chão. A coincidência o fez abrir um meio sorriso. Enquanto saía com o carro, essa expressão começou a sumir de seu rosto.

Uma coincidência. Isso mesmo, só uma coincidência. Nem tão grande assim, pensando bem. A noite do sangue tinha sido 17 anos atrás – nem chegava a ser uma boda de prata ou algo parecido. Ele já fora assaltado antes. No ano anterior, havia sido roubado depois de sair bêbado de uma boate de striptease às duas da manhã. O imbecil levara sua carteira e fora embora com sete dólares e um cartão de descontos de uma rede de farmácias.

Ainda assim...

Ray encontrou uma vaga em frente ao edifício geminado que chamava de lar. Ele alugava o apartamento do subsolo. O proprietário, um imigrante paquistanês de nome Amir Baloch, também morava no prédio com a esposa e quatro filhos bastante barulhentos.

Ray resolveu supor por um instante, só por um instante, que não tivesse sido coincidência.

Saiu do carro. Sua cabeça ainda latejava. E seria pior no dia seguinte. Ele desceu a escada depois das latas de lixo até a porta abaixo do nível da rua e enfiou a chave na fechadura. Ficou quebrando a cabeça, tentando imaginar alguma relação – por menor, mais frágil e obscura que fosse – entre aquela trágica noite de 17 anos atrás e o assalto que acabara de sofrer.

Nada.

Tinha sido um roubo, nada mais que isso. Alguém dá uma porrada na cabeça de um sujeito com

um taco de beisebol, pega a câmera dele e sai correndo. Mas não faria mais sentido roubar também a carteira do sujeito? Ou será que tinha sido o mesmo cara que o havia assaltado perto daquela boate de striptease e ele lembrava que naquela vez Ray só tinha sete dólares? Ora, talvez fosse essa a coincidência. Esqueça a sincronia e o aniversário. O assaltante podia ser o mesmo de um ano antes.

Caramba, ele estava fazendo uma confusão enorme. Onde estava o maldito analgésico?

Ray ligou a TV e foi para o banheiro. Quando abriu o armário de remédios, uma dúzia de frascos e outras coisas caiu na pia. Ele revirou a bagunça e encontrou a embalagem que queria. Pelo menos esperava que fosse. Havia comprado os comprimidos no mercado negro, de um cara que dizia contrabandeá-los do Canadá. Até onde Ray sabia, poderiam ser vitaminas para crianças.

Na TV estava passando o noticiário, que mostrava algum incêndio nas redondezas. O repórter perguntava aos moradores da região o que eles pensavam do acontecido, porque, obviamente, saber o que a população acha é que leva às maiores revelações. O celular de Ray tocou. Ele viu o número de Fester na tela.

– Que foi? – disse ele, deixando-se cair no sofá-cama.

– Sua voz está horrível.

– Fui assaltado assim que saí do bar mitzvah.

– Sério?

– Sério. Me acertaram na cabeça com um taco de beisebol.

– Roubaram alguma coisa?

– Minha câmera.

– Espere um instante, você perdeu as fotos de hoje?

– Não, não se preocupe – falou Ray. – Eu estou bem, de verdade.

– Por dentro eu estou morrendo de preocupação. Só perguntei sobre as fotos para disfarçar minha dor.

– Ainda estou com elas – disse Ray.

– Como?

Sua cabeça doía demais para explicar. Além disso, o barato do analgésico já estava começando a pegá-lo de jeito.

– Não se preocupe. Elas estão em um lugar seguro.

Alguns anos antes, quando Ray trabalhara por um tempo como paparazzo "de verdade", ele havia conseguido algumas fotos maravilhosamente comprometedoras de um certo ator gay muito famoso traindo seu namorado com – pasmem! – uma mulher. O guarda-costas do ator arrancou a câmera das mãos do fotógrafo e destruiu o cartão de memória. Depois disso, Ray instalara um recurso de envio digital em sua máquina – algo parecido com o que a maioria das pessoas tem nas câmeras de seus celulares –, que mandava as fotos do cartão de memória por e-mail automaticamente a cada 10 minutos.

– É por isso que estou ligando – disse Fester. – Preciso delas rápido. Escolha cinco e me mande por e-mail ainda hoje. O pai de Ira quer nosso novo peso de papel em formato de cubo com fotos da festa assim que for possível.

No telejornal, a câmera enquadrava a "moça do tempo", uma gostosona que usava um suéter vermelho apertado. Chamariz de audiência. Os olhos de Ray começaram a se fechar enquanto a beldade terminava de explicar a fotografia de satélite e passava a bola para o âncora de cabelo

arrumadinho demais.

– Ray?

– Cinco fotos para um peso de papel em formato de cubo.

– Isso mesmo.

– Um cubo tem seis lados – disse Ray.

– Uau, que gênio da matemática. O sexto lado é para o nome, a data e uma estrela de davi.

– Beleza.

– Preciso disso para ontem.

– Pode deixar.

– Então está tudo nos conformes – disse Fester. – Quer dizer, exceto pelo fato de que, sem a sua câmera, você não vai poder fazer o trabalho de George Queller amanhã. Mas não se preocupe, eu arranjo outra pessoa.

– Agora, sim, vou conseguir dormir em paz.

– Muito engraçado, Ray. Me mande as fotos. Depois descanse.

– Estou comovido com sua preocupação, Fester.

Os dois desligaram. Ray se recostou no sofá-cama. O remédio estava fazendo um efeito maravilhoso. Ele quase sorriu. Na TV, o âncora assumiu seu tom de voz mais grave e disse:

– Um morador da região, de nome Carlton Flynn, encontra-se desaparecido. Seu carro foi encontrado abandonado com a porta aberta próximo ao píer...

Ray abriu um olho para ver. A foto de um rapaz de cabelo preto arrepiado com as pontas descoloridas e uma argola em uma das orelhas estava na tela. Ele mandava um beijinho para a câmera. A legenda abaixo do seu rosto dizia "Desaparecido", quando provavelmente deveria dizer "Otário". Ray franziu a testa. Uma vaga preocupação passou pela sua cabeça, mas àquela altura já não era capaz de processá-la. Todo o seu corpo implorava por uma noite de sono, mas, se ele não enviasse aquelas cinco fotografias, Fester voltaria a telefonar, e quem precisava disso? Com grande esforço, Ray conseguiu se levantar. Arrastou-se até a mesa da cozinha, ligou seu laptop e se certificou de que as fotos tinham de fato sido enviadas para o seu computador.

Lá estavam elas.

Algo o cutucava bem no fundo da sua mente, mas Ray não conseguia identificar o quê. Podia não ser nada de mais. Ou talvez estivesse prestes a se lembrar de algo muito importante. Ou, ainda, o que era mais provável, a pancada do taco de beisebol podia ter arrancado pequenos fragmentos do seu crânio que agora literalmente arranhavam seu cérebro.

As fotografias do bar mitzvah apareceram na tela, começando pela última. Ray correu os olhos rapidamente pelas miniaturas e escolheu uma imagem da dança, uma da família, uma da leitura da Torá, uma com o rabino, uma da avó de Ira dando-lhe um beijo na bochecha.

Lá estavam as cinco. Ele as anexou a um e-mail para Fester e clicou no botão enviar. Pronto.

Ray estava tão cansado que não sabia ao certo se conseguiria levantar da cadeira e chegar até a cama. Cogitou simplesmente apoiar a cabeça na mesa e tirar um cochilo quando se lembrou das outras fotografias no cartão de memória, as que havia tirado mais cedo naquele dia, antes do bar mitzvah.

Uma sensação esmagadora de tristeza invadiu seu peito.

Ele tinha voltado àquele maldito parque e tirado fotos. Era uma burrice, mas fazia isso todos os anos. Não sabia dizer por quê. Ou talvez soubesse, o que só piorava as coisas. A lente da câmera lhe oferecia distanciamento, perspectiva, fazia com que se sentisse seguro de alguma forma. Podia ser isso. Talvez ver aquele lugar terrível por esse ângulo estranhamente reconfortante pudesse mudar de alguma forma o que, por motivos óbvios, jamais poderia ser mudado.

Ray olhou para as fotos que havia tirado mais cedo na tela do computador – e foi então que se lembrou de outra coisa.

Um cara com as pontas do cabelo descoloridas e uma argola na orelha.

Dois minutos depois, encontrou o que procurava. Seu corpo inteiro gelou quando se deu conta do que havia acontecido.

O assaltante não queria a câmera. Ele queria a fotografia.

Aquela fotografia.

capítulo 2

Megan pierce estava vivendo o sonho de ser uma mãe de família dos subúrbios, e odiava cada minuto.

Ela fechou a geladeira de última geração e olhou para os dois filhos pela janela da sacada onde a família tomava o café da manhã. As janelas ofereciam, nas palavras do arquiteto, a "indispensável luz da manhã". A cozinha recém-reformada também contava com eletrodomésticos e utensílios de primeira qualidade, e tinha uma bancada de mármore no meio que se comunicava perfeitamente com a sala de estar, equipada com uma televisão de tela grande, poltronas reclináveis com porta-copos e caixas de som em quantidade suficiente para comportar um show de rock.

No quintal, Kaylie, a filha de 15 anos, implicava com Jordan, seu irmão mais novo. Megan bufou e abriu a janela.

– Pare com isso, Kaylie.

– Eu não fiz nada!

– Eu estava bem aqui olhando vocês.

Kaylie colocou as mãos na cintura. Quinze anos, aquele período problemático da adolescência, entre a infância e a idade adulta, quando o corpo e os hormônios estão apenas começando a entrar em ebulição. Megan lembrava muito bem.

– O que você viu? – perguntou Kaylie, desafiadora.

– Você implicando com seu irmão.

– É impossível você ter ouvido alguma coisa aí de dentro. Eu posso muito bem ter dito "Eu te amo, Jordan".

– Mas não foi isso que ela disse! – gritou o caçula.

– Eu sei que não – falou Megan.

– Ela me chamou de mané e disse que eu não tenho nenhum amigo!

Megan suspirou.

– Kaylie...

– Eu não falei nada disso!

Megan simplesmente olhou feio para ela.

– É a palavra dele contra a minha – protestou a garota. – Por que você sempre fica do lado dele?

Megan pensou que toda criança é um advogado em potencial, sempre tentando encontrar brechas na lei, exigindo uma quantidade impossível de provas e protestando até mesmo ao menor dos detalhes.

– Você tem treino hoje à noite – disse Megan para a filha.

Kaylie jogou a cabeça para trás, demonstrando má vontade.

– Preciso mesmo ir?

– Você assumiu um compromisso com o time, mocinha.

Por mais que estivesse dizendo aquilo, e por mais que já tivesse falado coisas parecidas zilhões de vezes, ela ainda não conseguia acreditar que as palavras estavam saindo de sua própria boca.

– Mas eu não quero ir – resmungou a menina. – Estou muito cansada. E eu ia sair com a Ginger

mais tarde, lembra, pra...

Kaylie talvez tivesse dito mais alguma coisa, mas Megan lhe deu as costas, sem demonstrar muito interesse. Na sala de estar, seu marido, Dave, estava esparramado na poltrona, com um conjunto de moletom cinza. Ele assistia a alguma entrevista de gosto duvidoso com o mais recente astro de cinema decadente. Nela, o ator se vangloriava a respeito do número de mulheres que tinha levado para a cama e sobre a época em que se dava bem em boates de striptease. O homem estava frenético, com os olhos arregalados, claramente sob o efeito de alguma substância que conseguira com a ajudinha de um médico generoso e seu receituário.

De seu lugar na poltrona, Dave balançou a cabeça, enojado.

– Aonde este mundo vai parar? – falou ele, gesticulando para a tela. – Dá pra acreditar nesse babaca? Que idiota.

Megan balançou a cabeça, contendo um sorriso. Anos atrás, ela havia conhecido muito bem esse tipo de idiota. Biblicamente, inclusive. O Idiota era na verdade um cara bastante simpático, que dava boas gorjetas, gostava de sexo a três e chorava como um bebê quando bebia demais.

Mas isso tinha sido há muito tempo.

Dave se virou e deu um sorriso enorme para ela.

– Oi, amor.

– Oi.

Ele ainda lhe sorria como se a estivesse vendo pela primeira vez, e Megan novamente teve a certeza de que era uma felizarda, de que deveria se sentir grata. Aquela era sua vida agora. Sua antiga existência – sobre a qual ninguém naquela terra encantada de ruas sem saída, boas escolas e mansões cafonas sabia – agora estava morta e enterrada.

– Quer que eu leve Kaylie para o futebol? – perguntou Dave.

– Não, pode deixar.

– Tem certeza?

Megan assentiu. Nem mesmo Dave sabia a verdade sobre a mulher com quem dividia a cama havia 16 anos. Nem sequer conhecia seu verdadeiro nome, que era, por estranho que pareça, Maygin. A pronúncia era a mesma, mas para computadores e documentos de identidade só importava o que estava escrito. Ela bem que gostaria de ter perguntado à mãe o motivo da grafia esquisita, mas a mulher havia morrido antes que Megan aprendesse a falar. Ela ficou órfã cedo, teve uma infância difícil, acabou trabalhando como stripper – primeiro em Las Vegas e depois em Atlantic City –, deu o passo seguinte e adorou a experiência. Sim, adorou. Era divertido, excitante e eletrizante. Tinha sempre alguma novidade acontecendo, uma sensação constante de perigo, de possibilidades, de paixão.

– Mãe?

Era Jordan.

– Sim, querido?

– A Sra. Freedman disse que você não assinou a autorização para a excursão da escola.

– Vou mandar um e-mail para ela.

– Ela falou que o prazo era até sexta.

– Não se preocupe com isso, está bem, querido?

Jordan precisou de mais alguns instantes para se acalmar, mas acabou conseguindo.

Megan sabia que deveria se sentir grata. As garotas costumavam morrer cedo na sua antiga vida. Tudo naquele mundo – cada emoção, cada segundo – era intenso demais, como se a vida fosse elevada à décima potência, o que não combinava com longevidade. Você se esgota emocionalmente. Começa a usar drogas. Existe algo de inebriante nesse tipo de atitude. Mas também existe um perigo inerente ao próprio estilo de vida. Quando a situação finalmente fugiu ao seu controle, quando sua vida passou a correr perigo, ela encontrou uma maneira não só de escapar, mas também de recomeçar totalmente do zero, de renascer, com um marido apaixonado, filhos lindos, uma casa com quatro quartos e uma piscina no quintal.

De alguma maneira – quase por acidente, na verdade –, Megan Pierce havia saído das profundezas do esgoto e ido parar bem no meio do mais perfeito sonho americano. Para salvar a própria pele, ela havia se mantido na linha e quase convencera a si mesma de que aquele era o melhor dos mundos. E por que não? Durante toda a sua existência, nos filmes e na TV, Megan, como todo mundo, tinha sido soterrada por imagens que afirmavam que sua vida antiga era errada, imoral e efêmera – enquanto a vida em família, a casa e o quintal com cerca de madeira eram desejáveis, adequados, celestiais.

Mas a verdade era a seguinte: Megan sentia falta de sua vida antiga. Por mais que não devesse. Tinha que se sentir agradecida pelo fato de, contra todas as probabilidades e apesar do caminho destrutivo que escolhera, ter enfim conseguido alcançar o que era o sonho de qualquer garota. Mas o fato, que ela havia levado anos para admitir, era que Megan ainda ansiava por aqueles quartos escuros, pelos olhares lascivos e famintos de estranhos, pela música repetitiva e pulsante, pelas luzes alucinantes, pelos picos de adrenalina.

E agora?

Dave zapeava a TV.

– Então você não se importa de levá-la? Está passando um jogo ótimo.

Kaylie revirava sua bolsa de ginástica.

– Mãe, cadê meu uniforme? Você lavou?

Jordan, abrindo a geladeira:

– Você pode fazer um queijo-quente para mim? Mas não quero com aquele pão integral, não.

Ela os amava. De verdade. Mas havia momentos, como hoje, em que percebia que, depois de passar a juventude se equilibrando na corda bamba, ela havia se acomodado a uma rotina doméstica de uma mesmice atordoante, forçada a representar o mesmo papel todos os dias, sempre com os mesmos atores. Megan se perguntava por que precisava ser assim, por que somos forçados a escolher um só caminho. Por que insistimos que só pode haver um "eu", uma vida que nos define por completo? Por que não podemos ter mais de uma identidade? E por que precisamos destruir um tipo de existência para criar outro? Estamos constantemente falando sobre como queremos libertar as diversas facetas que há dentro de nós, mas essa diversidade só existe nas aparências. Na verdade, fazemos tudo o que podemos para sufocar esse espírito, para nos conformarmos, para nos definirmos como uma coisa só e nada mais.

Dave voltou à entrevista do ator decadente.

– Olhe só esse cara – falou ele, balançando a cabeça.

Só de ouvir a voz frenética daquela celebridade, Megan voltou no tempo: a mão dele enroscada em

sua calcinha, o rosto pressionado contra as costas dela, transfigurado e molhado de lágrimas.

"*Só você me entende, Cassie...*"

Sim, ela sentia falta. Será que isso era tão horrível assim?

Megan achava que não, mas a ideia não deixava de assombrá-la. Será que cometera um erro? Durante todos aqueles anos, ela havia mantido as lembranças, a vida de Cassie (pois ninguém usava o nome verdadeiro naquele mundo), guardadas em um quartinho no fundo de sua mente. Então, havia poucos dias, ela destrancara a porta e abrira apenas uma fresta. Tornara a fechá-la com violência na mesma hora e a trancara à chave. Mas aquela simples fresta, o simples fato de ter deixado Cassie vislumbrar o mundo que separava Maygin de Megan... Por que ela tinha tanta certeza de que isso teria consequências?

Dave se levantou do sofá e foi para o banheiro com o jornal enrolado debaixo do braço. Megan ligou a sanduicheira e foi procurar o pão branco. Quando abriu a gaveta, o telefone tocou, emitindo seu gorjeio eletrônico. Kaylie estava ao lado do aparelho, ignorando-o enquanto digitava uma mensagem de texto no celular.

– Pode atender? – perguntou Megan.

– Não é para mim.

Kaylie conseguia pegar e atender seu celular como uma rapidez impressionante, mas o telefone fixo, cujo número era desconhecido da comunidade adolescente de Kasselton, não lhe despertava o menor interesse.

– Atenda, por favor.

– Pra quê? Eu só vou ter que dar o fone para você.

Jordan, que na tenra idade de 11 anos sempre queria manter a paz, tirou o fone do gancho.

– Alô?

Ele ficou escutando por alguns instantes e então disse:

– É engano. – Então acrescentou algo que fez Megan sentir um frio na espinha. – Não mora nenhuma Cassie aqui.

Inventando alguma desculpa de que as empresas de entrega sempre confundiam seu nome – e sabendo que, de qualquer forma, seus filhos eram tão incrivelmente autocentrados que nem sequer a questionariam –, Megan pegou o telefone das mãos de Jordan e foi para outro cômodo.

Levou o aparelho ao ouvido e então escutou uma voz que não escutava havia 17 anos:

– Desculpe ligar assim, do nada, mas acho que precisamos nos encontrar.

◆◆◆

Megan deixou Kaylie no treino de futebol.

Levando-se em conta o telefonema bombástico, ela estava até bastante calma e serena. Parou o carro e se virou para a filha com a expressão mais inocente do mundo.

– O que foi? – perguntou a menina.

– Nada. A que horas acaba o seu treino?

– Não sei. Talvez eu saia com a Gabi e a Chuckie depois.

Talvez significava *com certeza*.

– Para onde vocês vão?

– Pro centro – respondeu ela, dando de ombros.

A típica resposta vaga de adolescente.

– Onde no centro?

– Não sei, mãe – falou Kaylie, acrescentando uma pitada de exasperação na voz. Queria acabar logo com aquilo, mas também não queria irritar a mãe e ser proibida de sair. – Vamos só dar uma volta, está bem?

– Você já terminou seu dever de casa?

Megan odiou a si mesma no instante em que fez a pergunta. Não poderia ter soado mais "mãe". Ergueu uma das mãos e falou:

– Deixe para lá. Pode ir. Divirta-se.

Kaylie olhou para a mãe como se não a estivesse reconhecendo. Então deu de ombros, saiu do carro e foi embora. Megan ficou observando, como sempre. Não importava que Kaylie já tivesse idade suficiente para entrar no campo sozinha. Megan precisava ficar olhando até ter certeza de que sua filha estava em segurança.

Dez minutos depois, ela encontrou uma vaga atrás da Starbucks. Conferiu seu relógio. Faltavam 15 minutos para a hora marcada.

Pediu um café com leite e se dirigiu a uma mesa nos fundos. À sua esquerda, um grupo de mães de primeira viagem – maldormidas, com as roupas manchadas, delirantemente felizes, todas com um bebê a tiracolo – conversava sem parar. Elas falavam sobre os melhores carrinhos de bebê do momento, quais cercadinhos dobravam com mais facilidade e por quanto tempo deveriam amamentar. Discutiam o tipo de madeira e de piso ideais para parquinhos, qual a idade certa para tirar a chupeta e quais as cadeirinhas de carro mais seguras. Comparavam os tipos de *baby slings*. Uma delas se gabava de que seu filho, Toddy, era "muito sensível às necessidades das outras crianças, mesmo tendo apenas um ano e meio".

Megan sorriu, desejando poder ser como elas novamente. Ela havia adorado aquela fase "mãe de primeira viagem", mas, como tantas outras etapas da vida, depois você olha para trás e se pergunta onde estava com a cabeça ao gostar daquilo. Sabia o que viria em seguida para aquelas mães: escolher o jardim de infância certo como se fosse uma decisão de vida ou morte, esperar na fila para pegar os filhos na escola, levá-los para brincar na casa de crianças das melhores famílias, para as aulas de natação, de caratê, para os treinos de futebol, para o curso de francês, dar caronas constantes para eles e seus amigos. A felicidade se transformava em estresse e o estresse, em rotina. O marido, que antes era compreensivo, ia ficando cada vez mais rabugento porque a vida sexual ainda não tinha voltado a ser o que era antes da gravidez. Aquele casal que costumava aproveitar qualquer oportunidade para dar uma rapidinha agora mal se olhava ao tirar a roupa um na frente do outro. Você acha que essas coisas não têm tanta importância – que são naturais e inevitáveis –, mas vocês se afastam. Continuam se amando, de certo modo mais do que nunca, mas o fato é que se afastam e não tentam evitar isso, ou nem sequer percebem que está acontecendo. Tornam-se pais em tempo integral, enquanto seus mundos se reduzem ao tamanho e aos limites de seus filhos e tudo transpira gentileza, união e carinho – o que é ao mesmo tempo enlouquecedor, sufocante e enfadonho.

– Ora, ora, ora.

A voz familiar fez Megan sorrir imediatamente. Ela ainda tinha o mesmo tom áspero e sexy que

soava a uísque, cigarros e noites em claro, e cada frase tinha um quê de sarcasmo e duplo sentido.

– Olá, Lorraine.

Lorraine abriu um sorriso torto. Seu cabelo era de um louro malpintado e comprido demais. Ela era alta, carnuda e curvilínea, e fazia questão de que as pessoas vissem isso. Usava roupas que pareciam dois números abaixo do seu, mas o estilo funcionava para ela. Depois de todos aqueles anos, ainda chamava atenção. Até as mamães pararam para olhá-la com um quê de asco. Lorraine devolveu-lhes o olhar com uma expressão de quem sabia o que elas estavam pensando e onde exatamente poderiam enfiar esse pensamento. As mamães se viraram para o outro lado.

– Você está ótima, garota – disse Lorraine.

Ela se sentou, transformando o gesto num espetáculo. Já fazia... sim, 17 anos. Lorraine havia sido anfitriã/gerente/barwoman/garçonete. Tinha vivido intensamente a vida, sem pedir desculpas a ninguém.

– Senti sua falta – disse Megan.

– É, eu percebi, com todos os cartões-postais que você me mandou.

– Sinto muito.

Lorraine descartou o pedido de desculpas com um gesto, como se o sentimento a incomodasse. Ela revirou a bolsa em busca de um cigarro. As mães da mesa ao lado pularam como se ela tivesse sacado um revólver.

– Porra, eu devia acender isto e ficar olhando enquanto elas saem correndo.

Megan se inclinou para a frente.

– Desculpe perguntar, mas como você me encontrou?

O sorriso torto voltou ao seu rosto.

– Ora, querida, eu sempre soube onde você estava. Tenho olhos em toda parte, você sabe disso.

Megan queria fazer mais perguntas, mas algo no tom de voz de Lorraine lhe disse para deixar para lá.

– Olhe só pra você – disse a mulher. – Casada, com filhos, uma casa enorme. Vi um monte de carrões brancos no estacionamento. Algum deles é seu?

– Não. O meu é preto.

Lorraine assentiu como se a resposta significasse alguma coisa.

– Fico feliz que você tenha conseguido tudo isso, mas posso ser sincera? Sempre achei que você fosse ficar naquela vida até o fim, sabe? Como eu.

Então soltou uma risadinha e balançou a cabeça.

– Eu sei – disse Megan. – Também fiquei um pouco surpresa comigo mesma.

– É claro que nem sempre as garotas voltam a andar na linha por vontade própria. – Lorraine desviou o olhar, como se esse fosse um comentário casual. As duas sabiam que não. – Até que nós nos divertimos, não foi?

– Foi.

– Eu ainda me divirto – completou ela. – Isso aí – prosseguiu, indicando as mamães com os olhos – eu até admiro e tal. Mas sei lá. Não é para mim. – Ela deu de ombros. – Talvez eu seja muito egoísta. Parece até que eu sofro de transtorno do déficit de atenção ou coisa parecida. Preciso de algo que me estimule.

– Crianças podem ser estimulantes, acredite.

– Ah, é? – disse Lorraine, claramente sem acreditar. – Bem, fico feliz em ouvir isso.

Megan não sabia bem como continuar a conversa.

– Você ainda trabalha no La Crème?

– Trabalho. Servindo no bar, basicamente.

– Então por que me ligou assim, de repente?

Lorraine brincou com seu cigarro apagado. As mamães voltaram a conversar sobre futilidades, mas com menos entusiasmo. Lançavam olhares sorrateiros para Lorraine o tempo todo, como se ela fosse algum tipo de vírus inoculado em seu organismo com a intenção de destruí-lo.

– Como disse antes, eu sempre soube onde você estava. Mas nunca contaria a ninguém. Você sabe disso, não sabe?

– Sim, eu sei.

– E também não queria incomodá-la agora. Você escapou. A última coisa que eu iria querer seria arrastá-la de volta.

– Mas...?

Lorraine olhou dentro dos seus olhos.

– Alguém viu você. Ou, melhor dizendo, Cassie.

Megan se remexeu em sua cadeira.

– Você tem aparecido no La Crème, não tem?

Megan ficou calada.

– Ei, eu entendo. De verdade. Se ficasse andando com essas belezinhas o dia inteiro – disse Lorraine, apontando com o polegar para o grupo de mães barulhentas –, daria um braço por uma noitada ou outra.

Megan baixou os olhos para seu café com leite como se ele pudesse lhe dar uma resposta. Ela realmente tinha voltado ao La Crème, mas apenas uma vez. Duas semanas atrás, perto do aniversário da sua fuga, ela havia ido a Atlantic City para participar de um curso de treinamento e de uma feira comercial. Agora que as crianças estavam ficando mais velhas, Megan decidira procurar um emprego no setor imobiliário. Tinha dedicado boa parte dos últimos anos a procurar modos de se ocupar: já havia tentado um personal trainer, aulas de ioga, cerâmica e, por fim, um grupo de escrita de memórias que, no caso de Megan, tinham sido ficção, é claro. Cada uma dessas atividades tinha sido uma tentativa desesperada de encontrar aquele vago sentimento de "realização" procurado por aqueles que têm tudo o que desejam. Na verdade, pessoas como essas olham para cima quando talvez devessem olhar para baixo: buscam iluminação espiritual quando a resposta provavelmente está – como Megan sabia – nos aspectos mais básicos e primitivos de suas vidas.

Se alguém lhe perguntasse, Megan diria não ter planejado nada daquilo. Tinha agido por impulso, nada de mais, mas, em sua segunda noite hospedada no Tropicana, a apenas dois quarteirões do La Crème, ela vestiu sua roupa mais apertada e foi à boate.

– Você me viu? – perguntou a Lorraine.

– Não. E imagino que você também não tenha me procurado.

Havia mágoa na voz de Lorraine. Megan tinha visto sua velha amiga atrás do bar e decidira não ir falar com ela. A boate era grande e estava escuro. As pessoas gostavam de desaparecer em lugares

daquele tipo. Era fácil não ser visto.

– Não tive a intenção... – começou Megan, parando em seguida. – Mas então quem me viu?

– Não sei. Mas é verdade?

– Foi só uma vez – argumentou Megan.

Lorraine ficou calada.

– Não estou entendendo. Qual é o problema? – perguntou Megan.

– Por que você voltou?

– Que importância tem isso?

– Para mim, nenhuma – falou Lorraine. – Mas um tira descobriu. O mesmo que está procurando você há todos esses anos. Ele nunca desistiu.

– E agora você acha que ele vai me encontrar?

– É – disse Lorraine. – Acho bem provável.

– Então você veio até aqui para me alertar.

– Pode-se dizer que sim.

– E o que mais?

– Não sei o que aconteceu naquela noite – prosseguiu –, e não quero saber. Sou feliz. Adoro minha vida. Faço o que gosto, com quem eu gosto. Não me meto na vida dos outros, está entendendo o que estou dizendo?

– Estou.

– E posso estar viajando. Afinal, você sabe como a boate é escura. E quanto tempo faz? Dezessete anos? Então, posso ter me enganado. Foi só por um instante, mas até onde sei aquilo aconteceu na mesma noite em que você foi lá. Mas, com você de volta e outra pessoa desaparecida...

– Que história é essa, Lorraine? O que você viu?

Lorraine ergueu os olhos e engoliu em seco.

– Stewart – disse ela, ainda brincando com o cigarro apagado. – Acho que vi Stewart Green.

capítulo 3

COM UM PESADO SUSPIRO, o detetive Broome se aproximou da casa amaldiçoada e tocou a campainha. Sarah abriu a porta e, mal olhando para ele, disse:

– Pode entrar.

Broome limpou os pés no capacho, encabulado. Tirou seu velho agasalho e o pendurou no braço. Nada dentro da casa havia mudado ao longo de todos aqueles anos. As luminárias antiquadas, o sofá de couro branco, a velha poltrona reclinável no canto – tudo igual. Até mesmo as fotografias sobre o console da lareira continuavam as mesmas. Durante um bom tempo, no mínimo cinco anos, Sarah deixara os chinelos do marido ao lado daquela velha poltrona. Já não estavam mais lá, mas o móvel, sim. Ele se perguntou se alguém alguma vez se sentava ali.

Era como se a casa se recusasse a seguir em frente, como se as paredes e o teto estivessem de luto, esperando. Ou talvez aquilo fosse apenas um mecanismo de defesa. As pessoas precisavam de respostas. Precisavam de um desfecho. A esperança, Broome sabia muito bem, pode ser uma coisa maravilhosa. Mas também pode arrasar alguém dia após dia. A esperança pode ser a coisa mais cruel do mundo.

– Você perdeu o aniversário – disse Sarah.

Broome fez que sim com a cabeça. Ainda não se sentia preparado para lhe dizer por quê.

– Como estão as crianças? – perguntou ele.

– Bem.

Os filhos de Sarah já eram praticamente adultos. Susie era caloura na Universidade Bucknell e Brandon estava terminando o ensino médio. Eles ainda eram bebês quando seu pai desaparecera, arrancado daquele lar perfeito para nunca mais ser visto por nenhum de seus entes queridos. Broome nunca havia conseguido solucionar o caso. Também nunca havia desistido dele. Não deveria ter se envolvido pessoalmente. Sabia disso. Mas foi o que fez. Tinha ido às apresentações de dança de Susie. Tinha ensinado Brandon a jogar futebol. E certa vez, 12 anos antes, para sua grande vergonha, tinha até bebido demais com Sarah e, bem, passado a noite com ela.

– Como vai o novo emprego? – perguntou Broome.

– Bem.

– Sua irmã já está vindo?

– Está – respondeu Sarah com um suspiro.

Ela ainda era uma mulher atraente. Tinha pés de galinha nos cantos dos olhos e as linhas ao redor de sua boca haviam se aprofundado com o passar dos anos, mas a idade faz bem a algumas mulheres, e Sarah era uma delas.

Ela também havia sobrevivido a um câncer, mais de 20 anos atrás. Contara isso a Broome assim que eles se conheceram, sentados naquela mesma sala, quando ele apareceu para investigar o desaparecimento. Na época, lhe explicou que havia sido diagnosticada quando estava grávida de Susie. Se não fosse pelo seu marido, segundo ela, não teria sobrevivido. Queria que Broome entendesse isso. Quando o prognóstico se revelou desfavorável, quando a quimioterapia fez Sarah começar a vomitar constantemente, quando ela perdeu o cabelo e a beleza, quando seu corpo

começou a se deteriorar, quando ninguém, nem ela própria, tinha mais esperanças (essa palavra novamente), ele – somente ele – ficou do seu lado.

O que provava mais uma vez que não há explicação para as complexidades e hipocrisias da natureza humana.

Ele ficava acordado para cuidar dela. Apoiava sua testa enquanto Sarah vomitava no meio da madrugada. Dava-lhe os remédios, beijava seu rosto, segurava seu corpo trêmulo e fazia com que ela se sentisse amada.

Ela havia olhado dentro dos olhos de Broome e lhe contado tudo isso porque queria que ele ficasse no caso até o fim, que nem sequer cogitasse a hipótese de seu marido ter fugido, que se envolvesse pessoalmente e encontrasse a alma gêmea dela, pois Sarah não conseguiria viver sem ele.

Dezessete anos depois, embora tivesse descoberto algumas duras verdades, Broome permanecia ali. E o paradeiro do marido e alma gêmea de Sarah continuava um grande mistério.

Broome ergueu os olhos para ela.

– Bom saber – falou, ouvindo na própria voz o tom de enrolação. – Que sua irmã está vindo, quero dizer. Sei quanto você gosta de tê-la por perto.

– Sim, é ótimo – concordou Sarah, sem a menor emoção na voz. – Broome?

– Sim?

– Você está me enrolando.

Ele olhou para as próprias mãos.

– Só estava tentando ser simpático.

– Não. Tentar ser simpático não faz seu estilo, Broome. E você nunca enrola as pessoas.

– Tem razão.

– Então...?

Apesar de toda a decoração – a tinta amarela nas paredes, as flores recém-colhidas –, tudo o que Broome conseguia ver era a degradação. Os anos de incerteza haviam devastado a família. As crianças tiveram anos difíceis – Susie havia sido presa duas vezes por dirigir embriagada e Brandon tinha sido flagrado com drogas. Broome ajudara a limpar a barra dos dois. A casa ainda se encontrava como se o pai deles tivesse desaparecido no dia anterior – congelada no tempo, aguardando seu retorno.

Os olhos de Sarah se arregalaram um pouco, como se ela de repente tivesse entendido algo doloroso.

– Você encontrou...?

– Não.

– O que foi, então?

– Pode não ser nada – falou Broome.

– Mas...?

Broome se sentou, apoiando os cotovelos nas coxas, a cabeça entre as mãos. Respirou fundo e encarou os olhos angustiados de Sarah.

– Outro homem da região está desaparecido. Talvez você tenha visto no noticiário. O nome dele é Carlton Flynn.

Sarah pareceu confusa.

– Quando você diz desaparecido...

– Assim como aconteceu com... – Ele se deteve. – Num dia ele estava tocando sua vida e no seguinte, puf, sumiu. Desapareceu completamente.

Sarah tentou processar o que ele dizia.

– Mas... como você me disse desde o início, as pessoas desaparecem, não é?

Broome assentiu.

– Às vezes por vontade própria – prosseguiu Sarah. – Às vezes, não. Mas acontece.

– Acontece.

– Então, 17 anos depois do desaparecimento do meu marido, outro homem, este tal de Carlton Flynn, some. Não vejo a ligação.

– Talvez não haja nenhuma – concordou Broome.

Sarah se aproximou dele.

– Mas...?

– Mas foi por isso que faltei ao aniversário.

– Como assim?

Broome não sabia quanto mais deveria falar. Nem mesmo quanto sabia com certeza até ali. Estava trabalhando numa teoria que lhe embrulhava o estômago e não o deixava dormir à noite, mas por enquanto não passava disso: uma teoria.

– O dia em que Carlton Flynn desapareceu – falou o detetive.

– O que tem ele?

– Foi por isso que eu não vim. Ele desapareceu no dia do aniversário. No dia 18 de fevereiro, exatamente 17 anos depois de seu marido.

Sarah pareceu espantada por um instante.

– Dezessete anos cravados?

– Exatamente.

– O que isso significa? Dezessete anos. Deve ser só coincidência. Se fossem cinco, ou 10... Mas 17?

Ele ficou calado, esperando alguns instantes para que Sarah tirasse suas próprias conclusões.

Por fim, ela disse:

– Então suponho que você tenha pesquisado outros desaparecimentos, certo? Para ver se existe um padrão.

– Isso mesmo.

– E...?

– Até onde sabemos, os dois são os únicos que desapareceram no dia 18 de fevereiro: seu marido e Carlton Flynn.

– Vocês têm certeza? – insistiu ela.

Broome deu um forte suspiro.

– No ano passado, no dia 14 de março, Stephen Clarkson, outro homem da região, foi dado como desaparecido. Três anos antes, no dia 27 de fevereiro, houve outro sumiço.

– Nenhum dos dois foi encontrado?

– Não.

Sarah engoliu em seco.

– Então talvez não seja o dia. Talvez sejam os meses de fevereiro e março.

– Acho difícil. Ou, pelo menos, achava. A questão é que os outros dois homens, Peter Breman e Gregg Wagman, podem ter desaparecido muito antes. Um era sem-teto e o outro, motorista de caminhão. Ambos solteiros, com poucos familiares. Se um sujeito desse tipo passa 24 horas sem voltar para casa, quem vai notar? Você notou, é claro. Mas se um cara é solteiro, divorciado ou viaja muito...

– Podem se passar dias ou semanas até a polícia ser notificada – concluiu Sarah.

– Ou até mais tempo.

– Então esses homens também podem ter desaparecido no dia 18 de fevereiro.

– Não é tão simples – disse Broome.

– Por que não?

– Porque, quanto mais eu analiso, mais difícil fica determinar o padrão. Wagman, por exemplo, era de Buffalo, não daqui. Ninguém sabe onde ou quando ele desapareceu, mas consegui rastrear seus deslocamentos o suficiente para saber que ele poderia ter passado por Atlantic City em algum momento de fevereiro.

Sarah refletiu sobre isso.

– Você mencionou cinco homens, incluindo Stewart, ao longo dos últimos 17 anos. Tem mais algum?

– Sim e não. Ao todo, encontrei nove homens que poderiam, com alguma boa vontade, se encaixar no padrão. Mas em alguns casos a teoria não se sustenta muito bem.

– Por exemplo?

– Dois anos atrás, um sujeito chamado Clyde Horner, que morava com a mãe, foi dado como desaparecido no dia 17 de fevereiro.

– Então não é o dia 18 de fevereiro.

– Provavelmente não.

– Talvez seja o mês.

– Talvez. Este é o problema com teorias e padrões: os dois levam tempo. Ainda estou reunindo provas.

Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas. Ela piscou para afastá-las.

– Não entendo. Como ninguém percebeu isso, com tantas pessoas assim desaparecendo?

– Perceber o quê? – disse Broome. – Nem eu consigo ver com clareza ainda. Homens desaparecem o tempo todo. A maioria foge. Muitos desses caras estão falidos, não têm nada ou estão com os credores no pé deles... Então decidem começar uma vida nova. Vão para outras regiões do país. Às vezes mudam de nome. Às vezes, não. Em muitos casos... bem, ninguém os procura. Ninguém quer encontrá-los. Certa vez, uma mulher me implorou que eu não localizasse o marido dela. Ela tinha três filhos com o sujeito. Achava que ele tinha fugido com uma "piranha qualquer", nas suas palavras, e que essa tinha sido a melhor coisa que poderia ter acontecido à família dela.

Eles ficaram calados por alguns instantes.

– E antes? – perguntou Sarah.

Broome sabia o que ela queria dizer, mas ainda assim falou:

– Antes?

– Antes de Stewart. Alguém desapareceu antes do meu marido?

Ele passou a mão pelo cabelo e levantou a cabeça. Seus olhares se cruzaram.

– Não que eu tenha encontrado – respondeu Broome. – Se for mesmo um padrão, ele começou com Stewart.

capítulo 4

RAY ACORDOU COM O SOM de alguém batendo à sua porta.

Ele abriu um olho e se arrependeu imediatamente. A luz parecia uma facada. Colocou as mãos dos dois lados da cabeça, temendo que as marteladas dentro do seu crânio rachassem-no em dois.

– Abra, Ray.

Era Fester.

– Ray?

Mais batidas. Cada uma delas acertava as têmporas de Ray como um pedaço de pau. Ele tirou as pernas de cima do sofá-cama e, com a cabeça girando, conseguiu se sentar. Ao lado de seu pé direito havia uma garrafa vazia de uísque. Droga. Ele havia desmaiado (ou melhor, infelizmente, "apagado" outra vez) no sofá sem se dar o trabalho de puxar a cama de baixo dele. Sem cobertor. Sem travesseiro. Seu pescoço provavelmente também estava dolorido, mas era difícil saber com a cabeça latejando daquele jeito.

– Ray?

– Peraí – disse ele, porque, sinceramente, era o máximo que conseguiria falar.

Aquilo parecia uma ressaca elevada à décima potência. Durante alguns instantes, Ray não conseguiu se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior, do que poderia ter causado um desconforto tão grande. Em vez disso, pensou na última vez que se sentira assim, antes de tudo acabar para ele. Na época, era fotojornalista e trabalhava para a Associated Press. Estava viajando com o 24º Batalhão de Infantaria no Iraque, durante a primeira Guerra do Golfo, quando a mina terrestre explodiu. Escuridão, seguida de dor. Por um tempo, parecia que ele iria perder a perna.

– Ray?

Os comprimidos estavam ao lado do sofá-cama. Remédios e álcool, o coquetel de fim de noite perfeito. Ele se perguntou quantos já teria tomado e quando, mas então decidiu que não importava. Engoliu mais dois, forçou-se a levantar e cambaleou até a porta.

Quando a abriu, Fester disse:

– Nossa.

– O quê?

– Está parecendo que um bando de orangotangos fez você de escravo sexual.

Ah, Fester.

– Que horas são?

– Três.

– O quê, da tarde?

– Sim, Ray, da tarde. Está vendo a luz lá fora? – Então, com uma voz de professor de jardim de infância, falou: – Às três da tarde, faz sol. Às três da manhã, está escuro. Posso desenhar para você ver se entende.

Era exatamente disto que ele precisava: sarcasmo. Estranho. Ray nunca acordava depois das oito, e agora eram três da tarde. Ele devia ter apagado feio. Abriu passagem para Fester entrar.

– A que devo a honra da sua visita?

Fester, que era enorme, baixou a cabeça para entrar na sala. Deu uma olhada no ambiente, balançou a cabeça e disse:

– Nossa, que muquifo.

– É – disse Ray. – Pelo que você me paga, era de se imaginar que eu morasse em uma mansão num condomínio particular.

– Rá! – exclamou Fester, apontando para ele. – Agora você me pegou!

– Em que posso ajudar?

– Tome.

Fester enfiou a mão na bolsa e entregou uma câmera para Ray.

– Para você usar até poder comprar uma nova.

– Estou comovido – disse Ray.

– Bem, você faz um bom trabalho. Também é meu único funcionário que não usa drogas, só bebe. O que faz de você o meu melhor funcionário.

– Estamos tendo um momento de ternura, não estamos?

– Estamos – concordou Fester, balançando a cabeça. – E também não consegui encontrar ninguém para fazer o trabalho de George Queller hoje à noite. Opa, o que temos aqui? – perguntou, apontando para os comprimidos. – Parece que me enganei quanto às drogas.

– São analgésicos. Fui assaltado ontem à noite, lembra?

– Ah, é. Mas ainda assim.

– Isso significa que eu perdi o título de funcionário do mês?

– Só se eu encontrar seringas por aqui também.

– Não tenho condições de trabalhar hoje à noite, Fester.

– Como assim, vai ficar o dia inteiro na cama?

– Sim, o plano é esse.

– Então mude seus planos. Preciso de você. E vou pagar hora extra. – Fester olhou em volta, franzindo a testa. – Não que você esteja precisando, é claro.

Fester foi embora. Ray colocou água para ferver. Café instantâneo. Vozes altas falando em urdu vinham do andar de cima. Pelo jeito, as crianças tinham chegado da escola. Entrou no chuveiro e ficou debaixo da ducha até a água quente acabar.

O Milo's, uma lanchonete logo na esquina, tinha um sanduíche de bacon, alface e tomate de lamber os beiços. Ray o devorou como se ele pudesse fugir de suas mãos. Tentou se concentrar no que devia fazer no momento, sem pensar mais à frente: perguntar a Milo como estavam suas costas, pegar o dinheiro no bolso, sorrir para outro cliente, comprar o jornal. Tentou ser zen e viver o agora, sem projetar o futuro, porque não queria pensar no sangue.

Deu uma olhada no jornal. O artigo sobre o "Homem desaparecido na região" trazia a mesma fotografia que Ray havia visto no noticiário da noite anterior. Carlton Flynn mandando beijinho. Um otário completo. Tinha os cabelos pretos com as pontas descoloridas espetadas para cima, tatuagens no corpo malhado e a pele lisa como a de um bebê.

O sujeito tinha ficha na polícia – três detenções por agressão. Com 26 anos, era divorciado e "trabalhava para a proeminente fornecedora do pai".

Ray dobrou o jornal e o enfiou debaixo do braço. Não queria pensar naquilo. Não queria pensar

sobre aquela fotografia de Carlton Flynn em seu computador ou sobre o porquê de alguém tê-lo atacado para pegá-la. Queria deixar isso para trás e tocar sua vida – um dia de cada vez, um momento de cada vez.

Defender-se dos golpes, sobreviver – como vinha fazendo ao longo dos últimos 17 anos.

E isso por acaso tem dado certo, Ray?

Ele fechou os olhos e se permitiu mergulhar em uma lembrança de Cassie. Estava de volta à boate, relaxado por conta da bebida, observando-a dançar no colo de um cara – total e completamente apaixonada por cada fibra dele –, mas sem sentir nem um pingo de ciúme. Cassie lançou um olhar para Ray por sobre o ombro do homem, um olhar capaz de derreter um bloco de gelo, e ele simplesmente sorriu de volta, esperando que ela estivesse liberada, sabendo que no fim do dia (ou da noite) ela seria sua.

O ar sempre faiscava ao redor de Cassie. Ela era divertida, fogosa e espontânea, mas também carinhosa, gentil e inteligente. Você tinha vontade de rasgar suas roupas e atirá-la na primeira cama que visse enquanto lhe escrevia um soneto de amor. Cassie conseguia fazer o tipo fatal e ser afetuosa ao mesmo tempo.

Com uma mulher dessas, bem, não poderia durar para sempre, certo?

Ele pensou sobre a fotografia nas malditas ruínas daquele parque. Será que era mesmo disso que o ladrão estava atrás? Parecia pouco provável. Ele repassou todos os cenários e possibilidades e tomou uma decisão.

Já havia se escondido por muito tempo. Passara do fotojornalismo de ponta para aquele terrível centro de reabilitação, depois vivera tempos felizes ali em Atlantic City, até o momento em que perdera tudo. Mudara-se para Los Angeles, onde trabalhara como um paparazzo de verdade, se envolveu em outra enrascada e voltou a Atlantic City. Por quê? Por que retornar ao lugar onde havia perdido tudo? A não ser que... que algo o tivesse atraído de volta. A não ser que algo tivesse exigido que ele voltasse e descobrisse a verdade.

Cassie.

Ele piscou para afastar a lembrança, entrou de volta em seu carro e foi até o parque. O mesmo local que vinha usando quase todos os dias continuava aberto. Ray provavelmente não conseguiria colocar em palavras o motivo que o levava até ali. Muitas coisas haviam mudado nele, mas uma não: a necessidade que sentia da câmera. Um fotógrafo é feito de várias coisas, mas, no seu caso, o que o definia era mais uma necessidade que um desejo. Era como se ele não visse ou não processasse as coisas de verdade a não ser que pudesse fotografá-las. Via o mundo através daquela lente. A maioria das pessoas precisa ver, ouvir, cheirar e provar algo para se convencer de que aquilo existe. Para Ray, era praticamente o contrário – nada era real até ser capturado pela sua câmera.

Seguindo-se a trilha da direita, chegava-se ao topo de um penhasco que dava para o horizonte de Atlantic City. À noite, o oceano atrás dele brilhava como uma cortina negra reluzente. A vista, se você estivesse disposto a se arriscar por aquela trilha perigosa, era de tirar o fôlego.

Ray tirou algumas fotos enquanto subia pelo caminho afastado, mantendo a câmera à sua frente como se ela pudesse protegê-lo. As ruínas da fábrica de minério de ferro ficavam à beira de Pine Barrens, o maior parque florestal de Nova Jersey. Certa vez, muitos anos antes, Ray decidira sair da trilha e se embrenhar na floresta. Encontrara uma cabana de cimento abandonada cheia de pichações, algumas delas de aparência satânica. A área ainda estava repleta de ruínas de cidades

fantasmas. Havia boatos sobre atividades criminosas muito mais graves nas entranhas daquela floresta. Se você já assistiu a algum filme sobre a máfia, certamente viu os assassinos enterrarem um corpo em Pine Barrens. Ray pensava bastante nisso. Imaginava que um dia alguém fosse inventar um dispositivo que revelasse o que estava enterrado no chão sob os seus pés – diferenciando ossos, galhos, raízes e rochas –, e aí quem poderia saber o que se encontraria?

Ray engoliu em seco e afastou o pensamento. Quando chegou ao antigo alto-forno, pegou a fotografia de Carlton Flynn para analisá-la. Flynn estava mais à esquerda da foto, seguindo na direção daquele caminho, o mesmo em que Ray havia estado 17 anos atrás. Por quê? O que o sujeito estava fazendo ali? É claro que ele poderia ser apenas mais um cara subindo a trilha ou um aventureiro. Mas por que tinha ido até ali, até aquele exato lugar, 17 anos depois de Ray, e desaparecido em seguida? Onde tinha ido parar depois?

Ele não fazia ideia.

Depois de tanto tempo, era difícil perceber que Ray era manco. Ainda dava para notar, se você prestasse atenção, mas ele havia aprendido a disfarçar. Assim que começara a subir a colina para se posicionar exatamente onde estava quando tirou a foto de Carlton Flynn, a dor onipresente de seu velho ferimento ficou mais forte. O resto de seu corpo também continuava dolorido por conta da surra da noite anterior, mas por enquanto conseguia ignorar isso.

De repente, algo chamou sua atenção.

Ele parou e se virou para trás, estreitando os olhos para enxergar ao longo da trilha. O sol estava forte. Talvez fosse isso – isso e o ângulo estranho daquela pequena colina. Era impossível ver do meio do caminho, mas algo se refletia na direção de Ray, bem na beirada da floresta, perto da grande rocha que havia ali. Ele franziu a testa e foi mancando até lá.

Mas o quê...?

Quando se aproximou, agachou-se para ver melhor. Estendeu a mão, mas a recolheu antes de tocar o que via. Não havia dúvida. Sacou sua câmera e começou a tirar fotos.

Ali, no chão quase atrás da rocha, havia um rastro de sangue seco.

capítulo 5

MEGAN ESTAVA DEITADA NA CAMA, lendo uma revista. Dave estava deitado ao seu lado, assistindo à TV com o controle na mão. Para os homens, o controle remoto é como uma chupeta ou um cobertor de estimação. Eles simplesmente não conseguem viver sem ter um sempre a seu alcance.

Passava um pouco das dez e Jordan já estava dormindo. Kaylie era outra história.

– Você quer fazer as honras ou vou eu? – perguntou Dave.

– Você já foi ontem e anteontem – respondeu Megan, com um suspiro.

David sorriu, sem desgrudar os olhos da televisão.

– Na verdade, fui nas três últimas noites. Não que eu esteja contando.

Ela largou a revista. A hora de dormir de Kaylie era impreterivelmente às dez da noite, mas ela nunca ia para a cama por conta própria. Em vez disso, sempre esperava que um dos dois fosse até seu quarto. Megan se levantou da cama e seguiu arrastando os pés pelo corredor. Preferiria gritar "Já para a cama, AGORA!", mas isso era tão cansativo quanto ir até lá e poderia acordar Jordan.

Megan enfiou a cabeça no quarto da filha.

– Hora de ir para a cama.

Kaylie sequer tirou os olhos do computador.

– Só mais 15 minutos, tá legal?

– Não. A hora de dormir é às dez. São quase 10h15.

– Estou ajudando a Jen com o dever de casa.

Megan fechou a cara.

– Pelo Facebook?

– Quinze minutinhos, mãe. Só isso.

Mas nunca eram 15 minutos, porque dali a 15 minutos as luzes ainda estariam acesas e Kaylie ainda estaria em frente ao computador, então Megan teria que levantar da cama de novo e mandar a filha ir dormir.

– Não. Agora.

– Mas...

– Você quer ficar de castigo?

– Meu Deus, qual é o problema? Quinze minutos!

– AGORA!

– Por que você está gritando? Você sempre grita comigo.

E assim por diante. Megan pensou em Lorraine, em sua visita, na mulher dizendo que não havia nascido para ter filhos e naquele grupo de mães na Starbucks. Pensou em como o passado nunca nos abandona, nem as partes boas nem as ruins; em como o colocamos dentro de uma caixa e a guardamos em algum armário, pensando que nunca mais vamos abri-la. Então, um belo dia, quando nos sentimos sobrecarregados pelo mundo real, vamos até o armário e pegamos a caixa de volta.

Quando Megan voltou ao seu quarto, Dave tinha pegado no sono, com a TV ainda ligada e o controle remoto na mão. Ele estava deitado de costas, sem camisa, seu peito subindo e descendo ao som de um leve ressonar. Megan parou por um instante para observá-lo. Ele era um homem grande,

ainda em forma, mas os anos tinham cobrado seu preço. Seu cabelo estava mais ralo. Sua papada, um pouco mais grossa. Sua postura já não era a mesma.

Ele trabalhava demais. Todos os dias da semana, acordava às seis e meia da manhã, vestia terno e gravata, pegava o carro e ia para o escritório, em Jersey City. Era advogado e estava sempre viajando. Parecia gostar do que fazia, mas adorava os momentos em que podia voltar correndo para a família. Dave gostava de ensinar os filhos a jogar bola, de ir aos seus jogos, e se preocupava até demais com o desempenho deles. Gostava de conversar com os pais à beira do campo e tomar uma cerveja com eles no bar próximo, de jogar no time de futebol sênior e de ir ao clube de manhã bem cedo para disputar uma partida de golfe.

Você é feliz?

Megan nunca lhe perguntava isso, e Dave também não fazia essa pergunta a ela. Afinal de contas, o que poderia dizer? Naquele momento, se sentia insatisfeita. Será que ele também? Megan escondia isso do marido. Talvez Dave estivesse fazendo o mesmo. Havia 16 anos que dormia com aquele homem e mais ninguém – e havia mentido para ele desde o primeiro dia. De que valeria a verdade para ele agora? Será que faria mesmo alguma diferença? Ele não sabia nada sobre o passado dela – e, ao mesmo tempo, a conhecia melhor do que ninguém.

Megan se aproximou da cama, tirou o controle com cuidado da mão dele e desligou a TV. Dave se virou para o lado, posição em que costumava dormir. Ela se deitou ao seu lado e o abraçou. O corpo dele estava quente. Megan colou o nariz às suas costas. Ela adorava seu cheiro.

Quando Megan vislumbrava o futuro, quando se via idosa e morando na Flórida, ou em alguma casa de repouso, ou onde quer que fosse, ela sabia que estaria com aquele homem. Não conseguia imaginar outra coisa. Amava Dave. Havia construído uma vida com ele e o amava – deveria mesmo se sentir mal por querer algo mais, ou apenas diferente, de vez em quando?

Era errado. Mas o que Megan se perguntava era: por que é errado?

Pousou a mão no quadril dele. Sabia que poderia enfiar seus dedos por baixo do elástico. Também sabia exatamente como ele reagiria, soltando um pequeno grunhido enquanto dormia. Sorriu ao pensar nisso, mas por algum motivo decidiu não fazê-lo. Sua mente voltou para sua ida ao La Crème. Tinha sido tão maravilhoso simplesmente estar lá, simplesmente *sentir* tanta coisa...

Por que ela abriu a porta daquele armário?

E havia também outra pergunta, menos abstrata e filosófica: será que Stewart Green poderia estar mesmo de volta?

Não. Pelo menos ela não conseguia imaginar como. Ou, pensando melhor, talvez o fato de ele ter voltado explicasse tudo. De repente, a excitação se transformou em medo. Tivera boas experiências naquela época, vibrantes e divertidas. Mas também passara por momentos muito, muito assustadores.

Mas, pensando bem, as duas coisas não andavam de mãos dadas? Isso não era parte do encanto?

Stewart Green. Esse, sim, era um fantasma enterrado havia muito tempo. Mas não se pode enterrar um fantasma, não é mesmo?

Ela estremeceu, colocou a mão em volta da cintura de Dave e o abraçou com mais força. Para sua surpresa, ele pegou sua mão e disse:

– Tudo bem, amor?

– Tudo – respondeu ela.

Silêncio. Então ele disse:

– Te amo.

– Também te amo.

Megan achou que nunca conseguira dormir, mas estava enganada. Caiu no sono como se despencasse de um penhasco. Às três da manhã, quando seu celular tocou, ela continuava colada ao corpo do marido, com o braço ainda em volta de sua cintura. Estendeu a mão sem hesitar para pegar o aparelho e conferiu o identificador de chamadas, embora não houvesse necessidade.

Ainda meio adormecido, Dave praguejou e disse:

– Não atenda.

Mas isso era algo que Megan simplesmente não podia fazer. Ela já estava levantando da cama, seus pés procurando os chinelos. Levou o celular à orelha.

– Agnes?

– Ele está no meu quarto – sussurrou a velha.

– Vai ficar tudo bem, Agnes. Já estou a caminho.

– Não demore, por favor. – O terror em seu sussurro não poderia ser mais aparente. – Acho que ele vai me matar.

◆◆◆

Broome não se dava o trabalho de mostrar seu distintivo quando entrava no La Crème, um "clube de cavalheiros" – o que era um eufemismo em vários aspectos – localizado a dois quarteirões do calçadão de Atlantic City (só que bem mais longe em muitos outros sentidos). O leão de chácara, um antigo funcionário chamado Larry, já o conhecia.

– E aí, Broome?

– Olá, Larry.

– Trabalho ou diversão? – perguntou Larry.

– Trabalho. O Rudy está aí?

– No escritório dele.

Eram dez da manhã, mas o lugar já contava com alguns clientes patéticos e algumas dançarinas mais patéticas ainda. Um dos funcionários montava o popular bufê liberado, em que você podia comer à vontade ("apenas a comida" – rá, rá), misturando bandejas de comida congelada de só Deus sabe quantos dias antes. Dizer que o bufê era uma epidemia de salmonela em potencial era uma redundância, mas às vezes só uma redundância traduz exatamente o que você quer dizer.

Rudy estava sentado atrás de sua mesa. Ele poderia trabalhar como figurante em algum filme sobre a máfia, isso se o diretor de elenco não o considerasse estereotipado demais. Era um homem corpulento, que ostentava uma corrente de ouro grossa o suficiente para puxar a âncora de um cruzeiro transatlântico, além de um anel no mindinho que a maioria das dançarinas poderia usar como pulseira.

– E aí, Broome? – disse ele.

– Tudo certo, Rudy?

– Em que posso ajudar?

– Você conhece Carlton Flynn? – perguntou Broome.

– Claro. Um idiota que se acha o tal, com aqueles músculos e aquele bronzeado artificial.

– Ficou sabendo que ele está desaparecido?
– É, ouvi falar alguma coisa sobre isso.
– Não precisa ficar tão arrasado.
– Já chorei até minhas lágrimas acabarem, Broome – disse Rudy.
– Pode me dizer alguma coisa a respeito dele?
– Segundo as garotas, ele tem o pau pequeno. – Rudy acendeu um charuto e o apontou para Broome. – Anabolizantes, meu amigo. Fique longe deles. Transformam seus colhões em duas uvas-passas.
– Obrigado pelo conselho de saúde e pela imagem. Algo mais?
– Ele provavelmente frequentava um monte de boates – falou Rudy.
– Frequentava mesmo.
– Então por que você veio me incomodar com isso?
– Porque ele está desaparecido. Como Stewart Green.
Isso fez Rudy arregalar os olhos.
– E daí? Isso foi o quê, há 20 anos?
– Dezessete.
– É muito tempo. Em um lugar como Atlantic City, uma vida.
Fazia todo o sentido. O tempo ali era contado em anos de cachorro. Tudo envelhecia mais rápido que nos outros lugares.
E, sim... Embora não fosse de conhecimento geral, Stewart Green, pai coruja dos pequenos Susie e Brandon e marido dedicado de Sarah, uma vítima do câncer, gostava de frequentar o bar do La Crème e da companhia de strippers. Tinha um cartão de crédito extra, cujas faturas chegavam em seu endereço comercial. Passado algum tempo, Broome acabou contando tudo para Sarah, da forma mais delicada possível, e sua reação o surpreendera.
– Muitos homens casados frequentam lugares como esse – dissera Sarah. – E daí?
– Você sabia?
– Sabia.
Mas Sarah estava mentindo. Ele tinha visto o lampejo de tristeza em seus olhos.
– E isso não tem importância – insistiu ela.
De certa forma, não tinha mesmo. O fato de um homem gostar de observar outras mulheres inocentemente, ou até mesmo ter suas aventuras fora do casamento, não tinha nada a ver com a importância de descobrir onde ele estava. Por outro lado, à medida que Broome começara a fazer perguntas aos clientes e funcionários do La Crème, uma imagem bastante perturbadora e chocante veio à tona.
– Stewart Green – disse Rudy. – Fazia tempo que eu não escutava esse nome. Então, qual a ligação entre os dois?
– Só duas coisas, Rudy. – Pois, como Broome sabia muito bem, não havia mais quase nada em comum entre Green e Flynn. Um era casado, pai de dois filhos, trabalhador, enquanto o outro era um solteirão mimado, que vivia à custa do papai. – Primeiro, o fato de os dois terem desaparecido no mesmo dia, mas com 17 anos de diferença. E segundo, este respeitável estabelecimento – disse Broome, indicando o lugar com um gesto.

Nos filmes, caras como Rudy nunca cooperam com a polícia. Na vida real, eles também não têm nenhum interesse em problemas ou crimes não solucionados.

– Então, como posso ajudar?

– Flynn tinha alguma garota favorita?

– Você quer dizer como a Cassie para o Stewart?

Broome ficou calado, esperando a nuvem carregada passar.

– Porque, bem, nenhuma das minhas garotas está desaparecida, se é disso que você está falando.

Broome continuou quieto. Stewart Green realmente tinha uma garota favorita ali. Ela também havia desaparecido naquela noite 17 anos antes. Quando os agentes federais fanfarrões – que tiraram o caso das mãos de Broome e do Departamento de Polícia de Atlantic City assim que acharam que um cidadão proeminente e exemplar estivesse envolvido – ficaram sabendo desse desdobramento, uma teoria óbvia foi rapidamente formulada e aceita por todos.

Stewart Green tinha fugido com uma stripper.

Mas Sarah achava isso ridículo, e Broome também nunca havia acreditado nessa história. Green podia ser um narcisista com um parafuso a menos que gostava de pular a cerca, mas largar os filhos e fugir da cidade? Não fazia sentido. Nenhuma de suas contas bancárias tinha sido movimentada. Nenhum dinheiro foi sacado às escondidas. Ele não tinha levado roupas nem vendido nenhum de seus bens, e no trabalho não havia nenhuma evidência de que estivesse planejando uma fuga. Na verdade, esperando-o em cima da sua mesa metodicamente organizada, estava o maior negócio da sua carreira, prestes a ser fechado. Stewart Green tinha uma renda fixa, um bom emprego, laços com a comunidade, pais e irmãos amorosos.

Se tivesse fugido, tudo indicava que havia sido uma decisão repentina.

– Está bem, vou perguntar por aí se Flynn gostava de alguma garota em especial. O que mais?

Até o momento, Broome havia conseguido localizar 10 homens que podiam se encaixar no padrão dos desaparecidos. Sua ex-mulher e parceira, Erin Anderson, havia inclusive arrumado fotografias de três deles. Levaria algum tempo para conseguir mais. Ele entregou as fotos para Rudy.

– Reconhece algum desses caras?

– São suspeitos?

Broome fechou a cara, descartando a pergunta.

– Conhece algum deles? Sim ou não?

– Credo, está bem, desculpe por perguntar. – Rudy deu uma olhada nas fotografias. – Não sei... Este aqui me parece familiar.

Peter Berman. Desempregado. Dado como desaparecido no dia 4 de março, oito anos atrás.

– De onde você o conhece?

Rudy deu de ombros.

– Como ele se chama?

– Não falei que o conhecia. Falei que ele me parece familiar. Não sei de onde ou como. Pode ter sido há anos.

– Que tal oito anos?

– Não sei, talvez. Por quê?

– Mostre essas fotos para as pessoas que você conhece. Veja se alguém se lembra de algum desses

caras. Não diga para o que é.

– Porra, se eu mesmo não sei para o que é...

Broome havia examinado todos os outros casos. Até o momento, e ainda era cedo, o único com uma mulher desaparecida era o de Stewart Green. O nome dela, quando trabalhava no La Crème, era Cassie. Ninguém sabia como ela se chamava de verdade. Os agentes federais e a maioria dos policiais tinham caído fora quando a stripper entrou em cena. Os boatos se espalharam, chegando à vizinhança da família Green. Susie e Brandon tiveram que aguentar as provocações de seus amigos, que diziam que seu pai tinha fugido com uma dançarina exótica. As crianças podem ser muito cruéis.

Apenas um policial – provavelmente muito idiota – não tinha acreditado nessa versão.

– Mais alguma coisa?

Broome balançou a cabeça e se encaminhou para a porta. Quando ergueu os olhos, viu algo que o fez parar.

– O que foi? – perguntou Rudy.

Broome apontou para cima.

– Câmeras de vigilância?

– Claro. Para o caso de sermos processados. Ou então, vamos supor que um cara pague uma conta de 12 mil com o cartão de crédito. Quando a esposa vê a fatura, ele diz que foi roubado ou que a cobrança é uma fraude, uma merda qualquer dessas. Diz que nunca esteve aqui. Exige o dinheiro de volta.

Broome abriu um sorriso.

– E aí?

– Aí eu mando para o sujeito uma foto das câmeras de segurança em que ele aparece com duas das meninas dançando no seu colo e digo que terei o maior prazer em enviar o vídeo completo para a mulher dele. Depois sugiro que ele acrescente uma gorjeta extra, porque as garotas trabalharam duro na noite em questão.

– De quanto em quanto tempo você reutiliza a fita?

– Reutilizar a fita? Em que ano estamos, 2008? Agora é tudo digital. Tenho todos os dias dos últimos dois anos aqui.

– Pode me dar o que tiver do dia 18 fevereiro deste ano e do anterior?

◆◆◆

Ray pegou o carro e foi até a agência da FedEx em Northfield. Acessou seu computador e imprimiu a fotografia de Carlton Flynn em Pine Barrens. Sabia que, se simplesmente enviasse o arquivo JPEG, seria possível rastrear a câmera que tinha tirado a foto. Então a imprimiu e fez uma cópia colorida da impressão.

Manuseou tanto a foto quanto a cópia pelas beiradas, tomando cuidado para não deixar nenhuma digital. Passou uma esponja no envelope e usou uma caneta Bic azul comum, escrevendo tudo em letras de forma. Endereçou a carta ao Departamento de Polícia de Atlantic City e foi de carro até uma caixa de correio numa rua pouco movimentada em Absecon.

A imagem do sangue lhe voltou à mente.

Ele se perguntou se aquele gesto não seria arriscado demais, se aquilo não poderia de alguma

forma se voltar contra ele. Não conseguia ver como, e talvez agora, depois de todo aquele tempo, essa nem fosse a questão. Ele não tinha escolha. Independentemente do que fosse desenterrado, independentemente de qualquer problema que aquilo pudesse lhe trazer... Bem, o que ele tinha a perder?

Ray não queria pensar sobre a resposta. Apenas jogou o envelope dentro da caixa de correio e foi embora.

capítulo 6

Megan parou o carro com um tranco e escancarou a porta do motorista. Saiu correndo pelo saguão, passando pelo guarda-noturno cansado, que revirou os olhos para ela. Em seguida, dobrou à esquerda em direção a um segundo corredor.

O quarto de Agnes era o terceiro à direita. Quando Megan abriu a porta, ouviu um pequeno arquejo de espanto vir da cama. O aposento estava totalmente escuro. Droga, o que tinha acontecido com o abajur que ficava aceso a noite toda? Ela ligou o interruptor, virou-se para a cama e sentiu o coração se despedaçar mais uma vez.

– Agnes?

A senhora de idade estava sentada na cama, com as cobertas puxadas até os olhos arregalados, como uma criança assistindo a um filme de terror.

– É a Megan.

– Megan?

– Está tudo bem. Eu estou aqui.

– Ele estava no quarto outra vez – sussurrou a idosa.

Megan correu até a cama e deu um abraço apertado em sua sogra. Agnes Pierce havia perdido tanto peso ao longo do último ano que parecia que estava abraçando um saco de ossos. O corpo dela estava frio e tremia em sua camisola, grande demais para o seu tamanho. Megan a manteve em seus braços por alguns minutos, confortando-a da mesma forma que fazia com seus filhos quando eles tinham pesadelos.

– Desculpe – disse Agnes entre soluços.

– Shh, está tudo bem.

– Eu não devia ter ligado.

– Eu quero que a senhora ligue – falou Megan. – Se estiver assustada com alguma coisa, deve sempre me ligar, está bem?

O cheiro de urina era inconfundível. Quando Agnes se acalmou, Megan a ajudou a trocar a fralda geriátrica (Agnes se recusava a deixar Megan fazer isso sozinha) e a voltar para a cama.

Depois que as duas se ajeitaram, deitadas lado a lado na cama grande, Megan disse:

– A senhora quer falar sobre o que aconteceu?

Lágrimas rolaram pelo rosto de Agnes. Megan olhou nos olhos da sogra, pois eles ainda eram capazes de revelar tudo. Os primeiros sinais de demência haviam surgido três anos antes, com os esquecimentos habituais. Ela começou a chamar seu filho Dave de Frank, nome não de seu falecido marido, mas do noivo que a deixara sozinha no altar 50 anos antes. Agnes, que costumava ser uma mãe coruja, já não conseguia se lembrar do nome de seus filhos, ou mesmo de quem eram eles. Isso assustava Kaylie. A paranoia se tornara uma companheira constante para Agnes. Ela pensava que programas de TV eram reais, achava que o assassino de algum episódio de *CSI: Miami* poderia estar escondido debaixo da sua cama e coisas desse tipo.

– Ele estava no meu quarto outra vez. Falou que ia me matar.

Esse era um delírio novo. Dave se esforçava, mas não tinha paciência para esse tipo de coisa.

Durante o último Super Bowl, logo antes de eles chegarem à conclusão de que ela não poderia mais viver sozinha, Agnes passara o tempo todo insistindo que o jogo não era ao vivo – que já havia visto a partida e sabia quem era o vencedor. No começo, Dave levou na esportiva, perguntando:

– Quem venceu? Não seria nada mau ganhar uma graninha nas apostas.

Agnes então respondeu:

– Ah, você vai ver.

Mas Dave não se deu por satisfeito.

– Ah, é? Então o que vai acontecer agora? – insistiu ele, cada vez mais impaciente.

– Olhe só – falou Agnes, e, logo que a jogada terminou, seu rosto ficou radiante e ela disse: – Está vendo? Eu não disse?

– Disse o quê? – questionou Dave.

– Deixe pra lá, Dave – pediu Megan.

Agnes continuou apenas balançando a cabeça para o filho.

– Eu já vi esse jogo antes. Falei para você.

– Então quem ganhou?

– Não quero estragar a surpresa.

– O jogo é ao vivo, mamãe. A senhora não sabe.

– É claro que sei.

– Então quem ganhou, hein? Me diga.

– E estragar a surpresa?

– A senhora não vai estragar nada. Só me diga quem ganhou.

– Você vai ver.

– A senhora nunca viu esse jogo, mamãe. A transmissão é ao vivo.

– Claro que vi. Passou ontem.

E isso continuou até o rosto de Dave ficar roxo de irritação e Megan se intrometer mais uma vez, lembrando-lhe novamente de que Agnes não tinha culpa. Mas era muito difícil entender isso. Conseguimos compreender um câncer ou um ataque cardíaco, mas doenças mentais estão, quase por definição, fora do nosso alcance.

Agora, fazia mais ou menos um mês que Agnes vinha sofrendo com um novo tipo de delírio, no qual um homem invadia seu quarto e lhe fazia ameaças. Dave tentou novamente ignorar o que estava acontecendo.

– Deixe o telefone tocar – resmungava ele, cansado. – Precisamos colocá-la no tratamento intensivo.

Mas Megan simplesmente não conseguia. Pelo menos ainda não.

Os médicos já haviam alertado a ela que Agnes estava piorando, que estava quase pronta para o "terceiro andar", que era onde ficavam os pacientes em estágio mais avançado de Alzheimer. Para quem via de fora, podia parecer um lugar cruel, mas Dave já tinha se conformado. Como não havia esperança de cura, os funcionários do "terceiro andar" faziam tudo ao seu alcance para deixar os pacientes confortáveis, usando a "terapia da validação", que poderia ser resumida da seguinte forma: "se é nisso que você acredita, então que seja". De modo que, se uma paciente achasse, por exemplo, que era uma mãe de 22 anos com um bebê recém-nascido, a equipe a deixava amamentar e ninar uma "criança" (na verdade, uma boneca), chegando até a encher o "bebê" de chamegos como

se fossem parentes fazendo uma visita. Outras mulheres acreditavam estar grávidas, então as enfermeiras sempre lhe perguntavam de quantas semanas, se preferiam menino ou menina e coisas do gênero.

Megan olhou para o rosto assustado de Agnes. Apenas alguns anos antes, aquela mulher era perfeitamente lúcida – engraçada, mordaz e de uma irreverência maravilhosa. Certa noite, quando as duas tinham bebido mais do que deviam, Megan chegara até a lhe contar um pouco da verdade sobre seu passado. Não toda, apenas uma insinuação de que havia mais coisas nele do que parecia.

– Eu sei, querida. Todos temos segredos – dissera Agnes.

Elas nunca voltaram a falar no assunto. Quando Megan quis abordá-lo novamente, já era tarde demais.

– Estou bem agora – disse Agnes. – Já pode ir.

– Ainda tenho um tempinho.

– Você precisa mandar as crianças para a escola, não precisa?

– Elas já são bem grandinhas, sabem se virar sozinhas.

– Ah, são? – Agnes inclinou a cabeça. – Megan?

– Sim?

– O que eu faço se ele voltar mais tarde?

Megan voltou sua atenção para o abajur.

– Quem desligou a luz?

– Foi ele.

Megan cogitou uma hipótese. Terapia da validação. Ora, que mal poderia fazer? Talvez pudesse até dar algum conforto a uma mulher aterrorizada.

– Eu trouxe algo que talvez ajude. – Ela enfiou a mão na bolsa e tirou algo que parecia um despertador digital.

Agnes pareceu confusa.

– É uma câmera de espionagem – disse Megan. Ela a havia comprado em uma loja especializada na internet. É claro que poderia apenas ter *dito* que era uma câmera de espionagem (honestidade era o que menos importava na terapia da validação), mas para que mentir sem necessidade? – Para pegarmos aquele desgraçado no ato.

– Obrigada – disse Agnes, com lágrimas (de alívio, talvez?) nos olhos. – Muito obrigada, Megan.

– Não há de quê.

Megan colocou o aparelho virado para a cama. A câmera funcionava por meio de um timer e de um detector de movimento. Agnes sempre telefonava por volta das três da manhã.

– Vamos fazer o seguinte – começou a explicar ela. – Vou programar a câmera para que ela grave das nove da noite até as seis da manhã, está bem?

– Suas mãos – falou Agnes.

– Como?

– Elas estão tremendo.

Ela olhou para baixo. Agnes tinha razão. Seus dedos mal conseguiam acertar os botões.

– Quando ele aparece – sussurrou a velha senhora –, minhas mãos também começam a tremer.

Megan voltou para a beirada da cama e tornou a abraçar sua sogra.

– Você também, não é, Megan?

– Eu também o quê?

– Também está com medo. Está tremendo porque também sente medo dele.

Megan não soube o que responder.

– Você está correndo perigo, não é? Ele também anda visitando você?

Estava prestes a responder que não, a dizer algo reconfortante sobre como estava bem, mas então se deteve. Não queria mentir para Agnes. Por que sua sogra deveria pensar que era sempre a única a sentir medo?

– Eu... eu não sei – disse por fim.

– Mas está com medo de que ele volte para pegar você?

Megan engoliu em seco, pensando sobre Stewart Green, sobre como tudo havia terminado.

– Acho que sim.

– Não deveria.

– Ah, não?

– Não.

Megan tentou assentir.

– Está bem. Vamos combinar o seguinte: eu não fico com medo se a senhora não ficar.

Mas Agnes franziu a testa e descartou o acordo condescendente com um gesto.

– É diferente.

– Como assim?

– Você é jovem. É forte. Durona. Já passou por situações difíceis, não passou?

– Como a senhora.

Agnes ignorou o comentário.

– Não é uma velha presa a uma cama. Não precisa ficar deitada no escuro, indefesa e tremendo, esperando que ele venha pegar você.

Megan se limitou a olhar para ela, pensando: *Nossa, quem está aplicando e quem está recebendo a terapia de validação agora?*

– Não fique esperando no escuro – aconselhou Agnes com um sussurro agitado. – Nunca se sinta desamparada. Por favor. Por mim. Não quero isso para você.

– Está bem, Agnes.

– Promete?

– Prometo.

E estava falando sério. Com ou sem terapia de validação, Agnes havia manifestado uma verdade universal: sentir medo era ruim, mas se sentir desamparada era muito pior. De qualquer forma, Megan já vinha pensando na ideia de tomar uma atitude drástica desde a visita de Lorraine. Isso poderia desencavar o passado, trazê-lo de volta de uma forma péssima, mas, como Agnes havia apontado, era melhor do que ficar deitada no escuro, indefesa.

– Obrigada, Agnes.

A mulher piscou, tentando conter as lágrimas.

– Você já vai?

– Sim. Mas voltarei em breve.

Agnes abriu os braços.

– Pode ficar mais um pouco comigo? Só um pouquinho? Sei que você precisa ir, mas alguns minutos a mais não vão fazer tanta diferença, vão?

Megan balançou a cabeça.

– Não, não vão fazer a menor diferença.

capítulo 7

Broome tinha acabado de começar a assistir aos vídeos de segurança, em que vários idiotas saíam cambaleando da boate com drinques, colares, chapéus de festa e garotas, quando Rudy telefonou.

– Carlton Flynn tinha uma garota preferida.

– Quem? – perguntou Broome.

– Tawny Allure.

O detetive revirou os olhos.

– Esse é o nome verdadeiro dela?

– Tão verdadeiro quanto todo o resto, se é que você me entende – falou Rudy.

– Claro, você é o mestre da sutileza. Quando ela vai estar na boate?

– Está aqui agora.

– Estou indo para aí.

Broome estava prestes a desligar a TV quando Goldberg, seu superior e um escroto de marca maior, disse:

– Que porra é essa?

Goldberg se inclinou por cima dele. Fedia a cerveja, suor e atum.

– Vídeos de segurança do La Crème na noite em que Flynn desapareceu.

– Por que você está vendo isso?

Broome não queria falar sobre o assunto, mas Goldberg não iria deixar passar. Ele usava uma camisa bege de botões que provavelmente já tinha sido branca como a neve. Rosnava ao falar, imaginando que a grosseria fosse esconder sua burrice. Até então, tinha dado certo.

Broome se levantou.

– Estou vendo se existe alguma ligação entre Stewart Green e Carlton Flynn. Os dois desapareceram no mesmo dia e mês, em anos diferentes.

Goldberg assentiu como se estivesse imerso em pensamentos.

– E para onde está indo agora?

– Para o La Crème. Flynn gostava de uma stripper em especial.

– Hmm... – Goldberg coçou o queixo. – Como Stewart Green?

– Talvez.

Broome retirou o pen drive do computador. Talvez pedisse para Erin dar uma olhada nas gravações. Ela tinha um bom olho para esse tipo de coisa. Poderia deixar os arquivos com ela no caminho para a boate. Passou às pressas por Goldberg. Enquanto saía da sala, olhou para trás, temendo que o chefe ainda estivesse na sua cola. Não estava. Goldberg debruçava-se sobre o telefone, tapando o bocal com a mão, como se isso adiantasse alguma coisa.

Vinte minutos mais tarde, depois de ter dado um pulo na casa de Erin para deixar o pen drive, Broome estava sentado de frente para Tawny Allure na mesa mais discreta do La Crème. Rudy estava atrás dela, com os braços cruzados. Tawny era pura arrogância, implantes de silicone e problemas de autoestima do tipo "papai nunca me amou". Isso pode parecer um clichê num lugar como aquele, mas a verdade era que, na maioria das vezes, ele se aplicava. Tawny era jovem e tinha

um corpaço, no sentido de cirurgicamente esculpido, mas seu rosto trazia o tipo de expressão dura de quem já havia visto muitos caras saírem de fininho de manhã para nunca mais aparecerem.

– O que você tem a me dizer sobre Carlton Flynn? – perguntou Broome.

– Carlton? – disse ela, piscando com os cílios mais falsos que o investigador já tinha visto. – Ah, ele era um amor. Me tratava como uma princesa. Sempre um cavalheiro.

Tawny não mentia muito bem. Seus olhos saltitavam como pássaros assustados.

– Algo mais?

– Na verdade, não...

– Como vocês se conheceram?

– Aqui.

– Como?

– Ele pagou por uma dança – explicou Tawny. – Não tem nada de ilegal nisso.

– E depois? Flynn levou você para a casa dele?

– Não, não. Nós não fazemos isso aqui. Este lugar é totalmente dentro da lei. Eu jamais faria uma coisa dessas.

Até Rudy revirou os olhos ao ouvir isso.

Broome suspirou.

– Tawny?

– Sim?

– Eu não sou da delegacia de combate à prostituição. Por mim, você pode transar com macacos em troca de rosquinhas que eu não estou nem aí.

– Hã?

– E também não acho que você tenha algo a ver com o que aconteceu com Carlton. Mas, se continuar mentindo para mim...

– Não estou mentindo!

Broome ergueu a mão para que ela se calasse.

– Se continuar mentindo para mim, Tawny, vou enquadrar você por isso e te jogar na cadeia só por diversão. Vou arrumar um jeito de incriminar você e jogar a culpa do assassinato nas suas costas, porque estou de saco cheio desse caso e preciso solucioná-lo. Então, ou me diz a verdade ou vai acabar atrás das grades.

Era, obviamente, um blefe. Broome quase se sentiu mal ao fazer isso, afinal aquela garota era tão burra que, se ele deixasse, ela se atrapalharia sozinha. Tawny olhou para trás, na direção de Rudy. Broome se perguntou se não seria melhor mandar o sujeito passear, mas ele assentiu para ela seguir em frente.

A garota olhou para baixo e encurvou os ombros.

– Ele quebrou meu dedo.

Ela vinha mantendo a mão direita debaixo da mesa. Uma luva vermelha – da cor de seu sutiã – a cobria. Quando Tawny a tirou, Broome viu que a fratura não tinha sido curada direito. A ponta do dedo estava torta, com o osso ainda quase perfurando a pele.

Broome lançou um olhar furioso para Rudy, que deu de ombros.

– Ora, você acha que temos um bom plano de saúde aqui?

Uma lágrima escorreu pelo rosto da moça.

– Carlton é cruel. Ele gosta de me machucar. Disse que, se eu contasse isso para alguém ou reclamasse, ele mataria Ralphie.

– Ralphie é o seu namorado?

Ela o encarou como se ele fosse um alienígena.

– O meu poodle.

Broome olhou para Rudy.

– Você sabia disso?

– Você acha que eu sei da vida dos bichos de estimação das minhas garotas? Era só o que me faltava...

– Não estou falando do cachorro, seu idiota. Estou me referindo ao fato de Carlton Flynn ser um sádico desgraçado.

– Ei, se alguém machuca minhas garotas, eu mando logo o cara passear. Mas, quando não fico sabendo, o que posso fazer?

Rudy e sua praticidade.

– Ele machucou você de alguma outra forma? – perguntou Broome.

Tawny assentiu, fechando os olhos com força.

– Pode me contar como?

– Não.

– Então você odiava Flynn.

– Odiava.

– E agora ele está desaparecido.

Os cílios falsos de Tawny se arregalaram de repente.

– O senhor disse que achava que eu não tinha nada a ver com isso.

– Você, talvez não – falou Broome. – Mas alguém que se importe com você. Alguém que quisesse protegê-la.

Ela tornou a lançar um olhar confuso para Broome.

– Um namorado, um parente, um amigo próximo...

– O senhor está brincando, não está?

Infelizmente, Tawny tinha motivos para estar confusa. Ela não tinha ninguém, a não ser um poodle chamado Ralphie. Fim da linha.

– Qual foi a última vez que você viu Flynn? – perguntou Broome.

– Na noite antes de ele, hã, sumir ou sei lá o quê.

– Para onde vocês foram?

– Primeiro foi aqui. Ele gostava de me ver em ação. Me pagava para dançar no colo de outros caras e ficava assistindo e sorrindo. Depois me levava para a casa dele, me chamava de puta por ter feito aquilo com eles e me machucava feio.

Broome tentou não demonstrar nenhuma reação. Uma coisa era ir a uma boate daquela para descarregar a tensão ou algo do tipo. Até aí, tudo bem. Mas o que as pessoas geralmente não sabem é que isso nunca é suficiente. Carlton Flynn podia ter começado como um cliente qualquer, comendo umas garotas de vez em quando, mas, depois de um tempo, provavelmente não quis ficar só nisso. Era inevitável. Lugares como aquele não passavam de uma droga de entrada que levava a

outras mais pesadas. Ninguém resumia a questão melhor que o avô de Broome: "Se você tiver mulher à vontade, vai acabar querendo um segundo pau."

– Você tinha planos de vê-lo novamente? – perguntou Broome.

– Ele deveria vir me encontrar na noite em que, bem, desapareceu.

– O que houve?

– Ele me ligou e disse que ia se atrasar. Mas nunca apareceu.

– Ele explicou por que ia se atrasar?

– Não.

– Sabe onde ele esteve mais cedo nesse mesmo dia?

Tawny balançou a cabeça. Uma lufada de cheiro azedo de spray de cabelo e arrependimento foi na direção dele.

– Algo mais que você possa me contar sobre esse dia?

Ela tornou a balançar a cabeça.

– Não consigo entender – disse Broome. – Esse cara sempre machucava você, certo?

– Certo.

– E estava se agravando.

– Hã?

Broome conteve um suspiro.

– Estava ficando cada vez pior.

– Ah, entendi. É, estava.

– Como você achava que essa história iria terminar?

Tawny piscou, desviou os olhos e refletiu sobre a questão por alguns instantes.

– Do jeito que sempre termina. Ele se cansaria de mim. Passaria para a próxima. – Então acrescentou, dando de ombros: – Ou isso, ou me mataria.

capítulo 8

As palavras "escritório de advocacia de Harry Sutton" estavam gravadas no vidro fosco. Mais à moda antiga, impossível.

Quando Megan bateu de leve no vidro, Harry respondeu com um sonoro "Pode entrar!".

Ela levou a mão à maçaneta. Poucas horas antes, havia ligado para casa e dito a Dave que iria demorar. Quando ele quis saber por quê, ela lhe disse para não se preocupar e desligou. Agora lá estava ela, de volta a Atlantic City, num lugar que conhecia bem até demais.

Megan abriu a porta, sabendo que esse gesto provavelmente mudaria tudo. O escritório ainda ocupava uma sala velha e simples – um negócio bastante modesto –, mas Harry não gostaria que fosse de outro jeito.

– Olá, Harry.

Ele não era um homem atraente. As bolsas embaixo de seus olhos eram tão grandes que quase caíam por cima de suas bochechas. Seu nariz era tão inchado que parecia uma caricatura. Seus cabelos brancos, tão arrepiados que não baixariam nem sob a ameaça de uma arma de fogo. Mas seu sorriso... Bem, seu sorriso era beatífico. Ele aquecia o coração de Megan, fazendo com que ela se sentisse segura como nenhum outro era capaz de fazer.

– Olá, Cassie.

Alguns chamavam Harry de advogado de porta de cadeia, mas ele não era nada disso. Quatro décadas antes, havia se formado na faculdade de direito de Stanford e se tornara sócio da prestigiosa firma de advocacia Kronberg, Reiter e Roseman. Certa noite, alguns colegas bem-intencionados levaram o introspectivo e tímido advogado a Atlantic City, para uma noite de jogatina, garotas e libertinagem em geral. O acanhado Harry mergulhou de cabeça – e nunca mais voltou à tona. Largou a firma de renome, gravou seu nome na porta daquele escritório e decidiu defender os pobres-diabos da cidade, que, em muitos sentidos, eram todos aqueles que decidiam começar a vida ali.

Pouquíssimas pessoas que conhecemos na vida têm uma auréola sobre a cabeça. As que existem não são belas, ou angelicais, nem trabalham para a caridade (no caso de Harry, ele preferia mil vezes os pecadores aos santos), mas simplesmente possuem uma aura de confiança e bondade ao seu redor. Harry era uma delas.

– Já faz um bom tempo que não nos vemos – disse o velho advogado.

Sua voz parecia tensa. Ele se remexeu na cadeira.

– Como vai, Harry?

Os olhos azul-claros dele a encararam de um jeito estranho. Aquilo não era do seu feitio, mas já fazia quase duas décadas. As pessoas mudam. Ela começou a se perguntar se aquela visita não teria sido um erro.

– Bem, obrigado.

– Bem, obrigado?

Harry assentiu, mordendo o próprio lábio.

– O que está havendo, Harry?

De repente, os olhos dele ficaram marejados.

– Harry? – disse Cassie.

– Droga – falou ele.

– O que foi?

– Prometi a mim mesmo que iria manter a compostura. Eu sou uma manteiga derretida às vezes.

Ela ficou calada, esperando.

– É só que... achei que você tivesse morrido.

Megan sorriu, sentindo um alívio ao ver que, sim, ele continuava o mesmo homem emotivo de que ela se lembrava.

– Harry...

Ele a interrompeu com um gesto.

– A polícia veio aqui depois que você sumiu com aquele cara.

– Eu não sumi com ele.

– Sumiu sozinha, então?

– Mais ou menos isso.

– Bem, a polícia queria falar com você. Continua querendo.

– Eu sei – disse Megan. – É por isso que estou de volta. Preciso da sua ajuda.

◆◆◆

Quando Tawny Allure viu o jovem casal sorridente parado perto da entrada de sua casa, suspirou e balançou a cabeça.

O verdadeiro nome de Tawny era Alice. Ela o havia usado no começo, atendendo pelo nome artístico de "Alice no País das Maravilhas", mas isso facilitava que as pessoas do seu passado a reconhecessem. Agora, após ter saído do trabalho, usava um blusão folgado, que não deixava ver os implantes de solicone. Trocara os saltos altos por um tênis de cano baixo, limpara a grossa camada de maquiagem e colocara óculos de sol tamanho "celebridade disfarçada". Em sua opinião, não se parecia nem um pouco com a dançarina exótica que era.

O casal sorridente parecia ter acabado de sair de um grupo de estudos bíblicos. Tawny fechou a cara. Conhecia o tipo. Bons samaritanos. Queriam lhe entregar panfletos e salvar sua alma. Usariam frases feitas ridículas, como "Deixe as calcinhas fio dental de lado e aceite Jesus", ao que ela responderia: "Jesus dá boas gorjetas?"

A loura sorridente era jovem e bonita, com um aspecto sadio. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo saltitante, estilo animadora de torcida. Ela usava uma blusa de gola rulê, uma saia que parecia fazer parte de uma fantasia de colegial e meias soquete. Quem se vestia assim na vida real?

O gatinho que a acompanhava tinha os cabelos ondulados e usava calça cáqui, camisa azul de botões e um suéter jogado sobre os ombros e amarrado no pescoço.

Tawny não estava no clima. Seu dedo latejava e doía. Ela se sentia fraca, maltratada, derrotada. Queria chegar em casa e dar comida a Ralphie. Aquele policial chamado Broome e, naturalmente, o desaparecimento de Carlton Flynn ainda estavam em sua mente. Quando o conhecera, ele usava uma camiseta preta apertada que dizia "Não sou ginecologista, mas posso dar uma olhada em você". Isso afastaria qualquer mulher que se prezasse. Mas Tawny, idiota como só ela, havia rido ao ler a piada. Agora, pensando bem, tinha sido lamentável. Ela tinha lá seus talentos, mas, quando o

assunto era detectar idiotas, seu radar estava sempre com defeito.

Às vezes – ou melhor, quase sempre –, tinha a sensação de que era perseguida pela má sorte. De tempos em tempos o azar dava um cutucão em seu ombro, lembrando-lhe de que estava sempre ali, seu companheiro constante.

Nem sempre tinha sido assim. No começo, ela adorava o que fazia no La Crème. Era divertido, excitante e uma festa todas as noites. E não, Tawny não tinha sofrido abuso sexual na infância nem nada parecido, mas possuía outra característica típica das pessoas que entram nesse ramo de trabalho. Era – como seria a primeira a admitir – preguiçosa por natureza e se entediava facilmente.

As pessoas sempre falam sobre como as garotas desse universo são problemáticas e têm baixa autoestima, o que também é verdade. Mas a grande questão é: a maioria delas simplesmente não quer arranjar um emprego formal. É só pensar bem – quais são as alternativas além do que elas fazem?

Beth, a irmã de Tawny, por exemplo. Desde que terminara o ensino médio, seis anos antes, trabalhava como operadora de banco de dados para a companhia de seguros First Trenton Insurance. Ficava sentada em um cubículo fedido e sufocante em frente a uma tela de computador, inserindo sabe-se lá que tipo de dados no sistema – hora após hora, dia após dia, ano após ano, presa em um espaço menor que uma cela de prisão, até... bem, até o quê?

Cruz credo.

Fala sério, pensava Tawny. Ela preferiria morrer.

Em última análise, suas duas opções eram as seguintes: um, ficar inserindo dados de seguro no computador como um zumbi em um caixote apertado e fedido... ou dois, dançar a noite inteira e beber champanhe em festas.

Escolha difícil, não?

Mas seu trabalho no La Crème não estava saindo conforme o planejado. Tawny tinha ouvido falar que ali era melhor que o parperfeito.com para conhecer bons partidos, mas o mais perto que ela havia chegado de um relacionamento de verdade tinha sido com Carlton. E o que ele havia feito? Quebrado seu dedo e ameaçado Ralphie.

Algumas garotas conseguiam achar um cara rico, mas na maioria das vezes isso acontecia com as bonitas, e, quando se olhava no espelho, Tawny via que esse não era o seu caso. A cada dia que passava, tinha que usar mais maquiagem. Suas olheiras estavam ficando mais e mais escuras. Ela precisava dar uma recauchutada nos implantes mamários e, embora tivesse apenas 23 anos, as varizes já começavam a fazer suas pernas parecerem mapas de relevo.

A jovem loura e alegre, com sua blusa de gola rulê, acenou para Tawny.

– Senhorita, pode me dar um minuto da sua atenção?

Tawny sentiu uma pontada de inveja daquela loura espevitada com seu sorriso de comercial de pasta de dentes. O gatinho provavelmente era seu namorado. Devia tratá-la bem, levá-la ao cinema, andar de mãos dadas com ela pelo shopping. Sortuda. Claro, eles eram uns carolas, mas pareciam felizes e saudáveis, como se nem soubessem o que é tristeza. Tawny poderia apostar suas míseras economias que todas as pessoas que aqueles dois já haviam conhecido ainda estavam vivas, que os pais deles ainda eram casados, felizes e bonitos – assim como eles, só que um pouco mais velhos. Deviam jogar tênis e fazer churrascos e grandes jantares em família, nos quais todos os parentes baixavam a cabeça para fazer uma bela oração.

Em instantes, eles alegariam ter as respostas para todos os seus problemas, mas Tawny sentia muito: ela simplesmente não estava no clima. Não hoje. Seu maldito dedo quebrado doía demais. Um tira tinha acabado de ameaçar jogá-la na cadeia. Seu "namorado" sádico e psicopata estava desaparecido e talvez, se Deus quisesse, morto.

O gatinho sorridente disse:

– Só queremos dar uma palavrinha com a senhorita.

Tawny estava prestes a mandá-los cair fora, mas algo a deteve. Aqueles dois eram diferentes dos carolas habituais que batiam ponto em frente à boate para assediar as garotas com trechos das Escrituras Sagradas. Eles pareciam mais... classe alta, talvez? Mais bonitos e com olhos mais radiantes. Alguns anos antes, a avó de Tawny, que Deus a tenha, tinha ficado viciada em um pregador canastrão de algum canal de TV a cabo de quinta categoria. O programa tinha um quadro chamado "A Hora da Música de Louvor", em que adolescentes devotos cantavam suavemente, acompanhados de violões e palmas. Aqueles dois eram como eles. Pareciam ter saído do coro de algum programa de TV a cabo.

– Não vamos tomar muito o seu tempo – assegurou-lhe a loura, animada.

Lá estavam eles, em frente à sua casa, logo naquele dia. Não junto à entrada dos fundos da boate. Não gritando um monte de frases feitas sobre pecado. Talvez, depois de toda aquela destruição, com o dedo e os pés doloridos e o resto do corpo tão cansado que ela mal conseguia dar mais um passo, aqueles dois estivessem ali por algum motivo. Talvez tivessem mesmo sido enviados no momento em que Tawny mais precisava, para salvá-la. Como dois anjos.

Seria mesmo possível?

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto de Tawny. A loura animada assentiu para ela, como se entendesse perfeitamente todo o seu drama.

Talvez, pensou Tawny, pegando sua chave, *eu precise mesmo ser salva*. Talvez aqueles dois, por mais improvável que pudesse parecer, fossem sua porta de entrada para uma vida melhor.

– Está bem – disse Tawny, contendo um soluço. – Podem entrar. Mas rapidinho, está bem?

Os dois concordaram.

Tawny abriu a porta. Ralphie atravessou correndo a sala na direção deles, suas unhas repicando no piso de linóleo. Ela sentiu seu coração transbordar de amor ao ouvir aquele som. Ralphie: a única coisa boa, delicada e carinhosa em sua vida. A garota se agachou e deixou que o cão pulasse em cima dela. Rindo em meio a um soluço, coçou o animal naquele ponto especial atrás da sua orelha e então se levantou de novo.

Virou-se para a loura entusiasmada, que continuava com o sorriso estampado no rosto.

– Lindo cãozinho – disse ela.

– Obrigada – respondeu Tawny.

– Posso fazer carinho nele?

– Claro.

Tawny se virou para o rapaz bonito, que também sorriu para ela. Mas dessa vez o sorriso lhe pareceu estranho. De alguma forma distante...

Ele continuou sorrindo enquanto levantava o punho cerrado. Continuou sorrindo enquanto girava os quadris e os ombros e dava um murro bem na cara de Tawny, com toda a força.

Enquanto ela caía no chão, com sangue jorrando do seu nariz e seus olhos se revirando para trás, o último som que ouviu foi o ganido de Ralphie.

capítulo 9

Broome devolveu o fone ao gancho. Ainda estava tentando processar aquele – como costumava dizer a mídia local – "último e perturbador desdobramento".

– Quem era? – perguntou Goldberg.

Broome não tinha percebido que seu chefe estava por perto.

– Harry Sutton.

– O rábula?

– Rábula? – falou Broome, franzindo a testa. – Em que ano estamos, 1958? Ninguém mais chama advogados assim.

– Não banque o engraçadinho – disse Goldberg. – Isso tem algo a ver com Carlton Flynn?

Broome continuou parado onde estava com o coração acelerado.

– Pode ser que tenha.

– E...?

Algo a ver com Carlton Flynn? Talvez. Algo a ver com Stewart Green? Com certeza.

Broome ainda estava repassando a conversa em sua cabeça. Depois de 17 anos de busca, Harry Sutton tinha dito que Cassie, a stripper que havia desaparecido com Stewart Green, estava em seu escritório naquele exato momento. Havia aparecido de uma hora para outra, como se tivesse se materializado do nada. Era muita coisa para absorver de uma vez só.

Se fosse qualquer outro advogado, o detetive acharia que era conversa fiada. Mas Harry Sutton, apesar de todos os excessos de sua vida particular – e eram muitos –, não faria uma armação dessas. Não tinha nada a ganhar mentindo sobre aquilo.

– Mais tarde eu conto – disse Broome.

Goldberg colocou as mãos na cintura, se esforçando bastante para parecer durão.

– Não, você vai me contar agora mesmo.

– Harry Sutton talvez tenha localizado uma testemunha.

– Que testemunha?

– Jurei manter sigilo.

– Você o quê?

Broome nem se deu o trabalho de responder. Simplesmente continuou andando e pegou as escadas, sabendo que Goldberg, um homem que achava cansativo demais estender o braço para pegar qualquer coisa que não fosse um sanduíche, não iria segui-lo. Quando entrou no carro, seu celular tocou. Era Erin.

– Onde você está? – perguntou ela.

– Indo encontrar Harry Sutton.

Erin tinha sido sua parceira na polícia por 23 anos, até se aposentar no ano anterior. Também era sua ex-mulher. Ele a atualizou sobre a repentina volta de Cassie.

– Uau – disse Erin.

– Pois é.

– A escorregadia Cassie – continuou Erin. – Você vem tentando encontrá-la há muito tempo.

– Dezessete anos.
– Então talvez consiga algumas respostas.
– É o que espero. Por que você ligou?
– Por causa do vídeo de segurança do La Crème.
– O que tem ele?
– Acho que descobri uma coisa – falou Erin.
– Quer que eu passe aí depois de sair do escritório de Sutton?
– Claro, assim tenho um tempo para continuar metendo a mão na massa aqui. Além do mais, você vai poder me contar sobre seu encontro com Cassie.
Não conseguindo resistir, ele disse:
– Erin?
– Que foi?
– Você falou "continuar metendo", hehehe.
– Sério, Broome? – resmungou Erin. – Quantos anos você tem?
– Esse tipo de brincadeira costumava fazer você rir.
– Muita coisa costumava me fazer rir – respondeu ela, talvez com uma pontada de tristeza na voz. – Antigamente.
Isso, sim, era verdade.
– Até daqui a pouco, Erin.
Broome afastou os pensamentos sobre sua ex da cabeça e pisou firme no acelerador. Poucos minutos depois, estava batendo no vidro fosco. De dentro do escritório, uma voz ríspida gritou:
– Pode entrar!
Ele abriu a porta e entrou na sala. Harry Sutton parecia um professor universitário querido e muito, mas muito decadente. Broome correu os olhos pelo escritório. Não havia ninguém ali além do advogado.
– Muito prazer em vê-lo, detetive.
– Onde está Cassie?
– Sente-se.
Broome obedeceu enquanto repetia a pergunta:
– Onde está Cassie?
– Não está aqui no momento.
– É, estou vendo.
– Isso é porque você é um detetive experiente.
– Tento não me gabar muito disso – falou Broome. – O que está acontecendo, Harry?
– Ela está perto daqui. Quer conversar com você. Mas, para isso, precisamos estabelecer algumas regras.
Broome abriu os braços.
– Sou todo ouvidos.
– Antes de qualquer coisa, tudo o que falarmos é confidencial.
– Confidencial? Ora, você está achando que eu sou um repórter, Harry?
– Não, acho que você é um policial bom e um tanto desesperado. Confidencial significa

exatamente isto: não faça anotações. Não registre nada. Para todos os efeitos, você nunca falou com ela.

Broome refletiu sobre aquilo.

– E se eu disser que não?

Harry Sutton se levantou e estendeu a mão.

– Foi um prazer revê-lo, detetive. Tenha um bom dia.

– Está bem, está bem, não precisa fazer drama.

– Precisar, não preciso – falou Harry com um sorriso radiante –, mas por que perder a oportunidade?

– Está certo, é confidencial. Pode mandar Cassie entrar.

– Ainda não acabei.

Broome esperou.

– Hoje é sua única oportunidade. Cassie vai falar com você aqui em meu escritório. Vai responder às suas perguntas da melhor forma possível na minha presença. Depois vai desaparecer novamente. E você vai deixar. Não tentará descobrir seu novo nome ou identidade. E o mais importante: não tentará encontrá-la depois dessa reunião.

– E você vai acreditar se eu disser que concordo?

– Vou.

– Sei – disse Broome, remexendo-se na cadeira. – Vamos supor que eu a considere culpada de um crime.

– Isso não vai acontecer.

– Mas vamos supor que aconteça.

– Azar o seu. Depois que terminar de falar com você, ela vai para casa e você nunca mais vai vê-la.

– E vamos supor também que, depois de investigar mais um pouco, eu me depare com algum fato novo e precise fazer novas perguntas a ela.

– Mesma resposta: azar o seu.

– Mas vou poder falar com você, pelo menos?

– Vai. E, se eu puder ajudar, vou ajudar. Mas ela não vai se comprometer com nada.

Broome poderia negociar, porém tinha pouca margem de manobra. Mas também era o tipo de cara que acreditava que mais vale um pássaro na mão que dois voando, e que a cavalo dado não se olham os dentes. Na véspera, não tinha a menor pista do paradeiro de Cassie. Agora, a não ser que irritasse Harry ou a própria Cassie, poderia conversar com ela.

– Está bem – disse Broome –, concordo com as suas regras.

– Ótimo. – Harry Sutton pegou o celular e disse: – Cassie? Tudo certo. Pode entrar.

◆◆◆

O comissário de polícia Goldberg estava simplesmente cagando e andando.

Faltava um ano para ele se aposentar com salário integral, mas o dinheiro não era suficiente. Nem perto disso. Atlantic City podia ser uma pocilga, mas não era uma pocilga barata. Ele estava atolado até o pescoço de pensões para pagar. E seu caso amoroso atual, Melinda, uma estrela pornô de 28 anos (achava engraçado que elas sempre fossem "estrelas" pornô, nunca apenas "atrizes" ou, no caso de Melinda, coadjuvantes em um *ménage à trois*), sugava todo o resto (em mais de um sentido, rá,

rá). Mas ela valia cada centavo, isso não se podia negar.

Sim, podia-se usar qualquer eufemismo, mas a verdade era que Goldberg era um policial corrupto.

Normalmente ele não tinha dificuldades para se justificar. Dizia que, para cada bandido que saía de circulação, apareciam mais dois. Ou que é melhor lidar com o diabo que você conhece – e que pode controlar de alguma forma, que não vai roubar cidadãos de verdade e que ainda lhe rende alguma grana – do que com um desconhecido. Ou, ainda, que varrer a escória da cidade é como tentar esvaziar um oceano com uma colher de sopa. Ou qualquer outra coisa – ele tinha milhões de desculpas como essas.

Mas, dessa vez, a justificativa era ainda mais fácil: o cara que estava lhe fornecendo as cédulas preciosas parecia, pelo menos à primeira vista, estar do lado dos anjos.

Então por que Goldberg estava hesitando?

Ele discou o número. Atenderam no terceiro toque.

– Boa tarde, Sr. Goldberg!

Motivo número um para a hesitação: a voz do cara lhe dava arrepios. O homem – que parecia ser muito jovem – era extremamente bem-educado e falava à base de exclamações, como se estivesse num teste para um musical antigo. Aquele som dava um frio na espinha de Goldberg. Mas não era só isso.

Havia boatos sobre aquele sujeito. Histórias de violência e depravação protagonizadas por ele e seu parceiro. O tipo de história que fazia homens feitos – grandes, durões, experientes, que já tinham visto de tudo, como Goldberg – não conseguirem dormir à noite, tremendo de medo.

– Aham – disse Goldberg. – Olá.

Mesmo que os boatos fossem exagerados, ainda que apenas uma fração deles fosse verdadeira, Goldberg tinha se envolvido com algo de que não queria fazer parte. Ainda assim, a melhor atitude seria aceitar a grana e manter o bico fechado. De certo modo, que escolha ele tinha? Se tentasse voltar atrás ou devolver o dinheiro, poderia acabar irritando a voz do outro lado da linha.

O homem disse:

– Em que posso ajudá-lo, Sr. Goldberg?

Ao fundo, o comissário ouviu um ruído que fez seu sangue gelar.

– Que porra é essa? – perguntou ele.

– Ah, não se preocupe com isso, Sr. Goldberg. O que queria me dizer?

– Talvez eu tenha outra pista.

– Talvez?

– Não tenho certeza, só isso.

– Sr. Goldberg?

– Sim?

Que porra de barulho era aquele ao fundo?

– Por favor, me conte o que sabe.

Ele já havia contado a eles tudo o que podia sobre o desaparecimento de Carlton Flynn. Por que não? Ele e seu parceiro também estavam interessados em encontrar o cara, e a quantia que estava recebendo não era nada má.

A última coisa que Goldberg falara tinha sido o que Broome lhe contara: Carlton Flynn tinha uma namorada stripper que trabalhava no La Crème.

O som que ele estava ouvindo parecia um ganido.

– Você tem um cachorro? – perguntou o comissário.

– Não, não tenho. Ah, mas tive a melhor cadela do mundo quando era criança. O nome dela era Cookie. Fofo, o senhor não acha?

Goldberg ficou calado.

– O senhor parece relutante, Sr. Goldberg.

– É comissário Goldberg.

– O senhor gostaria de me encontrar pessoalmente, comissário Goldberg? Podemos discutir esse assunto na sua casa, se preferir.

O coração dele parou de bater por um instante.

– Não, não precisa.

– Então o que tem para me contar, comissário Goldberg?

O cão continuava ganindo. Então Goldberg achou que talvez também estivesse ouvindo outro som. Outro ganido, ou até algo pior, por trás daquele primeiro ruído – um barulho terrível, angustiado, tão inumano que, paradoxalmente, só poderia vir de um ser humano.

– Comissário Goldberg?

Ele engoliu em seco e começou a falar.

– É sobre um advogado chamado Harry Sutton...

capítulo 10

A PORTA DO ESCRITÓRIO de Harry Sutton se abriu e Cassie entrou.

Ela não havia mudado quase nada.

Esse foi o primeiro pensamento de Broome. Na época, ele chegara até a conhecê-la um pouco, a vê-la na boate, então se lembrava dela. A mulher havia mudado a cor dos cabelos – seu loiro costumava ser mais platinado, se não lhe falhava a memória –, mas, fora isso, continuava praticamente igual.

Então por que Broome tinha passado 17 anos sem conseguir encontrá-la? Bem, a verdade é que desaparecer não é tão difícil quanto se imagina. Naquela época, Rudy nem sequer sabia o verdadeiro nome dela. Mais tarde, o detetive acabaria por descobri-lo: Maygin Reilly. Mas não foi muito além disso. Ela havia conseguido uma nova identidade e, embora fosse de certa forma uma suspeita no caso, dificilmente isso bastaria para justificar um alerta de busca nacional ou para incluí-la na lista dos criminosos mais procurados pela polícia.

A outra mudança era que agora ela parecia ter mais dinheiro e estava mais – por falta de um termo mais apropriado – normal. Parecia uma clássica dona de casa americana. Mais divertida, talvez. Do tipo que não leva desaforo para casa, que fica um pouco mais desinibida depois de alguns drinques na festa da vizinhança – afinal, uma mulher pode deixar de ser stripper, mas a stripper nunca sai dela –, mas ainda assim uma mãe de família.

Ela se sentou ao seu lado e se virou para encará-lo nos olhos.

– É um prazer revê-lo, detetive.

– Igualmente, eu acho. Estou procurando você há muito tempo, Cassie.

– Fiquei sabendo.

– Há 17 anos.

– Quase como Valjean e Javert – disse ela.

– De *Os miseráveis*.

– Você leu o livro de Victor Hugo?

– Não – disse Broome –, minha ex me arrastou para ver o musical.

– Não sei onde está Stewart Green – afirmou ela.

Ótimo, pensou Broome. *Nada de preliminares*.

– Você sabe, é claro, que desapareceu no mesmo dia que ele.

– Sei.

– Quando vocês dois sumiram, estavam saindo juntos, certo?

– Não.

Broome abriu os braços.

– Foi o que me disseram.

Ela lhe deu um meio sorriso e Broome viu a garota sexy de anos atrás vir à tona.

– Há quanto tempo você mora em Atlantic City, detetive?

Ele assentiu, percebendo aonde ela queria chegar com aquilo.

– Quarenta anos.

– Então sabe como funciona. Eu não era uma prostituta. Trabalhava em boates e me divertia com isso. Então, sim, durante algum tempo Stewart Green fez parte dessa diversão. Uma pequena parte. Mas, no fim das contas, ele a estragou.

– A diversão?

– Tudo – falou ela. Seus lábios se enrijeceram. – Stewart Green era um psicopata. Ele me perseguia. Batia em mim. Ameaçou me matar.

– Por quê?

– Qual foi a parte de "psicopata" que você não entendeu?

– Então agora você é psicóloga, Cassie?

Ela tornou a abrir seu meio sorriso.

– Eu não preciso ser psicóloga para reconhecer um psicopata – disse ela –, da mesma forma que não é necessário ser um policial para reconhecer um assassino.

– *Touché* – concedeu Broome. – Mas, se Stewart Green era tão louco assim, bem, ele conseguiu enganar um monte de gente.

– Todos nós representamos personagens diferentes para pessoas diferentes.

Broome franziu a testa.

– Isso é meio clichê, você não acha?

– Acho. – Ela pensou a respeito. – Uma vez ouvi um cara dar um conselho a um amigo que queria sair com uma garota que parecia muito normal mas que, no fundo, bem, era doida de pedra. Conhece o tipo?

– Claro.

– O cara disse o seguinte para o amigo: "Você não vai querer mexer naquele vespeiro."

Broome gostou daquilo.

– E foi isso que você fez com Stewart? Mexeu no vespeiro?

– Ele me pareceu tranquilo no começo. Mas ficou obcecado. Acho que acontece com alguns homens. Eu sempre tinha conseguido me esquivar, levar a coisa na brincadeira. Mas não com ele. Olhe, eu li todas as matérias, depois do desaparecimento de Stewart, sobre como ele era um ótimo pai de família, sobre como cuidou da mulher quando ela teve câncer, sobre os filhos pequenos. E, trabalhando onde eu trabalhava, eu já tinha visto de tudo. Não julgava os homens casados que iam à boate para descarregar a tensão ou procurar... o que quer que fosse. Três quartos dos frequentadores eram casados. Não acho nem que esses caras sejam hipócritas. Um homem pode amar sua esposa e mesmo assim querer uma aventura por fora, não pode?

Broome deu de ombros.

– Imagino que sim.

– Mas esse não era o caso de Stewart Green. Ele era violento. Era louco. Eu só não sabia quanto.

O detetive cruzou as pernas. O que ela estava lhe dizendo sobre as surras e a violência parecia muito com a descrição que Tawny havia feito de Carlton Flynn. Outra ligação, talvez?

– Então, o que aconteceu?

Pela primeira vez, Cassie lhe pareceu desconfortável. Ela olhou para Harry Sutton. O advogado estava com as mãos pousadas sobre a barriga, os dedos entrecruzados. Ele assentiu. Ela olhou para as próprias mãos.

– Sabe as ruínas da fábrica de minério de ferro que fica nos arredores do parque Wharton?

Broome sabia. Deviam ficar a uns 15 quilômetros de Atlantic City, onde começava a área florestal de Pine Barrens.

– Eu costumava ir até lá às vezes – continuou ela. – Depois do trabalho ou sempre que precisava espairecer.

Espairecer, pensou Broome, conseguindo manter a expressão neutra. Uma mentira. A primeira, talvez? Não tinha como saber ao certo. Ele estava prestes a fazer a pergunta óbvia – "Qual era o seu *verdadeiro* motivo para ir até lá?" –, mas, por ora, deixou passar.

– Então, uma noite... na minha última noite na cidade, na verdade... eu estava no parque perto das ruínas. Devia estar distraída. Stewart vinha perdendo o controle e eu não sabia muito bem como resolver a situação. Já havia tentando de tudo para afastá-lo.

Broome fez a mesma pergunta que tinha feito a Tawny:

– Você não tinha namorado ou alguma outra pessoa que se importasse com você?

Algo atravessou o rosto dela.

– Não.

Outra mentira?

– Não tinha ninguém a quem você pudesse pedir ajuda? – insistiu Broome. – Rudy, talvez, ou algum amigo na boate?

– Olhe, não era assim que a banda tocava. Pelo menos, não no meu caso. Eu cuidava da minha própria pele. As pessoas podiam achar que eu não ia conseguir dar conta do recado, mas eu já era bem grandinha. Podia lidar com aquilo.

Ela baixou os olhos.

– O que aconteceu, Cassie?

– É estranho ouvir alguém me chamar assim. Cassie.

– Prefere Maygin?

Ela sorriu.

– Ah, então você descobriu meu nome verdadeiro. Não. Continue me chamando de Cassie.

– Está bem. Você está me enrolando, Cassie.

– Eu sei – disse ela. Então, respirou fundo e voltou à história. – Eu comecei a ficar desesperada para me livrar de Stewart, então, dois dias antes dessa ida ao parque, larguei a bomba atômica em cima dele. Ou pelo menos ameacei fazer isso. Eu nunca cumpriria a promessa, mas imaginei que só a ameaça seria suficiente.

Broome tinha uma boa ideia do que ela diria, mas esperou assim mesmo.

– Então, bem, eu disse a Stewart que, se não me deixasse em paz, eu iria contar tudo à esposa dele. Só que eu nunca teria feito uma coisa dessas. Quero dizer, depois que você toma uma atitude assim, também tem que lidar com as consequências. Mas, como eu disse, só a ameaça geralmente já surte efeito.

– Mas não nesse caso.

– Não nesse caso. – Ela tornou a sorrir, mas não havia alegria nenhuma em sua expressão. – Eu subestimei o que poderia acontecer se eu mexesse naquele vespeiro.

Broome olhou para Harry Sutton. O advogado estava inclinado para a frente com o rosto

carregado de preocupação.

– O que aconteceu quando você o ameaçou? – perguntou Broome.

Os olhos de Cassie se encheram de lágrimas. Ela piscou para afastá-las. Sua voz, quando ela falou, saiu baixinho.

– Foi difícil.

Silêncio.

– Você poderia ter me procurado – disse Broome.

Ela ficou calada.

– Poderia, sim – insistiu ele. – Antes de ameaçar soltar a bomba.

– E o que exatamente você teria feito, detetive?

Ele não disse nada.

– Afinal, vocês, tiras, sempre protegem garotas trabalhadoras como nós dos cidadãos de bem.

– Isso não é justo, Cassie. Se ele a machucou, você poderia ter me contado.

Ela balançou a cabeça.

– Talvez sim, talvez não. Mas você não está entendendo. Ele era louco de pedra. Disse que, se eu falasse uma só palavra, iria me queimar com um lança-chamas e me obrigar a contar onde meus amigos moravam, para depois ir atrás deles e matá-los também. E eu acreditei nele. Depois do que vi em seus olhos, depois do que ele fez comigo, acreditei em cada palavra.

Broome deixou a poeira assentar por alguns instantes e depois perguntou:

– Então, o que você fez?

– Decidi que talvez o melhor fosse sumir por uns tempos. Simplesmente desaparecer por um ou dois meses. Ele se cansaria de mim, seguiria adiante com sua vida, se concentraria na esposa, sei lá. Mas até isso era assustador. Eu não sabia o que ele poderia fazer se eu simplesmente fosse embora sem sua permissão.

Ela se deteve. Broome lhe deu um tempo. Então, resolveu instigá-la um pouco.

– Você disse que estava no parque, não disse?

Ela assentiu.

– Onde no parque?

Broome esperou. Quando ela entrou no escritório e ele pensou em como ela era quando mais jovem, sua postura transmitia calma, confiança. Tudo isso havia desaparecido. Ela olhou para as próprias mãos, contorcendo-as sobre o colo.

– Eu estava nessa trilha – falou ela. – Já era noite, e eu estava sozinha. Então ouvi algo mais à frente. Vindo de trás dos arbustos.

Ela se calou e baixou a cabeça. Broome tentou fazê-la continuar com uma pergunta inofensiva:

– Como era esse som?

– Uma espécie de farfalhar – disse Cassie. – Como se houvesse um animal por ali. Mas então o som ficou mais alto e eu ouvi um grito, um grito de gente.

Ela tornou a se calar e desviou o olhar.

– E o que você fez em seguida? – quis saber Broome.

– Eu estava desarmada. Sozinha. Ora, o que poderia fazer? – Ela o encarou como se esperasse uma resposta. Quando não a recebeu, prosseguiu: – Primeiro, reagi por impulso. Comecei a me virar para fugir, mas então algo me fez parar.

– O quê?

– Tudo ficou quieto de repente. Como se alguém tivesse desligado um interruptor. Silêncio total. Esperei alguns instantes, mas não ouvi nada. A única coisa que conseguia escutar era minha própria respiração. Fui até uma pedra que havia ali e a contornei bem devagar, na direção de onde tinha vindo o barulho. Quando finalmente acabei de dar a volta, ele estava lá.

– Stewart Green?

Ela assentiu.

Broome sentiu sua boca ficar seca.

– Quando diz que "ele estava lá"...?

– Estava deitado de costas. Com os olhos fechados. Eu me agachei e encostei nele. Seu corpo estava coberto de sangue.

– O corpo de Stewart?

Ela tornou a fazer que sim.

Broome sentiu um aperto no coração.

– Ele estava morto?

– Acho que sim.

– Como assim, "acho que sim"? – disse ele com um quê de irritação na voz.

– Não sou nem psicóloga nem médica – respondeu ela, igualmente contrariada. – Só posso lhe dizer o que achei na hora. Pensei que ele estava morto, mas não conferi seu pulso nem nada. Já estava suja com o sangue dele e perdendo totalmente a cabeça. Foi muito estranho. Por um instante, tudo ficou em câmera lenta e eu me senti quase feliz. Sei o que você deve estar pensando, mas eu o odiava. Você não faz ideia de quanto. E, bem, meu problema tinha acabado: Stewart estava morto. Mas logo caí na real. Percebi o que iria acontecer, e por favor não me diga que estou sendo injusta. Eu sabia exatamente como seria. Eu iria correndo até a cabine telefônica mais próxima... não tinha celular na época, quem tinha?... e ligaria para a polícia, para denunciar o crime. Vocês investigariam o caso e descobririam que ele estava me perseguindo e fazendo até coisa pior. Todos falariam sobre como ele era um ótimo pai de família e como aquela vagabunda daquela stripper tinha roubado cada centavo dele, e por aí vai. Você sabe aonde quero chegar. Então eu fugi. Fugi e nunca mais olhei para trás.

– Para onde você foi?

Neste momento, Harry Sutton pigarreou.

– Irrelevante, detetive. Para você, a história dela acaba aqui.

Broome lançou um olhar para ele.

– Você está brincando, né?

– Nós fizemos um acordo.

– Estou falando a verdade, detetive – disse Cassie.

Ele quase a desmentiu, quase disse "Não, o que você está contando é, na melhor das hipóteses, uma meia verdade", mas não queria afugentá-la. Tentou lhe perguntar sobre mais alguns detalhes, esperando descobrir algo mais ou entender melhor as coisas. Acima de tudo, queria saber quanto Stewart Green estava ferido (ou se estava morto), mas, ainda que houvesse algo mais a desencavar ali, ele não iria conseguir.

Por fim, Harry Sutton falou:

– Acho que você já descobriu tudo o que podia aqui, detetive.

Será mesmo? O que havia descoberto, afinal? Sentia-se tão perdido quanto antes – talvez mais. Broome pensou nos outros homens, nas ligações entre eles, em todos aqueles outros desaparecidos. Será que tinham sido assassinados? Ou será que tinham sido feridos e, sei lá, fugido? Stewart Green fora o primeiro. Quanto a isso, Broome não tinha dúvidas. Será que ele tinha se recuperado do ataque e...

E o quê?

Onde ele tinha se metido? E que ligação isso tinha com Carlton Flynn e os demais?

Cassie se levantou. Ele a seguiu com o olhar.

– Por quê? – perguntou Broome.

– Por que o quê?

– Você poderia ter continuado escondida, mantido sua vida nova em segurança. – Ele olhou para Harry Sutton e então de volta para ela. – Por que voltou?

– Você é Javert, lembra? – falou ela. – Continuaria a me caçar por anos a fio. Em algum momento Javert e Valjean precisam se encontrar.

– Então você decidiu escolher a hora e o local?

– Melhor do que me deparar com você batendo à minha porta, não acha?

Broome balançou a cabeça.

– Não me convenceu.

Ela deu de ombros.

– Não estou me importando muito com isso.

– Então por quê, Cassie? Por que você me contou tudo isso?

– Acho que nem eu mesma sei.

Ah, mas ela sabia. Broome conseguia ver em seus olhos.

– E agora? Você simplesmente volta para sua vida de sempre? – indagou ele. – Essa foi uma experiência purificadora para você? Conseguiu o que pretendia com ela?

– Acho que sim – disse ela. – Posso lhe fazer uma pergunta?

Tentando virar o jogo, pensou Broome. Na defensiva. Ele só queria saber por quê. Gesticulou para que ela seguisse em frente.

– O que vai fazer com essas informações?

– Vou juntá-las às outras evidências que tenho e tentar chegar a algum lugar.

– Você contou à mulher de Stewart Green a verdade a respeito dele?

– Depende. Da verdade de quem você está falando?

– Não me venha com jogos de palavras, detetive.

– Está bem. Até agora, eu só tinha ouvido boatos sobre Stewart Green. Não sabia de nada ao certo.

– Agora que sabe, vai contar a ela?

Broome não respondeu imediatamente.

– Se eu achar que isso pode ajudar a descobrir o que aconteceu com ele, sim, vou contar. Mas não sou um detetive particular contratado para desencavar os podres de Stewart Green.

– Pode tornar mais fácil para ela seguir em frente.

– Ou mais difícil – falou ele. – Meu interesse é resolver crimes. Ponto final.

– Faz sentido – disse ela, assentindo com a cabeça e levando a mão à maçaneta. – Boa sorte com seu caso.

– Hã, antes de você ir embora...

Ela se deteve.

– Tem um detalhe importante que até agora nós evitamos, com todas essas inteligentíssimas referências à obra de Victor Hugo.

– E qual seria?

Broome sorriu.

– O momento desta nossa reuniãozinha.

– O que tem ele?

– Por que agora? Por que, depois de 17 anos, você decidiu voltar exatamente agora?

– Você sabe por quê.

Ele balançou a cabeça.

– Não, não sei.

Ela olhou para Harry em busca de alguma pista do que fazer. Ele deu de ombros.

– Eu sei sobre o desaparecimento do outro homem.

– Entendi. E como essa informação chegou até você?

– Vi no noticiário – respondeu ela.

Outra mentira.

– E por acaso você vê alguma relação entre o que aconteceu com Stewart Green e o caso de Carlton Flynn?

– Além do óbvio? – disse ela. – Não, na verdade não.

– Então ouvir a notícia fez você recordar o passado? Trouxe as memórias de volta de alguma forma?

– Não é tão simples assim. – Ela tornou a olhar para as mãos. Foi então que Broome entendeu. Havia uma marca de aliança em seu dedo anular. Era possível vê-la, mais clara, na pele dela. Cassie a havia tirado para ir se encontrar com Broome e não se sentia confortável com isso, o que explicava por que contorcia tanto as mãos. – O que aconteceu naquela noite... nunca saiu realmente da minha cabeça. Eu fugi. Mudei de nome. Construí uma vida nova. Mas aquela noite me perseguia por toda parte. Ainda persegue. Achei que talvez estivesse na hora de parar de fugir. De enfrentar isso de uma vez por todas.

capítulo 11

TODOS OS CHAMAVAM de Ken e Barbie.

Então, para não correr riscos – e porque suas identidades secretas eram superlegais –, eles também começaram a chamar um ao outro assim.

O dedo quebrado de Tawny havia tornado aquela missão em especial ridiculamente fácil e nada desafiadora. Barbie ficara um pouco desapontada com isso. Ela era boa em extrair informações. Criativa. Tinha um novo ferro de solda com uma ponta mais fina, que chegava a uma temperatura superior aos 500ºC, e estava louca para testá-lo.

Mas criatividade significava saber improvisar. Ken tinha visto logo de cara que a garota estava com um dedo quebrado que lhe causava muita dor. Por que não aproveitá-lo?

Depois que Ken esmurrara a cara de Tawny, Barbie trancara a porta. Tawny estava caída de costas, segurando o nariz. Ken colocou um de seus tênis Keds sobre o peito dela, no espaço entre seus seios falsos enormes, prendendo-a firmemente contra o chão. Então, levantou a mão direita dela em direção ao teto e ela deu um pulo de dor.

– Está tudo bem – disse ele, como se quisesse tranquilizá-la.

Usando seu pé como apoio, Ken endireitou o braço de Tawny e então a prendeu em uma chave de cotovelo. Ela não conseguia se mexer. A mão com o dedo quebrado ficou exposta, totalmente vulnerável. Ele assentiu para Barbie.

Barbie sorriu e refez seu rabo de cavalo. Ken adorava observá-la, a maneira como ela pegava os cabelos, como os puxava para trás, como expunha o pescoço macio. Barbie se aproximou do dedo de Tawny e o analisou por alguns instantes.

Primeiro, cutucou-o com seu próprio dedo médio. Devagar. Só uma pancadinha de leve. Mas seus olhos se arregalaram quando Tawny gritou de dor. Lentamente, Barbie envolveu o dedo quebrado com sua própria mão, formando um punho cerrado. Tawny gemeu. Barbie se deteve, um pequeno sorriso surgindo em seu rosto. O cachorro, Ralphie, talvez pressentindo o que estava para acontecer, fugiu para um canto e começou a ganir. Barbie olhou para Ken, que também sorriu. Barbie assentiu para ele.

– Por favor – disse Tawny entre lágrimas. – Por favor, me digam o que querem.

Barbie sorriu para ela. Então, sem nenhum aviso, levou o dedo quebrado tão para trás que ele tocou as costas do punho de Tawny. Ken estava preparado. Tirou o pé do peito dela e o colocou em sua boca, abafando o grito longo e angustiado. Barbie não largou o dedo. Começou a puxá-lo para a frente e para trás, como se fosse o joystick de um daqueles horrorosos videogames antigos, ou talvez algo preso na lama que ela estivesse tentando soltar.

Depois de algum tempo, a ponta serrilhada do osso saltou para fora, rasgando a pele e o curativo.

Foi só nesse momento que eles perguntaram a Tawny onde estava Carlton Flynn.

Agora, 40 minutos depois, ao acordá-la do segundo desmaio, eles tinham se convencido de que Tawny não sabia. Na verdade, já haviam chegado a essa conclusão antes, mas era exatamente por serem metódicos e cautelosos que tinham chegado aonde estavam.

Isso não significava, no entanto, que não tivessem colhido informações potencialmente úteis.

Quando a dor se tornou insuportável e ela perdeu a sanidade por um momento, Tawny começou a falar sem parar. Tagarelou sobre sua infância, sobre sua irmã, Beth, sobre o fato de ter achado que eles, Ken e Barbie, fossem anjos enviados para ajudá-la. Então lhes contou sobre um tira chamado Broome, sobre o chefe dela, Rudy, e sobre outras pessoas da boate. Contou-lhes sobre Carlton Flynn, sobre como ele tinha quebrado seu dedo, sobre como ele não havia aparecido naquela última noite.

Mas, infelizmente, Tawny não sabia onde Carlton Flynn estava naquele momento.

Ela estava caída no chão como uma boneca de pano rasgada. Murmurava incoerências para si mesma. Barbie fazia carinho em Ralphie, o cachorro, tentando consolá-lo. Sorriu para Ken, que sentiu seu corpo inteiro se aquecer.

– No que está pensando? – perguntou ele.

– Nas músicas que vamos tocar.

Ele não ficou surpreso. Barbie era uma perfeccionista.

– O que têm elas?

– Por favor, mantenha a mente aberta – disse ela.

– Está bem.

– Promete?

– Prometo.

Barbie suspirou e refez o rabo de cavalo mais uma vez.

– Acho que deveríamos começar o show com "Let the River Flow" e depois emendarmos "What Color Is God's Skin?".

Ken pensou a respeito.

– E onde entra "Freedom Isn't Free"?

– Antes da última música.

– Mas é muito tarde.

– Acho que vai funcionar.

Ken e Barbie eram conselheiros no acampamento cristão SonLit. O "t" no final do nome era em formato de cruz. Foi lá que eles se conheceram e fizeram... contato pela primeira vez. Ah, mas não do jeito que você está pensando. Foi tudo muito decente. Os dois, na verdade, tinham feito um voto de castidade. Ken acreditava que isso lhes dava disciplina e os ajudava a concentrar melhor suas energias.

O rapaz era uma espécie de celebridade no acampamento, então Barbie fez questão de conhecê-lo e se tornar amiga dele. No ano anterior, ele tinha sido um dos cantores do ultrasseleto grupo Up with the People, que se apresentava em todo o mundo. Não tinha sido amor à primeira vista, mas houvera uma atração imediata, como se algo bem no fundo deles os impelisse em direção ao outro. Foi algo que ambos sentiram. Não sabiam o que era – até que outro conselheiro chamado Doug Waites cruzou o caminho dos dois.

Waites era um conselheiro sênior, encarregado dos garotos de 10 a 12 anos. Certa noite, depois das orações noturnas e de os campistas já terem ido dormir, Barbie foi pedir a ajuda de Ken. Disse a ele que Waites não queria deixá-la em paz. Que a chamava para sair o tempo todo. Que olhava dentro de seu decote sempre que tinha oportunidade. Que falava com ela de maneira inapropriada e a tratava de um jeito que Barbie considerava desrespeitoso.

Os punhos de Ken se fecharam enquanto ele ouvia tudo isso.

Quando Barbie terminou de lhe contar sobre os abusos de Waites, Ken sugeriu que, na próxima vez que o conselheiro sênior a chamasse para sair, ela marcasse um encontro com ele em uma parte isolada do bosque. Os olhos de Barbie se acenderam de uma maneira que Ken passaria a amar no futuro.

Duas noites depois, na calada da noite Doug Waites foi até o local combinado, nas profundezas do bosque, para seu suposto encontro com Barbie. A partir daí, Ken assumiu o comando. Barbie ficou observando, hipnotizada, fascinada. Sempre se sentira atraída pela dor. Certa vez, durante uma excursão com um grupo de adolescentes a Florença, na Itália, ela visitara a famosa catedral no centro da cidade. Lembrava que, no teto da cúpula, havia afrescos representando as cenas infernais mais grotescas. Ali, numa igreja sagrada, em que não se podia usar shorts ou vestidos sem manga, era possível ver pessoas nuas – pecadores – com atiçadores em brasa sendo enfiados em seus retos e partes íntimas. Tão claro quanto a luz do dia. À vista de qualquer turista. A maioria das adolescentes ficou enojada. Mas algumas, como Barbie, não conseguiam parar de olhar. A agonia no rosto daqueles pecadores a atraía, a cativava, lhe dava arrepios.

Quando Ken finalmente desamarrou Doug Waites, deu-lhe um simples alerta: "Se contar a alguém sobre isso, vai ser muito pior para você."

Durante as 48 horas seguintes, Doug Waites não falou uma só palavra. No terceiro dia, foi levado embora. Ken e Barbie nunca mais voltaram a ter notícias dele.

Eles continuaram como conselheiros, às vezes disciplinando os outros quando havia necessidade. Como no caso daquele garoto detestável que agredia impiedosamente as crianças. E também no daquele conselheiro que contrabandeava bebidas alcoólicas para o acampamento e as oferecia aos jovens. Os dois foram levados para aquele mesmo lugar no bosque.

Em certo momento, Ken e Barbie fizeram o que alguns poderiam considerar um erro. Torturaram um jovem tarado (ele tinha entrado em um dos quartos para garotas e profanado o sutiã de alguém) sem saber que ele era filho de um chefão da máfia nova-iorquina. Quando o pai do garoto descobriu o que havia acontecido – depois de atormentar o filho até ele contar tudo –, enviou dois de seus melhores capangas para "dar cabo" de Ken e Barbie. Mas os dois já não eram mais reles amadores. Quando os mafiosos chegaram para pegá-los, eles já estavam preparados e simplesmente viraram o jogo. Ken matou um dos homens com as próprias mãos. O outro foi capturado e levado para o bosque. Barbie não teve pressa. Foi mais meticulosa que nunca. No fim das contas, deixaram-no vivo, embora provavelmente tivesse sido mais misericordioso matarem-no de uma vez.

Quando a notícia chegou ao pai mafioso, ele ficou devidamente impressionado – e talvez com medo. Em vez de mandar mais capangas, ofereceu a Ken e Barbie uma trégua e trabalho. Eles aceitaram. Perceberam que aquelas eram pessoas ruins fazendo mal a outras pessoas ruins. Pareceu-lhes um sinal do destino. Quando o acampamento chegou ao fim, eles abandonaram suas respectivas famílias, dizendo a elas que se tornariam missionários, o que, em certo sentido, era verdade.

O celular tocou. Ken atendeu e disse:

– Boa tarde, Sr. Goldberg!

Quando desligou, Barbie se aproximou dele.

– Alguma outra pista?

– Isso! Um advogado chamado Harry Sutton, que representa putas.

Barbie balançou a cabeça.

Os dois se ajoelharam ao lado de Tawny. Ela começou a chorar.

– Agora você entende – disse-lhe Ken – quanto esta vida é errada para você.

Tawny continuou chorando.

– Vamos lhe dar uma chance – falou Barbie com um sorriso angelical. Ela enfiou a mão em sua bolsa e retirou algo lá de dentro. – Esta é uma passagem de ônibus para longe daqui.

– Você vai usá-la? – perguntou Ken.

Tawny assentiu vigorosamente.

– Quando você nos viu pela primeira vez – disse Barbie –, achou que fôssemos anjos enviados para salvá-la.

– Talvez tivesse razão – acrescentou Ken.

◆◆◆

Megan planejara ir direto para casa.

Essa teria sido a atitude mais prudente. Dentro do possível, havia feito sua parte, então era hora de voltar para a segurança do seu casulo.

Mas, em vez disso, ela foi ao La Crème.

Estava sentada no bar, que ficava em um canto escuro nos fundos. Sua velha amiga Lorraine estava lá. Quando Megan chegou, Lorraine dissera:

– Eu deveria estar surpresa?

– Imagino que não – respondera Megan.

– Vai beber o quê?

Megan apontou para uma garrafa de vodca atrás de Lorraine.

– Grey Goose com gelo e quatro rodelas de limão.

Lorraine fez uma careta.

– Que tal uma vodca aguada qualquer servida numa garrafa de Grey Goose?

– Melhor ainda.

Embora Megan não gostasse de e-mails e torpedos, precisava admitir que em alguns momentos eles eram úteis: havia mandando uma mensagem de texto para Dave avisando que só voltaria para casa mais tarde, sabendo que obviamente ele não teria como reconhecer a mentira em seu tom de voz ou fazer perguntas demais.

Bebericou seu drinque e contou a Lorraine sobre o encontro com Broome.

– Você se lembra dele? – perguntou Megan.

– Broome? Claro. Ainda o vejo de vez em quando. É um bom sujeito. Fui para a cama com ele uma vez, há uns nove ou 10 anos.

– Tá brincando.

– Eu sei, meu coração é muito generoso. – Lorraine limpou um copo com um pano velho e abriu aquele velho sorriso. – Na verdade, eu gostava dele.

– Você gosta de todo mundo.

– Pois é, é esse coração generoso que eu tenho.

– Isso sem falar no corpo.
Lorraine abriu os braços.
– Seria uma vergonha desperdiçar este corpinho que Deus me deu.
– Agora você falou uma verdade.
– E então – disse Lorraine –, você contou a Broome que eu talvez tenha visto Stewart Green?
– Não.
– Por que não?
– Não sabia se você queria ou não que eu contasse.
– Pode ser importante – refletiu Lorraine.
– É, pode.
Ela continuou limpando o mesmo copo.
– Provavelmente não foi Stewart que eu vi – falou, enfim.
Megan ficou calada.
– Quero dizer, deve ter sido só alguém parecido com ele – continuou Lorraine. – Agora que estou ouvindo sua história... Bem, você o viu morto, não viu?
– Talvez.
– Então, se você o viu morto, eu não posso tê-lo visto vivo. – Lorraine balançou a cabeça. – Não acredito que falei isso. Preciso de um drinque. Seja como for, eu provavelmente me enganei.
– Você escolheu um belo assunto para se enganar – observou Megan.
– Bem, fazer o quê... – Lorraine largou o copo. – Mas, hipoteticamente falando, vamos supor que eu tenha visto Stewart Green.
– Está bem.
– Onde ele estava metido nos últimos 17 anos? O que andou fazendo durante todo esse tempo?
– E... – acrescentou Megan – por que voltar agora?
– Exato – concordou Lorraine.
– Talvez devêssemos contar para Broome.
Lorraine pensou no assunto.
– Talvez.
– Quero dizer, se ele está de volta... – raciocinou Megan.
– É, conte para ele – disse Lorraine, jogando o pano para o outro lado do bar. – Mas não diga que fui eu que falei, está bem?
– Você vai continuar sem ter nenhum envolvimento no assunto.
– Do jeito que eu gosto.
– Apesar do seu coração generoso.
Lorraine estava limpando um copo com mais força que o normal.
– E agora, docinho? – perguntou ela.
Megan deu de ombros.
– Agora eu vou para casa.
– Simples assim?
– Se Stewart Green estiver mesmo de volta... – A ideia a fez estremecer.
– Você está correndo sério perigo – completou Lorraine.

– Isso.

Lorraine se debruçou no bar. Seu perfume cheirava a jasmim.

– Broome lhe perguntou por que você voltou?

– Perguntou.

– E você mandou aquela conversa fiada sobre precisar descobrir a verdade?

– Conversa fiada?

– É... – confirmou Lorraine – Conversa fiada. Você some por 17 anos. Então, um belo dia, precisa descobrir a verdade?

– Opa, que história é essa? Foi você quem veio atrás de mim, lembra?

– Não foi isso que eu quis dizer – contemporizou Lorraine. Sua voz ficou mais suave. – Você já tinha vindo aqui antes, não tinha?

Megan se remexeu no banco.

– Uma vez.

– Está bem, uma vez. Por quê?

Um cliente apareceu e fez um pedido. Lorraine lhe serviu um drinque e uma frase de duplo sentido. O homem riu e levou a bebida para a mesa.

– Lorraine?

– Diga, meu bem.

– Qual é o segredo da felicidade?

– Ela está nas pequenas coisas.

– Por exemplo?

– Trocar as cortinas. Você nem acredita como pode ser empolgante.

Megan fez cara de incrédula.

– Ah, querida, eu sou tão confusa quanto qualquer um – continuou Lorraine. – Só aprendi a não ligar tanto para isso, sabe? Nós lutamos pela liberdade, não foi? E então o que fizemos com essa liberdade toda? Nos prendemos a bens materiais, dívidas e, bem, a outras pessoas. Se eu pareço feliz, é porque faço o que quero, na hora que quero.

Megan terminou seu drinque e pediu outro com um gesto.

– Eu sou feliz – disse ela –, só estou me sentindo irrequieta.

– Isso é normal. Quero dizer, quem não se sente assim de vez em quando? Mas você tem seus filhos, não tem?

– Tenho – falou Megan, sentindo-se, a contragosto, mais animada –, e amo tanto os dois que chega a doer.

– Está vendo? Isso é ótimo, mas não é para mim.

Megan encarou a bebida, saboreando seu calor.

– Sabe qual é a pior coisa da maternidade?

– Trocar fraldas?

– Bem, é. Mas quero dizer agora. Agora que eles estão mais velhos e já são de certa forma seres humanos de verdade.

– O quê?

– Você vive em função dos sorrisos deles.

Lorraine esperou que ela dissesse algo mais. Quando viu que era só isso, perguntou:

– Como assim?

– Quando algo dá certo para eles... Por exemplo, no caso de Kaylie, se ela faz um gol numa partida de futebol... Bem, o que quero dizer é que, quando um filho seu sorri, você fica dando pulos de alegria. Mas, quando eles não sorriem...

– Você fica triste – disse Lorraine.

– É um pouco mais complicado que isso, mas sim. É isto que eu odeio: minha felicidade depende totalmente da felicidade deles. E não sou uma daquelas mães que se realizam através das conquistas dos filhos. Só quero vê-los felizes. Mas antes eu costumava ser uma adulta funcional, dona das minhas próprias emoções. Diferente de agora. E eles sabem disso.

– Interessante – falou Lorraine. – Sabe o que isso parece?

– O quê?

– Um relacionamento abusivo. Igual ao que eu tinha com meu ex-namorado. Você começa a viver para agradá-los e eles começam a manipular você.

– Acho que aí já é exagero.

– É, pode ser – disse Lorraine, discordando claramente mas sem ânimo para discutir. – Mas você ainda não me contou por que voltou. Quero dizer, antes da minha visita.

A resposta simples seria: porque ela sentia falta. Estava prestes a verbalizar isso, mas Lorraine começou a virar a cabeça para a direita. Megan a acompanhou. Quando viu para onde a amiga estava olhando, franziu a testa.

– A mesa de Ray – disse Megan.

– É.

Estava vazia agora, mas sempre tinha sido a mesa *dele* – o canto em que Ray costumava se sentar. Megan havia bloqueado todas as lembranças relacionadas a ele. Bloqueado para valer. Mas então, apenas por um instante, deixou-as voltar. Com o passar dos anos, havia transformado o relacionamento dos dois em uma espécie de paixonite, um romance de verão violento e profundo que jamais poderia ter sobrevivido à luz da realidade. Mas agora, por um breve momento, Megan se permitiu recordar a intensidade com que Ray costumava olhar para ela, a eletricidade em seus beijos, as longas noites que passara abraçada a ele como se sua vida dependesse daquilo, quase sem fôlego de tanta paixão.

Lorraine estava sorrindo.

– Você sabe que fim ele levou? – perguntou Megan.

O sorriso desapareceu.

– Quer mesmo saber?

– Foi você quem trouxe o assunto à tona.

– Não, meu bem, quem trouxe foi você. Só estou tentando ajudar a encerrá-lo.

Fazia sentido.

– Então me ajude. Ele está bem?

Lorraine voltou a se ocupar da limpeza dos copos.

– Lorraine?

– Durante algum tempo depois que você fugiu, ele continuou vindo aqui todas as noites. Ficava na

mesa de sempre, bebendo. Durante o dia zanzava em frente à sua casa. Isso continuou por, sei lá, alguns meses, acho. Talvez um ano. Ele ficou simplesmente esperando você voltar.

Megan ficou calada.

– A coisa ficou feia. Com o tempo, ele parou de vir. Foi embora de Atlantic City, acho que para a Califórnia. Continuou enchendo a cara. Depois voltou para cá.

Megan ficou sentada ali, absorvendo as informações. Ele merecia mais que isso. Ela era jovem e talvez idiota, mas, por outro lado, o que mais poderia ter feito? Lorraine a encarava. Ela não iria fazer a pergunta, mas Megan conseguia vê-la em seus olhos: *Por que você nem ao menos telefonou para ele?* Ela virou a cabeça para que seus olhos não entregassem a resposta: *Porque eu não tinha certeza de que ele não era um assassino.*

E agora, é claro, a realidade havia mudado. Stewart Green talvez não estivesse morto, afinal de contas. E se Stewart Green não estava morto...

Lorraine tinha uma expressão estranha no rosto.

– O que foi? – perguntou Megan.

– Nada.

– Então, onde ele está agora?

– Por aí, eu acho.

– Você acha? Sem essa, Lorraine. Me diga o que ele está fazendo. Ainda trabalha como fotógrafo?

Lorraine fez uma careta.

– De certa forma, sim.

– De certa forma? Espere um instante. Ele não está fazendo pornô, está?

– Não, querida, pornô é muito mais digno que o que Ray está fazendo.

– Como assim? O que é?

– Bem – disse Lorraine –, quem sou eu para julgar? Se você quer ferrar com sua vida, vá em frente, o que posso fazer?

Ela foi até uma gaveta e retirou uma caixa de metal comprida lá de dentro. Megan quase sorriu ao se lembrar. O arquivo mágico de cartões de visita de Lorraine.

– Você ainda guarda isso? – perguntou Megan.

– É claro. Organizado em ordem de preferência, inclusive. Agora vamos ver... Ah, aqui está.

Ela sacou um cartão, virou-o e escreveu algo no verso. Megan pegou o pedaço de papel. O logo parecia uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, só que com uma câmera no meio. "Celeb Experience: Paparazzi de aluguel".

Inacreditável.

Ela virou o cartão. Lorraine havia escrito "Weak Signal Bar & Grill".

– Esse é o bar que Ray costumar frequentar?

– Não, mas Fester, sim.

– Quem?

– O chefe de Ray. Ele era leão de chácara naquela velha boate aqui perto, se lembra dele?

– Deveria?

– Na verdade, não. Mas, enfim, conheço Fester há alguns anos. Ele está arquivado na seção "Caçador de Gordinhas". Esta é uma das vantagens da idade: agora me encaixo em várias preferências. Já sou gorda o suficiente para os caçadores de gordinhas e velha o suficiente para os

caçadores de mulheres maduras, coroas ou qualquer coisa do gênero. Virei o pacote completo.

Megan olhou para o cartão.

– Quer um conselho? – perguntou Lorraine.

– Melhor eu ir para casa trocar as cortinas?

– É isso aí.

capítulo 12

Broome seguiu com seu carro, passando pela entrada de veículos de uma casa de dois andares com laterais de tijolos e alumínio. Estacionou em frente à garagem e começou a subir os degraus de concreto. Havia um triciclo no topo da escada, bloqueando o caminho para a porta. Era naquela residência bastante comum que Erin Anderson – detetive aposentada do Departamento de Polícia de Atlantic City e a única mulher que Broome já amara na vida – morava com seu atual marido, um contador público chamado Sean.

Sempre que a visitava, Broome não conseguia deixar de pensar: *poderia ter sido eu*. Seria de se esperar que isso lhe trouxesse uma forte sensação de nostalgia. Bem, trazia e não trazia. Sua reação mais imediata e poderosa era de alívio – como se, de alguma forma, devesse agradecer aos céus por ter conseguido escapar ao seu próprio destino. Mas quando olhava para o rosto de Erin tudo isso ia por água abaixo.

Anos atrás, os dois tinham começado na polícia como parceiros, fazendo as rondas juntos. Logo se apaixonaram loucamente e se casaram. Foi então que pararam de trabalhar lado a lado – casais não podiam dividir a mesma viatura – e começaram a ter problemas. O casamento, apesar do amor que sentiam, foi um desastre. Às vezes, era assim que funcionava. Em alguns relacionamentos, o casamento servia para estreitar os laços. Em outros, destruía tudo.

Ele bateu à porta. Shamus, o filho de Erin, de 4 anos, foi atender com um picolé todo derretido na mão. Sua boca e seus dentes estavam todos coloridos de vermelho. O garoto era idêntico ao pai e, por algum motivo, isso irritava Broome.

– Oi, tio Broome.

Até as crianças o chamavam pelo sobrenome.

– Oi, garoto. Cadê sua mãe?

– Estou na cozinha – gritou Erin.

Após o divórcio, eles tinham pedido para voltar a trabalhar juntos. Demorou um pouco, mas a permissão enfim foi concedida e o equilíbrio foi restaurado – ou o que eles entendiam como equilíbrio, pelo menos. Mas não conseguiam se esquecer um do outro. Mesmo quando começaram a sair com outras pessoas, Broome e Erin continuaram dormindo juntos por muito tempo. Tempo demais. Eles tentavam se forçar a parar, mas ficando tão perto um do outro todos os dias... bem, como se diz, a carne é fraca. Tinham ido para a cama várias vezes quando Erin já namorava Sean, e só pararam definitivamente depois que os dois se casaram.

Porém, mesmo depois de todos aqueles anos, os sentimentos continuavam ali. No ano anterior, com dois filhos a tiracolo e 25 anos na polícia, Erin decidira antecipar sua aposentadoria. Bem, semiaposentadoria – ela ainda fazia tarefas administrativas um dia por semana. Broome continuava fazendo parte da sua vida. Ele a procurava para pedir conselhos ou quando precisava de ajuda em algum caso. Procurava-a porque, embora fosse óbvio que Erin tinha seguido em frente e era feliz em seu novo casamento (e que ele tinha arruinado sua melhor chance de felicidade verdadeira), Broome continuava apaixonado por ela.

O papel de parede do computador era uma foto de Erin, Sean, os meninos e o cachorro em frente

à árvore de Natal. Broome tentou não revirar os olhos.

– Como foi seu encontro com Cassie? – perguntou ela.

– Estranho.

– Quero saber tudo.

Ele contou. Erin usava uma camisa polo verde e uma saia cor-de-rosa que deixava suas pernas à mostra. Ela sempre tivera pernas lindas. Olhava para ele do modo de sempre, enquanto Broome tentava fingir que isso não o afetava. Erin estava feliz. Tinha seus filhos e amava Sean. Broome tinha sido relegado ao passado, tornado-se uma pessoa com quem ela ainda se importava e, de certa maneira, ainda amava – mas nada que a fizesse passar as noites em claro.

Parte dele estava satisfeita por isso. A maior parte, no entanto, ficava com o coração partido.

Quando ele terminou, Erin disse:

– Então, quais as suas conclusões?

– Não sei.

– Nem mesmo um palpite?

Broome refletiu.

– Ela não mentiu, mas não acho que tenha contado toda a verdade. Preciso investigar mais a fundo. – Ele indicou o laptop e os arquivos com o queixo. – O que você descobriu?

O sorriso dela dizia que era algo bombástico.

Erin pressionou uma das teclas do computador. A foto natalina da família Anderson desapareceu – graças a Deus! – e uma imagem congelada do vídeo surgiu na tela. Erin pressionou outra tecla e a imagem entrou em movimento. Após uns dois segundos de silêncio, um grupo de homens claramente embriagados passou cambaleando pela porta da boate em direção à rua.

– Você viu Carlton Flynn em algum desses vídeos? – perguntou Broome.

– Não.

– O que viu, então?

– Continue assistindo – disse Erin com um pequeno sorriso nos lábios. – O que está vendo?

– Um bando de idiotas bêbados saindo de uma boate de striptease.

– Olhe com mais atenção.

Ele suspirou e estreitou os olhos. Ela apertou outra tecla no computador. Um segundo grupo de bêbados passou cambaleando. Erin tornou a pressionar a tecla. Outro grupo. Mais um clique. Dessa vez, um casal saiu, também obviamente embriagado. A mulher parou de repente, virou-se para o homem, agarrou o colar de contas em volta do pescoço dele e o puxou para lhe dar um beijo voraz.

Broome franziu a testa ao ver a cena. Estava prestes a lhe perguntar o que havia de mais naquilo quando se deteve. Algo se iluminou em sua mente.

– Espere, volte para o último grupo.

Ainda sorrindo, Erin clicou no botão para voltar a imagem. Broome tornou a estreitar os olhos. Os homens bêbados também estavam usando colares. Ela voltou mais um pouco. A mesma coisa. Broome se lembrou de quando ele mesmo tinha visto aqueles vídeos. Muita bebedeira. Muita festa.

E muitos colares.

– Mardi Gras – falou ele baixinho, referindo-se às comemorações da Terça-feira Gorda que acontecem no carnaval em diversas partes do mundo.

– Bingo – disse Erin. – Agora adivinhe em que dia o Mardi Gras caiu este ano.

– Dezoito de fevereiro.

– E, para ganhar o grande prêmio, adivinhe em que dia caiu 17 anos atrás.

– Dezoito de fevereiro.

– Exatamente. Como é um dia antes da Quarta-Feira de Cinzas e 47 dias antes da Páscoa, o Mardi Gras cai em datas diferentes todos os anos. Então, decidi checar os outros caras da sua lista. Por exemplo, quando Gregg Wagman sumiu, há três anos, no dia 4 de março...

– Era dia de Mardi Gras?

Erin assentiu.

– Isso vale para praticamente todos os seus desaparecidos. Quero dizer, alguns deles foram dados como desaparecidos depois, dias ou até semanas mais tarde, mas, quando fui conferir o arquivo, vi que nenhum deles tinha sumido antes do Mardi Gras. Não estou dizendo que posso provar que todos eles desapareceram nesse dia... ou, em alguns casos, depois da meia-noite do dia da festa... mas tudo isso se encaixa muito bem naquela sua bela teoria.

– Então não é um dia ou um mês em especial – falou Broome.

– Não.

– O que quer que esteja acontecendo – continuou ele –, e não sabemos o que é, podem ser assassinatos, fugas ou sabe-se lá o quê, mas o que quer que seja...

Erin tornou a assentir.

– Começa no Mardi Gras.

O celular de Broome tocou. Ele checou o identificador de chamadas e viu que era da delegacia.

– Alô?

– Detetive Broome?

– Sim?

– Acabamos de receber uma fotografia aqui na delegacia. Acho que o senhor deveria vê-la.

◆◆◆

O escritório de advocacia de Harry Sutton tinha uma vista perfeita de Atlantic City. Ao longe – quer dizer, apenas três quarteirões ao leste –, era possível ver os hotéis antigos mas de certa forma ainda grandiosos que se estendiam ao longo da calçada. Porém, entre aqueles arranha-céus e seu escritório malconservado, o que havia era basicamente um grande deserto de decadência. Os cassinos e hotéis podiam até dar uma impressão de prosperidade e beleza, mas as outras construções não chegavam nem perto disso.

A questão não era apenas que Harry gostava do sexo, da jogatina e da agitação da cidade, embora sem dúvida tudo isso fosse inebriante. O fato é que as pessoas dali – os locais, se você preferir – eram também impotentes. Na época em que era um advogado de elite, Harry tinha ajudado os mais poderosos – aqueles que, por terem nascido em berço de ouro, nunca tinham passado nenhuma dificuldade na vida, mas ainda assim sentiam necessidade de trapacear. No caso das pessoas dali, era exatamente o contrário. Elas haviam nascido com todas as probabilidades contra elas. Estavam fadadas à má sorte, a quebrar a cara em tudo o que tentassem fazer.

Elas precisavam – e mereciam – saber como era, pelo menos uma vez na vida, ter alguém do seu lado. Serem respeitadas. Só uma vez. Nada mais que isso. Não importava se fossem culpadas ou inocentes. Não importava o certo ou o errado. Independentemente do que tivesse acontecido em

suas patéticas vidas, Harry Sutton queria garantir que, ao menos uma vez, elas tivessem essa sensação.

Era por isso que ele tinha ficado em Atlantic City.

E também porque adorava o sexo, a jogatina e a agitação.

O telefone tocou. Ele atendeu:

– Escritório de advocacia de Harry Sutton.

– Preciso ver sua cliente outra vez.

Era Broome.

– Pare de puxar meu saco e vá direto ao ponto – ironizou Harry.

– Preciso vê-la imediatamente.

O advogado não gostou do pânico na voz do policial.

– Não sei se isso vai ser possível.

– Dê um jeito.

Sutton estava habituado à impaciência dos policiais e a ser intimidado por eles. Isso não costumava afetá-lo, mas havia algo estranho acontecendo ali.

– Qual o problema?

– Surgiram alguns desdobramentos novos no caso.

– Por exemplo...?

– Pode haver outras vítimas.

Silêncio.

– Não vejo como isso pode estar relacionado à minha cliente.

– Recebi uma fotografia pelo correio.

– De quem?

– Não sei. Remetente anônimo. Olhe, confie em mim só desta vez. Preciso saber se ela reconhece alguém ou algo nessa imagem.

Sutton hesitou.

– Harry?

– O que foi?

– Perceba que não estou fazendo nenhuma ameaça. Não estou, por exemplo, dizendo que poderia rastreá-la, ir até a casa dela e contar tudo para os vizinhos. Não estou dizendo que poderia colocar um retrato falado dela em todos os jornais ou coisa parecida.

– Bem, fico feliz em saber que você está mantendo sua palavra.

– Não tenho tempo para joguinhos, Harry. Podemos estar falando de um assassino em série. Estou fazendo tudo o que posso para não envolvê-la no caso. Ela voltou para fazer a coisa certa. Deixe que termine o trabalho.

– Posso telefonar para ela e perguntar – disse Harry.

– Várias informações estão surgindo a cada minuto, então não posso me afastar da delegacia. Você pode trazê-la até aqui?

– À delegacia? Você está brincando, né?

– Não tem nenhum problema nisso.

– Ah, tem, sim. Encontramos você no Heritage Diner. – O restaurante ficava a um quarteirão da delegacia. Não era perfeito, mas estava de bom tamanho.

– Preciso que ela esteja lá o mais rápido possível.

– Então vamos desligar para que eu possa entrar em contato com ela – falou Harry. – Se eu não telefonar de volta, nos encontramos daqui a meia hora no restaurante.

Harry encerrou a ligação e digitou o número do celular de Cassie. Ela atendeu no terceiro toque.

– Alô?

Ele ouviu sons ao fundo que deixavam evidente que ela não estava no trânsito a caminho de casa.

– Onde você está?

– No La Crème.

Harry não ficou surpreso. Broome também a havia visto lá. Consertar um erro não tinha sido o único motivo que a atraíra até ali.

– Estava prestes a ligar para você – começou ela.

– Ah, é?

– Quero contar algo importante a Broome.

– Bem, então está resolvido.

– Como assim? O que houve?

Ele falou sobre o telefonema do detetive e sobre o encontro no Heritage Diner.

– O que você acha? – perguntou ele.

– Acho que tudo bem – respondeu Cassie. Então, depois de uma pequena pausa: – Você faz alguma ideia do que tem nessa fotografia?

– Não, mas Broome acha que é importante. Ele disse algo sobre um assassino em série.

Alguns homens riram ao fundo. Harry ficou esperando do outro lado da linha.

– Cassie?

– Está bem – disse ela. – Encontro vocês no restaurante em 15 minutos.

Harry desligou o telefone. Girou sua cadeira e tornou a olhar pela janela, para a familiar vista da cidade. Alguém bateu à porta. Ele conferiu as horas. Já era tarde. Não tinha mais tempo para tratar de nada naquele dia, mas não era de seu feitio enxotar as pessoas.

– Pode entrar! – gritou ele com o entusiasmo de sempre.

Um jovem casal que parecia bastante deslocado naquele ambiente abriu a porta e entrou no escritório.

A bela loura disse:

– Boa noite, Sr. Sutton.

Os dois eram bonitos, sorridentes, bem vestidos e, por algum motivo que Harry não conseguia determinar – mas que logo descobriria ser um instinto primitivo e totalmente correto –, ele sentiu mais medo do que nunca.

capítulo 13

AINDA NO LA CRÈME, Megan brincava com o cartão em suas mãos, que dizia "Celeb Experience: Paparazzi de aluguel". Ela o virou e leu: "Weak Signal Bar & Grill". Uma mensagem chegou ao seu celular. Era de Dave e dizia:

CADÊ VOCÊ???

Cogitou ignorá-la, mas, afinal, por quanto tempo poderia fazer isso? A longo prazo, essa atitude só causaria mais problemas. Ela se perguntou o que fazer, o que deveria dizer naquele instante – e o que seria obrigada a lhe contar nos próximos dias. Aquela fachada que havia sustentado ao longo dos anos havia se tornado mais "ela" do que... bem... do que ela mesma. Mas isso não significava que Dave fosse entender.

Tornou a olhar para a simples mensagem que ele mandara: "Cadê você???"

Megan sabia muito bem que "fachada" queria dizer a mesma coisa que "mentira". Ela havia mentido para Dave desde que os dois se conheceram, no bar de um hotel em Boston, apenas quatros meses depois de Megan fugir de Atlantic City. Ela estava sozinha, assustada e precisando desesperadamente de dinheiro. Sem nenhuma perspectiva e com medo até de trabalhar em alguma das boates locais, Megan dava golpes em homens incautos para sobreviver. Colocava uma calça jeans para fazer o estilo universitário ("Estou cursando o último ano no Emerson College", dizia) e ficava pelos bares dos hotéis procurando suas vítimas – depois embebedava os homens (de preferência casados) ou então colocava algo em suas bebidas, levava-os para o quarto deles, roubava seu dinheiro e desaparecia na noite.

Na noite em que conheceu Dave tinha decidido ir ao Loews, um hotel no centro da cidade, pela primeira vez. Não vinha conseguindo muito dinheiro com os homens casados. Um grupo de alunos de Harvard entrou no bar, fazendo uma algazarra. Ela tentou não odiá-los, com seus rostos esnobes e suas mãos macias.

Calculou que ganharia uma grana fácil ali, embora soubesse que universitários raramente andam com dinheiro vivo, mas então algo surpreendente aconteceu. Quem saberia dizer o que foi? Pode ter sido o destino ou qualquer outra coisa, mas o fato é que ela começou a conversar com um dos estudantes, um rapaz tímido e gentil chamado Dave Pierce. Algo nele simplesmente a atraiu. Megan se sentia segura e confortável ao seu lado. Não foi como com Ray, como se tivesse sido fulminada por um raio. Isso viria mais tarde. Mas havia algo mais, algo profundo, forte e real.

Então Megan mentiu para ele. Que escolha tinha?

Eles conversaram a noite inteira e foi maravilhoso. Dave estava prestes a se formar em Harvard. Ela disse que estava terminando seu curso no Emerson College. Quando marcaram seu primeiro encontro de verdade, uma semana depois, Megan chegou até a pedir que ele a apanhasse na biblioteca da faculdade. Naquela época, os alunos ainda não precisavam de identidade para entrar nos prédios. Ela simplesmente empilhou um monte de livros numa mesa e ficou esperando.

As mentiras não pararam por aí.

Ela conhecia bem o campus. Falou para Dave que morava no Colonial Residence Hall, o

alojamento da universidade, mas que não podia recebê-lo lá porque dividia o quarto com uma chata, que detestava visitas. No que dizia respeito à família, contou-lhe a verdade: era filha única e seus pais tinham morrido quando ela era criança. Inventou que teve uma infância normal e sem graça em Muncie, Indiana, e fingiu que a lembrança de perder seus pais tornava difícil demais falar a respeito. Dave foi compreensivo. Se havia furos em sua história (e era claro que havia), ele nunca os investigou a fundo. Era ao mesmo tempo um homem crédulo e apaixonado. Se Megan havia escolhido esconder certas coisas dele, bem, isso só ajudava a torná-la mais misteriosa e talvez até mais atraente. Em sua visão ingênua do mundo, não poderia ser nada de mais. E, afinal, que diferença poderiam fazer alguns detalhes contraditórios em sua história de vida?

Além disso, Maygin-Cassie-Megan mentia muitíssimo bem.

Mas agora a fachada (leia-se: a mentira) estava correndo sério perigo de desmoronar. Depois de todos aqueles anos, de todo aquele trabalho, ela havia escolhido colocar tudo em risco. E por quê? Para consertar o passado? Em troca de um pouco de aventura? Ou será que, em seu inconsciente, ela queria ser descoberta? Será que a máscara era pesada demais para que ela a usasse pelo resto da vida?

Como Dave reagiria à verdade?

Megan respirou fundo e respondeu ao torpedo:

HOJE A KAYLIE VAI VOLTAR COM OS PRESIER.
JORDAN TEM PROVA DE MATEMÁTICA E PRECISA ESTUDAR.

Após uma breve pausa, recebeu outra mensagem de Dave.

ONDE VOCÊ ESTÁ?!?!?

Ela encarou a pequena tela por alguns instantes, então digitou:

PRECISO RESOLVER UM ASSUNTO. NÃO SEI BEM
A QUE HORAS VOU CHEGAR. TE AMO.

Outra pausa. Megan esperou o telefone tocar, mas isso não aconteceu. Em vez disso, recebeu mais uma mensagem do marido:

NÃO ESTOU ENTENDENDO.

Ela respondeu imediatamente.

VAI FICAR TUDO BEM. CONFIE EM MIM.

Que piada! Ela estava falando sério, mas que piada. "Confie em mim." Era só o que faltava. Ela não esperou a resposta. Estava na hora de encontrar Broome novamente.

Megan guardou o celular e começou a se levantar para ir embora. A boate estava enchendo e Lorraine estava ocupada. Acenou com a cabeça para se despedir de sua velha amiga, que levantou

uma sobrancelha em resposta. Foi em direção à porta, ziguezagueando pelos homens que olhavam descaradamente para ela. Fora de um lugar como o La Crème, os homens querem olhar para as mulheres dessa forma, mas nós os forçamos a serem discretos. Ali, o preço que pagavam pelo couvert lhes dava o direito de ignorar esse tipo de dissimulação.

Ela se perguntou por um breve instante se Dave teria frequentado alguma vez uma boate como aquela. Caso tivesse, não havia lhe contado, mas, como Megan sabia muito bem, a maioria dos homens casados jamais contaria. Será que seu marido também gostava de olhar descaradamente para outras mulheres, ter uma stripper dançando em seu colo ou qualquer coisa do tipo? E isso tinha alguma importância?

Quinze minutos depois, Megan entrou no Heritage Diner. O lugar era maravilhosamente antiquado. Os reservados ainda tinham aqueles pequenos jukeboxes, mas ela duvidava que ainda funcionassem. Um homem com tufos grossos de cabelos nas orelhas encontrava-se atrás da caixa registradora. Salgados envelheciam nas estufas de vidro. As paredes tinham fotografias autografadas de âncoras de telejornal da região. As garçonetes usavam uniformes e faziam o tipo abusado.

Broome se levantou quando ela entrou e foi em sua direção.

– Obrigado por me encontrar outra vez – disse ele.

– Onde está Harry?

– Ainda não chegou. – Os dois se sentaram no reservado. – Quer comer alguma coisa?

– Não, obrigada.

Broome apontou para sua própria xícara.

– Estou tomando café. Quer um?

Megan balançou a cabeça e olhou de volta para a porta.

– Harry deve estar chegando.

– Se importa se começarmos de uma vez? – perguntou Broome. – Estou meio sem tempo.

– Sem meu advogado?

– Você não precisa de advogado. Não é suspeita de nada e estou realmente bastante atolado. Pode ser?

Ela não respondeu, e Broome foi em frente.

– O Mardi Gras significa alguma coisa para você? – perguntou ele.

– Achei que você fosse me mostrar uma foto.

– E vou, daqui a pouco. Mas queria lhe perguntar antes sobre o Mardi Gras.

– Se significa alguma coisa para mim?

– Exato.

– Você sabe que sim.

– Importa-se de dizer por quê?

– Achei que você estivesse com pressa.

– Tenha paciência comigo, pode ser?

Megan deu um suspiro.

– Quando eu fugi, naquela noite sobre a qual lhe falei, era dia de Mardi Gras.

Broome pareceu satisfeito.

– Algo mais?

– Como o quê, por exemplo?

– Qualquer coisa. Você se lembra de algo estranho que tenha acontecido no Mardi Gras de outro ano? De algum cliente suspeito frequentando a boate na data? Qualquer coisa mesmo.

Ela pensou por alguns instantes.

– Não.

Broome tinha uma pasta de arquivo à sua frente. Cutucou-a com o indicador. Megan esperou que ele a abrisse. A garçonete apareceu com um bule.

– Mais um pouco de café, querido? – perguntou ela, mascando um chiclete do tamanho de uma esponja de cozinha. Broome balançou a cabeça para despachá-la.

Depois que ela saiu, ele parou de cutucar a pasta e a abriu. Deslizou a fotografia pela mesa na direção de Megan. Ela achava que não tinha nada a esconder – ou pelo menos era isso que havia dito a si mesma –, então não tinha pensado em nenhum tipo de proteção ou disfarce.

Quando pousou os olhos sobre a imagem, seu corpo inteiro estremeceu.

Megan nem teve tempo de esconder. O detetive tinha notado. Sem dúvida. Ela estendeu a mão devagar e aproximou a foto do rosto.

– Reconhece alguma coisa? – perguntou ele.

Ganhe tempo, pensou ela. *Recupere o controle.*

– Se está me perguntando se já vi esta foto antes, a resposta é não.

– Mas reconheceu o local, não foi?

Megan assentiu lentamente.

– Importa-se de me dizer de onde?

Ela engoliu em seco.

– Fica no parque que mencionei para você. As ruínas da fábrica de minério de ferro.

– Onde você encontrou Stewart Green se esvaindo em sangue?

– Isso.

Silêncio.

– Você reconhece o homem na foto?

No canto superior esquerdo da imagem havia um sujeito com as pontas dos cabelos descoloridas e uma camiseta apertada. Broome provavelmente tinha suposto que Megan o reconhecera e que fora por isso que ela reagira daquele jeito.

– Não consigo ver o rosto dele direito – falou ela.

– Não faz ideia de quem seja?

– Não, não faço ideia.

– Mas este é com certeza o local em que você viu Stewart Green pela última vez?

Ela fingiu olhar uma segunda vez para a foto, embora não houvesse dúvida.

– É, sim.

Broome espalmou as duas mãos sobre a mesa.

– Tem algo mais que você possa me dizer sobre esta foto?

O fato de Broome ter uma fotografia daquela trilha em Pine Barrens era surpreendente, claro, mas nada chocante ou assombroso. O que a impressionou, e fazia com que fosse tão difícil para ela se mover, falar ou agir naturalmente, não foi a localização ou o homem com as pontas descoloridas dos cabelos.

Foi a fotografia em si.

– Como você conseguiu isto? – perguntou ela.

– Por quê?

Ela precisava tomar cuidado. Deu de ombros com o máximo de indiferença que pôde e contou outra mentira.

– Estou curiosa para saber como você arranjou uma foto do local exato que eu mencionei no escritório de Harry.

Ele analisou seu rosto. Ela tentou olhá-lo nos olhos.

– Ela foi enviada para a delegacia numa carta anônima. Na verdade, o remetente se esforçou bastante para garantir que eu não descobrisse sua identidade.

Megan sentiu um calafrio descer pela sua espinha.

– Por quê?

– Não sei. Algum palpite?

Sim, Megan tinha um palpite. Quando se apaixonara por Ray Levine, ela não sabia nada sobre fotografia. Mas ele lhe ensinou. Falou sobre luz, enquadramento, abertura do diafragma, composição e foco. Levou-a aos lugares que mais gostava de fotografar. Com frequência, tirava fotos da mulher que supostamente amava, ou seja, ela.

Ao longo dos anos, Megan havia pesquisado o nome de Ray no Google, na esperança de achar novas fotografias suas, mas tudo o que encontrava era anterior à época em que se conheceram, quando ele ainda era um fotojornalista de renome. Não havia nada que tivesse sido produzido depois. Mas ela ainda se lembrava do seu trabalho. Sabia o que ele gostava de fazer com a câmera – os enquadramentos, a composição, a luz, a abertura do diafragma e tudo o mais –, de modo que, mesmo depois de todo aquele tempo, não lhe restavam dúvidas.

Ray Levine havia tirado aquela foto.

– Não – respondeu Megan. – Nenhum palpite.

Então, ouviu-o dizer baixinho:

– Ah, droga, agora não.

Ela se virou, esperando ver Harry Sutton, mas não, o problema não era esse. Dois homens tinham acabado de entrar no restaurante. Um tinha "policial veterano" escrito na testa – cabelo crespo e grisalho, distintivo pendurando no cinto, as mãos puxando as calças para cima como se ele estivesse numa missão nobre e muito importante. O outro usava uma camisa havaiana ridiculamente berrante. Os três primeiros botões de cima estavam abertos, mostrando cordões de ouro e medalhões enredados nos abundantes cabelos do peito. Devia ter uns 50 e tantos anos, talvez mais, e parecia confuso, desorientado. O policial veterano escolheu um reservado e se sentou. Camisa Havaiana o seguiu arrastando os pés e desabou em seu banco como se fosse uma marionete cujos fios tivessem sido cortados.

Broome manteve a cabeça abaixada e ficou olhando para seu café, claramente tentando se esconder. Não adiantou. Policial Veterano estreitou os olhos. Levantou-se e disse algo para Camisa Havaiana. Se o outro ouviu, não deu nenhuma indicação disso. Ficou apenas sentado ali, encarando a mesa como se ela ocultasse algum segredo profundo e sombrio.

Policial Veterano começou a ir na direção deles. Broome se apressou em guardar a fotografia de

volta na pasta, para que seu colega não a visse.

– Broome – disse Veterano, balançando de leve a cabeça.

– Comissário.

Havia tensão no ar. Goldberg deixou seus olhos deslizarem até Megan.

– E essa, quem é?

– Jane – mentiu Broome. – Uma velha amiga.

– Não me parece velha – disse Goldberg, invadindo o espaço dela e a encarando com firmeza.

– Encantada – cumprimentou Megan em um tom inexpressivo.

Goldberg não gostou disso.

– Você é da polícia? – perguntou a ela.

Nossa, pensou Megan, *eu mudei mesmo com o passar dos anos*.

– Sou só uma amiga.

– Amiga, sei... – Goldberg deu uma risadinha sarcástica e se virou para Broome. – O que está fazendo aqui?

– Tomando um café com uma velha amiga.

– Já viu quem está comigo?

Broome assentiu.

– O que devo dizer a ele? – continuou Goldberg.

– Que estamos avançando.

– Nada mais específico?

– Por enquanto, não.

Goldberg fechou a cara e deu as costas para ele. Depois que foi embora, Megan lançou um olhar interrogativo para Broome.

– O homem que está com ele é Del Flynn – explicou Broome –, pai de Carlton.

Megan se virou na direção deles. A corrente de ouro do sujeito brilhava em seu peito exposto. Sua horrível camisa havaiana era tão laranja e tão radiante que era quase uma negação de tudo por que ele estava passando – o que também era uma fachada, embora, neste caso, completamente inútil. Até um cego conseguiria ver quanto Del Flynn estava devastado. Seus ombros encurvavam-se para a frente. Seu rosto, com a barba por fazer havia vários dias, estava encovado. Para completar, ele tinha aquela expressão desnorteada, o olhar a quilômetros de distância dali.

O que havia acontecido àquele homem era o maior pesadelo de qualquer pai. Megan pensou em seus próprios filhos, em seu comentário estupidamente arrogante de que a pior coisa de ser mãe era viver em função da felicidade deles, e então voltou a olhar para o pai de Carlton Flynn.

– Assustador, não? – falou Broome.

Ela ficou calada.

– Agora entende o que estou tentando fazer?

Ela continuou em silêncio.

– Stewart Green tinha pais, também – prosseguiu ele. – Tinha esposa e filhos. Olhe só para aquele cara ali. Agora imagine quantas noites ele passou em claro. Imagine sua espera por alguma resposta. Imagine a agonia dele se estendendo por alguns dias, depois semanas. Imagine o tormento.

– Já entendi – falou Megan com impaciência. – Você não é nada sutil, Broome.

– Só estou tentando fazer com que você compreenda. – Ele gesticulou para pedir a conta. – Tem

algo mais sobre aquela fotografia que você possa me dizer?

Ray, pensou Megan, mas jamais lhe diria isso. Balançou a cabeça.

– Não, nada.

– Mais nada sobre nada?

Broome a encarou com firmeza. Megan tinha ido até ali preparada para lhe contar algo importante. Agora não tinha certeza se deveria. Sua cabeça estava a mil. Ela queria colocá-la no lugar, ter a chance de pensar com clareza no assunto.

Broome esperou.

– Uma pessoa que deve permanecer anônima – começou a falar Megan – talvez (com ênfase na palavra "talvez") tenha visto Stewart Green recentemente.

Foi a vez de Broome ficar pasmo.

– Está falando sério?

– Não, acabei de inventar. É claro que estou falando sério. Mas a minha fonte não tem certeza. Pode ter sido só um cara parecido com ele. Já faz 17 anos, lembra?

– E você não vai me dizer o nome dessa fonte?

– Não, não vou.

Broome fez uma careta.

– Quer que eu lhe mostre aquele pai angustiado outra vez?

– Só se você quiser que eu me levante e vá embora agora mesmo.

– Está bem, está bem. – Ele ergueu as mãos, em um gesto de trégua. – Quando sua fonte viu Stewart?

– Há algumas semanas.

– Onde?

– Na cidade.

– Onde na cidade?

– No La Crème. E é escuro lá dentro. – Megan abriu a boca e quase disse a palavra *ela*, mas se conteve no último momento. – Minha fonte disse que o viu só por um instante e que talvez nem fosse ele.

– E essa fonte é confiável? – quis saber Broome.

– É.

– Você acha que ela realmente viu Stewart Green?

– Não tenho certeza.

– De novo: existe mais alguma coisa que você possa me dizer?

Megan balançou a cabeça.

– Não, é só isso.

– Certo, então já acabamos por aqui. – Broome se levantou. – Preciso ir correndo para a cena do crime.

– Ei, espere um instante.

Broome baixou os olhos para ela.

– Que cena do crime? – perguntou Megan.

– As ruínas da fábrica, lembra?

Ela franziu a testa.

– Como assim? Você acha mesmo que ainda pode haver sangue, fibras ou coisa parecida por lá depois de todo esse tempo?

– Sangue ou fibras? – respondeu ele, balançando a cabeça. – Você está vendo muito *CSI*.

– Então o quê?

– Às vezes, a história se repete.

– Como assim?

– O homem na fotografia que eu lhe mostrei.

Megan esperou, mas já sabia do que ele estava falando. Os olhos de Broome voltaram para o reservado no canto.

– É Carlton Flynn.

capítulo 14

MEGAN CONTINUOU ONDE estava por alguns instantes. Não parava de lançar olhares furtivos para o pai de Flynn, mas sua mente estava fixada no passado. Ray. A fotografia não deixava dúvidas.

Ele estava de volta.

Mas o que isso significava? Por que Ray mandaria aquela foto para Broome – partindo do princípio que havia sido ele mesmo o remetente? E, mais importante: por que tinha tirado aquela fotografia, para começo de conversa?

Ela ainda tinha muitas perguntas. A verdade era que Megan acreditava em Lorraine. Sua amiga não se enganaria em relação a algo tão importante. Então a questão era: como Stewart Green poderia estar de volta? Onde havia se metido nos últimos 17 anos? O que realmente tinha acontecido naquela noite? Que papel Ray desempenhara na história – e como tudo aquilo poderia estar relacionado com um rapaz chamado Carlton Flynn, 17 anos depois?

Ela não fazia ideia.

Parte do motivo que levara Megan a nunca entrar em contato com Ray tinha sido a intenção de protegê-lo – como ele havia tentado protegê-la. Mas agora, 17 anos depois, com um segundo homem desaparecido naquela mesma trilha remota do parque... simplesmente não fazia sentido.

Ela tornou a sacar o cartão de visitas. Fester no Weak Signal.

Ainda podia tomar a atitude mais inteligente. Sim, ela havia aberto aquela porta para o passado, mas por enquanto nada tinha de fato saído de lá. Seria possível simplesmente fechá-la de novo. Nada de mau aconteceria. Ela fizera sua parte. Poderia pegar seu carro, voltar para casa e inventar uma nova história para Dave, talvez comprar uma churrasqueira nova no caminho e lhe dizer que era esse o motivo de tanto segredo, que ela queria lhe fazer uma surpresa. Era só fazer isso e estaria tudo acabado.

Ela dera as costas para aquele mundo 17 anos antes. Telefonaria para Harry Sutton, apesar de ele não ter aparecido no restaurante, e lhe diria que para ela bastava. Não devia nada àquela cidade.

E quanto a Ray?

Um ex-namorado. Nada mais.

Isso sempre tinha sido um problema. Por definição, um ex é alguém com quem você terminou. O fim pode ter sido amigável ou não, mas um dos dois (ou ambos) já não sentia mais nada pelo outro e o relacionamento acabou. Mas, no caso deles, não tinha sido assim. Ela era louca por Ray. Ele era louco por ela. Os dois não tinham terminado. Haviam sido arrancados um do outro. Por mais que odiasse o termo, talvez eles precisassem, como qualquer outro casal, de algum tipo de "desfecho".

Ray poderia estar enfrentando sérios problemas.

Ray poderia *ser* um sério problema.

Ela lançou outro olhar furtivo para o pai de Carlton Flynn e sua camisa havaiana. Ele estava olhando em sua direção e seus olhares se cruzaram. Não por muito tempo, apenas por uns dois segundos, mas ela pôde sentir sua dor, sua confusão, sua raiva. Será que Megan conseguiria simplesmente dar as costas àquilo tudo? Será que seria capaz de dar as costas a Ray mais uma vez?

Seu lado altruísta sabia que não poderia fazer isso – ou que pelo menos não deveria. Seu lado

egoísta também não queria fechar aquela porta, pelo menos por enquanto. Fazer isso significaria voltar para sua vida de sempre. Ela deveria agradecer por essa possibilidade, mas, naquele instante, a simples ideia de retornar para sempre ao seu papel a aterrorizava.

Na verdade, não tinha escolha.

Ela precisava encontrar Ray. Tinha que lhe perguntar sobre a fotografia. Precisava saber o que de fato havia acontecido com Stewart Green 17 anos atrás.

Evitando os olhos do pai de Carlton Flynn, Megan saiu do reservado e se encaminhou para o Weak Signal a fim de encontrar Fester.

◆◆◆

A pista que mudou o rumo da investigação surgiu assim que Broome chegou às ruínas da velha fábrica de minério de ferro.

– Sangue – disse Samantha Bajraktari.

O local estava deserto, sem nenhum carro ou qualquer outro tipo de veículo por perto. Enquanto os conduzia por uma trilha estreita, um guarda-florestal de Nova Jersey explicou-lhes a história da fábrica, que datava do século XVIII. Os integrantes do grupo eram Broome, um veterano chamado Cowens, dois agentes do condado que Broome não conhecia e dois peritos criminais – um deles a já citada Samantha Bajraktari. Os agentes e peritos seguiam na frente, enquanto Cowens, um fumante inveterado, bufou e resfolegou até ficar para trás.

Broome se agachou ao lado de Bajraktari. Havia cinco anos que ela era a chefe da perícia e, sem sombra de dúvida, a melhor profissional desse tipo que ele já tinha visto em ação.

– Qual a quantidade de sangue que tem aí?

– Ainda não sei.

– O suficiente para termos certeza de que a pessoa morreu?

Bajraktari inclinou a cabeça, indecisa.

– Não pelo que estou vendo, mas é difícil dizer. Parece que parte dele foi enterrada.

– Com uma pá?

– Ou até um sapato, talvez. Está logo abaixo da superfície.

– E quanto ao tipo sanguíneo ou uma amostra de DNA compatível com o de Carlton Flynn?

Bajraktari franziu a testa.

– Nós chegamos há cinco minutos, Broome. Será que você pode me dar um pouco de espaço ou é pedir demais?

Os dois agentes cercaram a área com fita de isolamento amarela, o que parecia meio desnecessário ali, no meio do nada. A noite começava a cair e eles teriam que parar de trabalhar em breve. Estavam longe demais para mandar buscar os holofotes grandes. Broome olhou para os restos do que havia sido um alto-forno 200 anos antes. Começou a andar de um lado para outro e então, quando percebeu que podia estar perto demais da cena do crime e, correndo o risco de estragar alguma pista, voltou a descer a trilha.

Cowens, com um cigarro plantado na boca, finalmente os alcançou. Curvou-se, apoiando as mãos nos joelhos e tentando sugar oxigênio.

– Encontraram algum corpo? – perguntou ele com esforço.

– Ainda não.

– Bem, não vou gostar nadinha se tiver andado isso tudo à toa.

– Quanta simpatia, Cowens.

– E tem mais: se encontrarem um corpo, acho melhor ter algum veículo para buscá-lo aqui. Não estou nem um pouco a fim de voltar andando. Meus pés estão me matando.

– Você não precisava vir. Falei isso quando estávamos no estacionamento.

Cowens descartou o comentário com um aceno e conseguiu se endireitar. Ajeitou as calças e passou as mãos pelo cabelo. Broome ficou calado. Por fim, o veterano foi em direção a Bajraktari, baixando a fita amarela no caminho.

– Ei, Samantha – disse ele, abrindo um grande sorriso. – Você está linda hoje.

Bajraktari ergueu os olhos para ele com o rosto inexpressivo.

– Você está contaminando minha cena do crime, Cowens.

– Só estou dizendo que, mesmo com esse jaleco da perícia, você está uma gata. – Cowen sorriu mais um pouco, e então ficou sério de repente. – Olha, não estou assediando você nem nada, estou só comentando.

Broome balançou a cabeça. Agora entendia por que Cowens tinha insistido em ir junto. Estava vidrado em Samantha Bajraktari. Inacreditável.

– Só fique atrás da fita amarela – falou ela, irritada.

Mas de repente Cowens parou de ouvir. Ele virou a cabeça devagar de um lado para outro. Uma expressão estranha tomou conta de seu rosto.

– Que foi? – perguntou Bajraktari.

Cowens estreitou os olhos.

– Estou tendo um *déjà-vu*.

– É, aqui parece um ponto de travestis – disse Bajraktari.

– Muito engraçado.

Samantha Bajraktari retornou ao trabalho. Ainda com uma expressão confusa, Cowens se arrastou para o lado de fora da fita. Enquanto isso, Broome teve uma ideia. Erguendo a fotografia com a mão direita, ele começou a girar o corpo, tentando entender de onde exatamente ela havia sido tirada. Subiu um pouco a colina, olhando para trás a cada poucos passos, tentando estimar o local preciso. O trajeto o afastou da trilha.

Ele andava devagar, mantendo os olhos no chão, até que... Bingo!

– Bajraktari – chamou ele.

– O que foi?

– Encontrei algo que parece ser uma pegada de sapato aqui. Será que você pode providenciar um molde? Na verdade, talvez vocês devessem vasculhar toda a área para ver se encontram mais alguma coisa.

– Sem problema. Quer dizer, isso se não ficarmos pisoteando o terreno como um bando de cavalos.

Bajraktari disse algo para o outro perito, um cara que parecia ter uns 13 anos. Ele se aproximou de Broome, que lhe mostrou a pegada e foi voltando com todo o cuidado para a clareira. Parou ao lado de Cowens e tentou refletir sobre o caso.

Dezessete anos antes, no dia do Mardi Gras, Stewart Green fora àquele local no meio do nada para

ser... o quê?... esfaqueado? E então desaparecera para sempre. Agora Broome tinha uma foto, infelizmente sem marcação de data, mostrando Carlton Flynn, outro homem que sumira no Mardi Gras, naquele mesmo local remoto. Além disso, eles tinham acabado de encontrar amostras de sangue no chão que claramente não tinham 17 anos de idade. Para completar, agora, 17 anos depois do sumiço de Stewart Green, tinham surgido outros dois novos e estranhos desdobramentos. Primeiro, o reaparecimento da escorregadia Cassie. Por que ela voltara? Será que estava dizendo a verdade? E, segundo, o possível reaparecimento de Stewart Green.

Estaria seu retorno relacionado a Cassie?

Se não estivesse, parecia uma baita coincidência. Isso se ele tivesse mesmo voltado. Cassie poderia simplesmente ter inventado a história ou sua "fonte" poderia ter se enganado.

Somando-se a isso todas aquelas novas pistas... Broome estava totalmente perdido.

Então, enquanto ele remoía o caso em Pine Barrens, a pista que mudou o rumo da investigação veio de onde menos se esperava.

– Lembrei – disse Cowens.

– De quê?

– Aquele *déjà-vu* de que eu falei antes. Agora me lembro de onde ele veio. – Cowens tirou o cigarro da boca. – Daquele caso importante de assassinato.

Isso chamou a atenção de Broome.

– Que caso importante?

– Você deve se lembrar. Como era mesmo o nome do cara? Gunner, Gunther, uma coisa dessas.

Broome puxou pela memória, sentindo seu coração se acelerar.

– Ele foi esfaqueado, não foi?

– Isso mesmo. Foi encontrado por um grupo que estava fazendo trilha, aqui, há uns... 20 anos? Lesões múltiplas provocadas por uma arma branca.

– E você tem certeza de que era este o local?

– Tenho, por causa do antigo forno e daquela pedra. Isso, foi aqui mesmo.

– Quando foi isso, você lembra?

– Como eu disse, há uns 20 anos.

– Estou falando do dia.

– Está brincando, né?

– E quanto à época do ano?

Cowens pensou um pouco.

– Estava frio.

– Tipo agora?

– Não sei. Acho que sim.

Broome poderia averiguar quando voltasse à delegacia.

– Você estava no comando?

– Não, eu ainda era do baixo escalão. Foi Morris quem prendeu o sujeito, acho, mas eu participei da operação. Quer dizer, nem tanto. Eu era o reforço do reforço. Mal saí da viatura. O autor do crime logo se rendeu.

– O caso foi resolvido, não foi?

– Foi, não teve muito mistério. Um triângulo amoroso ou coisa parecida, nem lembro mais. O que

me lembro é do criminoso abrindo o berreiro, dizendo que nem conhecia o cara, que sua namorada nunca o trairia, o de sempre.

– Eles conseguiram a confissão?

– Não. O cara jurou que era inocente. Acho que deve jurar até hoje. Mas foi condenado à prisão perpétua. Acho que está cumprindo pena em Rahway.

capítulo 15

Só de abrir a porta do Weak Signal Bar & Grill, suas artérias se entupiam de gordura e seus pulmões ficavam negros. A clientela de baixo nível fazia várias coisas virem à sua cabeça, mas "preocupação com a saúde" e "vida longa" não estavam entre elas. A TV atrás do bar estava ligada em um canal de esportes. Havia um letreiro de neon de uma marca de cerveja na vitrine. Segundo o quadro de programações, aquela era a "Noite das Mulheres", com "Cerveja a um Dólar para Garotas", uma jogada de marketing que, pelo jeito, atraía certo tipo de clientela feminina. Por exemplo, uma loura que gargalhava querendo chamar a atenção e usava uma blusa amarela que dizia, em bom português, "A Raspa do Tacho" – o que, lamentavelmente, parecia muito apropriado.

Para se ter uma ideia do nível do lugar, Megan precisou abanar a mão para afastar a fumaça, embora não houvesse ninguém fumando. A decoração consistia em alvos para dardos, trevos e imagens publicitárias de equipes esportivas. Ela estava vestida como qualquer mãe de sua condição social, com um casaco de pelo de camelo e uma bolsa a tiracolo, mas, embora esse estilo não tivesse nada a ver com aquele lugar, ninguém lhe deu muita atenção. A maioria das pessoas frequentava o bar justamente para *não* ser reconhecida. Ela provavelmente não era a primeira esposa aparentemente feliz que havia saído do centro de convenções e entrado ali em busca de anonimato.

Lorraine havia descrito Fester da seguinte forma: "Sem um fio de cabelo na cabeça e mais largo que um prédio." Por incrível que pareça, havia pelo menos três homens ali que se encaixavam nessa descrição. Ela correu os olhos pelo recinto, torcendo para que Ray também estivesse ali. Isso facilitaria bastante as coisas, não? Eliminaria o intermediário. O pensamento fez seu coração acelerar um pouco.

Será que ela estava mesmo preparada para ver Ray? E, quando isso acontecesse, o que diria a ele?

Não importava. Ele não estava ali. Um dos três possíveis Fester a encarava. Megan se aproximou dele e perguntou:

– Seu nome é Fester?

– Meu bem, posso me chamar como você quiser.

– Se tivesse mais tempo, com certeza iria para um lugar mais reservado com você, mas estou com um pouco de pressa. Você sabe quem é Fester?

O homem fez uma careta e apontou para outro cara – o maior de todos – com o polegar. Megan agradeceu a informação e foi em direção a ele.

– Seu nome é Fester?

Os antebraços do homem pareciam duas colunas de mármore. A caneca de cerveja parecia um copinho de cachaça em sua mão enorme.

– Quem quer saber?

– Quem você acha? Eu.

– E qual é o seu nome?

– Isso não tem importância.

– Você veio me entregar alguma intimação?

Megan franziu a testa.

– E eu lá tenho cara de oficial de justiça?

Ele a olhou da cabeça aos pés.

– Tem um pouco, sim.

Nossa, pensou Megan pela segunda vez naquele dia, *estou mesmo bastante mudada...*

– Estou atrás de um homem que trabalha para você.

– Para entregar alguma intimação a ele?

– Não. Eu já disse que não sou oficial de justiça.

– Quem é o cara?

– Ray Levine.

Se Fester conhecia o nome, não deixou transparecer. Ele ergueu sua cerveja e tomou um grande gole.

– O que você quer com ele?

Boa pergunta. Ela pensou no que dizer e se decidiu pela verdade.

– Ele é um velho amigo.

Fester a analisou mais um pouco.

– E que assunto você tem para tratar com meu funcionário?

– Não me leve a mal, mas você é o patrão ou a mãe dele?

Ele sorriu ao ouvir isso.

– Deixe-me pagar uma bebida para você.

– Está brincando, né?

– Não se preocupe, eu sou inofensivo. O que você quer beber?

Megan deu um suspiro. Seu telefone não parava de tocar. Ela enfiou a mão na bolsa e o colocou no silencioso. *Vá com calma*, pensou ela. *Se não meter os pés pelas mãos, talvez acabe conseguindo o que quer.*

– Está bem, quero o que você estiver bebendo.

Ele pediu um tipo de cerveja light com notas frutadas. Megan odiava cerveja light, especialmente com sabor de fruta, mas era tarde demais. Tomou um gole.

– Qual é o seu nome? – perguntou Fester.

– Cassie.

Ele assentiu devagar.

– É você, né?

– Eu o quê?

– A mulher que partiu o coração de Ray. Que esmagou a alma dele e o transformou no farrapo humano que ele é hoje.

Megan sentiu um aperto no peito.

– Ele lhe disse isso?

– Não, mas está na cara. Como sabe que ele vai querer encontrar com você?

– Eu não sei.

– Seja como for, ele está no meio de um trabalho agora – afirmou Fester, estreitando os olhos. – Espere aí, eu não a conheço? Você não trabalhava aqui na cidade?

Aquilo era um mau sinal.

– Eu era leão de chácara – prosseguiu Fester. – Há muito tempo. Qual é o seu nome mesmo? Tenho certeza de que já vi você antes.

– Só queria falar com Ray – disse Megan.

Estava prestes a sair quando, sem o menor aviso, Fester sacou seu celular e tirou uma foto dela.

– Que porra é essa? Por que você fez isso?

– É para a minha coleção de fotos pornográficas. – Os dedos enormes dele digitavam no teclado do celular. – Na verdade, estou mandando a foto para Ray. Se ele quiser vê-la, vai me avisar e então eu falo com você. Pode me dar seu celular?

– Não.

– Então posso lhe oferecer outra bebida?

◆◆◆

Ken e Barbie começaram a limpeza.

Ela guardou com carinho sua nova ferramenta favorita: o ferro de solda com a ponta fina e afiada como uma agulha. Ele ainda cheirava a carne queimada. Pelo método de tentativa e erro, Barbie havia descoberto os pontos mais sensíveis, as terminações nervosas que causavam a mais insuportável das dores quando atingidas por um calor causticante. Tinha acabado de aplicar esse conhecimento no advogado Harry Sutton.

A jovem tirou seu avental e sua touca cirúrgica, assim como as luvas de látex, e os guardou também. Ken faria o mesmo, mas não agora. Sabia que, por mais cuidado que tivessem, algum vestígio de DNA era sempre deixado para trás. Era inevitável. Os laboratórios conseguiam fazer coisas extraordinárias hoje em dia, e a melhor maneira de lidar com esse fato era aceitá-lo.

Então, como agir?

A tática de Ken era confundir os investigadores. Ele guardava amostras aleatórias de DNA – cabelo, escamas de pele, saliva, entre outras coisas – em potes de plástico. Colhia essas amostras em banheiros públicos, por exemplo, por mais nojento que fosse. Um ótimo lugar para fazer isso era o acampamento de verão. Muitos conselheiros usavam lâminas de barbear descartáveis, que ele podia roubar com facilidade. Mictórios sempre tinham pelos pubianos. Chuveiros, então, nem se fala.

Sem tirar as luvas, Ken abriu um pote e, com uma pinça, apanhou alguns fios de cabelos e fragmentos de pele e os depositou perto – e até em cima – de Harry Sutton. Isso bastaria. Fechou o recipiente e o colocou de volta na bolsa. Estava dobrando o seu avental para guardá-lo quando o celular do advogado tocou.

Barbie conferiu o identificador de chamadas.

– Cassie.

Cassie. Harry Sutton tinha se mostrado muito mais resistente do que o esperado – ou talvez não soubesse a verdade a respeito dela. Depois de muitas técnicas de persuasão envolvendo o ferro de solda e sua uretra, ele lhes disse que a testemunha que o comissário Goldberg havia mencionado para Ken era uma ex-dançarina exótica chamada Cassie. O homem não revelou mais nada sobre ela, mas eles encontraram o número dela no seu celular.

Barbie usou sua voz mais meiga para atender à ligação.

– Escritório de Harry Sutton.

– Alô, posso falar com Harry?

– Quem deseja?

– Cassie.

– Ah, sinto muito, mas o Sr. Sutton não está disponível no momento. – Olhou para Ken, que ergueu o polegar para ela em um gesto afirmativo. – Poderia me informar seu nome completo e seu endereço, para que eu possa dar o recado a ele de forma mais detalhada?

– Espere um pouco, esse não é o celular de Harry?

– Qualquer ligação para o Sr. Sutton é transferida automaticamente para mim quando ele não pode atender. Lamento, Cassie. Qual é mesmo seu sobrenome?

A ligação foi cortada.

– Ela desligou – disse Barbie, fazendo beicinho.

Ken se aproximou dela e a abraçou.

– Não se preocupe.

– Achei que estivesse imitando uma secretária direitinho.

– E estava.

– Mas ela não abriu o jogo comigo.

– O que nos diz algo – falou Ken.

– O quê?

– Que ela está sendo cautelosa demais.

Sentindo-se melhor, Barbie começou a fazer que sim com a cabeça.

– O que significa que ela é muito importante para a nossa missão – disse ela.

– Com certeza.

– E agora?

– Nós temos o celular dela – falou Ken. – Não vai ser difícil descobrir onde ela mora.

capítulo 16

Sob o clarão do flash de Ray, a mulher parecia um animalzinho assustado diante dos faróis de um carro.

– Quem é a sortuda, George? – gritou Ray.

George Queller, talvez o cliente mais assíduo de Fester, protegeu sua acompanhante com o braço.

– O nome dela é Alexandra Saperstein.

Flash, clique, flash, clique.

– Como vocês se conheceram?

– Num site de relacionamentos para judeus solteiros.

– Parece obra do destino.

Ray não chamou atenção para o óbvio: George não era judeu. Aquele era apenas um trabalho. Sua mente não poderia estar mais longe dali, mas, francamente, como poderia ser de outra forma quando se fazia esse tipo de serviço?

Alexandra Saperstein pareceu encolher diante de toda aquela atenção. Com seu jeito tímido e retraído, até que era bonita, mas tinha aquele ar medroso que Ray geralmente associava a um histórico de abuso. O flash não ajudava nem um pouco. Ray o desativou enquanto continuava a tirar fotos, recuando um passo para dar um pouco de espaço para a moça aterrorizada. George percebeu e lhe lançou um olhar estranho.

Quando se aproximaram do restaurante, Maurice, o maître com sotaque francês carregado (nome verdadeiro: Manny Schwartz, que provavelmente deveria ter um perfil no site de relacionamentos para judeus), se dirigiu à porta do bistrô, abriu os braços e exclamou:

– Monsieur George, seja bem-vindo. Sua mesa já está pronta!

George olhou para Ray, esperando que ele dissesse sua fala no roteiro. Manter o rosto atrás da câmera era uma boa tática, pois assim Ray podia esconder sua vergonha enquanto gritava:

– O senhor pode divulgar o menu da noite para a imprensa?

Uma pequena parte de Ray morreu.

– Veremos – disse George em um tom esnobe.

O casal entrou. Ray fingiu querer segui-los, enquanto Maurice fingiu enxotá-lo com um empurrão. Um garçom se aproximou de Alexandra e lhe entregou rosas vermelhas. Ray tirou fotos pela janela. George puxou a cadeira para sua acompanhante. Ela se sentou, acomodou-se e finalmente pareceu estar confortável.

Mas isso não duraria muito.

Ray estava com a lente apontada para o rosto dela. Não conseguia evitar. Parte dele sabia que deveria desviar o olhar, mas o seu lado artístico queria registrar o momento em que o horror surgia. Enquanto a moça lia o cardápio, Ray sentiu seu telefone vibrar. Ele ignorou, ajustando o foco. Esperou. Primeiro, uma expressão confusa atravessou o rosto de Alexandra Saperstein. Ela estreitou os olhos para se certificar de que havia lido direito. Ray sabia que George tinha aplicado seu truque maluco e que o cabeçalho do menu dizia:

Primeiro encontro de George e Alexandra
Menu degustação
Vamos guardá-lo para mostrar aos nossos netos!

Foi então que a ficha caiu para ela. Seus olhos se arregalaram, mas o resto de seu rosto ficou petrificado. Ela levou as mãos às bochechas. Ray não parava de fotografar. Aquela poderia ser sua versão do quadro *O grito*, de Edvard Munch.

O garçom serviu champanhe. O novo roteiro exigia que Ray invadisse o restaurante para clicar o brinde. Ele foi em direção à porta e seu telefone tornou a vibrar. Ray deu uma olhada rápida e viu que Fester tinha enviado uma imagem. Que bizarro... Por que Fester lhe mandaria uma foto?

Enquanto entrava no restaurante, Ray abriu o arquivo anexado. Ergueu a câmera no momento em que George levantou sua taça. Alexandra olhou para Ray como se estivesse pedindo socorro. Ele conferiu rapidamente a fotografia que acabara de receber e sentiu seu coração parar.

Deixou a câmera cair ao lado do corpo.

– Ray? – chamou George.

Ele ficou olhando para o celular. Lágrimas começaram a nascer em seus olhos. Ele balançou a cabeça. Não era possível. Um turbilhão de emoções o invadiu, ameaçando dominá-lo.

Cassie.

Só podia ser uma brincadeira de mau gosto, alguém que se parecia com ela... Mas não, ele não tinha dúvidas. Ela havia mudado naqueles 17 anos, mas Ray jamais se esqueceria de seu rosto.

Por quê? Como? Depois de todo aquele tempo, como...

Ele estendeu a mão e, vacilante, acariciou a imagem com o dedo.

– Ray?

– Alexandra? – disse, sem desgrudar os olhos da foto.

Ele a ouviu se remexer na cadeira.

– Está tudo bem. Pode ir embora – falou Ray.

Não precisou mandar duas vezes. A mulher se levantou e foi em direção à porta. George começou a segui-la, mas Ray entrou na sua frente.

– Não faça isso.

– Não estou entendendo, Ray.

Alexandra saiu do restaurante e George se deixou cair de volta em sua cadeira. Ray olhou para a fotografia. Por que Fester a havia tirado? Tentou se acalmar o suficiente para compreender a situação. Estavam em um bar, provavelmente no Weak Signal. Entre todos os bares do mundo, ela fora parar justo naquele. Chegou à conclusão de que não havia a menor chance de ter sido coincidência.

– Por que, Ray?

– Só um instante – respondeu ele.

Pressionou um botão para ligar para Fester. *Que patético*, pensou. Era o único número na discagem automática. O telefone chamou.

– Não entendi essa garota, Ray – disse George. – Na internet, ela me contou que seu último namorado a tratava feito lixo, que não lhe dava a mínima e nunca saía com ela. E aqui estou eu,

fazendo o maior esforço, e ela surta na minha frente. Por quê?

Ray ergueu um dedo para pedir um instante. A ligação caiu na caixa postal. A mensagem dizia: "Fester. Bipe."

Ele deixou o seguinte recado: "Que porra de foto é essa? Ligue para mim imediatamente."

Desligou e começou a sair do restaurante.

– Ray?

Era George outra vez.

– Não consigo entender. A única coisa que quero é tornar a noite especial para elas. Será que as mulheres não entendem isso? Na internet, todas dizem que estão atrás de um cara romântico.

– Em primeiro lugar – falou Ray –, existe uma diferença sutil entre ser romântico e ser maluco. Entende o que estou dizendo?

George assentiu devagar.

– Acho que sim. Mas todas elas dizem...

– Em segundo lugar, tudo o que as mulheres dizem é conversa fiada. Falam que querem um cara romântico, que as trate como princesas, mas tudo indica o contrário. Elas sempre acabam escolhendo os homens que as tratam feito lixo.

– Então o que eu tenho que fazer? – perguntou George, claramente confuso. – Tratá-las como lixo também?

Ray pensou no assunto. Estava prestes a desfiar um rosário de conselhos, mas então, ao olhar para o rosto de George, disse simplesmente:

– Não mude absolutamente nada.

– Hã?

– Eu detestaria viver em um mundo sem caras como você. Então, não mude nada. Continue sendo o romântico, não o babaca.

– Você acha isso mesmo?

– Acho. Quer dizer, isso se você não fizer questão de se dar bem. Se quiser ser um pegador, está perdido.

George abriu um meio sorriso.

– Não quero ser um pegador. O que quero é encontrar uma companheira de verdade.

– Muito bem. Então não mude. Continue assim. – Ray deu outro passo em direção à porta, então parou e se virou. – Mas talvez você possa pegar um pouco mais leve. O cardápio personalizado já é demais.

– Sério? Talvez só precise mudar a fonte...

O celular de Ray tocou. Era seu chefe. Ele atendeu no mesmo instante.

– Fester?

– Então quer dizer que você conhece a garota da foto.

– Conheço. O que ela quer?

– O que você acha? Falar com você.

Ray sentiu seu coração bater loucamente no peito.

– Ela ainda está no Weak Signal? Já estou a caminho.

– Acabou de sair.

– Droga.

– Mas deixou um recado.
– Qual?
– Disse que vai estar na Lucy às onze.

capítulo 17

BROOME TELEFONOU PARA ERIN da cena do crime e lhe contou sobre o sangue que haviam encontrado e sobre a lembrança de Cowens.

– Já estou indo para a delegacia começar a pesquisa – disse ela.

Quando chegou, Erin estava na sua mesa, e não na que costumava ocupar. O lugar que tinha sido dela por mais de uma década pertencia agora a um bonitão de cabelo lambido que usava ternos de grife. Broome nunca conseguia se lembrar do nome dele, e em um lampejo de originalidade o apelidara de "Armani". Ele não estava na sala, então Broome se sentou em seu lugar. A mesa era ridiculamente bem-arrumada e cheirava a colônia.

– Não acredito que não percebi isso – falou Erin.

– Estávamos procurando homens desaparecidos, não mortos. E então, o que você descobriu?

– O nome da vítima era Ross Gunther, 28 anos.

Erin lhe entregou a fotografia, que mostrava o corpo caído de costas. O sangue estava coagulado ao redor do pescoço, como se ele estivesse usando um lenço vermelho-escuro.

– Ele nasceu em Camden, largou a escola no ensino médio e foi morar em Atlantic City – continuou ela. – Um verdadeiro zé-ninguém sem nenhuma perspectiva na vida. Era solteiro, com uma ficha criminal relativamente longa: agressão, comportamento violento, pequenos delitos. Também fez alguns trabalhos para um agiota, intimidando devedores.

– Qual foi a causa mortis?

– Sua garganta foi cortada violentamente.

– Violentamente? – Broome tornou a olhar a fotografia. – Parece que ele foi quase decapitado.

– Por isso eu disse "violentamente". Como você sabe, o encarregado do caso era Morris. Se quiser falar com ele, está morando na Flórida.

– Qual é a idade dele agora?

– De Morris? – Ela deu de ombros. – Uns 80, 85 anos.

– Ele já era senil quando entrei para a polícia.

– Enfim, duvido que você precise falar com ele.

– Ele já prendeu o homem que queria, não é isso?

Erin fez que sim com a cabeça.

– Gunther tinha começado a sair com uma garota chamada Stacy Paris. O problema era que ela estava envolvida com um cara esquentadinho conhecido como Ricky Mannion. Os dois homens eram muito possessivos, se é que você me entende.

Broome sabia muito bem do que ela estava falando. Tinha visto o tipo muitas vezes ao longo de seus anos na polícia – ciumento demais, de pavio curto, dominador, sempre segurando a mão da namorada em público como um cão marcando o território... em suma, um poço de insegurança disfarçado por uma atitude de machão. Nunca terminava bem.

– Então Morris conseguiu um mandado para revistar a casa de Mannion – continuou Erin – e a perícia encontrou evidências suficientes para metê-lo na cadeia.

– Que tipo de evidências?

– A arma do crime, por exemplo. – Ela lhe mostrou a fotografia de uma longa faca com o gume serrilhado. – Mannion chegou a limpá-la, mas ainda havia resquícios de sangue da vítima. Era o início dos testes de DNA. E, como se isso não bastasse, também acharam vestígios do sangue de Gunther no carro de Mannion e numa camisa que ele deixou perto da máquina de lavar.

– Uau – disse Broome.

– Pois é, um verdadeiro gênio, esse Mannion. Você nunca, jamais, vai adivinhar o que ele falou para se defender.

– Hum, me deixe pensar um instante. Ele alegou que... espere, não diga... armaram para cima dele?

– Nossa, você é bom mesmo.

– Não precisa se sentir intimidada. Sou um detetive profissional.

– Então provavelmente já sabe como essa história toda terminou. O caso mal foi aberto e já estava solucionado. Mannion foi condenado a uma pena de no mínimo 25 anos, podendo chegar a perpétua, em Rahway.

– O que aconteceu com a garota? A tal Stacy Paris?

– Você descobriu o corpo, digamos, há uma hora? Ainda estou trabalhando nisso.

– E quanto à grande questão? – perguntou Broome.

Erin sorriu.

– O quê? Quando ocorreu o assassinato?

– E eu achando que era o detetive profissional aqui...

– Onze de março, há 18 anos. E sim, era dia de Mardi Gras. Na verdade, a madrugada do dia seguinte. A questão é essa. O Mardi Gras daquele ano caiu no dia 10 de março, mas o corpo do nosso amigo Gunther só foi encontrado depois da meia-noite.

– Então, tecnicamente falando, não foi durante o Mardi Gras.

– Exato. E isso também acontece em alguns dos outros casos de desaparecimento, o que torna mais difícil perceber o padrão.

– Então precisamos procurar assassinatos ou sumiços que tenham acontecido nessa data ou por volta dela, assim como pessoas mortas ou desaparecidas no parque propriamente dito ou nos arredores dele. Aquela região é bastante remota. Um corpo poderia ficar dias, ou até semanas, por ali.

– Estou investigando – afirmou Erin.

Broome ficou olhando para ela enquanto roía uma unha solta.

– Que nojo – falou sua ex-mulher.

Ele não parou.

– Esse tal de Mannion.

– O que tem ele? – perguntou Erin.

– Se estivermos certos quanto ao padrão e existir mesmo um assassino do Mardi Gras, ou qualquer coisa parecida, à solta... – Broome se deteve. – Mannion estaria preso há 18 anos por um crime que não cometeu.

– Não vamos tirar conclusões precipitadas, Broome.

– Detetive?

Broome levou um susto ao ouvir a voz. Quando se virou, deu de cara com Del Flynn e sua camisa

havaiana berrante. Devia haver pelo menos 10 correntes de ouro em volta do seu pescoço. Broome conseguiu identificar uma medalha de São Judas Tadeu, uma âncora dourada e um pingente de ouro no formato de uma garota voluptuosa. Um conjunto bem variado.

– Sr. Flynn?

Goldberg estava parado alguns metros atrás dele. Del Flynn, como Broome já tinha sido lembrado diversas vezes, era muito rico. O prefeito e vários outros figurões haviam telefonado para o Departamento de Polícia de Atlantic City. Parecia até que eles tinham uma linha VIP de desaparecidos. Pensando melhor, deviam ter mesmo. Quem sabe? Broome não se ressentia do homem por isso. Se o seu filho desaparece, você faz tudo o que pode. Não mede esforços. Ele entendia isso.

Ele apresentou Flynn a Erin, que o cumprimentou e voltou a baixar a cabeça. Ela nunca tinha sido boa em lidar com as famílias das vítimas. "É como se algo tivesse se quebrado dentro deles", dissera a Broome certa vez. Agora, olhando dentro dos olhos de Flynn, ele achava que "devastado" traduzia melhor. "Quebrado" sugeria algo concreto, passível de ser consertado. Mas o que acontecia com eles era mais caótico, mais abstrato, irreversível.

– Alguma novidade? – perguntou Del Flynn.

– É cedo demais para afirmar, senhor.

– Mas vocês descobriram algo?

O desespero em sua voz era mais do que perceptível. Era algo vivo, pulsante e terrível. Ocupava todo o espaço da sala. Tornava o ar irrespirável. Broome esperou que Goldberg entrasse na conversa. O comissário olhou através do detetive, como se ele nem estivesse ali.

Flynn estendeu a mão e agarrou o braço do policial um pouco forte demais.

– Você tem filhos, detetive?

Broome tinha ouvido essa pergunta diversas vezes ao longo de seus anos na polícia. Sempre achou que ela beirava a condescendência (não que isso fizesse alguma diferença), mas novamente, diante daquela devastação, ele foi compreensivo.

– Não, senhor, não tenho. Mas a detetive Anderson, aqui, tem.

Isso mesmo, Broome tinha passado a batata quente para sua adorável ex-mulher. Flynn olhou para Erin, que manteve a cabeça abaixada. Após alguns segundos constrangedores, Broome teve a bondade de se meter entre os dois.

– Sr. Flynn – falou ele –, posso lhe garantir que estamos fazendo tudo o que podemos para encontrar seu filho. Mas, se tivermos que parar para informá-lo sobre o progresso da investigação enquanto estamos trabalhando, isso só vai nos atrasar. O senhor entende isso, não é? Eu posso usar meu tempo para investigar pistas e procurar seu filho ou para colocá-lo a par de cada novo desdobramento. Entende o que eu estou dizendo?

– Eu quero ajudar.

– Então nos deixe trabalhar em paz, está bem?

Quando Flynn ouviu isso, seus olhos arrasados se incendiaram – um breve lampejo de raiva antes de a devastação voltar a inundá-los. Foi então que Goldberg decidiu intervir.

– A meu ver, detetive Broome, o que o Sr. Flynn está pedindo...

Del Flynn pousou a mão no braço de Goldberg, interrompendo-o.

– Mais tarde.

Então começou a se retirar pelo corredor. Goldberg fuzilou Broome com o olhar uma última vez e se virou para segui-lo.

– Achei que Goldberg fosse abrir as pernas para o cara na nossa frente – disse Erin. – Ele deve ser mesmo podre de rico.

– Não estou nem aí – respondeu Broome. – Você tem o telefone da Penitenciária de Rahway?

Ela digitou o nome do presídio no computador. Era tarde, mas as prisões não funcionam só em horário comercial. Broome fez a ligação e explicou ao atendente que queria falar sobre um detento chamado Ricky Mannion. O homem pediu que ele aguardasse na linha.

– Aqui quem fala é o agente penitenciário Dean Vanech – disse uma voz do outro lado após alguns instantes.

– Meu nome é Broome e sou detetive de homicídios do Departamento de Polícia de Atlantic City.

– Em que posso ajudar?

– Estou ligando para falar sobre um dos seus detentos, um sujeito chamado Ricky Mannion.

– O que tem ele?

– Você o conhece?

– Conheço.

– Ele ainda afirma ser inocente?

– Todos os dias. Mas, quer saber? Quase todos os detentos aqui são inocentes. É impressionante. Ou somos todos uns incompetentes ou nossos convidados de honra não passam de um bando de mentirosos.

– O que você acha dele?

– Como assim?

– Ele é mais convincente que a maioria?

– Quando diz ser inocente? Como eu vou saber? Já vi caras aqui que colocam Robert De Niro no chinelo.

Pelo que Broome estava vendo, falar com aquele tal de Vanech seria uma perda de tempo.

– Eu gostaria de fazer uma visita a ele amanhã cedo, no primeiro horário – disse ele. – Pode ser?

– Bem, deixe-me conferir a agenda dele. Que sorte a sua, a primeira-dama teve que cancelar, então Mannion estará livre. Posso marcar para as sete?

Que espertinho.

Broome concordou. Estava desligando o telefone quando algo chamou sua atenção. Ele se virou e viu Cassie entrando na delegacia. Ela o encontrou e correu em sua direção.

– Temos um problema – disse ela.

◆◆◆

– Consegui.

Como Ken havia prometido, foi só uma questão de tempo até o número de celular revelar tudo.

Como não sabiam exatamente quantos dias a mais aquele serviço levaria, Ken e Barbie tinham alugado uma suíte dupla em um hotel de luxo chamado Borgata. O arranha-céu era conhecido como o melhor hotel de Atlantic City, além de ter a vantagem de ser afastado do calçadão, sempre infestado de jogadores, viciados, pecadores e todo tipo de ralé que se possa imaginar.

Ainda assim, pensou Barbie, o Borgata tinha seu próprio tipo de ralé. Era inevitável em Atlantic

City e, verdade seja dita, ela não queria que fosse diferente. Por mais que aquilo a enojasse, também a deixava eufórica. Dava-lhe vontade de mergulhar na imundície e se meter debaixo do chuveiro ao mesmo tempo.

Ela havia crescido cercada de proteções, mas não era ingênua. Entendia que os seres humanos são criaturas complexas. Havia algo de atraente, de sedutor, no pecado, ou não haveria necessidade de combatê-lo. O segredo era ter algum tipo de válvula de escape saudável. Sentia que agora Ken e ela tinham isso. Suas vítimas – se é que essa era a palavra certa – pertenciam à escória. Eles faziam mal a elas, sim, mas nenhuma era pura ou inocente. Às vezes a dor abria os olhos delas, trazia uma espécie de redenção. Tawny, por exemplo. Barbie se orgulhava dela. Aquela garota tinha passado por uma dor momentânea que poderia, no fim das contas, salvar o restante da sua vida.

Estar hospedada no Borgata – viver por um curto período no covil do diabo, bem no centro da tentação – era bom para ela. Serviria para educá-la. Era como se infiltrar no campo inimigo e descobrir seus segredos. Quando Barbie caminhava pelo cassino, notava a expressão de desejo nos rostos dos homens, mas também esperava que um deles fosse apontar em sua direção e gritar "Essa garota não devia estar aqui!".

– Como você conseguiu rastrear o número? – perguntou ela.

Estava sentada no sofá de dois lugares, de frente para a janela. Ao longe, conseguia ver as luzes do calçadão.

– Pela internet – respondeu Ken. – Pesquisei "rastrear celular" no Google.

Ela balançou a cabeça.

– Simples assim?

– Bem, tive que pagar 10 dólares.

Ken olhou para ela e sorriu. Barbie se arrepiou da cabeça aos pés. Uma gola cor-de-rosa saltava de dentro do suéter verde-limão dele. Sua calça cáqui era plissada. Barbie o achava lindo. Os dois sempre andavam de mãos dadas pelo hotel. Ela adorava isso, a sensação da mão dele na sua. Às vezes, quando um homem a olhava por mais tempo que o normal, Ken apertava sua mão com mais força. Ela então sentia o calor, a adrenalina, o arrepio atravessarem seu corpo.

– Então, o telefone está no nome de quem? – perguntou Barbie.

– De um homem chamado David Pierce.

– E quem é ele?

– Não tenho certeza. Um advogado trabalhista de Jersey City. Não vejo nenhuma relação com o nosso trabalho aqui. Parece ser um cidadão comum. Casado, com dois filhos.

– A voz da pessoa que telefonou para o celular de Harry Sutton era feminina – disse Barbie.

Ken assentiu.

– Existem quatro linhas cadastradas nessa conta. Imagino que sejam dele, de sua mulher e dos filhos. Uma delas pertence a uma menina de 15 anos chamada Kaylie.

– A voz era de uma adulta.

– Então só pode ser a esposa. O nome dela é Megan.

– E como ela se encaixa na história?

Ken deu de ombros.

– Ainda não sei. Acabei de jogar o endereço deles em Kasselton no Google Maps. Se formos de carro, podemos chegar em no máximo duas horas. – Ele se virou em sua direção e ela pôde ver o

brilho em seu olhar. – Que tal irmos agora e conseguirmos nossas respostas? As crianças ainda nem devem estar na cama.

Barbie roeu uma unha.

– Uma moradora do subúrbio com dois filhos?

Ken ficou calado.

– Geralmente fazemos mal às pessoas que merecem – prosseguiu ela. – É por isso que nos envolvemos nesse tipo de trabalho.

Ken coçou o queixo, refletindo sobre o argumento.

– Se Megan Pierce está envolvida com Harry Sutton, então ela não é nem um pouco inocente.

– Tem certeza?

Ele ergueu as chaves do carro e as balançou no ar.

– Só tem uma maneira de sabermos.

Barbie balançou a cabeça.

– Isso não é uma coisa simples. Deveríamos falar com o chefe antes.

– E se ele concordar?

– Como você disse – respondeu ela, dando de ombros –, eles estão a menos de duas horas de distância.

capítulo 18

MEIA HORA ANTES, Megan tinha ouvido a voz irritantemente melosa ao telefone de Harry Sutton dizer: "Qualquer ligação para o Sr. Sutton é transferida automaticamente para mim quando ele não pode atender. Lamento, Cassie. Qual é mesmo seu sobrenome?"

Megan desligara.

Fester estava parado ao seu lado no bar.

– Algum problema?

Ela ficou olhando para o aparelho. Tentou se lembrar do escritório de Harry. Havia uma mesa, uma janela, um arquivo, um sofá surrado...

Mas não tinha espaço para uma recepcionista.

Então quem atendera ao telefone?

Uma sensação muito ruim começou a lhe dar um nó no estômago.

– Alô? Planeta Terra chamando – disse Fester.

– Tenho que ir.

– Ué, achei que quisesse falar com Ray. Por que não esperamos a resposta dele?

– Diga para ele me encontrar na Lucy.

– Hã?

– Só diga isso para ele. Lucy, às onze horas. Se eu não conseguir ir, ligo aqui para o bar e falo com você.

– Espere um instante – pediu Fester.

Mas ela não esperou. Saiu às pressas do Weak Signal, abrindo caminho pela multidão de clientes, que pareciam emanar desespero por todos os poros. Quando chegou à rua, precisou parar por um instante para recuperar o fôlego. Foi correndo para o escritório de Harry Sutton, passando por um jovem casal no corredor, mas as luzes estavam apagadas e a porta, trancada.

Foi então que decidiu ir atrás de Broome.

Na delegacia, depois que a parceira dele, uma mulher que se apresentou como detetive Erin Anderson, foi embora, Megan o colocou a par da situação. Ele ouviu sem interrompê-la.

– Estou preocupada com Harry – concluiu ela.

– Bem, não deveria – tranquilizou-a Broome. – Quer dizer, não por isso. Você o conhece. Ele é chegado a uma farra desde que nasceu. Sabemos que ele adora uma companhia feminina. Provavelmente foi uma das garotas com quem ele anda que atendeu sua ligação.

– E fingiu ser a recepcionista?

– Claro, por que não? Talvez só estivesse tentando ser engraçada.

– Nossa – falou Megan, fechando a cara –, estou morrendo de rir.

– Você acha que Harry as escolhe pelo humor refinado delas?

Megan balançou a cabeça.

– Não sei, estou com um mau pressentimento.

– Podemos ligar outra vez.

– Já tentei. Ninguém atende.

– Eu poderia mandar uma viatura à casa dele, mas de que adiantaria? Ele sai todas as noites. Você contou a alguém que iria encontrá-lo?

– Não.

– Então não entendi. O que faz você pensar que ele está em perigo?

– Não sei. A voz daquela mulher. Ela me soou irritantemente melosa.

– Ah – disse Broome –, por que não me falou logo que era isso?

Megan fez uma cara feia.

– Será que você poderia ser, não sei, um pouco mais debochado?

– "Irritantemente melosa"?

– Tudo bem, já entendi.

– Não, Cassie, ou seja lá como você se chama, acho que não entendeu. – Broome se aproximou mais um pouco. – Posso ser direto?

– Ah, então até agora você estava sendo sutil? Claro.

– Você é bonita. Muito, muito bonita.

– Hã, obrigada.

– O que quero dizer é que parece que o passar dos anos foi generoso com você. Você parece ser saudável, feliz e, acima de tudo, ter um lugar para onde ir. Está me entendendo?

Ela ficou calada.

– Essa é a definição de felicidade, sabe? A maioria das garotas daqui não tem isso. Um lugar para onde ir.

– Detetive Broome? – falou ela.

– Sim?

– Você é profundo.

Broome sorriu.

– Pois é, o detetive filósofo. Seja como for, faça um favor a si mesma: vá para esse lugar. Para casa, ou seja lá o que for. O lugar onde tem alguém esperando por você.

– Você não está me ouvindo, detetive.

– Na verdade, estou, sim. Agora é você quem precisa me ouvir. O que ainda está fazendo aqui?

Megan ficou calada por alguns instantes. Broome esperou, encarando-a. A verdade era que, apesar do sarcasmo dela, ele estava tocando no ponto certo.

O que ela ainda estava fazendo ali?

Megan pensou na sua casa, sobre "o lugar para onde podia ir", em Kaylie e Jordan, no pobre Dave, que provavelmente estava andando de um lado para outro passando as mãos pelos cabelos, como sempre fazia quando estava ansioso, perguntando-se o que teria acontecido de repente com a mulher com a qual dividia a cama havia 16 anos.

Sem muita firmeza, Megan disse:

– Achei que você me quisesse por perto, caso surgisse algum novo desdobramento.

– Já tenho o que quero por enquanto. Se precisar de algo mais, ligo para Harry. Prometi anonimato a você e pretendo manter a promessa.

– Obrigada – falou ela.

– Não tem de quê. Agora saia daqui antes que meu chefe a veja e comece a fazer perguntas.

Ela quis protestar. De alguma forma, aquilo parecia errado, mas ela não tinha nada a ganhar ficando ali. Sem dizer mais nada, Megan saiu da delegacia. Tinha estacionado seu carro logo na esquina. Sentou-se ao volante e refletiu sobre o que fazer. A resposta era óbvia.

Broome tinha razão. Mas, por algum motivo, sentada no carro, lágrimas começaram a encher seus olhos. O que havia de errado com ela? Deu a partida no motor e se preparou para voltar direto para casa. Estava na hora de esquecer tudo aquilo. O La Crème, Lorraine, Rudy, Stewart Green e Harry Sutton. Eles não passavam de fragmentos do seu passado, nada mais.

Mas e quanto a Ray?

Ela conferiu o relógio do carro. Por que havia sugerido que eles se encontrassem logo na Lucy? Suas chaves estavam penduradas na ignição. Durante todos os anos em que ela e Dave se conheciam, ele nunca tinha perguntado sobre aquela chave de bronze ligeiramente enferrujada. Megan a carregava para toda parte. Duvidava que ela ainda pudesse abrir a fechadura a que pertencia (já devia ter quase 20 anos), mas era a única lembrança que ela se permitira guardar de sua antiga vida.

Uma chave.

Megan a tocou e pensou na última vez em que a havia usado. Ela queria ver Ray e ao mesmo tempo não queria.

Brincar com fogo era uma coisa – pular de cabeça nas chamas era outra totalmente diferente.

Vá para casa, Cassie, ou Megan, ou seja lá quem você é de verdade. Está na hora de voltar à sua vida normal.

De um lado, tinha a impressão de que todo aquele dia louco não teria nenhuma consequência grave. Ela poderia chegar incólume ao fim dele. De outro, não parava de olhar para trás, como se estivesse sendo seguida. Tinha a sensação de estar encurralada, de que Stewart Green continuava por ali, com aquele sorriso terrível, pavoroso, preparando-se para atacar. Sim, sua melhor chance, a atitude inteligente, seria ir para casa, mas ela se perguntava se adiantaria alguma coisa, se já não seria tarde demais.

Lucy. Às onze da noite.

Lucy ficava em Margate, a cerca de 8 quilômetros de onde Megan estava. Por mais que tentasse se convencer do contrário, por mais perigoso ou leviano que fosse, ela sabia que não teria paz, ou a tal sensação de desfecho, enquanto não encontrasse Ray. Além do mais, como ela poderia ir até ali e não visitar Lucy?

Seguiu pela Atlantic Avenue na direção sul até que a avistou ao longe, pairando na escuridão, recortada contra a lua. Como sempre, por mais que já a tivesse visto inúmeras vezes, Megan olhou para ela com uma admiração infantil.

Lucy, a Elefanta, era da altura de um prédio de seis andares.

Construído em 1882, o animal era uma das maiores e mais antigas atrações turísticas do país e uma maravilha arquitetônica – uma estrutura em forma de elefante de cerca de 20 metros de altura que originalmente era a sede de uma agência imobiliária – por incrível que pareça. Durante seu reinado de 130 anos no litoral de Nova Jersey, Lucy também havia sido um restaurante, uma taberna – que foi fechada durante o período da Lei Seca –, uma casa de praia particular e, atualmente, um ponto turístico cujo ingresso custava 4 dólares por pessoa. O paquiderme de 90 toneladas era feito de um milhão de pedaços de madeira com uma couraça de ferro forjado. Era

possível entrar por qualquer uma de suas grossas patas traseiras, subindo a escada em espiral até um salão principal cujo interior abobadado era feito de reboco cor-de-rosa, imitando a suposta coloração do estômago de um elefante. Em seguida, podia-se andar até a cabeça do animal e ver o mar através de suas janelas-olhos. Existia outra janela na parte de trás, conhecida por aqueles que cuidavam de Lucy como "o olho do cu". Havia também fotografias, uma apresentação em vídeo e até uma banheira. Se subisse mais um lance de escadas, você saía em cima das costas do elefante e era presenteado com uma das mais belas vistas do oceano Atlântico. Em um dia claro, as embarcações conseguiam enxergar a construção a cerca de 13 quilômetros de distância.

Megan adorava Lucy desde sempre. Não sabia explicar muito bem por quê. Vinte anos atrás tinha decidido fazer uma visita no seu dia de folga, quando comprara um hambúrguer com batatas fritas no café da entrada e se sentara naquele mesmo banco perto da tromba. Foi lá que ela conheceu um dos cuidadores de Lucy e começou a sair com ele. O rapaz, doce mas carente demais, chamava-se Bob Malins e também trabalhava como guia. A relação não durou muito, mas, antes de terminar com ele, Megan pegou a chave de Lucy às escondidas e fez uma cópia.

Era essa a chave que ainda mantinha em seu chaveiro.

Bob nunca soube, é claro, mas na calada da noite, quando Megan precisava fugir do La Crème e do apartamento que dividia com outras quatro garotas, usava a chave, estendia uma manta no chão e desaparecia dentro da elefanta. Quando se apaixonou por Ray, aquele era o lugar em que eles se encontravam. Nunca havia levado nenhum outro homem ali. Eles abriam a porta, subiam aquela escada em espiral e faziam amor da forma mais carinhosa possível lá em cima.

Ela estacionou o carro e saiu. Fechou os olhos, respirando o ar salgado do litoral. As recordações começaram a voltar com toda a força. Seus olhos se abriram. Megan os ergueu para Lucy e estremeceu diante da enxurrada de lembranças.

Atrás dela, uma voz – *a* voz, na verdade – disse:

– Cassie?

Ela não conseguia se mover.

– Meu Deus – falou ele com um anseio que rasgou seu coração. – Cassie.

◆◆◆

Dave Pierce tinha a sensação de que um gigante havia pegado sua vida nas mãos e começado a chacoalhá-la como um globo de neve barato.

Estava sentado diante do computador no quarto de hóspedes que Megan havia transformado em escritório no ano anterior. Seu estômago doía. Ele detestava transtornos. Não lidava bem com pressão. Quando se sentia assim, quando parecia estar encurralado, Megan estava sempre ao seu lado. Massageava suas têmporas, seus ombros, ou sussurrava palavras tranquilizadoras em seu ouvido.

Sem ela, Dave se sentia perdido e assustado. Megan nunca tinha feito algo assim. Nunca havia ficado fora de alcance por mais de duas horas. Seu comportamento errático repentino deveria tê-lo deixado surpreso, chocado até, mas o pior era que isso não tinha acontecido. Talvez esta fosse a parte mais perturbadora – a facilidade com que tudo ao seu redor, tudo o que ele considerava garantido, poderia mudar.

Com o dedo pairando sobre o botão do mouse, Dave olhava para a tela. Ele não queria dar aquele

último clique, mas, bem, que escolha tinha àquela altura?

Jordan escancarou a porta, dando-lhe um susto.

– Papai?

– Pelo amor de Deus, filho, eu já não disse para você sempre bater antes de entrar?

– Desculpe...

– Já pedi mil vezes – falou ele, mais alto do que pretendia. – Será que isso é tão difícil assim?

– Não fiz por mal...

Os olhos do menino se encheram de lágrimas. Era um garoto sensível. Dave também tinha sido assim quando criança. Ele logo se arrependeu.

– Desculpe, filho. É que estou com muita coisa na cabeça, só isso.

Jordan assentiu, tentando conter o choro.

– O que foi, amiguinho?

– Cadê a mamãe?

Boa pergunta. Dave olhou para a tela. Mais um clique e descobriria a resposta. Para seu filho, ele disse:

– Ela teve que ir ajudar a vovó. Você já não deveria estar dormindo?

– Mamãe falou que ia me ajudar com o dever de matemática.

– Por que você não pediu minha ajuda?

– Com matemática? – disse Jordan, fazendo uma careta.

O fato de Dave ser péssimo em matemática era uma das grandes piadas da família.

– Está bem, tem razão. Mas vá para a cama. Já é tarde.

– Ainda não acabei meu dever.

– Eu escrevo um recado para sua professora. Agora vá dormir, está bem?

O menino se aproximou do pai. Ao contrário da irmã, ainda gostava de beijos de boa-noite. Quando Jordan o abraçou, Dave sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos. Segurou o filho por um segundo a mais que o habitual. Quando se separaram, os olhos do garoto foram naturalmente atraídos para o computador. Dave se apressou em minimizar a tela, transformando-a em um pequeno ícone no canto de baixo do monitor.

– Boa noite, amiguinho.

– Boa noite, papai.

– Feche a porta, está bem?

Jordan assentiu e obedeceu. Dave secou os olhos e clicou no ícone. A tela voltou a aparecer. Ele arrastou o cursor de volta ao link. Mais um clique e saberia exatamente onde estava sua mulher.

Quando comprou os celulares e assinou um contrato cheio de vantagens, o vendedor lhe oferecera uma série de recursos inúteis de smartphone que, em sua maioria, Dave ignorou. Mas quando sugeriu que ele poderia ativar o GPS nos aparelhos pela módica quantia de 5 dólares por mês, ele aceitou. Na época, mentiu para si mesmo dizendo que era para ter mais tranquilidade – no caso de uma emergência, por exemplo. E se Jordan desaparecesse? E se Kaylie passasse horas sem dar sinal de vida? E se Megan fosse sequestrada?

Mas a verdade – que Dave jamais havia admitido para si mesmo – era que nunca tinha confiado plenamente na mulher que amava. Sim, Megan tinha um passado. Ele sabia disso. Dave também tinha um. Todos temos. Quando você entra em um novo relacionamento, ainda está se desligando

dos antigos. Isso é uma coisa boa e saudável.

Mas, no caso de Megan, havia algo mais. Boa parte do que ela lhe contara sobre o seu passado não fazia sentido. Não que Dave ignorasse esse fato, mas tentava não lhe dar importância. Parte dele não queria abusar da sorte que tinha. Mesmo depois de todos aqueles anos, ainda não acreditava que Megan o houvesse escolhido. Ela era tão linda, tão inteligente... e, quando olhava para ele, quando lhe sorria, mesmo após todo aquele tempo, Dave ainda se sentia arrebatado. Quando você tem a sorte de experimentar algo assim, quando um sentimento desses faz parte da sua vida cotidiana, você não deve perder muito tempo analisando por que e como as coisas são como são.

Até aquele momento, Dave vinha aproveitando o que considerava pura sorte, mas agora essa calmaria estava abalada. Seu mundo continuava sendo chacoalhado e, quando voltasse aos eixos, nunca mais seria o mesmo. Por mais que todos digam isso, você nunca acredita de fato em como tudo o que o rodeia é frágil – até sentir na própria pele.

Já havia anoitecido fazia algum tempo. A casa estava em silêncio. Ele tentou lembrar se alguma vez já havia se sentido sozinho, e achava que não. Por fim, cansado de pensar no assunto, Dave clicou no ícone.

Um mapa surgiu na tela. Então ele pressionou o botão de zoom uma, duas, três vezes, aproximando-se lentamente de onde sua esposa estava naquele momento.

capítulo 19

MEGAN E RAY SE ENCARARAM a cerca de 10 metros de distância um do outro.

Pela primeira vez desde aquela terrível noite, 17 anos atrás, Megan olhava para o homem que havia amado e abandonado. Ray a encarava de volta, aparentemente sem ação. Seu rosto ainda bonito estava marcado por uma máscara de angústia e perplexidade.

Havia um turbilhão de emoções dentro dela. Megan não se moveu, não pensou sobre elas, não tentou analisá-las. Pelo menos ainda não. Apenas se entregou. Amores antigos estão sempre no topo de qualquer lista de "e se...", são a quintessência daquilo que não foi, mas, no caso de Ray, era ainda pior. A maioria dos casais se separa por uma série de motivos. Um amadurece mais rápido que o outro, ou perde o interesse, ou deixa de sentir o que sentia antes, ou possui metas e desejos diferentes, ou então conhece outra pessoa.

Mas nada disso aconteceu com eles. Foi como se um desastre natural os houvesse separado e, quando isso ocorreu, os sentimentos de Megan por ele (sim, era amor) estavam mais intensos do que nunca. E ela não tinha dúvidas de que Ray sentia o mesmo. Eles não foram se distanciando pouco a pouco, não houve nenhuma troca de farpas, seus corações não endureceram com o tempo. Em um instante eles estavam juntos, unidos, apaixonados. No seguinte, tudo havia desaparecido em uma poça de sangue.

De repente, Ray começou a correr. Ela fez o mesmo, como se um portão invisível tivesse sido aberto de uma hora para outra. Eles se jogaram um contra o outro, chocando-se com tanta força que quase caíram. Abraçaram-se forte, em silêncio, o rosto dela pressionado contra o peito dele. Megan conseguia sentir os músculos de Ray por debaixo da camisa. Supostamente, quando um instante passa, ele se perde para sempre, mas a verdade era que, naquele momento, ela ficou impressionada com a rapidez com que os anos podem ficar para trás, com que você pode voltar e reencontrar seu antigo eu, seu verdadeiro eu, aquele que nunca desaparece por completo.

Certa vez um amigo disse a ela que nós nunca deixamos de ter 17 anos, que estamos sempre esperando nossas vidas começarem. Agarrada àquele homem, Megan entendeu isso mais do que nunca.

Durante quase um minuto, continuaram ali, abraçando-se sob o olhar vigilante de Lucy. Por fim, Ray disse:

– Tenho tantas perguntas...

– Eu sei.

– Onde você esteve durante todos esses anos?

– Isso tem alguma importância? – perguntou ela.

– Acho que não.

Eles se soltaram por um instante. Ela se afastou e ergueu os olhos para ele. Ray estava com uma barba de dois, talvez três dias. Seu cabelo continuava desgrenhado, embora um pouco grisalho nas têmporas. Quando olhou para aqueles seus olhos azul-escuros, a emoção a dominou completamente. Ela sentiu seus joelhos fraquejarem.

– Não estou entendendo – disse Ray. – Porque você voltou?

Ela pigarreou.

– Outro homem sumiu.

Megan queria avaliar a reação dele, mas tudo o que conseguia ver era dor e perplexidade.

– Foi no dia 18 de fevereiro – continuou ela. – No mesmo dia em que Stewart Green desapareceu.

– Desapareceu? – repetiu ele.

– Isso.

Ray abriu a boca, então tornou a fechá-la. Atrás dele, o Ventura's Greenhouse, um bar e restaurante muito popular, estava em polvorosa. As pessoas olhavam para eles. Megan pegou sua mão e o levou até o outro lado de Lucy, perto da antiga loja de presentes, onde eles poderiam ficar fora da vista.

– Então – falou Ray com um tom de voz um pouco estranho –, depois de 17 anos você volta e agora outro homem está... deixe-me ver... desaparecido.

Megan o encarou.

– Não, eu apareci depois.

– Por quê?

– Para ajudar.

– Ajudar como?

– A descobrir o que aconteceu. Eu tentei fugir, mas ele está de volta.

Ray balançou a cabeça, parecendo ainda mais confuso.

– Quem está de volta?

– Stewart Green.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? – perguntou ele com uma pontada de irritação na voz.

– Alguém o viu.

– Quem?

– Não importa – falou Megan, balançando a cabeça.

Ray parecia atordoado.

– Não estou entendendo nada.

– Está sim, Ray.

– Do que você está falando?

– Eu vi a fotografia que você enviou para a polícia.

Ele tornou a abrir a boca, mas não produziu nenhum som. Megan se virou na direção da cerca que havia em volta de Lucy. Apoiou um pé na parede da loja de presentes e se ergueu para saltá-la. Sacou a velha chave e a mostrou para ele.

– Venha comigo.

– Você acha que isso ainda funciona?

– Duvido.

Ray não hesitou. Pulou a cerca, seguindo-a. Eles passaram por debaixo da barriga de Lucy, a parte que continha o maior salão da estrutura, e foram em direção a uma de suas pernas traseiras. Quando Megan colocou a chave na fechadura, Ray se aproximou dela. Ela sentiu o calor que emanava de seu corpo.

Ele tentou ocultar a dor em sua voz, mas não conseguiu.

– Por que você fugiu naquela noite?
– Você sabe por quê, Ray.
– Você o matou?
Isso a fez parar.
– O quê?
– Você matou Stewart Green?
– Não – afirmou Megan. Aproximando-se dele, ela olhou novamente em seus olhos. – Nunca lhe contei como ele abusava de mim. Como me machucava.
Ray franziu a testa.
– Você acha que eu não sabia?
– Eu imaginava que sim.
A chave não funcionou.
– Só me diga por que fugiu – pediu Ray. – Conte-me o que aconteceu naquela noite.
– Eu subi a trilha até as ruínas. Ouvi um barulho e corri até aquela pedra que fica à direita. Você sabe qual.
Ele não precisou assentir.
– Então, vi Stewart caído ali numa poça de sangue.
Ela se deteve.
– E então fugiu.
– Fugi.
– Porque achou que a polícia iria colocar a culpa em você.
Uma lágrima escorreu pelo rosto dela.
– Em parte.
Megan esperou, torcendo para não ter que explicar o outro motivo, esperando que ele entendesse. Depois de alguns segundos, os olhos dele começaram a se arregalar.
– Ah, meu Deus – disse Ray. – Você achou que tivesse sido eu.
Ela ficou calada.
– Você fugiu – continuou ele, devagar – porque achou que eu tinha matado Stewart Green.
– Isso.
– Estava com medo de mim? Ou estava tentando me proteger?
Ela refletiu.
– Eu jamais ficaria com medo de você, Ray. Sempre me senti segura ao seu lado.
Ele balançou a cabeça.
– Isso explica muita coisa. O fato de você nunca ter voltado. De nunca ter entrado em contato.
– Eles pensariam que tinha sido eu ou você. Não havia outro jeito.
Ray pegou a chave de sua mão e tentou abrir a fechadura outra vez. Não deu certo. Ele parecia perdido, devastado.
– Eu devo ter chegado logo depois que você fugiu – falou ele.
– Stewart ainda estava caído lá?
Ray assentiu.
– Ele estava sangrando. Imaginei que estivesse morto. – Fechou os olhos e se virou para o outro

lado. – Desci correndo a colina e fui até sua casa. Sei lá, estava com medo... Não sabia o que tinha acontecido. Mas você não estava lá. Então vim até aqui, até a Lucy. Achei que talvez você estivesse escondida aqui dentro. Fiquei esperando, mas obviamente você nunca apareceu. Procurei você por anos a fio. Não sabia se estava viva ou morta. Via seu rosto em cada rua, em cada bar. – Ele se deteve, pestanejou, voltou a olhar dentro dos seus olhos. – Depois de um tempo, fui para o outro lado do país. Para Los Angeles, o mais longe que pude.

– Mas voltou.

– Voltei.

– Por quê?

Ray deu de ombros.

– Você sabe que eu odeio toda aquela baboseira mística, não sabe?

Megan assentiu com a cabeça.

– Mas algo me atraiu de volta para cá. Não sei bem o quê. Não consegui evitar.

Megan engoliu em seco. Ela estava começando a entender. Enquanto falava, sentia as peças se juntarem pouco a pouco.

– E, quanto retornou a Atlantic City, voltou àquela parte do parque.

Ele assentiu.

– Todo ano, no dia 18 de fevereiro.

– Você tirou fotos – prosseguiu ela. – Porque é isso que você faz, Ray. Você vê o mundo através daquelas lentes. Processa as coisas dessa maneira. E tirou aquela fotografia, a de Carlton Flynn, na noite em que ele desapareceu.

– Como descobriu que fui eu?

– Ora, Ray. Ainda sei reconhecer seu trabalho.

– Então o que achou quando viu a foto? – perguntou Ray com certa rispidez. – Que fui eu, não é? Que eu matei Stewart e, 17 anos depois, no aniversário daquela noite terrível, matei esse tal de Flynn?

– Não.

– Por que não?

– Porque você enviou a foto para a polícia – disse ela. – Não precisava correr esse risco. Está fazendo a mesma coisa que eu: tentando ajudá-los. Está se esforçando para descobrir o que de fato aconteceu naquela noite.

Dessa vez, quando Ray desviou o olhar, o coração dela se partiu novamente. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Eu estava enganada – falou Megan. – Durante todo esse tempo, achei que... Sinto muito, Ray.

Ele não conseguia encará-la.

– Ray, por favor.

– Por favor o quê?

– Fale comigo.

Ele respirou fundo algumas vezes, recompondo-se aos poucos.

– Eu continuo indo às ruínas no dia do aniversário. Fico sentado ali pensando em você, em tudo o que nós perdemos naquela noite.

Megan se aproximou dele.

– E tira fotos?

– Sim. Isso me ajuda. Ou não. Você entende.

Ela entendia.

– Então, a foto que você enviou à polícia...

– Foi roubada. Ou, ao menos, alguém tentou roubá-la.

– O quê?

– Eu tinha acabado de fazer um serviço idiota para Fester, fingindo ser um paparazzo num bar mitzvah. Alguém me atacou na rua e roubou minha câmera. A princípio achei que fosse um assalto comum, mas então vi Carlton Flynn na televisão e me lembrei da fotografia que havia tirado. Tinha uma cópia dela no meu computador.

– Então você acha que o assaltante... – disse Megan.

– É a pessoa que matou Stewart Green e Carlton Flynn. Acho.

– Você diz "matou", mas não sabemos disso. Eles estão desaparecidos.

– Nós dois vimos Stewart Green naquela noite. Você acha que ele sobreviveu?

– Acho que é possível. Você não?

Ray ficou calado. Olhou para baixo e balançou a cabeça. Megan se aproximou dele. Ergueu a mão e afastou o cabelo de sua testa. Ele ainda era lindo de morrer. Sua mão desceu até o rosto de Ray, que fechou os olhos ao sentir o toque dela.

– Mesmo depois de todos esses anos – falou Ray, encarando-a –, continuo procurando seu rosto. Todos os dias. Imaginei este momento milhares de vezes.

– E na sua imaginação era assim? – perguntou ela, baixinho.

Ele apontou para a mão pousada em sua face.

– Você não usava uma aliança de casamento.

Megan afastou sua mão devagar.

– Por que você continua nesta cidade, Ray? Por que está trabalhando para Fester? Por que não está fazendo o que ama?

– Isso não é problema seu, Cassie.

– Eu ainda me importo com você.

– Você teve filhos? – perguntou ele.

– Dois.

– Meninos, meninas?

– Uma menina e um menino.

– Bacana. – Ray deu uma risadinha e balançou a cabeça. – Você achou que eu tinha matado Stewart?

– Achei.

– Aposto que isso ajudou.

– Como assim?

– Aposto que ajudou você a seguir em frente. Achar que seu namorado era um assassino.

Megan se perguntou se isso seria verdade.

Ray analisou a aliança.

– Você ama seu marido? – perguntou ele.

– Amo.

– Mas ainda sente algo por mim.

– É claro que sim.

Ray assentiu.

– Mas esse não é um passo que você esteja preparada para dar.

– Não, ainda não.

– Então vou ter que me contentar com isso – disse ele. – Com o fato de que você ainda gosta de mim.

– Não é pouco.

– Não, não é. – Ray segurou o rosto dela. Suas mãos eram grandes, maravilhosas, e Megan sentiu novamente seus joelhos fraquejarem. Ele arriscou um sorriso canalha. – Se algum dia você decidir dar aquele passo...

– Eu ligo para você.

Então, ele tirou as mãos do rosto dela e recuou um passo. Megan fez o mesmo. Ela se virou, pulou a cerca e voltou para o carro.

Começou a dirigir. Durante alguns instantes, ainda conseguiu ver Lucy no retrovisor, mas não por muito tempo. Pegou a via expressa até a Garden State Parkway e seguiu direto para casa – de volta para sua família –, sem fazer nenhuma parada.

capítulo 20

A MANSÃO DE DEL FLYNN só não tinha uma placa na frente dizendo "Cafona" porque isso seria uma redundância. A cor era o branco. Branco ofuscante. Tanto do lado de fora quanto no interior. Havia falsas colunas de mármore brancas, estátuas brancas, tijolos brancos, uma piscina branca, sofás brancos sobre tapetes brancos e recostados em paredes... brancas. A única pincelada de cor era a camisa laranja de Flynn.

– Del, querido, você já está vindo para a cama?

Darya, sua esposa – a Sra. Flynn número três –, era 20 anos mais nova que ele. Usava uma camisola branca apertada como um torniquete e tinha os maiores peitos, nádegas e lábios que o dinheiro podia comprar. Sim, não parecia real, mas era assim que Flynn gostava de suas mulheres agora – como personagens voluptuosas de desenho animado com traços e curvas exagerados. Para alguns, era bizarro. Para ele, a coisa mais sexy do mundo.

– Ainda não.

– Tem certeza?

Darya usava sua camisola de seda e nada mais. Era a favorita dele. Flynn desejou que o bom e velho tesão – seu companheiro de toda a vida, sua maldição, por assim dizer, que lhe custara sua adorada Maria, mãe de Carlton, a única mulher que havia amado na vida – pudesse voltar sem o auxílio de uma certa pílula azul. Mas, pela primeira vez na vida, não sentia necessidade ou desejo.

– Vá dormir, Darya.

Ela desapareceu – provavelmente aliviada por poder simplesmente assistir à TV e desmaiar graças a uma combinação qualquer de vinho e remédios. No fim das contas, todas as mulheres eram iguais, com exceção de sua Maria. Del se recostou em sua poltrona de couro branca. A decoração nessa cor era invenção de Darya. Segundo ela, significava pureza, ou harmonia, ou uma aura jovem – alguma merda Nova Era dessas. Quando se conheceram, ela usava um biquíni branco e ele sentiu um desejo incontrolável de sujá-lo, mas agora estava ficando cansado daquela alvura toda. Sentia falta das cores. Sentia falta de não tirar os sapatos quando entravam em casa. Sentia falta do velho sofá verde-escuro no canto da sala. Uma casa toda branca era impossível de manter. Era como um convite à falência.

Flynn olhou pela janela. Ele não era muito de beber. Seu pai, um imigrante irlandês de primeira geração, era dono de um pequeno pub em Ventnor Heights. Tinha sido praticamente criado ali. Quando você testemunha todos os dias a destruição que a bebida pode causar, passa a não gostar muito dela.

Mas agora ele estava sentado com uma garrafa de seu uísque favorito, o Macallan Single Malt, porque precisava se entorpecer. Flynn tinha construído uma fortuna. Havia aprendido o negócio dos restaurantes, os segredos do ofício, e percebido que era uma péssima maneira de ganhar dinheiro. Então, partiu para o ramo do fornecimento – artigos de mesa, pratos, talheres, taças, tudo o que você imaginar. Começara pequeno, mas com o tempo tornara-se o maior fornecedor do sul de Nova Jersey. Pegara esse dinheiro, investira em propriedades – em sua maioria aqueles galpões de armazenamento particulares nos arredores da cidade – e fizera uma nota preta.

Tudo isso não significava nada.

Era um clichê, é claro, mas naquele instante tudo o que Flynn via era seu filho. Seu garoto. O desaparecimento tomava conta dele, o consumia, o impedia de respirar. Ele tornou a olhar pela janela. A piscina estava coberta para o inverno, mas ele conseguia ver seu filho lá fora, nadando com os amigos, falando palavrões de um modo causal e flertando com qualquer rabo de saia que olhasse em sua direção. É verdade que seu filho, seu único filho, era um molenga. Passava tempo demais se embonecando, tempo demais na academia, depilando o corpo e fazendo as sobrancelhas, como se essa merda toda fosse coisa de macho. Mas, quando sorria para ele, quando o abraçava e beijava seu rosto (porque era isso que Carlton sempre fazia antes de sair à noite para qualquer boate que fosse), seu peito se enchia de algo tão real, tão maravilhoso e cheio de vida, que ele sabia – simplesmente sabia – que tinha sido colocado neste planeta para se sentir dessa forma.

E agora, num piscar de olhos, seu filho, a única coisa realmente importante da sua vida, a única realmente insubstituível, havia desaparecido.

O que ele deveria fazer? Ficar sentado esperando? Confiar que a polícia cuidaria de seu filho? Respeitar as regras numa cidade que nunca jogava limpo?

Que tipo de pai faz isso?

Você deve cuidar dos seus. Proteger seu filho, custe o que custar.

Era meia-noite. Flynn brincou com uma das correntes de ouro em volta de seu pescoço, a que tinha a medalha de São Judas Tadeu que Maria lhe dera no aniversário de 10 anos de casamento dos dois. São Judas Tadeu, explicou ela na ocasião, era o santo padroeiro das causas perdidas. "Nunca nos perca, está bem?", dissera ela, prendendo o cordão em volta do seu pescoço. Então colocou outro em volta do pescoço de Carlton. "Nunca perca nenhum de nós dois."

Profético.

Ele conseguia ouvir o som da TV vindo do quarto. Darya estava assistindo a algum programa em seu novo aparelho 3D, de 53 polegadas, com som surround. Lá estava Del, em sua casa branca, sentado em meio a todo aquele luxo, impotente. Sentia-se desamparado, incapaz, gordo e acomodado enquanto seu garoto estava perdido em algum lugar no frio e no escuro. Carlton poderia estar sozinho. Poderia estar preso em alguma parte, chorando ou sofrendo dores terríveis. Poderia estar se esvaindo em sangue ou gritando pelo pai, pedindo que ele o salvasse.

Certa vez, quando Carlton tinha 4 anos, teve medo de brincar no escorrega das "crianças grandes" no parquinho. O pai implicou com ele por isso, chegando até a chamá-lo de bebê. Lindo, não? O menino começou a chorar. Isso só serviu para irritar Del ainda mais. Finalmente, apenas para agradar o pai (ou fazê-lo calar a boca), começou a subir no brinquedo. A escada estava cheia demais e as crianças se acotovelavam para subi-la. Carlton, que era o menor do grupo, perdeu o equilíbrio. Del ainda se lembrava daquele momento, parado ao longe, com os braços cruzados enquanto via seu próprio filho cair para trás, sabendo, embora tivesse começado imediatamente a correr em sua direção, que jamais conseguiria chegar a tempo; sabendo que ele, o pai do menino, não só fizera com que o filho passasse vergonha e causara a queda, como também não poderia fazer nada para salvá-lo.

O pequeno Carlton caiu de mau jeito, com o braço torcido para trás se quebrando como a asa de um passarinho. Ele gritou de dor. Del nunca conseguiu se esquecer daquele momento. Nunca se

esqueceu da sensação de impotência ou do grito terrível de seu filho. Agora aquele grito estava de volta, assombrando cada instante dos seus dias retalhando suas entranhas como os estilhaços de uma granada.

Del tomou outro gole de uísque. Atrás dele, alguém pigarreou. Normalmente ele se assustava à toa – era o tipo de cara que pulava ao menor barulho. Maria sempre falava isso. Seu sono era leve e ele passava a noite inteira tendo pesadelos. Maria entendia. Ela o abraçava, sussurrava em seu ouvido e o tranquilizava. Não havia mais ninguém para fazer isso. Darya era capaz de dormir no meio de um show de rock. Agora, Del precisava lidar com seus terrores noturnos sozinho.

Meu Deus, como ele tinha amado Maria.

Havia sido tão feliz naquela época, vivendo naquela casa humilde na Drexel Avenue... Mas não conseguira resistir aos seus demônios, e isso era algo que Maria não conseguia entender. Quando ele se distanciava e refletia melhor, nada daquilo fazia o menor sentido. Você podia ser viciado em bebida, drogas ou jogo, podia perder sua casa, sua saúde, suas economias, podia ser violento ou até abusivo que o mundo entendia sua dor. Seu verdadeiro amor ficava do seu lado e procurava ajudá-lo. Mas, se o seu demônio fosse o sexo, se você precisasse do que Del necessitava, daquilo que fazia todo e qualquer homem normal na história da humanidade acabar cedendo em algum momento, se você fizesse algo que era parte do DNA do ser humano, algo que, descontando o ciúme, não provocava mal a ninguém se comparado à bebida ou às drogas, então ninguém conseguia entendê-lo e você perdia tudo.

A culpa era toda dela, na verdade. De Maria. Por criar aquele menino sem uma figura paterna dentro de casa. Por não ter sido capaz de perdoar ou entender o que era um homem. Ele a amava. Como ela podia não entender isso?

– Boa noite, Sr. Flynn.

A voz gelou a sala. Del Flynn se virou lentamente para trás. Quando Ken e Barbie sorriram para ele, a temperatura caiu mais uns 10 graus.

– Vocês encontraram meu filho?

– Ainda não, Sr. Flynn.

Os dois ficaram apenas parados ali, como se tivessem acabado de se apresentar em algum programa de auditório antigo. Que fim tinham levado os apresentadores daqueles programas? E por que aqueles dois sempre o faziam pensar nas maiores esquisitices?

– Então o que você querem?

– Temos um dilema, Sr. Flynn – disse Ken.

– Um dilema moral – acrescentou Barbie.

Del conhecia pessoas. Vivendo naquela cidade e trabalhando com restaurantes e transporte de mercadorias, não podia ser de outra forma. Quando jovem, um de seus melhores amigos era Rolly Lember, atual chefe do crime organizado na região de Camden. Tinha recorrido a ele em busca de ajuda para encontrar Carlton. Sabia que estava fazendo um acordo com o diabo, mas não se importava muito com isso. Lember dissera que pediria para seu pessoal ficar de olho, mas que Del estaria em melhores mãos se contratasse dois freelancers especializados naquele tipo de serviço – os melhores do ramo. Chegou a alertá-lo que não ficasse muito chocado com a aparência da dupla. Del também entrou em contato com Goldberg, um policial famoso por fornecer informações confidenciais em troca de dinheiro.

Não, ele não iria deixar aquilo só nas mãos da polícia.

Del sabia que Ken e Barbie haviam rastreado, mais cedo, a stripper que Carlton vinha comendo. Seu nome era Tonya, ou Tawny, algo assim. A polícia já havia interrogado a garota, que não revelara quase nada. Ken e Barbie tinham conseguido extrair mais informações.

– O senhor conhece uma cidade chamada Kasselton? – perguntou Ken.

Del pensou um pouco.

– Fica no norte, não é isso?

– É.

– Acho que nunca estive lá.

– E quanto a alguém com o sobrenome Pierce? David ou Megan Pierce?

– Não. Eles têm algo a ver com meu filho?

Os dois atualizaram Del sobre seu dia. Não entraram em detalhes sobre seus métodos para angariar informações, e o homem não perguntou. Ele apenas ouviu, sentindo seu coração se partir e endurecer ao mesmo tempo.

Principalmente endurecer.

– Você acha que vai haver alguma consequência? – perguntou Del.

Ken olhou para Barbie e então de volta para Del.

– Por causa de Tawny? Não. Por causa de Harry Sutton? Sim. Mas eles nunca vão conseguir chegar até nós.

– Ou até o senhor – acrescentou Barbie.

Novamente, não quis saber dos detalhes.

– E agora?

– Normalmente nós seguiríamos as pistas – disse Barbie com uma voz que parecia quase ensaiada, como se de repente ela estivesse interpretando um personagem muito mais velho. – Nesse caso, isso significaria interrogar o Sr. e a Sra. Pierce.

Del ficou calado.

– O que, por sua vez – prosseguiu Ken –, significaria ir de Atlantic City a Kasselton, ampliando nosso círculo de ação.

– E aumentando o risco de danos colaterais – completou Barbie.

Del continuou olhando pela janela.

– Então vocês vieram pedir minha autorização.

– Isso.

– Acham que esses dois sabem de alguma coisa?

– Acredito que a esposa, sim – disse Ken. – Sabemos que o detetive Broome esteve com ela hoje. Ela solicitou a presença de um advogado, mais especificamente de Harry Sutton.

– Isso significa que ela tem algo a esconder – acrescentou Barbie.

Del pensou no assunto, lembrando-se de sua visita à delegacia.

– Independentemente do que essa Megan Pierce tenha dito a Broome, a informação o fez agir. Ele enviou uma equipe de peritos ao parque hoje à noite. Eles encontraram sangue.

Silêncio.

– Os Pierce têm filhos? – perguntou Del.

– Dois.

– Tentem mantê-los fora disso.

Baseado em sua própria experiência, ele sabia que essa era a coisa mais misericordiosa que podia fazer.

◆◆◆

Megan levou duas horas para chegar em casa.

Dave tinha colocado recentemente um rádio via satélite no carro, então ela tentou se concentrar um pouco no programa de Howard Stern. Certa vez, quando ela e Dave estavam sozinhos no automóvel, ouvindo essa mesma atração, Howard entrevistou uma stripper chamada Triple Es. Megan quase morreu de susto, pois reconheceu na mesma hora a voz de Susan Schwartz, uma garota que trabalhava no La Crème. Elas tinham sido colegas de quarto por um tempo.

Por estranho que pareça, era justamente nos programas mais provocativos que Megan achava Howard Stern menos interessante. Embora não fosse nem um pouco pudica, para Megan as partes mais explícitas – o sexo sujo, os fluidos corporais, as aberrações – eram sem graça, mas ela ficava totalmente vidrada quando o apresentador entrevistava celebridades ou comentava as notícias com Robin Quivers, a coapresentadora do programa. Se surpreendia ao ver que quase sempre concordava com ele, que a maioria de suas opiniões fazia sentido – Howard podia ser uma excelente companhia em longas e solitárias viagens de carro, mas naquela noite em especial, depois de tentar alguns minutos em vão, desligou o rádio e se permitiu ficar sozinha com seus pensamentos.

E agora?

Era quase uma da manhã quando ela chegou. A casa estava toda escura, exceto pela lâmpada com temporizador na sala de estar. Não havia ligado para Dave para avisar que estava voltando. Não sabia bem por quê. Simplesmente não tinha ideia do que lhe dizer ou como poderia responder às perguntas que com certeza ele faria. Esperava que as duas horas dirigindo fossem lhe dar alguma pista. Mas não. Megan havia cogitado de tudo, desde uma invenção total ("Uma amiga, não posso lhe dizer quem, teve um problema pessoal"), passando pela verdade completa ("Acho melhor você se sentar"), até um meio-termo ("Tive que ir a Atlantic City, mas não foi nada de mais").

Então, enquanto parava em frente à sua casa, guardava as chaves na bolsa e abria e fechava a porta do carro com cuidado – porque era muito tarde e ela não queria acordar ninguém –, continuava sem saber o que diria ao homem com quem estava casada havia tanto tempo.

A casa encontrava-se em silêncio absoluto, como se os tijolos e a alvenaria novos em folha estivessem prendendo a respiração. Aquela tranquilidade surpreendeu Megan. Apesar da hora, ela imaginava que Dave fosse estar acordado, esperando-a voltar, talvez sentado no escuro, ou então andando de um lado para outro. Mas não havia o menor sinal de vida. Ela subiu as escadas na ponta dos pés e dobrou à direita. A porta do quarto de Jordan estava aberta. Megan conseguia ouvir a respiração do filho. Como a maioria das crianças de sua idade, quando ele finalmente pegava no sono dormia tão profundamente que só uma catástrofe natural poderia acordá-lo.

Sempre deixava a porta aberta e, apesar de já ter 11 anos, continuava mantendo uma luz acesa no quarto a noite toda. Megan conseguia ver a cabeça de tubarão empalhada acima da cabeceira da cama. Sabe-se lá por quê, pescar era a coisa de que Jordan mais gostava no mundo. Nem ela nem

Dave jamais tinham pescado na vida – ou se interessado minimamente por isso –, mas o marido da irmã de Dave tinha levado Jordan para pescar quando ele tinha 4 anos e o garoto ficou simplesmente fissurado. Durante algum tempo, o cunhado de Dave costumava levá-lo junto quando viajava para pescar na região, mas, quando se divorciou da irmã de Dave, isso acabou. Então agora, pelo menos duas vezes por ano, Dave organizava um fim de semana de pescaria só para meninos – alguns poderiam achar isso machista, uma vez que as mulheres nem sequer eram convidadas, mas Megan e Kaylie preferiam dizer "graças a Deus". O passeio envolvia desde pesca com mosca em Wyoming, passando por pesca esportiva no Alabama, até, no ano anterior, pesca de tubarões na costa norte da Geórgia. Tinha sido nessa última ocasião que Jordan conseguira aquele troféu específico.

Como sempre, a porta do quarto de Kaylie estava fechada. Ela não tinha medo do escuro, só de invasão de privacidade. Recentemente, sua filha tinha começado uma campanha – não havia palavra melhor – para transformar o recém-concluído porão da casa em seu novo quarto e consequentemente se afastar o máximo possível do restante da família. Enquanto Megan insistia em dizer que não, Dave estava começando a ceder. Sua justificativa habitual mais parecia um apelo: "Daqui a pouco ela não estará mais aqui... precisamos ceder nessas pequenas coisas... nos resta tão pouco tempo juntos, será que queremos mesmo brigar tanto?"

Megan girou a maçaneta e abriu a porta. Kaylie estava dormindo na sua posição de sempre, de lado e abraçada ao seu pinguim de pelúcia, batizado de "Pinguim" em um surto de brilhantismo. A menina dormia com o bichinho desde os 8 anos. Isso sempre fazia Megan sorrir. Adolescentes podem parecer adultos, podem ansiar por ser independentes de seus pais, mas o bom e velho Pinguim era um lembrete constante de que isso ainda estava longe de acontecer com Kaylie.

Era bom estar em casa.

No fim das contas, Megan não tinha feito nada de errado. Havia fornecido a Broome a informação importante de que ele precisava e depois voltado, incólume, para o seu lugar. Enquanto andava na ponta dos pés pela casa, Atlantic City ficava cada vez mais distante em seu espelho retrovisor. A única coisa que a havia abalado um pouco tinha sido ver Ray, com Lucy se agigantando atrás dele. Sentiu o anseio retornar com toda a força – o mesmo que sempre havia sentido ao lado dele –, mas havia coisas que você podia fazer e outras que não podia. A ideia de "ter tudo" é mesmo uma tolice. Ainda assim... aquele desejo, aquela sensação eletrizante, como se de repente toda sua energia tivesse sido elevada à décima potência, aquela vontade de estar perto de Ray, depois mais perto ainda, até não conseguir estar perto o bastante... é claro que tudo isso ainda a assombrava. Era óbvio que ela poderia tentar negar. Mas, se era assim que ela se sentia, o que poderia fazer? Mentir para si mesma? Controlar o sentimento, tentar esquecê-lo e seguir em frente? E seria mesmo uma traição admitir que ela não sentia o mesmo por Dave – ou isso era normal com um homem que se conhece tão bem? Uma coisa previsível e talvez até boa?

O que Megan sentia por Dave era mais profundo e precioso, algo construído ao longo dos anos, baseado no compromisso que tinham um com o outro. Mas talvez ela estivesse apenas se enganando. Será que alguma vez ela havia sentido aquela sensação eletrizante com seu marido? Será que era justo sequer comparar os dois ou imaginar algo assim?

Só esse tipo de pensamento já não seria uma espécie de traição?

Ninguém pode ter tudo. Não é possível.

Ela amava Dave. Queria passar o resto da vida com ele. Seria capaz de morrer por ele e por seus filhos sem um instante de hesitação. Não era essa, no fim das contas, a mais pura definição de amor verdadeiro? E, pensando melhor, será que ela não estava apenas idealizando seus dias em Atlantic City e o tempo que passara com Ray? Não é algo que todos nós fazemos? Idealizar ou demonizar o passado?

Ela se aproximou do quarto que dividia com Dave. As luzes estavam apagadas. Perguntou-se se ele estaria ali ou se teria saído. Não havia cogitado essa hipótese. Devia estar furioso. Tinha todo o direito de estar. Talvez tivesse se enfiado num bar para afogar as mágoas.

Mas, enquanto entrava no quarto, Megan teve certeza de que não era o caso. Dave jamais deixaria as crianças sozinhas, especialmente em um momento de crise. Uma nova onda de culpa a invadiu. Viu a silhueta de seu marido na cama. Ele estava de costas para ela. Ao olhar para o vulto parado de Dave, sentiu medo da sua reação, mas também um alívio. De repente, teve a sensação de que aquela história estava verdadeiramente acabada.

Dezessete anos atrás, Stewart Green havia ameaçado matá-la. Era isto que a atraíra de volta ao passado, tanto quanto seus velhos desejos: o medo de que Stewart tivesse de alguma forma sobrevivido, que estivesse de volta. Mas Lorraine provavelmente tinha se enganado dessa vez. Fosse como fosse, Megan havia feito tudo ao seu alcance. Tinha agido certo. Agora, estava em casa. Segura.

Estava acabado. Ou, pelo menos, prestes a acabar.

A decisão que a atormentara ao longo de toda a viagem de volta – ao longo dos últimos 16 anos, na verdade – de repente lhe pareceu clara. Ela não podia mais ficar evitando o passado. Precisava abrir o jogo. Tinha que contar tudo para Dave. Só lhe restava torcer para que, depois de todos aqueles anos, o amor ainda fosse capaz de vencer tudo.

Ou será que essa era apenas outra mentira tranquilizadora?

De qualquer modo, Dave merecia saber a verdade.

– Dave?

– Você está bem?

Ele não estava dormindo. Megan engoliu em seco, as lágrimas fazendo seus olhos arderem.

– Estou.

– Tem certeza? – falou Dave, ainda sem se virar para ela.

– Tenho.

Ela se sentou na beira da cama. Tinha medo de chegar mais perto que isso. Dave continuou virado para o outro lado. Ele ajeitou o travesseiro e se acomodou.

– Dave?

Ele não respondeu.

Quando Megan tocou seu ombro, ele a rejeitou.

– Você quer saber onde eu estava – disse ela.

Dave continuava sem se virar, calado.

– Não me deixe falando sozinha. Por favor.

– Megan?

– O quê?

– Você não tem o direito de me dizer o que fazer.

Ele finalmente se virou para ela e Megan pôde ver, em seus olhos, a imensa, a incomensurável dor que ele sentia. Ficou atordoada. Estava claro que mentiras não bastariam. Palavras tampouco. Então fez a única coisa que podia. Ela o beijou. Dave resistiu por um instante, mas então a agarrou pela nuca e retribuiu o beijo. Beijou-a com força e a puxou para baixo dele, apertando-a contra o seu corpo.

Eles fizeram amor por um longo tempo, sem falarem uma só palavra. Quando terminaram, os dois exaustos, Megan adormeceu. Ela achou que Dave dormiu também, mas não podia saber ao certo. Era como se os dois estivessem em mundos diferentes.

capítulo 21

EM 1988, A PEDIDO DOS MORADORES da cidade, a Penitenciária Estadual de Rahway mudou oficialmente seu nome para Penitenciária Estadual de East Jersey. Essa solicitação era mais do que compreensível. Os habitantes acreditavam que a identificação com o famoso presídio estigmatizava injustamente a cidade, ou pior, desvalorizava o mercado imobiliário, o que provavelmente era verdade. Ainda assim, ninguém a não ser os moradores de Rahway chamava a instituição de Penitenciária Estadual de East Jersey. Era mais ou menos como o próprio estado de Nova Jersey. Podia até ser oficialmente conhecido como Garden State, mas quem o chamava assim?

Enquanto seguia pela Rota 1-9, Broome conseguia ver a imensa cúpula do presídio, uma visão que sempre lhe trazia à mente alguma grande basílica italiana. A penitenciária de segurança máxima mantinha cerca de 2 mil detentos, todos do sexo masculino. Havia sido o lar dos boxeadores James Scott e, mais notoriamente, Rubin "Hurricane" Carter, o protagonista da canção "Hurricane", de Bob Dylan, e do filme *Hurricane – O furacão*, com Denzel Washington. A série de documentários *Scared Straight!*, em que delinquentes juvenis são supostamente reabilitados graças às severas repreensões de detentos condenados à prisão perpétua em Rahway, também foi filmada ali.

Após passar pela chatice dos procedimentos habituais de segurança, Broome se viu sentado diante de Ricky Mannion. Dizem que a prisão faz os homens parecerem menores. Se isso fosse verdade, Broome detestaria ter visto Mannion antes de ele ser preso. O brutamontes tinha no mínimo 2 metros de altura e devia pesar uns 140 quilos. Era negro, com a cabeça totalmente raspada e braços que pareciam troncos de árvores.

Broome esperava a típica atitude de presidiário machão, mas Mannion lhe transmitia quase o oposto disso. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ele viu o distintivo.

– O senhor está aqui para me ajudar? – perguntou ele.

– Estou aqui para lhe fazer algumas perguntas.

– Mas isto tem a ver com o meu caso, não tem?

Mannion não falava por trás de uma divisória transparente. Em vez disso, eles estavam sentados a uma mesa, um de frente para o outro, Mannion com as mãos e os pés acorrentados. Ainda assim, era impossível não pensar no clichê do preso pressionando o nariz contra o vidro.

– É sobre o assassinato de Ross Gunther – falou Broome.

– O que o senhor descobriu? Por favor, me diga.

– Sr. Mannion...

– Eu tinha 31 anos quando fui preso. Tenho quase 50 agora. Pode imaginar isso? Trancado aqui durante todo esse tempo por um crime que não cometi? E o senhor sabe que eu sou inocente, não sabe?

– Não falei isso.

Foi então que Mannion sorriu.

– Pense em todos os meus anos perdidos, detetive. Meus 30, meus 40 anos, todo esse tempo apodrecendo nesta pocilga, tentando dizer a qualquer um, a todos, que não sou o culpado.

– Deve ser difícil – falou Broome. O Sr. Eufemismo.

– Mas é isso que eu faço. Todos os dias. Eu falo sobre a minha inocência. Mas as pessoas pararam de escutar faz tempo. Ninguém acreditou em mim na época. Nem minha própria mãe. E ninguém acredita em mim agora. Eu grito, protesto e sempre vejo a mesma expressão em todos os rostos. Mesmo quando não reviram os olhos, as pessoas reviram os olhos, se é que o senhor me entende.

– Eu entendo. Mas ainda não vejo aonde quer chegar.

Mannion baixou sua voz até um sussurro.

– O senhor não está revirando os olhos, detetive.

Broome ficou calado.

– Pela primeira vez em 20 anos, tenho alguém sentado à minha frente que sabe que estou dizendo a verdade. O senhor não pode esconder isso de mim.

– Uau. – Broome se recostou e fechou a cara. – Para quantas pessoas você já mandou essa conversa mole?

Mannion se limitou a sorrir.

– É assim que o senhor quer jogar? Ótimo. Pergunte-me o que quiser. Vou lhe contar a verdade.

Broome começou.

– Quando foi interrogado pela polícia pela primeira vez, você disse que não conhecia Ross Gunther. Isso era verdade?

– Não.

– Então começou com uma mentira?

– Comecei.

– Por quê?

– Está brincando, né? Não queria dar um motivo para ele.

– Então mentiu.

– Foi.

– Disse à polícia que não conhecia Gunther, embora pelo menos cinco pessoas o tivessem visto atacá-lo em um bar três dias antes do assassinato?

As correntes chacoalharam quando Mannion deu de ombros.

– Eu era jovem. E burro. Mas não o matei. Precisa acreditar em mim.

– Sr. Mannion, vai ser mais rápido, e melhor para você, se parar de se declarar inocente e simplesmente responder às minhas perguntas, está bem?

– Está bem, desculpe. É força do hábito, sabe?

– Você teve bastante tempo para pensar sobre esse crime, certo? Digamos que eu acredite no que diz. Como o sangue da vítima foi parar em sua casa e em seu carro?

– Simples. Foi plantado.

– Então alguém arrombou seu veículo?

– Nunca tranquei meu carro em frente à minha própria casa.

– E quanto à casa?

– O sangue não foi encontrado dentro dela. Foi achado ao lado da máquina de lavar, na garagem. Eu deixava a porta da garagem aberta. Muita gente faz isso.

– Tem alguma prova de que o sangue foi plantado?

Mannion tornou a sorrir.

– Não tinha durante o julgamento.

– Mas tem agora?

– É isso que eu estava tentando dizer a todos. Que eu tinha provas. Mas eles disseram que era tarde demais. Que não era suficiente.

– Que provas, Sr. Mannion?

– Minhas calças.

– O que têm elas?

– A polícia disse que encontrou o sangue de Gunther no meu carro, certo?

– Sim.

– E acharam um monte de sangue na minha camisa. Eu vi as fotos da cena do crime. Elas foram mostradas no julgamento. O assassino praticamente serrou a cabeça de Gunther fora. Havia sangue para todo lado.

– Certo, e daí?

Mannion colocou as mãos em cima da mesa.

– Então como eles não encontraram sangue nenhum nas minhas calças?

Broome pensou naquilo por alguns instantes.

– Você pode muito bem tê-las escondido.

– Então, só para eu entender direito, eu dei um jeito de esconder minhas calças, além da minha cueca, minhas meias e, como estava frio naquela noite, meu casaco, mas deixei a camisa para a polícia encontrar? E, para completar, por que eu estaria usando uma camisa de manga curta naquela noite, já que fazia -1ºC? Por que o sangue estaria nela, e não em um casaco, num suéter ou num blusão?

Boas perguntas. Certamente não suficientes para invalidar uma condenação, mas, para o que Broome precisava, fazia muito sentido. Mannion olhava para ele cheio de esperança. O detetive, por mais cruel que possa parecer, não lhe deu nada em troca.

– O que mais?

Mannion pestanejou.

– Como assim, o que mais?

– É só isso? Essas são suas novas provas?

O homem piscou com mais força. Parecia um garotinho prestes a chorar.

– Achei que um cidadão fosse inocente até que se provasse o contrário.

– Mas, no seu caso, já foi provado o contrário.

– Não fui eu. Posso passar por um detector de mentiras, faço qualquer coisa.

– Vamos supor novamente que esteja dizendo a verdade. Quem teria tanta raiva assim de você?

– Hã?

– Está dizendo que armaram para o seu lado, não está? Então quem iria querer vê-lo atrás das grades?

– Não sei.

– Stacy Paris, talvez?

– Stacy? – disse Mannion com uma careta. – Ela me amava. Era minha namorada.

– Tanto que estava pulando a cerca com Ross Gunther.

– Isso foi o que ele disse. – Mannion cruzou os braços. – Não era verdade.

Broome suspirou e começou a se levantar.

– Espere. Está certo, não era bem assim – falou Mannion.

– E como era?

– Eu e Stacy tínhamos um acordo.

– Que tipo de acordo?

– Nós vivíamos naquele mundo, entende?

– Não, não entendo, Sr. Mannion. Por que não me explica?

Mannion tentou erguer as mãos, mas as correntes o impediram.

– Éramos fiéis um ao outro em nossa vida pessoal. Mas, profissionalmente, bem, não tinha problema, se é que o senhor me entende.

– Está dizendo que Stacy Paris era uma prostituta e o senhor era o cafetão dela?

– Não era assim. Eu gostava dela. Muito.

– Mas a obrigava a se prostituir.

– Eu não. Era só... bem, algo que ela fazia às vezes. Para tirar um extra. O que quero dizer é que era parte do que ela fazia.

– Qual era a outra parte?

– Ela dançava.

– Dançava – repetiu Broome. – Tipo o quê, balé no Municipal?

Mannion tornou a fechar a cara.

– Pole dancing.

– Onde?

– Em um bar chamado Homewreckers.

Broome se lembrava do lugar. O letreiro na frente dizia "Bar de Striptease Homewreckers – Não Somos um Clube de Cavalheiros". Uma segunda placa anunciava "Temos Bufê, Mas Você Não Veio Aqui pela Comida". O bar havia fechado uns 10, 15 anos atrás.

– Ela dançava em algum outro lugar?

– Não.

– Nem no La Crème?

– Não.

Beco sem saída. Ou não.

– Devia ser irritante.

– O quê?

– A maneira que ela encontrou de... hã... tirar um extra.

Ele deu de ombros.

– Era e não era. Eu também continuava a sair com outras mulheres.

– Quer dizer que não ficava incomodado?

– Não muito.

– Então Ross Gunther era só uma das maneiras como ela... bem, tirava um extra.

– Isso. Exatamente.

– E você não se importava com o que ela fazia. Não era um namorado ciumento.

– É por aí.

Broome espalmou as mãos na mesa.

– Então por que você entrou numa briga com ele?

– Por que ele batia em Stacy – disse Mannion.

Broome sentiu sua pulsação começar a acelerar. Pensou no que Cassie tinha dito, sobre como Stewart Green costumava abusar dela. Lembrou-se de que Tawny havia falado a mesma coisa sobre Carlton Flynn. E agora, Stacy Paris e Ross Gunther.

Um padrão.

Só que Ross Gunther estava morto. É claro que Stewart Green e Carlton Flynn também podiam estar, e provavelmente estavam. E ainda havia todos aqueles outros homens desaparecidos. Que fim eles teriam levado?

– E você? Chegou a maltratá-la alguma vez, Mannion?

– Como assim?

– Alguma vez bateu em Stacy? E, se mentir para mim uma só vez, dou o fora daqui.

Mannion desviou o olhar e fez uma careta.

– Uma vez ou outra. Mas nada de mais.

– Não, claro que não. – *Outro príncipe*, pensou Broome. – Depois do seu julgamento, que fim levou Stacy?

– Como eu vou saber? – perguntou Mannion. – Acha que ela me escreve, por acaso?

– Esse é o verdadeiro nome dela? Stacy Paris?

– Duvido. Por quê?

– Preciso encontrá-la. Tem alguma ideia de onde ela possa estar?

– Não. Ela era da Geórgia. Daquela cidade que começa com *S*. Mais ao sul, pelo que ela dizia, mas o sotaque dela era muito sexy.

– Savannah?

– É, isso mesmo.

– Ótimo, obrigado pela ajuda.

Broome começou a se levantar. Mannion olhou para ele como um cachorro prestes a ser colocado para fora de casa. O detetive se deteve. Aquele homem estava preso havia quase 20 anos por um crime que provavelmente não tinha cometido. Era verdade que não era nenhum santo. Tinha uma bela ficha policial, que incluía violência doméstica. O mais provável era que, se não tivesse se envolvido naquela encrenca, fosse parar na prisão por algum outro motivo. Se estivesse solto, não estaria fazendo o bem, ajudando os pobres ou tornando o mundo um lugar melhor para se viver.

– Sr. Mannion?

O preso olhou para ele.

– Só para constar, acredito na sua inocência. O que tenho nas mãos ainda não é suficiente para provar nada. Provavelmente nem para lhe conseguir um novo julgamento. Mas vou continuar trabalhando nisso, está bem?

Lágrimas escorreram pelo rosto do homem. Ele não tentou enxugá-las. Não produziu um som sequer.

– Eu vou voltar – concluiu Broome, encaminhando-se para a porta.

O caminho de volta pareceu mais longo, o corredor, mais comprido e estreito. O guarda que o escoltava perguntou:

– Ele criou problemas para o senhor?

– Não, nem um pouco. Colaborou bastante.

No posto de controle de segurança, Broome pegou suas chaves e seu celular. Quando o ligou, o aparelho começou a vibrar feito louco. Então Broome viu que havia pelo menos uma dúzia ligações perdidas, inclusive uma de Erin.

Droga, boa coisa não pode ser.

Ele telefonou logo para ela. Sua ex-mulher atendeu no primeiro toque.

– Broome?

– É grave? – perguntou ele.

– Muito.

capítulo 22

– Pegue a próxima saída – disse Barbie.

Eles estavam a caminho da casa de Dave e Megan Pierce, em Kasselton. Quando alugaram o carro, a garota atrás do balcão da concessionária havia flertado descaradamente com Ken, o que irritou Barbie. Ele fingiu ficar chateado, mas adorava quando Barbie bancava a possessiva. Para compensar, a deixara escolher o carro: um Mazda Miata branco.

– A primeira ou a segunda? – perguntou Ken.

– A segunda. Depois, pegue a terceira à direita.

Ken fechou a cara.

– Não entendo por que não podemos usar um GPS.

– Eu li um artigo – disse ela.

– Ah, é?

– Ele dizia que os sistemas de posicionamento global, porque é isso que significa a sigla GPS...

– Eu sei – falou Ken.

– Bem, eles prejudicam nosso senso de direção e, consequentemente, nosso cérebro – continuou Barbie.

– Como?

– Os autores do artigo descobriram que, se nos tornarmos dependentes demais desse tipo de tecnologia, vamos passar a usar nossa capacidade de orientação espacial no hipocampo, que é a parte do nosso cérebro...

– Também sei o que é isso.

– Bem, nós usamos menos o hipocampo quando nos tornamos dependentes do GPS, o que faz com que ele encolha. O hipocampo é necessário para coisas como memória e movimentação. Se for atrofiado, pode causar demência ou casos precoces de Alzheimer.

– E você acha que isso tudo é verdade?

– Claro – afirmou Barbie. – Quando o assunto é cérebro, acredito naquele velho ditado: se não usar, vai estragar.

– Interessante – falou Ken –, só não entendo como ler um mapa exercita mais meu hipocampo do que olhar para um GPS.

– Mas exercita. Depois mostro o artigo para você.

– Está bem, ótimo. Eu adoraria. Para onde agora?

– Já chegamos – informou Barbie, apontando para a frente. – Aquela é a casa deles.

◆◆◆

Dor. Esse foi o primeiro pensamento de Megan ao acordar. Uma britadeira rachava seu crânio em dois. Sua boca estava seca. Ela havia dormido como uma pedra e então acordado com uma sensação muito parecida com uma ressaca. Mas não era isso, claro. Não acordava com uma grande ressaca havia... bem, muito tempo. Tensão e estresse eram os culpados, calculou ela.

Na noite anterior, ela e Dave tinham adormecido – ou desmaiado, melhor dizendo – abraçados, o braço dele debaixo da sua cintura. Era comum eles dormirem assim. Naturalmente, em algum

momento da noite, o braço de Dave ficava dormente, preso ali embaixo, e ele o retirava com cuidado. Ela estendeu a mão na direção do marido, necessitando, instintivamente, sentir seu corpo, mas ele não estava na cama. Megan olhou para o novo relógio digital com base para dois iPods.

Eram 8h17 da manhã.

Ela arregalou os olhos. Colocou as pernas para fora da cama e seus pés bateram com força no chão. Perguntou-se quando teria sido a última vez que havia acordado depois das oito durante a semana, mas aquele já parecia estar fadado a ser um dia cheio de comparações com seu passado distante. Lavou o rosto e vestiu um roupão. Quando chegou ao pé da escada, sua filha, Kaylie, lhe abriu um sorriso irônico, de adolescente sabichona.

– A night com as amigas foi animada, mamãe?

Ela olhou em direção à cozinha. Dave estava ocupado fazendo panquecas. Mas fazia sentido. As crianças deviam ter perguntado onde estava a mãe e Dave provavelmente lhes dissera que ela havia aproveitado uma rara oportunidade de "sair com as garotas".

– É, parece que sim – respondeu Megan.

Kaylie fez um *tsc, tsc*.

– Vocês precisam aprender a beber.

Megan conseguiu sorrir.

– Não banque a espertinha.

Dave estava usando seu novo terno azul-escuro com uma gravata laranja. Serviu uma pilha de panquecas no prato de Jordan. Seu filho esfregou as mãos e então colocou calda suficiente no prato para cobrir uma caminhonete.

– Opa, vá com calma – disse Megan, tarde demais.

Ela ergueu os olhos e sorriu para Dave. Ele retribuiu com um breve sorriso e lhe deu as costas. De repente, a sensação boa da noite anterior pareceu evaporar. Como era estranha a rapidez com que a vida podia voltar ao normal depois dos acontecimentos mais dramáticos e surpreendentes... Em muitos aspectos, nada nunca muda. Na noite anterior, estivera tão perto de contar tudo a Dave... as mentiras, a traição, seu passado como Cassie – tudo. Estivera disposta a isso porque, na noite anterior, acreditava sinceramente que nada disso mudaria nada. Ela ainda amava Dave. Ele ainda a amava.

Quão ingênuo tudo aquilo parecia à luz do dia...

Agora, parada naquela cozinha de última geração com Dave, Kaylie e Jordan, ela não conseguia acreditar em quanto tinha chegado perto de destruir tudo. Dave jamais conseguiria entender a verdade. Como poderia? E, afinal, por que deveria contá-la? Qual era o sentido de fazer isso? Só serviria para magoá-lo. A crise tinha passado. Sim, em algum momento Dave iria querer saber onde ela havia estado, e Megan lhe daria alguma explicação vaga. Mas o tipo de revelação, de catarse, que havia feito tanto sentido na noite anterior agora parecia quase uma loucura suicida.

Dave pigarreou e olhou de forma teatral para o relógio.

– Melhor eu ir andando.

– Vai jantar em casa hoje? – perguntou Megan.

– Não sei – falou Dave, evitando seu olhar. Ela não gostou nada disso. – Ainda temos que dar duro naquele caso em que estamos trabalhando.

– Está bem.

Dave pegou sua bolsa de trabalho, aquele modelo caríssimo que ela lhe dera de presente de aniversário no ano anterior, com uma divisória para o laptop e um bolso com zíper para o celular. Megan o acompanhou até a porta, enquanto as crianças ficaram na cozinha. Quando Dave abriu a porta da frente e saiu para a varanda sem lhe dar um beijo, ela pousou a mão em seu braço.

– Me desculpe – disse ela.

Dave a encarou, esperando. O sol brilhava forte no cantinho suburbano deles. Mais à frente, Megan viu os filhos dos Reale entrarem correndo na nova caminhonete esportiva da mãe. A maioria das entradas para carros tinha jornais embrulhados na frente, jogados pelos entregadores da região. Havia um Mazda Miata branco estacionado diante da casa dos Crowley – provavelmente algum amigo de Bradley, o filho deles, tinha ido lhe dar carona para a escola. Um pouco mais à frente, Sondra Rinsky corria com seus dois cachorros. Ela e seu marido, Mike, haviam sido os primeiros a se mudar para aquele bairro, anos atrás. Tinham cinco filhos, e o caçula havia entrado para a faculdade no ano anterior.

Dave continuava esperando.

– Não foi nada de mais – começou a dizer Megan, com a mentira na ponta da língua. – Estava só ajudando uma amiga com um problema pessoal. Ela precisou de mim e não pude recusar, só isso.

– Que amiga? – perguntou ele com um quê de irritação na voz.

– Você vai ficar chateado se eu não disser? Ela me pediu para guardar segredo.

– Até de mim?

Ela arriscou um sorriso e deu de ombros.

– Essa sua amiga mora aqui perto? – quis saber Dave.

Que pergunta estranha, pensou Megan.

– Sim, mais ou menos.

– Então o que você estava fazendo em Atlantic City?

◆◆◆

Ken e Barbie estavam observando a casa dos Pierce.

– Ainda não estou segura quanto à lista de músicas – falou Barbie. – Quero dizer, adoro a versão rap de "O Jerusalem", mas no bis?

– Acho que vai ficar irado, aê – respondeu Ken.

Ela sorriu.

– Adoro quando você fala assim, tipo rapper.

– Tô ligado.

– Mas mesmo assim. No bis? Acho que deveria ser mais pelo meio do show, não?

– Ainda faltam quatro meses e você quer decidir isso agora?

– Eu sou organizada. Gosto de tudo no seu devido lugar.

Ken sorriu.

– Deve ser esse seu hipocampo superdesenvolvido.

– Muito engraçadinho. Mas, sério, se abrirmos com...

Barbie parou de falar quando a porta da frente da casa dos Pierce se abriu. Um homem saiu. Ele usava um terno azul-escuro e carregava uma bolsa numa das mãos. Seu cabelo estava ficando ralo. Ele parecida cansado, com os ombros encurvados. Havia alguém atrás dele, uma mulher, parada

diante da porta. Devia ser sua esposa, mas era difícil ter certeza daquele ângulo.

– Ele está irritado com ela – afirmou Ken.

– Como você sabe?

– Pela linguagem corporal.

– Exagero seu.

Nesse exato momento, a mulher agarrou o braço do homem. Ele o puxou de volta, se virou e saiu andando pela entrada de carros.

– Espere um instante! – gritou ela.

Ele a ignorou. A mulher saiu, aparecendo de corpo inteiro, de modo que Ken e Barbie puderam vê-la claramente. Foi então que Barbie apertou a mão de seu namorado e soltou um arquejo de espanto.

– Ela não é...?

Ele assentiu.

– É.

– Aquela mulher de ontem à noite, no escritório do advogado!

– Sim, eu sei.

Silêncio. O homem entrou no carro e foi embora, pisando fundo no acelerador. A mulher desapareceu de volta dentro de casa.

– Ela nos viu – disse Barbie. – Poderia nos identificar.

– Eu sei.

– Nosso papel era manter a situação sob controle.

– Agora não temos mais escolha – falou Ken.

– Então, como você quer resolver?

Ele refletiu por alguns instantes.

– O marido – disse enfim.

– O que tem ele?

– Eles acabaram de brigar. Algum vizinho deve ter visto. Talvez possamos fazer com que ele pareça culpado pelo que acontecer com ela.

Barbie assentiu. Fazia sentido.

Alguns minutos depois, uma adolescente saiu pela porta da frente e entrou num ônibus escolar. Em seguida, uma mulher com duas crianças subiu o caminho de entrada. A porta dos Pierce voltou a se abrir. Um garoto que parecia ter uns 10 ou 12 anos se despediu da mãe com um beijo e foi embora com a mulher.

Ken e Barbie esperaram a rua ficar vazia.

– Ela está sozinha agora – disse Barbie.

Ken assentiu, abrindo a porta do carro.

– Vamos assumir nossas posições.

◆◆◆

"Então o que você estava fazendo em Atlantic City?"

As palavras do marido a atingiram como um soco no estômago. Megan ficou parada ali, aturdida. Dave não esperou uma resposta. Simplesmente lhe deu as costas. Ela saiu do estado de choque e

agarrou seu braço.

Ele se desvencilhou e desceu às pressas o caminho de entrada.

– Espere um instante!

Dave não esperou. Ela cogitou ir atrás dele, mas então ouviu a voz de Kaylie chamando-a:

– Mãe? Pode me dar dinheiro para o lanche?

A essa altura, Dave já havia atravessado todo o caminho. Quando ele entrou no carro, Megan sentiu um aperto no coração.

– Mãe?

Kaylie outra vez.

– Pegue uma nota de 10 na minha carteira. Mas quero troco.

O carro partiu depressa e desceu a rua cantando os pneus. O som assustou os filhos dos Reale. Barbara e Anthony Reale se viraram ao mesmo tempo e viram Dave disparar pela rua com olhares de reprovação. Sondra e seus cachorros fizeram o mesmo.

– Só tem uma nota de 20 – gritou Kaylie. – Posso levar?

Ainda atordoada, Megan voltou para dentro de casa e fechou a porta.

– Mãe?

– Pode – respondeu ela, com a voz parecendo distante aos seus próprios ouvidos –, pode levar os 20, mas eles têm que durar a semana toda.

Megan retornou para a cozinha. Kaylie saiu correndo para pegar o ônibus, deixando sua louça suja na pia – como sempre. Ela se perguntou quantas horas de vida os pais perdiam pedindo a seus filhos que colocassem tudo o que usassem na lava-louça. Perguntou-se também quantas coisas úteis poderiam ser feitas com todas essas horas perdidas.

Jordan ia a pé para a escola com dois amigos todos os dias, enquanto os pais se revezavam para acompanhá-los. Naquela semana, eram os Colin. Esse esquema tirava Dave do sério. Ele dizia que, em sua época, as crianças simplesmente iam para a escola com os amigos, sem precisar da escolta de qualquer responsável. "São só três quarteirões de distância!", exclamava ele. "Eles precisam ter um pouco de independência." Mas não era mais assim que funcionava. Os filhos estavam sempre sob vigilância. Queixar-se e criticar esse costume era fácil, mas Megan continuava adepta dele porque a alternativa era terrível demais de se imaginar.

Como Dave descobriu que ela havia ido a Atlantic City?

Ela não tinha utilizado o sistema de pedágio eletrônico. Não tinha sequer usado seu cartão de crédito. Então como ele ficou sabendo? E, se sabia onde ela havia estado, o que mais tinha descoberto?

O pavor a invadiu. Assim que Jordan saiu de casa, Megan telefonou para o celular de Dave. Ninguém atendeu. Tornou a ligar. Em vão. Sabia que ele a estava simplesmente ignorando. Seu carro tinha Bluetooth, e ela já havia telefonado para ele vezes suficientes para saber que a recepção era boa durante todo o trajeto para o escritório. Tentou novamente. Dessa vez, esperou até o correio de voz entrar.

– Me ligue – pediu. – Não faça isso comigo.

Ela desligou. Parte dela sabia que precisava apenas lhe dar um pouco de espaço, deixá-lo extravasar ou coisa parecida. Mas a outra parte não gostava nem um pouco daquilo. Dave sabia que sua mulher odiava ser ignorada daquele jeito. Ela tentou telefonar uma última vez. Nada. Ótimo.

Então era assim que ele queria jogar. Megan começou a sentir raiva. Típico. Na noite passada, tinha sido o Sr. Compreensivo. Provavelmente só queria mesmo transar. Homens. Num sórdido clube noturno ou numa minimansão no subúrbio, não fazia diferença – eles eram todos iguais. As pessoas ficavam chocadas quando políticos ou celebridades mandavam tudo pelos ares por causa de uma noite de sexo, mas homens comuns faziam a mesma coisa. Então talvez Dave só tivesse sido gentil com ela porque...

Não, ela não estava sendo justa.

Era ela quem tinha desaparecido. No fim das contas, era ela a mentirosa.

Mas e agora?

Megan começou a arrumar a cozinha. Dave até cozinhava de vez em quando, mas a louça sempre sobrava para ela. Em uma hora, teria que ir para sua aula no Kasselton Tennis Club. Adoraria faltar, mas fazia parte de uma dupla e já era tarde demais para arranjar uma substituta. Que bizarro... De um clube chamado La Crème para outro chamado Kasselton Tennis Club – quanta diferença.

Ela começou a subir as escadas para colocar sua roupa branca. O clube era rígido quanto às regras de vestuário – todos os jogadores só podiam usar essa cor. Ridículo, na verdade. Ela pensou em sua sogra, Agnes. Talvez depois da aula desse uma passada por lá para vê-la. Agnes estava tão agitada durante a visita de Megan no dia anterior... Nossa, tinha sido mesmo no dia anterior? Parecia que ela não via a sogra havia meses.

Megan se permitiu pensar em Ray. Seus sentimentos começaram a voltar, então ela os afastou com uma importante questão de logística: se Ray não havia matado Stewart Green, então o que havia acontecido naquela noite?

Mas isso não tinha mais importância. Não era problema seu. Ela precisava deixar aquilo para trás. Subiu mais um degrau da escada, como se ele simbolizasse a distância que estava colocando entre si mesma e aquela noite terrível, quando a campainha tocou.

Ela se deteve. Ninguém mais costumava aparecer sem avisar. As pessoas telefonavam, mandavam torpedos ou e-mails. Ninguém simplesmente batia à sua porta, a não ser talvez os funcionários da FedEx ou dos Correios, mas ainda era cedo demais para eles.

Quando a campainha voltou a tocar, Megan soube, simplesmente soube, que a pessoa que estava ali trazia uma notícia terrível, que todas as suas tentativas de se tranquilizar tinham sido inúteis, que, agora que o passado a havia encontrado novamente, já não seria tão fácil se desvencilhar dele.

A campainha tocou uma terceira vez. Quem quer que fosse, não estava interessado em ter paciência ou esperar.

Megan desceu as escadas e estendeu a mão para a maçaneta.

capítulo 23

A CAMPAINHA TOCOU pela quarta vez. Megan olhou pelo vidro ao lado da porta, franziu a testa e a abriu.

– Como você me encontrou?

Ele não respondeu de imediato.

– Pelos registros telefônicos de Harry Sutton – disse Broome. – Posso entrar?

– Você prometeu.

– Eu sei.

– Ontem você garantiu que não viria atrás de mim.

– Eu sei.

– Deveria ter falado com Harry antes.

– E eu teria feito isso – falou Broome –, se ele não estivesse morto.

Outro soco no estômago. Megan chegou a cambalear para trás. O detetive não esperou que ela o mandasse entrar. Deu um passo à frente e fechou a porta atrás de si.

– Como? – disse Megan com algum esforço.

– Ainda não temos uma causa oficial da morte, mas parece ter sido um ataque cardíaco.

– Então ele não foi...?

– Assassinado? Sim, foi. Quer dizer, tecnicamente talvez possa ter sido um homicídio culposo, mas não há dúvida de que alguém foi responsável.

– Não entendi.

– Harry foi torturado.

Megan tornou a sentir um nó no estômago.

– Como?

– Não queira saber. Nada letal, mas... – Broome balançou a cabeça. – O estresse foi demais para ele. Seu coração não aguentou.

É estranho como nossa mente funciona. Ela havia passado anos acreditando que Ray havia matado Stewart Green numa tentativa de protegê-la. Agora sabia (ou pelo menos tinha bons motivos para acreditar... não havia ainda uma pequena dúvida?) que isso não era verdade. Apesar disso, seu primeiro pensamento ao receber a notícia sobre Harry Sutton foi simples e terrível: Dave sabia que ela havia estado em Atlantic City.

Megan afastou imediatamente essa ideia. Era uma daquelas coisas revoltantes que surgem do nada na cabeça, que você na mesma hora acha ridículas e sabe que nem merecem ser analisadas mais a fundo.

O segundo pensamento – e o mais dominante – era, bem, o próprio Harry. Ela pensou naquele sorriso gentil e reconfortante, em sua honestidade... e então pensou nele sendo torturado até a morte.

O terceiro pensamento, do qual ela não conseguia se livrar, era o mais simples de todos: a culpa era toda sua.

Ela pigarreou.

– Onde vocês o acharam?

Broome esperou um instante para responder.

– No escritório dele. O corpo foi encontrado hoje de manhã bem cedo.

– Então quer dizer que quando eu passei lá e a porta estava trancada...

– Ainda não podemos afirmar, mas ele provavelmente já tinha morrido.

Megan encarou Broome. Ele desviou o olhar. A culpa era sua, sim, mas ela pôde ver que o detetive também se sentia da mesma forma. Megan o havia procurado na noite anterior para alertá-lo de que Harry Sutton talvez estivesse encrencado e Broome não lhe dera ouvidos.

– Interessante – falou ele.

– O quê?

– O fato de você saber que havia algo errado.

Epa. Sua teoria de que ele se sentia culpado já era. Megan recuou um passo.

– Espere um instante. Você não está achando...

– Não – apressou-se Broome, mas Megan não sabia se deveria acreditar nele. – Não é aí que eu quero chegar. Só estou imaginando o que pode ter deixado você desconfiada.

– Para começar, ele não apareceu no restaurante.

– Sim, tudo bem, mas não foi só isso, foi? Você disse algo sobre uma recepcionista atendendo ao telefone.

– Isso mesmo – falou Megan. – Você conhece o escritório de Harry.

– É bem... informal.

– Exato. Ele não tinha recepcionista, principalmente uma que atendesse a seu celular. E a voz dela, aquele tom alegrinho... me deu arrepios.

– Então existe uma mulher envolvida nisso.

– Parece que sim.

– Está bem – disse Broome –, vamos repassar essa história passo a passo. Nós sabemos que Harry falou com você ao telefone.

– Sim. Ele disse que você queria me mostrar aquela fotografia.

– Certo. Em seguida, ele deveria se encontrar conosco. Mas não apareceu nem ligou desmarcando. Então, por enquanto, podemos supor que em algum momento entre a hora em que você ligou para Harry e a hora em que ele deveria sair para o restaurante alguém o apanhou.

– Você disse que ele foi encontrado no escritório – comentou Megan.

– Sim.

– Então a pessoa que fez isso deve ter torturado Harry lá mesmo.

Broome assentiu.

– Faz sentido. Então vamos voltar um instante. Quando Harry telefonou, onde você estava?

– Que diferença isso faz?

– Vamos lá, me dê uma chance.

Megan não estava gostando daquilo, mas, se pudesse ajudar a apanhar o assassino de Harry, estava disposta a colaborar.

– No La Crème.

– Por quê?

– Estava visitando alguns velhos amigos.
Broome fechou a cara.
– Quem?
Ela balançou a cabeça.
– Não importa.
– É claro que importa.
Megan não iria lhe contar sobre Ray, mas, pensando melhor, ele não havia estado no La Crème.
– Você conhece Lorraine.
– Conheço. Quem mais?
– Mais ninguém.
Broome pareceu desconfiado.
– Está bem, então você estava no La Crème. Descobriu alguma coisa por lá?
– Não.
– E depois que saiu do restaurante? Para onde foi?
– A um bar chamado Weak Signal.
– Para quê?
Ela odiava mentir, mas sabia que não tinha escolha.
– Era um lugar que eu costumava frequentar, está bem? Estava apenas fazendo um passeio pelo meu passado. Que diferença isso faz?
– E estava lá quando ligou para Harry e a tal recepcionista atendeu?
– Estava.
Broome coçou o queixo.
– Me fale outra vez sobre ela. Não se esqueça de nada.
Megan relatou novamente a conversa. Explicou como a mulher parecia jovem, como tentou fazer com que Megan lhe dissesse seu nome verdadeiro e seu endereço. Ao ouvir isso, Broome levantou as sobrancelhas.
– O que foi? – disse ela.
– Não sei se quero assustá-la – falou Broome.
– Mentiras me assustam – replicou Megan, o que era verdadeiro e irônico ao mesmo tempo. – O que foi?
– Ora, pense bem. Harry foi torturado. Pode ser que alguém tenha feito isso por diversão, mas é bem mais provável que tivesse um motivo.
– Como o quê?
– Como tentar extrair informações dele. Talvez ele tenha falado o que os torturadores queriam ouvir antes de morrer, não sei. Mas eles pegaram o celular de Harry, não foi?
– Parece que sim.
– Então você liga e o que a tal mulher faz? Finge ser recepcionista dele para pedir seus dados. Ela quer saber o seu nome e onde você mora.
Megan sentiu uma nova onda de medo.
– Como assim? Você acha que eles estão atrás de mim?
– É possível.

– Por quê?

– Não sei, mas pense bem. Após 17 anos, você aparece na cidade. No mesmo dia, Harry é torturado. Depois, essa mulher que roubou o celular dele tenta fazer com que você lhe diga seu nome. – Broome deu de ombros. – Acho que é algo a se pensar.

– E, se esses torturadores estão com o celular dele, têm meu número no registro de chamadas.

– Sim.

– Seria fácil me localizar?

– Acho que você já sabe a resposta.

Ela sabia. Qualquer um sabia. Seria ridiculamente fácil. Megan balançou a cabeça. Tinha pensado que poderia simplesmente dar um pulo em Atlantic City e escapar outra vez.

– Meu Deus – disse ela. – O que foi que eu fiz?

– Preciso que você pense comigo por mais alguns minutos, está bem?

Ela assentiu, desnorteada.

– Depois do telefonema, você foi ao escritório de Harry, certo? Antes de vir falar comigo.

– Fui.

– Não quero assustá-la mais do que já assustei, mas pense por um instante na cronologia dos acontecimentos.

– Você quer dizer que eles poderiam estar torturando Harry enquanto eu batia à porta?

– É uma possibilidade.

Megan estremeceu.

– Mas agora preciso que você me conte tudo sobre sua ida ao escritório de Harry – continuou Broome. – Não omita nada. Já era tarde. A maioria dos escritórios estava fechada. Então, a pergunta mais importante é: quem você viu por lá?

Ela fechou os olhos e tentou pensar.

– Tinha um zelador no vão da escada.

– Como ele era?

– Alto, magro, cabeludo.

Broome assentiu.

– Está certo, esse é o zelador de sempre. Quem mais?

Megan raciocinou antes de responder.

– Um casal jovem.

– No corredor? Próximo à porta de Harry? Onde?

– Não, eles estavam saindo quando eu estava entrando.

– Como eles eram?

– Novinhos, bonitos, arrumadinhos. Ela era loura. Ele parecia ter acabado de sair de uma quadra de squash.

– É mesmo?

– É. Não tinham cara de torturadores.

– E como é uma cara de torturador?

– Boa pergunta.

Broome pensou em tudo o que ela tinha dito por alguns instantes.

– Você disse que uma jovem atendeu ao telefone.
– Isso.
– Poderia ter a mesma idade que essa tal loura?
– Talvez.
Uma sombra atravessou o semblante de Megan.
– O que foi? – perguntou Broome.
– Bem, agora que você falou, eles pareciam deslocados ali, entende? Quer dizer, você conhece o escritório de Harry...
– É uma espelunca.
– Exatamente.
– Então o que um casal jovem e arrumadinho estaria fazendo ali? – ponderou Broome.
– Você poderia fazer a mesma pergunta a meu respeito.
– E você também não é o que parece ser – afirmou ele.
– Não. Então talvez eles também tenham seus segredos.
– Pode ser.
Broome olhou para baixo. Respirou fundo algumas vezes.
– Detetive?
Ele levantou a cabeça.
– Já interrogamos todos no prédio de Harry – disse, antes de ficar em silêncio.
– E daí?
– E daí que os únicos escritórios que ainda estavam abertos àquela hora da noite eram o do agente de fianças no terceiro andar e o do contador público no segundo. – Broome a encarou. – Nenhum deles recebeu clientes como o casal que você descreveu.
– Tem certeza?
– Tenho. O que nos leva à pergunta óbvia: o que esse casal estava fazendo naquele prédio àquela hora da noite?
Os dois ficaram em silêncio. Broome começou a olhar à sua volta, prestando atenção no teto abobadado, nos tapetes orientais, nas pinturas a óleo.
– Bela casa – falou ele.
Ela não respondeu.
– Como você conseguiu, Megan?
Ela sabia do que o detetive estava falando: como ela havia conseguido escapar?
– Você acha mesmo que esses dois mundos são tão distantes um do outro?
– Sim, acho.
Não eram, mas Megan não estava disposta a explicar. Havia aprendido a grande diferença entre os que têm tudo e os que não têm nada. Era uma questão de sorte e privilégio. E, quanto mais sorte você tinha e quanto mais portas se abriam por causa de seus privilégios, mais você precisava convencer os outros de que havia alcançado o sucesso devido à sua inteligência e ao seu esforço. O mundo, no fim das contas, se resumia a problemas de baixa autoestima.
– Certo, e agora? – perguntou ela.
– Para começar, você tem que ir comigo à delegacia para fazer um retrato falado. Precisamos

identificar esse casal que você viu. Também quero que seja sincera comigo.

– Eu *estou* sendo sincera.

– Não, não está. Tudo isso nos leva à mesma pessoa. Nós dois sabemos disso.

Megan ficou calada.

– Tudo aponta para Stewart Green. Você disse que alguém o viu recentemente.

– Eu falei que alguém *talvez* o tivesse visto.

– Tanto faz. Preciso saber quem.

– Prometi que iria manter segredo.

– E eu prometi que não viria atrás de você. Mas Harry está morto. E Carlton Flynn está desaparecido. Você voltou à cidade. Alguém viu Stewart Green. Não importa o que esteja acontecendo com esses homens, está tudo prestes a explodir. Você não pode mais fugir. Não pode mais se esconder neste casarão luxuoso. Parece que os dois mundos não são tão distantes um do outro assim, no fim das contas.

Megan tentou se acalmar um pouco, pensar melhor naquilo. Não queria cometer um erro, mas entendia o que estava acontecendo. Stewart Green era um suspeito. Broome precisava fazer tudo ao seu alcance para encontrá-lo.

– Megan?

Ela o encarou.

– Eles não são os únicos.

Um novo e gélido arrepio atravessou o coração dela.

– Como assim?

– Todos os anos, durante o Mardi Gras, um homem desaparece. Ou morre.

– Não estou entendendo.

– Eu explico melhor no carro. E você poderá me contar quem viu Stewart Green.

capítulo 24

SENTADO NO WEAK SIGNAL, Ray Levine repassava as últimas horas em sua cabeça sem parar. Sob o céu escuro que cobria Lucy, ele tinha visto a única mulher que amara na vida entrar em seu carro e ir embora. Ele não se moveu. Não a chamou. Apenas deixou que ela saísse da sua vida sem uma palavra ou protesto. Outra vez.

Depois que o carro sumiu de vista, Ray continuou parado ali por mais um minuto inteiro, olhando para a rua. Parte dele achava que Cassie iria cair em si, fazer o retorno, escancarar a porta do carro e correr para ele. Ali, sob o olhar vigilante de Lucy, a Elefanta, Ray a envolveria em um abraço apertado, começaria a chorar e nunca mais a deixaria partir.

Só faltaria a chuva artificial e a canção de amor tocando ao fundo, certo?

Mas não foi o que aconteceu, é claro. O amor da sua vida tinha ido embora novamente, e quando um homem que já está no fundo do poço consegue descer ainda mais, só há uma coisa a fazer.

Encher a cara.

Fester lançou um olhar cauteloso para seu funcionário quando ele entrou no Weak Signal. O gigante que não tinha medo de nada vacilou antes de abordar Ray.

– Ei, tudo bem com você? – perguntou-lhe Fester.

– Por acaso você está vendo alguma bebida na minha mão?

– Não.

– Então a resposta é essa até que eu esteja.

Fester pareceu confuso.

– Hã?

– Não, não estou bem. Mas vou ficar assim que você tirar essa bunda gorda do caminho para eu poder pedir uma bebida.

– Ah – disse Fester, dando um passo para a direita –, entendi.

Ray pegou um banco, e sua linguagem corporal dizia ao barman para ser rápido. Fester se sentou ao seu lado. Durante um bom tempo não disse nada, respeitando o espaço do amigo. Era estranho, mas com o passar dos anos Fester havia se tornado seu melhor amigo – talvez o único –, embora, naquele instante, isso fosse mais ou menos irrelevante. Naquele momento, o que havia em sua cabeça era a imagem de uma linda mulher, os traços do seu rosto, a lembrança do seu corpo quando ele a abraçou, o cheiro de lírios e amor, aquele nó no seu estômago quando seus olhares se cruzaram – e a única maneira de se livrar dessa imagem era afogá-la em álcool.

Ray queria beber até não se lembrar de nada no dia seguinte.

O barman lhe serviu uma dose, depois outra, então deu de ombros e simplesmente deixou a garrafa. Ray engoliu a bebida, sentindo-a queimar sua garganta. Fester o acompanhou. Demorou um pouco até que Ray começasse a sentir o entorpecimento. Ele o recebeu de braços abertos, incentivando-o, tentando facilitar o caminho rumo ao esquecimento.

– Eu me lembro dela – disse Fester.

Ray lançou um olhar preguiçoso em direção ao amigo.

– Quer dizer, quando ela apareceu aqui, me pareceu familiar. Ela dançava no La Crème, não

dançava?

Ray não respondeu. Naquela época, Fester era leão de chácara em alguns clubes. Eles já se conheciam, e Fester tinha a reputação de ser um dos melhores do ramo. Ele sabia quando atacar e, o que era mais importante, quando se conter. As garotas se sentiam seguras perto dele. Ora, até Ray se sentia em segurança perto dele.

– É uma droga, eu sei.

Ray deu um grande gole em seu drinque.

– Pois é.

– Então, o que ela queria?

– Não quero falar sobre isso, Fester.

– Pode ajudar.

Hoje em dia todo mundo acha que é psicólogo.

– Que ajudar o quê... Só cale a boca e beba.

Ray serviu outra dose. Fester ficou calado. Ou, se disse alguma coisa, ele não ouviu. O resto da noite passou em um torpor sombrio e patético. Ray pensou no rosto dela. No corpo. Na maneira como ela o encarava com aqueles olhos. Pensou em tudo o que havia perdido e, o que era mais doloroso, em como as coisas poderiam ter sido. E, naturalmente, pensou no sangue. Sempre acabava voltando a isso – a todo aquele maldito sangue.

Então, misericordiosamente, ele apagou.

Em determinado momento, abriu os olhos e soube na mesma hora que estava em casa, deitado na cama, e era de manhã. Sentia-se como algo revirado em uma caçamba de lixo. Uma sensação familiar até demais. Perguntou-se se teria passado mal na noite anterior, se em algum momento durante o tempo em que "apagara" havia se ajoelhado na frente da privada e colocado os bofes para fora. Seu estômago roncava, pedindo comida, de modo que ele achou que sim, provavelmente.

Fester dormia – na verdade estava mais para desmaiado – no sofá. Ray se levantou e o sacudiu com força. Ele acordou com um sobressalto, então grunhiu e levou as mãos à sua cabeça enorme, uma de cada lado, como se tentasse impedir que ela se partisse. Ambos estavam com as mesmas roupas da noite anterior e fediam como uma lixeira, mas nenhum dos dois se importava com isso.

Saíram cambaleando do apartamento e foram à lanchonete da esquina. A maioria dos clientes parecia estar com uma ressaca ainda maior que a deles. A garçonete, uma mulher de cabelos longos com um ar de "já vi de tudo nessa vida", lhes levou um bule de café antes mesmo de eles pedirem. Ela era meio cheinha, do jeito que Fester gostava. Ele lhe abriu um sorriso e disse:

– Oi, docinho.

Ela largou o bule na mesa, revirou os olhos e saiu.

– Noite pesada – comentou Fester.

– Já tivemos piores.

– Não como essa. Consegue se lembrar de alguma coisa?

Ray ficou calado.

– Apagou de novo? – perguntou Fester.

Ele continuou em silêncio e se serviu de uma xícara de café. Os dois tomaram a bebida sem açúcar.

– Eu entendo o que você está passando – disse Fester.

Na verdade, ele não fazia a menor ideia, mas Ray ficou quieto.

– Você por acaso acha que é o único cara no mundo que teve o coração partido?
– Fester?
– O quê?
– Shh – fez Ray, levando o indicador aos lábios.
Fester sorriu.
– Não quer mesmo falar disso?
– Não quero mesmo falar disso.
– Talvez eu precise. Quer dizer, sobre o que aconteceu na noite passada. Também me trouxe recordações.
– Da sua desilusão amorosa?
– Isso mesmo. Você se lembra da Jennifer?
– Não.
– Jennifer Goodman Linn. Esse é o nome dela agora. Ela era a mulher da minha vida. Entende o que eu estou dizendo?
– Entendo.
– Tem algumas garotas com quem você só quer se divertir. Mas tem algumas, ou melhor, talvez uma só, que faz você pensar que poderia ser para sempre. – Fester se inclinou para a frente. – Cassie era assim para você?
– Se eu disser que sim, você vai me deixar em paz?
– Então você entende do que eu estou falando.
– Claro – disse Ray. Fester era enorme, mas, como todos os homens, quando falava sobre desilusões amorosas ficava menor e mais patético. Ray respirou fundo e perguntou: – O que aconteceu entre vocês dois?
A garçonete de cabelos compridos voltou. Perguntou se eles já tinham decidido o que iam querer. Ray pediu apenas panquecas. Fester quis um café da manhã que incluía todos os grupos alimentares de qualquer programa nutricional que você possa imaginar. Levou quase dois minutos para dizer tudo. Ray se perguntou se um remédio para baixar o colesterol vinha junto com o pedido.
Depois que a garçonete se retirou, Ray voltou ao seu café, e Fester fez o mesmo. Ray pensou que o momento de falar sobre recordações amorosas tivesse passado e ele pudesse recostar e curtir seu mau humor em paz. Ledo engano.
– Algum otário a roubou de mim – continuou Fester.
– Sinto muito.
– Ela está casada agora, com um cara que tem uma empresa de bombeiros hidráulicos e mora em Cincinnati. Eles têm dois filhos. Vi um monte de fotos deles no Facebook. Fizeram um cruzeiro de carnaval no ano passado. Costumam ir a jogos de beisebol. Ela parece muito feliz.
– Todo mundo parece feliz no Facebook.
– É mesmo... Como pode? – Fester tentou sorrir, mas a dor era tanta que ele não conseguiu. – Seja como for, eu não servia para ela, entende? Era só um reles leão de chácara. Talvez agora, com esse novo negócio e tudo mais, eu ganhe tão bem quanto o tal do encanador. Quem sabe até mais. Mas agora é tarde, certo?
– Certo.

– Você não vai me encorajar a ir atrás dela?

Ray ficou calado.

– Você precisa ver as fotos de Jennifer. No Facebook, quero dizer. Ela ainda é tão linda quanto na época em que me deu o pé na bunda. Talvez até mais.

Ray olhou para o café por alguns instantes.

– Isso é apenas a sua frustração amorosa falando. Sabe quando a gente está num bar e as mulheres ficam cada vez mais bonitas à medida que vamos ficando mais bêbados? Então, no Facebook é a mesma coisa. Quanto maior a sua decepção amorosa, mais bonita você acha a pessoa que a causou.

– Você acha mesmo?

– Acho.

Fester pensou a respeito.

– É, talvez seja isso. Ou pode ser apenas o amor verdadeiro que me faz achar que Jennifer ficou mais bonita com o passar dos anos.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes. O café era como um néctar divino. A dor de cabeça se transformou em um latejar vago e constante.

– O cara provavelmente está fazendo Jennifer feliz – disse Fester. – Eu devia esquecer o assunto.

– Boa ideia.

– Mas – acrescentou ele, erguendo um dedo –, se ela entrasse por aquela porta agora, ou se aparecesse no Weak Signal me procurando depois de todo esse tempo, sei exatamente o que eu faria.

– Entendi a indireta, Fester. Você foi bem claro.

Ele abriu os braços.

– E eu pareço discreto em alguma coisa?

Bem colocado.

– Ela não voltou para reatar comigo.

– Então só queria uma aventura? Algumas horas de sexo? Que droga... – Então, reconsiderando, Fester disse: – Pensando bem, que se dane. Eu aceitaria.

– Ela também não voltou por isso.

– Então foi por quê?

Ray balançou a cabeça.

– Não importa. Ela foi embora. Não vai voltar.

– Então só apareceu para confundir sua cabeça.

Ray brincou com seu guardanapo.

– Tipo isso.

– Que dureza.

Ray não respondeu.

– Mas sabe o que é interessante?

– Não, Fester, por que você não me diz o que é interessante?

– Jennifer partiu meu coração, é claro, mas eu continuo inteiro. Entende o que eu quero dizer? Ainda estou na ativa. Tenho um negócio, uma vida. Eu segui em frente. Tudo bem, de vez em quando eu bebo, mas não deixo isso me destruir.

– Mais uma vez, entendi a indireta – falou Ray.

– Sei que existem poucas coisas piores que um coração partido, mas também não é nada que vá me matar. Está me entendendo?

Ray quase deu uma gargalhada. Ele sabia e, ao mesmo tempo, não sabia. Um coração partido é ruim, mas de fato havia coisas piores. Fester achava que Ray estava sofrendo por causa disso, e sem dúvida estava. Mas realmente isso não mata. Se fosse só um coração partido, ele teria dado a volta por cima. Porém, o que Fester não sabia era que havia mais coisas na história do que apenas uma desilusão amorosa.

Sangue, por exemplo.

◆◆◆

Broome não gostava da ideia de abrir o jogo com Megan.

Ainda não acreditava que ela estivesse revelando tudo, o que só aumentava a necessidade de lhe contar todos os fatos terríveis e sinistros do caso. Então, durante a viagem de carro para Atlantic City, ele lhe colocou a par do suficiente para deixá-la apavorada: sua hipótese de que muitos homens, não só Stewart Green e Carlton Flynn, haviam desaparecido durante o Mardi Gras, e de que nenhum deles jamais tinha sido visto novamente.

Quando terminou, Megan disse:

– Então esses homens estão mortos, fugiram, foram raptados por alguém ou o quê?

– Não sei. Só temos certeza do que aconteceu com um deles, Ross Gunther.

– E ele está morto.

– Sim. Existe um homem cumprindo pena pelo assassinato dele.

– E você acha que ele é inocente?

– Acho.

Megan refletiu por alguns instantes.

– Então, de acordo com suas pesquisas, quantos homens se encaixam no padrão do Mardi Gras?

– Ainda estamos trabalhando nisso, mas por enquanto temos 14 indivíduos.

– Não mais que um por ano.

– Exato.

– E sempre na época do Mardi Gras.

– Isso.

– Só que agora... bem, você tem outra vítima: Harry Sutton. Ele não se encaixa no padrão.

– Não acho que ele faça parte do grupo do Mardi Gras.

– Mas deve existir alguma ligação – ponderou ela.

– Concordo – falou Broome. – A propósito, esse feriado significa alguma coisa para você? O Mardi Gras?

Megan balançou a cabeça.

– Era sempre uma noite agitada, mas fora isso, não, nada.

– E para Stewart Green?

– Não. Quero dizer, pelo menos não que eu saiba.

– Ele é o único do grupo que pode ter sido visto. Agora você entende por que preciso falar com a pessoa que disse que o viu?

– Entendo – respondeu Megan.

– E então?

Ela pensou no assunto, mas não havia outra opção além de dizer a verdade.

– Foi Lorraine quem o viu.

– Obrigado.

Megan ficou calada. Broome lhe pediu que não a avisasse que ele estava prestes a procurá-la.

– Conheço Lorraine há muitos anos – explicou ele.

Megan abriu um sorriso malicioso, lembrando-se de que Lorraine lhe contara que tinha ido para a cama com ele uma vez.

– É, eu sei.

Broome estacionou o carro e a conduziu à delegacia pela porta lateral. Não queria que Goldberg ou qualquer outra pessoa soubesse que ela estava ali. Levou-a até o depósito no primeiro piso. Rick Mason, o desenhista de retratos falados e especialista em informática, os aguardava lá.

– Por que tanto segredo? – perguntou Mason.

– Pense nisso como uma medida de proteção a testemunhas.

– Dos seus colegas da polícia?

– Especialmente deles. Confie em mim, está bem?

Ele deu de ombros. Assim que Megan se acomodou, Broome voltou para o carro e ligou para Erin. Mais cedo, pedira-lhe que conferisse todas as câmeras de segurança próximas do escritório de Harry Sutton, para ver se conseguia uma imagem do casal jovem. Erin informou que ainda estava trabalhando nisso. Ele também tinha dito a ela que descobrisse o paradeiro de Stacy Paris, a garota que havia sido o motivo da briga entre Mannion e Gunther.

– O verdadeiro nome dela é Jaime Hemsley. Ela mora nos arredores de Atlanta.

– Casada?

– Não.

Atlanta. Ele não teria tempo de ir até lá.

– Talvez você possa falar com ela por telefone, ver se ela tem algo a nos dizer sobre a noite em que Gunther morreu.

– Já liguei para ela. Ninguém atendeu, mas vou continuar tentando. Broome?

– Que foi?

– Se Mannion for inocente... Quero dizer, se ele tiver passado quase 20 anos na cadeia por causa de um assassino em série... Que merda.

– Sua perspicácia é impressionante, Erin.

– Bem, você não se apaixonou por mim só por causa do meu corpinho.

– Na verdade, foi por isso, sim – brincou Broome. – Fale com Stacy. Descubra o que ela sabe.

Ele desligou. O percurso até o La Crème foi curto. Os clientes da hora do almoço chegavam aos montes, muitos fazendo fila para o bufê de aparência duvidosa antes de ir olhar as garotas, o que fazia você pensar que eles deviam estar mesmo famintos.

Lorraine não estava no seu lugar de sempre, atrás do bar. Certa noite, muitos anos antes, os dois haviam dormido juntos uma única vez. Tinha sido divertido e sem significado, o tipo de coisa que faz com que você se sinta vivo e ao mesmo tempo deseje que nunca tivesse acontecido – como é

típico nessa espécie de envolvimento, até para quem está acostumado. Ainda assim, quando você dorme com alguém, mesmo que tenha sido por causa da bebida, mesmo que você tenha se arrependido ou não tenha o menor desejo de repetir a dose, um vínculo se estabelece. Ele esperava conseguir se aproveitar disso agora.

Foi até os fundos do clube. A porta do escritório de Rudy estava fechada. Ele a abriu sem bater. Rudy estava tentando fazer uma camisa apertada demais passar pela sua cabeça enorme e depois se acomodar em sua barriga redonda como uma bola. Havia uma garota no escritório, ajudando-o. Ela era jovem. Provavelmente jovem demais. Rudy a enxotou pela porta lateral.

– Ela é maior de idade – explicou ele.

– Tenho certeza que sim.

Ele ofereceu uma cadeira a Broome, que descartou o convite com um aceno.

– Então – disse Rudy –, é o segundo dia seguido que você aparece aqui.

– Pois é.

– Vai me dizer que está apaixonado por uma das minhas garotas?

– Não, Rudy, estou apaixonado por você. Excesso de pelo nos ombros me deixa louco.

Rudy sorriu e fez um gesto que abarcava toda a sua extensão.

– Eu tenho o tipo de corpo que agrada a todos os gostos.

– Exatamente. Onde está Lorraine?

– Já deve estar voltando. O que você quer com a minha melhor funcionária?

– Vou esperar lá na frente – disse Broome, apontando com o polegar para fora do escritório.

– Eu acharia melhor você simplesmente ir embora.

– Ou posso começar a pedir a identidade de todas as garotas.

– Vá em frente – falou Rudy. – Meu estabelecimento está totalmente dentro da lei. Você acha que eu preciso desse tipo de problema?

– Deixe para lá. Como disse, vou esperar lá na frente.

– Você não me ouviu. Não quero problemas.

– E não vai ter nenhum, se cooperar.

– Foi isso que você disse ontem. Ainda se lembra que veio aqui ontem, né?

– Sim, o que aconteceu?

– Você ameaçou uma de minhas garotas. Tanya.

– Tawny.

– Tanto faz.

– Eu não a ameacei. Apenas conversei com ela.

– Sei. E deu continuidade à conversa fora daqui, sendo um pouco mais persuasivo, não é?

– Do que você está falando?

Rudy tinha uma tigela enorme de confeitos de chocolate em cima da mesa. Ele enfiou sua mão do tamanho de uma luva de beisebol dentro dela.

– Tawny me ligou ontem à noite. Pediu demissão.

– E você acha que eu tive algo a ver com isso?

– Não teve?

– Talvez o que falei tenha aberto os olhos dela. Quer dizer, isso e as surras que seu cliente Carlton Flynn lhe dava, trabalhar nesta espelunca, esse tipo de coisa.

– Duvido.

– Por quê?

– Uma das garotas daqui mora com ela. Disse que Tawny jogou suas coisas numa mala e fugiu. Falou que parecia que alguém tinha acabado de aplicar um corretivo nela.

– Quem?

Rudy despejou os confeitos na boca.

– Imaginei que tivesse sido você.

Broome fechou a cara.

– Onde ela está agora?

– Entrou em um ônibus e sumiu do mapa.

– Rápido assim?

– Sim, ontem à noite mesmo. Me ligou diretamente da rodoviária para pedir demissão.

Broome tentou entender o que havia acontecido. Poderia ter sido só por conta do que ele tinha dito. Essas garotas não são exatamente estáveis. Ela já tinha sido ferida. Seu dedo, quebrado. O quase-namorado violento dela tinha sumido. Um policial havia aparecido para interrogá-la. Talvez ela tivesse apenas decidido cortar o mal pela raiz e ir para casa.

– Essa garota que morava com ela... – disse Broome.

– Não está aqui. E não sabe de nada.

– Rudy, esta não é a hora de bancar o engraçadinho comigo.

Ele suspirou.

– Calma, você me conhece, sou um cidadão exemplar. Vou chamá-la aqui, mas, enquanto isso – disse ele, apontando para fora do escritório por cima do ombro de Broome –, minha melhor funcionária acabou de chegar. Pontual, como sempre. Broome se virou e viu Lorraine se encaminhando para o seu posto atrás do bar.

– Ei, Broome.

Ele voltou a olhar para Rudy. Seu rosto estava diferente. Fosse qual fosse a máscara que ele normalmente colocava para falar com policiais, não estava mais lá.

– Ela é especial. Lorraine. Você sabe disso, né?

– Aonde você quer chegar, Rudy?

– Se o que pretende fazer aqui causar algum mal àquela mulher – falou ele, gesticulando na direção de Lorraine, que já havia começado a limpar o bar –, não me interessa o fato de você ser policial. Eu acabo com a sua raça.

capítulo 25

Mais cedo naquele dia, Ken tinha ido até a porta deslizante de vidro na entrada do deque de madeira de Megan Pierce. Barbie havia entrado pela garagem – um plano B para o caso de a porta estar trancada. Não seria necessário. A porta estava aberta. Ken a abriu silenciosamente. Estava prestes a entrar quando a campainha tocou.

Ele recuou e se agachou. O agente Broome entrou na casa.

Ken teve vontade de praguejar, mas nunca fazia isso. Substituiu o xingamento por sua palavra favorita para aquele tipo de situação: "contratempo". Não passava disso. O que determina o valor de um homem não é quantas vezes ele é derrubado, mas sim quantas vezes ele se levanta.

Enviou um torpedo para Barbie, mandando-a ficar onde estava. Tentou ouvir a conversa, mas era arriscado demais. Tudo bem. Ken se manteve abaixado e fora de vista. O quintal dos Pierce era decorado com móveis luxuosos, de uma marca famosa. Havia uma fonte em um dos cantos, uma trave de futebol em tamanho real e um balanço de cedro meio gasto. Era realmente uma linda casa. Ken se perguntou qual teria sido o papel daquela mulher e mãe aparentemente comum no desaparecimento de Carlton Flynn, mas descobrir isso era exatamente seu trabalho.

Ele esperou. Pensou nos filhos de Megan. Quase conseguia visualizá-los chutando uma bola para dentro daquele gol, esparramados nos sofás do jardim, preparando um hambúrguer na grelha...

Pensou no que aquela vida devia significar para o homem da casa. Filhos. Jantares em família. Churrascos. Igreja aos domingos. Sua linda esposa sorrindo por trás da porta de vidro deslizante enquanto ele ensinava seu filho a jogar bola. Ken queria essa vida. Para ele próprio e – percebia agora – para Barbie. Conseguia imaginá-la através da janela, sorrindo para ele, transbordando de amor. Pensou neles colocando as crianças para dormir, certificando-se de que elas tinham escovado os dentes e feito suas orações, desaparecendo depois dentro de seu próprio quarto, de mãos dadas. Imaginou Barbie fechando a porta e se virando em sua direção.

O que mais um homem poderia querer?

Ken sabia, é claro, que não seria tão simples. Ele tinha suas compulsões, mas até mesmo isso poderia compartilhar com sua amada.

O que estava esperando?

Ken não gostava da ideia de deixar aquelas crianças sem mãe, mas não via alternativa. Quinze minutos se passaram. Megan Pierce entrou com o detetive Broome no carro dele. Depois que eles foram embora, Ken e Barbie se encontraram diante do Miata alugado.

– O que você acha que aquele tira estava fazendo aqui? – perguntou Barbie.

– Não sei.

– Deveríamos ter vindo ontem à noite.

– Era muito arriscado.

– E agora?

Eles entraram no carro e pegaram a Garden State Parkway de volta, na direção sul. Ken não estava tão preocupado. O mais provável era que Broome e a Sra. Pierce estivessem retornando a Atlantic City. Ele pisou fundo. Cerca de 5 quilômetros à frente, viu o carro de Broome. Manteve-se a

distância, sem se preocupar em segui-lo. Não havia mais dúvida: eles estavam voltando para Atlantic City.

Duas horas depois, Broome parou no estacionamento da delegacia e conduziu Megan Pierce para dentro por uma porta lateral.

– E agora? – perguntou Barbie.

– Eu te amo – disse Ken.

– Hã?

Ele se virou para ela.

– Nunca disse isso antes. Mas você sabe.

Ela assentiu.

– Também te amo.

Ele sorriu e pegou sua mão.

– Por que está me dizendo isso agora? – indagou Barbie.

– Eu faria qualquer coisa para proteger você. Quero que saiba disso.

– Eu sei.

Ele pegou o celular e digitou um número. A ligação foi atendida no terceiro toque.

– Goldberg.

– Olá, comissário Goldberg – cumprimentou Ken.

Silêncio.

– Lembrei agora que o senhor não gosta que eu lhe chame de Sr. Goldberg – prosseguiu Ken. – Prefere comissário Goldberg.

– Hum – respondeu ele em um tom de voz extremamente desconfiado. – O que você quer? Estou meio ocupado.

– Não quero incomodá-lo, comissário Goldberg, mas é um assunto um pouco urgente.

– Estou ouvindo.

– Seu colega, o detetive Broome, acaba de chegar à delegacia.

– E daí?

– Ele está com uma mulher chamada Megan Pierce.

Silêncio.

– Precisamos falar com ela.

– Da mesma forma que falaram com Harry Sutton?

– Isso não é da sua conta.

– Claro que é da minha conta. Por que acha que estou tão ocupado?

– Comissário Goldberg, por favor, encontre uma maneira de nos dar acesso a ela.

– Acesso?

– Informe-nos como e quando ela vai sair daí. Talvez seja melhor convencê-la a ir embora sozinha.

Silêncio.

– Sr. Goldberg?

Nada de "comissário" dessa vez. O deslize foi proposital.

– Entendido – disse Goldberg antes de desligar.

Ken pegou a mão de Barbie.

– Você acha que deveríamos nos casar? – perguntou ele.

– Isso não é exatamente um pedido apropriado.

Mas ela sorriu ao dizer isso, fazendo o coração dele ir às nuvens. Ken ficou sentado ali, com aquela mulher que significava tanto para ele, sua parceira em tudo, sua alma gêmea, na verdade, e simplesmente se deixou levar pela emoção.

– Tem razão. Vou pensar em um pedido adequado.

– E eu vou pensar em uma maneira adequada de dizer sim.

Eles ficaram de mãos dadas, observando a porta e simplesmente curtindo o momento. Poucos minutos depois, o detetive Broome saiu sem a mulher. Barbie soltou sua mão.

– É melhor nos separarmos – falou ela.

– Mas acabamos de ficar noivos – disse ele com uma risadinha.

– Não, senhor, não oficialmente. Mas você sabe que eu estou certa. Pegue o carro e siga o detetive. Vou continuar de olho na delegacia.

– Não tente abordá-la sozinha – aconselhou ele.

Ela balançou a cabeça e o deixou maravilhado com seu sorriso.

– O que foi? – perguntou Ken.

– Ainda nem nos casamos e você já está me dizendo o que fazer como se fosse meu marido. Vá logo.

◆◆◆

Lorraine estava puxando a alavanca para tirar um chope quando Broome se aproximou. Ela ergueu os olhos e abriu um sorriso enviesado.

– Ora, ora, quem é vivo sempre aparece – falou.

– Olá, Lorraine.

– Vai querer beber alguma coisa ou vai dar aquela velha desculpa de que está aqui a trabalho?

Broome se sentou.

– Estou a trabalho. Mas, sim, me sirva dois dedinhos.

Ela terminou de tirar o chope e rebolou – Lorraine nunca andava, ela rebolava – até o canto do bar, onde ficavam as melhores bebidas. Broome girou no banco. Havia uma fila no bufê. As pessoas estavam mesmo fazendo fila pela comida. No palco, uma garota dançava com a animação de uma paciente em coma ao som do clássico de Neil Diamond "Girl, You'll Be a Woman Soon".

Lorraine lhe serviu o drinque.

– Em que posso ajudá-lo, detetive?

– Nenhum palpite?

Lorraine levantou uma sobrancelha.

– Imagino que não tenha voltado para um revival.

– Quem me dera.

– Mentiroso.

Broome não soube como responder a esse último comentário, então foi direto ao ponto.

– Falei com sua velha amiga Cassie, ou Megan, ou seja lá como você a chama.

– Sei.

– A coisa está feia. Já ficou sabendo sobre Harry Sutton?

Lorraine assentiu e uma sombra atravessou seu rosto.

– Você o conhecia, Broome?

– Um pouco.

– Ele era ótimo. Tinha algo de especial, entende? Todo mundo gostava dele. Até vocês, tiras. Sabe por quê? Porque ele era autêntico. E sempre se importava com os outros. Tinha o maior coração que eu já conheci. Acreditava nas pessoas. Tinha umas garotas aqui que eu não suportava. Algumas eram só um pé no saco, é claro, mas outras eram simplesmente más. Mas, mesmo assim, Harry continuava tentando encontrar algo de bom nelas. Continuava querendo ajudá-las, e não só transar com elas, ainda que às vezes fizesse isso também. Quem podia resistir a um cara que olhava para você daquele jeito? Como se você realmente fosse importante? – Lorraine balançou a cabeça. – Por que alguém iria querer fazer mal a alguém como Harry?

– É isso que eu vim tentar descobrir – respondeu Broome.

– Sei que o que vou dizer é piegas – falou ela, limpando o balcão com um pano –, mas o mundo ficou um pouco pior hoje sem ele. Dá para sentir.

– Então me ajude, Lorraine. Por Harry.

– Como assim? Você acha que eu sei de alguma coisa?

– Está tudo ligado – afirmou Broome. – A morte de Harry é só uma peça do quebra-cabeça. Além disso, tem um sujeito que, apesar de ter passado os últimos 18 anos na cadeia, pode ser inocente. Carlton Flynn está desaparecido, e vários outros homens também estão, ou podem estar mortos.

Ele se deteve.

– Incluindo – disse Lorraine, claramente vendo aonde ele queria chegar – Stewart Green.

– Exatamente.

Ela limpou um pouco mais o balcão.

– Então Cassie lhe contou que fui eu quem o viu.

– Eu de certa forma a obriguei a entregar você.

Lorraine tornou a sorrir para ele.

– Você é mesmo durão, Broome.

– Ela quis ligar para você antes, mas eu preferi falar pessoalmente.

– Por causa do nosso passado?

Broome deu de ombros e tomou um grande gole de seu drinque.

– Você viu Stewart Green?

– Não posso afirmar.

Ele se limitou a encará-la por alguns instantes.

– Está bem, está bem – disse Lorraine. – Eu vi Stewart.

Dois homens grisalhos se aproximaram do bar. O mais alto se inclinou para a frente, piscou e disse:

– Ei, Lorraine, o de sempre.

– Vá para o outro bar – falou Broome.

– Quê?

– Este aqui está fechado.

– Você está sentado aqui, não está?

Broome respondeu mostrando-lhe seu distintivo. Os dois homens cogitaram levar aquilo adiante,

só para bancarem os machões, mas então pensaram melhor. No fim das contas, só se viraram e foram embora.

– Eles costumam me dar ótimas gorjetas... – disse Lorraine.

– Depois você compensa. Você estava me contando que viu Stewart Green...

– Vi – assentiu ela, afastando o cabelo do rosto. – Mas ele estava diferente.

– Em que sentido?

– Em todos os sentidos. Estava com a cabeça raspada e usava um cavanhaque. Tinha brincos nas orelhas e uma tatuagem no braço. Usava calça jeans e uma camiseta justa. Com certeza anda malhando.

Broome franziu as sobrancelhas.

– Stewart Green?

Ela não se deu o trabalho de responder.

Broome pensou nas fotografias em cima da lareira de Sarah Green. Nelas, Stewart vestia camisa polo e calça cáqui ou terno. Tinha uma careca que havia começado a cobrir com o restante do cabelo ralo. Parecia flácido e gorducho.

– Quando foi que o viu? – perguntou ele.

Lorraine começou a limpar um copo com mais vigor que o normal.

– Lorraine?

– Eu já o vi mais de uma vez.

Broome ficou surpreso.

– Quantas?

– Algumas.

– Como assim? Mais de duas vezes, mais de cinco?

– Não sei – respondeu ela. Já não havia o menor sinal de alegria em sua voz. Ela parecia assustada. – Talvez uma vez por ano, uma vez a cada dois anos, algo assim. Nunca contei.

– Uma vez por ano ou a cada dois anos?

– Isso.

A cabeça de Broome estava a mil.

– Espere aí, então qual foi a primeira vez que o viu?

– Não sei. Já faz tempo. Uns 10, 15 anos, talvez.

– E nunca pensou em ligar para a polícia?

– Hã?

– Você viu um cara que estava desaparecido. Nunca pensou em nos contar isso?

– Contar o que exatamente? – Lorraine levou as mãos à cintura, subindo o tom de voz. – Ele era um criminoso que vocês estavam tentando localizar, por acaso?

– Não, mas...

– E você acha que eu sou algum tipo de informante ou coisa parecida? Trabalho neste ramo há 20 anos. Uma das primeiras coisas que você aprende é que nunca viu nada, entende o que estou dizendo?

Ele entendia.

– Só estou falando com você agora porque... – De repente, Lorraine pareceu deprimida, sem energia. – Por causa de Harry. Como alguém poderia fazer mal a ele? Olhe, só não quero que mais

ninguém morra. Quando você é cliente daqui, pouco me importa o que faz. Pode desobedecer a qualquer mandamento. Mas, quando as pessoas começam a morrer...

Ela desviou o olhar.

– Qual foi a última vez que viu Stewart Green?

Lorraine não respondeu.

– Eu perguntei...

– Há algumas semanas.

– Pode ser mais específica?

– Acho que na época em que o tal de Flynn desapareceu.

Broome sentiu seu sangue gelar.

– Lorraine, preciso que pense bem antes de responder: ele esteve aqui durante o Mardi Gras?

Ela pensou a respeito.

– Não sei, talvez. Por quê?

O detetive percebeu sua pulsação acelerar.

– Melhor dizendo: nas vezes em que o viu ao longo dos anos, pode ter sido durante o Mardi Gras?

Ela fez uma careta.

– Não sei.

– É importante.

– Como eu vou me lembrar de uma coisa dessas?

– Pense. Vocês distribuem colares para os clientes no Mardi Gras, não distribuem?

– E daí?

– Então busque na memória. Você lembrou que Stewart estava usando brincos. Feche os olhos. Visualize o momento em que ele esteve aqui. Ele poderia estar usando um daqueles colares do Mardi Gras?

– Acho que não. Quer dizer, não sei.

– Feche os olhos e tente.

– Está falando sério?

– Por favor, Lorraine, é muito importante.

– Está bem, está bem.

Broome notou que os olhos dela estavam ficando marejados. Lorraine os fechou depressa.

– E aí? – perguntou ele.

– Nada. – A voz dela soou fraca. – Sinto muito.

– Você está bem?

Ela abriu os olhos, pestanejando.

– Estou.

– Tem mais alguma coisa que você possa me dizer sobre Stewart Green?

– Não. Tenho que voltar ao trabalho.

Sua voz continuava fraca.

– Ainda não.

Broome tentou processar aquilo tudo, então se lembrou: Erin tinha as gravações das câmeras de segurança. Tinha sido assim que eles haviam descoberto a relação com o Mardi Gras. Ela poderia

revê-las agora e procurar o homem descrito por Lorraine. Ele cogitou arrastá-la para a delegacia para que Rick Mason fizesse um retrato falado, mas na verdade isso não era necessário – Mason era especialista em um programa de envelhecimento facial. Poderia trabalhar com o que já tinha – cabeça raspada e cavanhaque? – e depois levar a imagem para mostrar a Lorraine.

– Não entendi – falou ela. – Por que me perguntou sobre o Mardi Gras?

– Descobrimos um padrão.

– Que padrão?

Na mesma hora, Broome pensou: *Bem, por que não?* Talvez ela se lembrasse de alguma coisa.

– Stewart Green desapareceu durante o Mardi Gras. Carlton Flynn também. Um sujeito chamado Ross Gunther foi assassinado nesse dia, assim como outros homens.

– Continuo sem entender.

– Nós também. Tenho umas fotos que quero lhe mostrar... de homens desaparecidos. Talvez você reconheça algum deles.

Broome havia levado a pasta com as fotografias. Nenhum outro cliente havia se aproximado daquele canto. Estavam todos sentados diante do palco principal, onde uma stripper vestida como a Jasmine do *Aladdin*, da Disney, começava a dançar ao som de "A Whole New World". A atração dava um novo sentido à noção de "voar no tapete mágico".

Broome sacou as fotos e começou a espalhá-las sobre o balcão do bar. Ficou observando a expressão de Lorraine. Ela apontou para a mais recente, a que havia sido enviada anonimamente para a delegacia.

– Este é Carlton Flynn – falou ela.

– Sim, ele nós sabemos quem é.

Lorraine deu uma olhada nas outras imagens. Seus olhos voltaram a se encher de lágrimas.

– Lorraine?

– Não reconheço nenhum deles. – Ela pestanejou e se virou para o outro lado. – É melhor você ir embora.

– Qual é o problema?

– Nenhum.

Broome esperou. A mulher ficou calada por alguns instantes. Toda vez que a via, ela estava animada, com aquele sorriso de lado, a voz rouca e sua risada gutural. Lorraine sempre fora sinônimo de uma companhia divertida e alegre.

– Estou morrendo – disse ela.

Broome sentiu um peso no peito.

– Acabei de voltar do hospital.

Ele finalmente conseguiu falar alguma coisa:

– O que você tem?

– Câncer. Já está bem avançado. Tenho um ano de vida, talvez dois.

Um nó se apertou na garganta de Broome.

– Não sei o que dizer.

– Não conte a ninguém, está bem?

– Está bem.

Lorraine tentou abrir seu sorriso enviesado.

– Acredite se quiser, mas você é a única pessoa para quem eu falei. Patético, não?

Broome estendeu sua mão por cima do balcão. Por alguns instantes, ela não se moveu.

– Obrigado por confiar em mim – disse Broome.

Lorraine pousou a outra mão sobre a dele.

– Fiz escolhas que algumas pessoas não entendem, mas não me arrependo de nada. Já fui casada e aquilo não era vida para mim. É verdade que ele era um desgraçado que me maltratava, mas ainda assim... Isto aqui, sim. Sempre adorei este lugar. Não poderia ser mais divertido, sabe?

Broome assentiu, cruzando olhares com ela.

Mais lágrimas.

– Mas essa é a parte chata de não ter ninguém, entende? Eu queria... ai, que droga, estou parecendo uma bebê chorona... queria que alguém se importasse. Queria que alguém ficasse arrasado depois que eu partisse. Que alguém segurasse minha mão quando eu morresse.

Novamente, Broome não sabia o que dizer. Não queria soar condescendente. Gostaria de fazer alguma coisa, qualquer coisa. Ele não gostava de se envolver emocionalmente – emoções eram complicadas –, mas gostava menos ainda de se sentir impotente.

– Eu posso ficar do seu lado, se você quiser. Posso segurar sua mão.

– Você é um doce, mas não precisa.

– Estou falando sério.

– Sei que está, mas não é isso que quero dizer. É claro que posso encontrar algumas pessoas que tenham pena de mim o suficiente para estarem comigo no fim. Mas estou me referindo a algo que só se adquire por meio do compromisso, o tipo de ligação que se tem com uma pessoa que esteve com você na alegria e na tristeza, por anos a fio, em um relacionamento de verdade. Você não pode simplesmente pedir isso para alguém no final, entende o que estou dizendo?

– Acho que sim.

– Mas não tem problema. Eu não mudaria nada na minha vida. As coisas são assim. Você pode até ser feliz, mas não pode ter tudo.

A simples sabedoria que é a verdade... Lorraine sorriu para ele. Broome retribuiu.

– Lorraine?

– Diga.

– Você é linda, sabia?

– Está me cantando, por acaso?

– Talvez.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Se fôssemos para a cama, seria por pena?

– Da sua parte ou da minha?

Ela deu uma gargalhada.

– Da parte dos dois, talvez.

– Vamos fazer melhor – disse Broome. – Tenho que tratar desse caso agora, mas assim que estiver resolvido...

– Você sabe onde me encontrar.

Então, ela puxou a mão de volta e se dirigiu à outra ponta do bar. Broome estava prestes a ir

embora quando Lorraine disse:

– Imagino que Cassie esteja ajudando você.

– Ela está. Talvez tenha até visto os assassinos de Harry.

– Como?

– Ela voltou ao escritório dele ontem à noite.

– Sozinha ou com Ray?

Broome parou de andar.

– Ray?

Lorraine arregalou um pouco os olhos. Broome notou que ela queria retirar o que tinha dito, mas ele não iria engolir aquilo.

– Quem é Ray?

capítulo 26

NATURALMENTE, A PRIMEIRA preocupação de Megan foi a segurança de sua família.

Antes de deixar Broome entrar em detalhes, ela telefonou para uma das mães do bairro que ficava em casa o dia todo. Não queria levantar suspeitas, então começou falando sobre as amenidades de sempre: as atividades esportivas das crianças, o pai treinador que favorecia o próprio filho, os professores que passavam deveres de casa de mais ou de menos, o novo sistema on-line para escolher o cardápio do lanche. Broome se limitou a balançar a cabeça. Depois de um tempo, Megan perguntou à mãe em questão se Kaylie e Jordan poderiam ir para a casa dela depois da escola e talvez até dormirem lá. Em troca, ela seria a motorista das crianças durante todo o fim de semana.

Com isso resolvido, Megan tentou ligar outra vez para Dave. Ele continuou sem atender. Ela lhe enviou um torpedo: "Fique no trabalho até falar comigo." Não teve resposta, mas de qualquer forma ainda faltavam horas para Dave voltar para casa.

Então Broome começou a falar e o mundo de Megan, que já estava abalado, sofreu outro golpe.

Agora lá estava ela, na delegacia, sentada numa sala sem janelas, tentando descrever duas pessoas que mal havia visto para um retratista. Rick Mason lhe deu dicas que a ajudaram a ver aquele jovem casal com mais clareza em sua mente.

Megan tentou processar o que Broome lhe contara, mas não importava de que ângulo ela analisasse a questão: nada daquilo fazia sentido. O detetive estava tentando ligar três acontecimentos aparentemente desconexos. Primeiro, um assassinato cometido 18 anos atrás. Segundo, um grupo de homens, como Stewart Green e Carlton Flynn, que haviam desaparecido à razão de mais ou menos um por ano no dia de Mardi Gras – ou por volta da data – ao longo de 17 anos. Terceiro, a tortura e o assassinato do pobre Harry Sutton na noite anterior. Se ele tivesse razão, se esses fatos estivessem interligados de alguma forma, Megan não conseguia imaginar que papel o jovem casal, por exemplo, poderia ter desempenhado neles. Eles eram apenas crianças na época do primeiro assassinato e do desaparecimento de Stewart.

– O nariz dele era mais fino – disse ela para Mason.

Ele assentiu e voltou ao trabalho.

As dúvidas continuavam a estender seus tentáculos em direção a ela. E se Megan não tivesse fugido há quase duas décadas? E se tivesse ficado, enfrentado as consequências e descoberto o que realmente havia acontecido com Stewart Green? Será que já não teria deixado tudo aquilo para trás? Será que todas aquelas "vítimas do Mardi Gras" – homens que aparentemente haviam sumido da face da terra para nunca mais serem vistos –, desde Stewart Green até Carlton Flynn, ainda estariam por aí, com suas famílias, vivendo suas vidas?

E se ela tivesse simplesmente ficado com Ray?

Não eram arrependimentos, apenas dúvidas. Arrependimentos se tornam fora de cogitação depois que você tem filhos. Será que Megan teria sido mais feliz ou mais triste em cada uma dessas hipóteses? Não fazia mais diferença, porque qualquer uma delas levaria a um mundo sem Kaylie e Jordan, um mundo em que eles nem mesmo teriam nascido, e não havia a menor chance de um pai ou mãe sequer imaginar uma existência sem seus filhos. No fim das contas, não importava como sua

vida teria sido, ela nunca poderia cogitar qualquer hipótese em que os filhos não existissem.

A porta se escancarou e um homem grande, com cabelo grisalho e crespo e uma camisa de botão uns dois números abaixo do seu, entrou. Era corpulento e estava com o rosto vermelho.

– Que porra é esta que está acontecendo aqui? – gritou ele.

Rick Mason deu um pulo da cadeira.

– Comissário Goldberg...

– Eu perguntei que porra é esta que está acontecendo aqui.

– Estou fazendo o retrato falado de dois possíveis suspeitos.

– E por que está fazendo isso aqui embaixo?

Mason ficou calado.

– Você tem uma sala, não tem?

– Tenho.

– Então por que está aqui?

– O detetive Broome sugeriu que eu trabalhasse aqui embaixo.

Goldberg levou as mãos à cintura.

– Ah, foi?

– Ele disse que não queria comprometer a segurança da testemunha.

Goldberg voltou sua atenção para Megan.

– Ora, ora se não é a Janey, da lanchonete. Visitando seu amigo outra vez?

– Prefiro não responder – disse Megan.

– Como é que é? Quem você é de verdade?

– Sou obrigada a lhe dizer meu nome?

Isso o pegou desprevenido.

– Legalmente, imagino que não.

– Então prefiro não responder. Estou aqui por livre e espontânea vontade e a pedido do detetive Broome.

– Ah, é mesmo? – disse Goldberg, inclinando-se para perto do rosto dela. – Acontece que sou o superior imediato do detetive Broome.

– Isso não muda nada.

– Ah não, Sra. Pierce?

Megan se calou. Goldberg já sabia seu nome. Isso não podia ser bom. Ele foi até onde o retratista estava com seu bloco. Rick Mason tentou bloquear a visão dele, como um aluno do quarto ano querendo impedir que colassem da sua prova. Goldberg o empurrou para o lado e colocou os óculos. Quando viu os esboços do jovem casal, seu corpo estremeceu como se tivesse sido atingido por uma arma paralisante.

– Quem são esses dois?

Ninguém falou nada.

Goldberg voltou sua atenção para Mason.

– Não ouviu minha pergunta?

– Não sei. Só me mandaram fazer o retrato.

– Para que caso?

Ele deu de ombros.

Goldberg se virou para Megan.

– Onde você viu esses dois?

– Prefiro esperar pelo detetive Broome.

Goldberg tornou a olhar para os esboços.

– Não.

– Não?

– Diga-me agora. Ou então dê o fora daqui.

– Está falando sério?

– Estou.

Aquele tal de Goldberg lhe dava arrepios. Era melhor mesmo sair dali. Iria dar uma volta, talvez até a lanchonete, então telefonaria para o detetive e marcaria outro encontro com ele. Broome tinha um motivo para querer manter a presença dela ali em segredo – e talvez não fosse apenas para proteger sua identidade. Talvez tivesse a ver com Goldberg, o rinoceronte descontrolado que era seu chefe.

Ela empurrou a cadeira para trás.

– Ótimo, então estou indo.

– Não se esqueça de bater a porta quando sair.

Goldberg se virou para o outro lado, perturbado. Megan ficou surpresa com a grosseria dele. Parecia até que ele *queria* que ela fosse embora. Devia ser alguma disputa de poder com Broome, mas Megan não gostou nada daquilo. Ainda assim, era melhor ir embora logo, antes que ela dissesse algo que não devia.

Megan se levantou. Tinha acabado de pegar sua bolsa quando a porta se escancarou novamente.

Era Broome.

Assim que ele entrou, Megan notou algo estranho em seu rosto, antes mesmo que ele visse Goldberg: raiva. A fúria, por estranho que fosse, parecia direcionada a ela. Megan teve apenas um instante para imaginar o motivo e se perguntar se algo teria dado errado durante a visita dele a Lorraine, mas antes que Broome pudesse fazer qualquer coisa, ele viu Goldberg e ficou estupefato.

Por alguns instantes, os dois homens ficaram apenas se encarando. Ambos estavam com os punhos cerrados e, por uma fração de segundo, Megan imaginou se algum deles iria agredir o outro. Então Broome recuou um passo, deu de ombros e falou:

– Agora você me pegou.

Essa foi a gota d'água.

– Que porra é esta aqui, Broome? – perguntou Goldberg, com a voz exigente.

– Essa mulher, cuja identidade deve permanecer em segredo, talvez tenha visto os assassinos de Harry Sutton.

Goldberg ficou boquiaberto.

– Ela estava na cena do crime?

– Viu esses dois saindo quando estava chegando. Não existe nenhum motivo para que eles estivessem no prédio àquela hora. Não estou dizendo que foram eles, é claro, mas são suspeitos.

Goldberg ficou pensativo, depois lançou um olhar para Mason.

– Já terminou os retratos?

– Quase.

– Então termine. E você – disse ele, apontando para Broome –, esteja na minha sala em cinco minutos. Preciso dar um telefonema antes.

– Está bem.

Depois que Goldberg saiu, a raiva voltou ao rosto de Broome. Ele fuzilou Megan com o olhar.

– O que foi? – perguntou ela.

– Mason? – chamou ele, sem desviar os olhos.

– Sim?

– Nos dê cinco minutos.

– Hã, claro.

Quando o retratista começou a se retirar, Broome ergueu uma das mãos em direção a ele, ainda encarando Megan.

– Na verdade, preciso lhe pedir um favor.

Mason se deteve.

– O programa já simulou o envelhecimento facial de Stewart Green, não simulou?

– Já.

– Acrescente uma cabeça raspada, cavanhaque e um brinco. Poderia me fazer esse favor?

– Sim, claro. Para quando o senhor precisa disso?

Broome se limitou a franzir a testa.

– Entendi – disse Rick Mason. – Para ontem.

– Obrigado.

Com os olhos de Broome fixos nela, Megan decidiu partir para a ofensiva assim que Mason foi embora.

– Stewart Green raspou a cabeça e agora tem cavanhaque? Lorraine lhe contou isso?

Broome não respondeu nada.

– Qual é o seu problema? – perguntou ela.

O detetive se aproximou um pouco mais dela e esperou até Megan olhar dentro de seus olhos.

– Vai continuar mentindo para mim – disse ele – ou vai me contar sobre seu ex-namorado, Ray Levine?

◆◆◆

Del Flynn levou flores cor-de-rosa, as favoritas de Maria, para o quarto dela. Fazia isso todos os dias. Mostrava-as à ex-mulher e beijava sua testa fria.

– Olá, Maria, como está se sentindo hoje?

A enfermeira – cujo nome ele nunca conseguia lembrar – lançou-lhe um olhar inexpressivo e saiu do quarto. No começo, quando Maria havia sido levada para aquele cômodo numa cadeira de rodas, as enfermeiras olhavam para Del Flynn com respeito e admiração. Lá estava ele, o ex-marido daquela mulher em coma... e como ele se sacrificava por ela! *Que homem*, pensavam as enfermeiras. Tão fiel, dedicado, amoroso e compreensivo: um verdadeiro herói.

A equipe de enfermagem já havia deixado um vaso com água preparado. Depois de tanto tempo, já conheciam a rotina. Del arrumou o buquê e se sentou ao lado da cama de Maria. Olhou em direção à porta para se certificar de que não havia ninguém ouvindo.

– Maria?

Por algum motivo, ele esperou uma resposta. Como sempre.

– Eu deveria ter contado isso antes, mas tenho más notícias.

Del ficou observando o rosto dela em busca de alguma pequena mudança. Não viu nada. Fazia tempo que não havia alteração alguma. Ele deixou seus olhos passearem pelo aposento. Só pelas aparências, era impossível perceber que você estava numa clínica. É claro que havia os bipes constantes dos equipamentos e os sons abafados do hospital ao fundo. Mas Del tinha transformado aquele quarto. Levara todas as coisas favoritas de Maria – o urso que ele havia ganhado para ela no parque de diversões Six Flags quando Carlton tinha 6 anos; o tapete navajo que tinham comprado nas férias passadas em Santa Fé; o alvo de dardos que ficava pendurado no porão da antiga casa na Drexel Avenue.

Ele também havia cercado Maria de velhas fotografias – do casamento, do primeiro Natal que passaram com o filho, de Carlton terminando a pré-escola. A foto preferida dela tinha sido tirada no campo de minigolfe de Atlantic City, bem no calçadão ao lado da Mississippi Avenue. Costumavam ir muito ali. Havia estátuas de bronze de crianças brincando espalhadas por todo o lugar. Maria gostava disso – achava que parecia uma mistura de museu com campo de minigolfe. Nesse dia em especial, ela tinha acertado o último buraco com uma só tacada, então o caixa (o mesmo cara que havia perguntado que cor de bola eles queriam) apareceu para tirar aquela fotografia. Do jeito que eles estavam sorrindo, parecia que tinham ganhado uma viagem para o Havaí em vez de um jogo grátis.

Del estava olhando para essa imagem, então se voltou lentamente para a ex-mulher.

– É sobre Carlton.

Nenhuma reação.

Um ano e meio antes, tarde da noite, um motorista bêbado havia ultrapassado um sinal vermelho e batido no carro de Maria. Ela estava sozinha, indo comprar um remédio para Carlton na farmácia 24 horas. Era esse tipo de coisa que uma mãe solteira fazia. Se ainda fosse casada com Del, se não tivesse sido tão cabeça dura e decidido perdoá-lo, nunca estaria dirigindo àquela hora da noite. Ela estaria bem, os dois estariam bem – continuariam indo ao campo de minigolfe, para depois jogarem algumas rodadas no Caesars, ou comer um bife no Gallaghers, ou dividir uma torta de chocolate no calçadão. Mas fazia muito tempo que ele havia estragado tudo isso.

– Ele está desaparecido – continuou Del. Seus olhos ficaram marejados. – Ninguém sabe o que aconteceu com ele. A polícia está investigando, mas você sabe que isso não é suficiente. Então, contratei algumas pessoas. Você conhece o tipo. Provavelmente não aprovaria, mas, por outro lado, quando se trata do nosso filho, você seria capaz de matar, não?

Novamente, nenhuma reação. Os médicos tinham explicado que não havia esperanças. O quadro dela era de morte cerebral. Eles o haviam encorajado a deixá-la partir. Outras pessoas tinham feito o mesmo, às vezes de forma delicada, às vezes contundentemente. Sua cunhada tentara inclusive ir à justiça para conseguir a tutela médica, mas a própria Maria o havia nomeado, de modo que ela perdeu a ação. Todos tentaram desligar os aparelhos. Diziam que forçá-la a viver daquele jeito dia após dia, mês após mês, talvez por anos a fio, era cruel.

Mas Del não conseguia fazer isso.

Ainda não. Não até que ela o perdoasse. Ele implorava todos os dias pelo seu perdão. Implorava que Maria lhes desse a chance de voltarem a ser o que eram antes, o que sempre deveriam ter sido. Em suma, falava tudo o que deveria ter dito antes do acidente.

Em alguns dias, Del chegava a pensar que a redenção era possível. Às vezes acreditava que Maria fosse abrir os olhos e ver tudo o que ele havia feito para ela, todo o seu sacrifício, toda a sua devoção. Sua esperança era a de que ela ouvisse todas as palavras que ele lhe dizia durante suas visitas, sentado à beira da sua cama, e o perdoasse. Mas, na maioria das vezes, como naquele momento, sabia que isso nunca iria acontecer. Tinha consciência de que o que estava fazendo era, de fato, cruel, que deveria deixá-la partir e seguir com sua vida. Àquela altura, ele e Maria já tinham tanto tempo de divorciados quanto haviam tido de casados. Del já se casara duas vezes desde a separação. Agora, estava com Darya.

Também havia dias – eram raros, mas existiam – em que Del se perguntava se não continuava agarrado a ela de propósito, por puro rancor. Maria nunca fora capaz de perdoá-lo, e era isso que tinha arruinado tudo. Talvez, de modo inconsciente, ele sentisse raiva dela. Talvez mantê-la viva fosse sua maneira de dar o troco. Deus do céu, ele esperava que não, mas às vezes não conseguia se livrar da sensação de que aquilo tudo não passava de um grande egoísmo de sua parte.

Del não sabia desistir. Não abriria mão da única mulher que tinha amado na vida.

E não poderia, jamais, abrir mão de seu filho.

– Eu vou encontrá-lo, Maria. Vou encontrá-lo, trazê-lo aqui e, quando você o vir... estou falando sério, quando nosso garoto voltar para casa em segurança...

Não havia mais nada a dizer. Ele ficou sentado ao lado dela e brincou com a medalha de São Judas Tadeu. Adorava aquele pingente. Nunca o tirava do pescoço. Algumas semanas antes, tinha notado que Carlton não estava usando o seu. Seu filho o havia substituído por uma daquelas placas de identificação militares fajutas, como se ele tivesse realmente servido ao Exército. Quando Del viu aquilo, ficou furioso. Como ele se atrevia? A ideia de seu filho ter substituído aquela medalha de São Judas Tadeu, a mesma que sua bendita mãe lhe dera, por uma daquelas placas de mentira o tirou do sério. Quando Carlton deu de ombros e retrucou dizendo que gostava delas, que todos os seus amigos as usavam, que elas eram "maneiras", Del teve que se segurar para não bater no filho. "Seu avô usou essas placas durante o ataque à Normandia, e pode acreditar, nunca achou que elas fossem maneiras!" O verdadeiro nome de Del era Delano, em homenagem a Franklin Delano Roosevelt, o herói de seus pais. Na hora, Carlton lhe deu as costas e foi embora, mas, quando saiu naquela noite, Del notou com certo orgulho que a medalha estava de volta ao seu pescoço – junto com as placas de identificação.

Seu filho estava aprendendo a arte de fazer concessões.

Quando o celular tocou – Darya recentemente havia programado "I Gotta Feeling", dos Black Eyed Peas, como seu tom de chamada –, ele o pegou depressa. A canção, com seu famoso refrão que dizia que a noite ia ser boa, parecia especialmente obscena ali. Del levou o telefone ao ouvido e disse:

– Flynn.

– Aqui é Goldberg.

Del Flynn notou algo de diferente no tom do policial. Na maioria das vezes, Goldberg soava

entediado, como se nada pudesse surpreendê-lo na vida, mas agora lhe parecia estranhamente agitado.

– Alguma notícia?

– Sabe o que aqueles dois loucos que você arranjou fizeram?

– Isso não é da sua conta.

– O cacete que não. Torturar uma puta é uma coisa, mas esse cara era um...

– Ei – disse Flynn, cortando-o. – Você quer mesmo compartilhar suas preocupações comigo pelo telefone?

Silêncio.

– A coisa está feia – limitou-se a dizer Goldberg.

Flynn não se importava. Estava interessado apenas em uma coisa: encontrar Carlton.

– Não se preocupe. Eu vou dar um jeito.

– O meu medo é exatamente esse. Esse casal que você contratou... eles são psicopatas, Del. Estão fora de controle.

– Deixe que eu cuido deles – falou Flynn, segurando a mão da ex-mulher. Ela estava fria como uma pedra. – Só nos ajude a encontrar nosso filho.

Fez-se uma breve pausa.

– Quanto a isso... – retomou Goldberg.

A agitação havia desaparecido da sua voz. O que a substituiu fez um arrepio atravessar o coração de Del.

– O que foi?

– Você se lembra do sangue que encontramos no parque?

– Lembro.

– Ainda não temos um resultado conclusivo de DNA. Isso pode levar semanas. E, sinceramente, talvez não seja nada. Estou falando sério. Então, não vamos tirar conclusões precipitadas.

O nó que Del Flynn sentia no estômago desde o desaparecimento de Carlton ficou mais apertado.

– Mas...?

– Mas, com base em nossa investigação preliminar – continuou Goldberg –, acredito que o sangue no parque seja de seu filho.

capítulo 27

BROOME SE APROXIMOU MAIS.

– O gato comeu sua língua, Megan? Eu perguntei sobre seu ex-namorado, Ray Levine.

Ao ouvir o nome de Ray, ela sentiu um aperto no coração.

– Ei, está me ouvindo?

– Não é o que você está pensando – respondeu ela.

– Uau, por essa eu não esperava. Permita que eu responda com uma frase que você também não deve estar esperando: o que exatamente não é o que estou pensando?

Megan não sabia o que dizer ou como explicar. Lembrou-se de novo da noite anterior, de como tinha se sentido nos braços de Ray, de Lucy se agigantando acima deles, quase como se os protegesse.

– Como pôde mentir para mim desse jeito?

– Eu não menti.

Broome esmagou algo na mesa com um tapa.

– Ray Levine tirou esta foto?

Era a imagem anônima de Carlton Flynn no parque.

– Eu sei que seu ex-namorado era um fotógrafo famoso e reparei a cara que você fez quando lhe mostrei isto pela primeira vez. Então, vamos parar com a enrolação, está bem? Ray Levine tirou esta foto, não foi?

Megan não disse nada.

– Mas que droga, responda à minha pergunta! Se ele for inocente, não tem com que se preocupar.

– Sei – falou Megan. – Como aquele tal de Ricky Mannion de quem você me falou. Há quanto tempo ele está preso mesmo?

Broome se sentou ao seu lado.

– Dezoito anos por um crime que não cometeu. Quer ajudá-lo a ser libertado?

– Fazendo com que ele troque de lugar com outro inocente?

– Veja, Megan, eu sei que ele era seu namorado e, puxa, estou até emocionado, mas isso é muito mais importante do que vocês dois, ou o romance de verão que tiveram, ou seja lá que tipo de jogo que estavam fazendo com Stewart Green.

– Jogo?

– Isso mesmo, Megan, jogo. Na noite em que Stewart Green desapareceu, Ray Levine estava presente, não estava?

Ela hesitou por um instante, mas foi suficiente.

– Droga – falou Broome. – Sabia que você estava escondendo alguma coisa, só não sabia o quê. Então, que tal resolvermos isso de uma vez por todas? Ray Levine estava no parque na noite em que Stewart Green desapareceu e... surpresa!, 17 anos depois, também estava lá quando Carlton Flynn sumiu do mapa. Resumindo, é isso, certo?

Ela não podia proteger Ray, pelo menos não mentindo.

– Não é o que você está pensando.

– É, você já disse isso. Ray estava presente na noite em que Stewart Green desapareceu ou não?

Megan tentou pensar na melhor maneira de colocar a questão.

– Nós deveríamos nos encontrar lá, sim, mas Ray chegou depois.

– Depois do quê?

– Depois que eu fugi.

Broome fez uma careta.

– Depois que você fugiu?

– É.

– Não estou entendendo. Como você pode saber o que aconteceu depois que fugiu?

– Ele me contou.

– Ray?

– Isso.

– Quando?

– Ontem à noite.

– Você está brincando, não está? – Não tinha como Broome parecer mais incrédulo. – Deixe-me ver se entendi direito: Ray Levine lhe disse que apareceu depois que você viu Stewart Green caído no parque.

– Exatamente.

Broome deu de ombros.

– Ora, então não preciso de mais nada. Acho que posso até descartá-lo como suspeito. É claro que ele é inocente – ironizou.

– Muito engraçado.

– Ele disse isso para você ontem à noite.

– Foi.

– E aí? Você simplesmente acreditou?

– Acreditei, mas... – Megan voltou a se perguntar como colocar a questão de uma maneira que ele entendesse. – Quer saber a verdade?

– Não, não quero não. Quer dizer, agora que Harry está morto e que encontramos o sangue de Carlton Flynn espalhado pelo parque inteiro, o que eu realmente quero, Megan, é que você continue mentindo.

Ela tentou se acalmar. Seu coração estava disparado e um turbilhão de coisas se passava em sua mente.

– Eu contei a verdade sobre aquela noite no parque. Vi Stewart caído perto daquela rocha. Achei que ele estivesse morto.

Broome assentiu.

– E deveria se encontrar com Ray ali.

– Isso.

– Mas ele não estava lá.

– Exatamente.

– Prossiga.

Megan respirou fundo.

– Bem, Stewart tinha abusado feio de mim. Também lhe contei isso.

– Ray sabia?

– Acho que sim. Mas não é essa a questão.

– Então qual é?

– Stewart Green era uma péssima combinação: um sádico violento e um cidadão de bem. Quero dizer, se ele fosse apenas um degenerado comum, você ainda se importaria com seu paradeiro depois de todos esses anos? Ainda visitaria a esposa no aniversário do desaparecimento? Se algum trabalhador qualquer sem mulher ou filhos tivesse sumido no lugar dele, a polícia daria essa importância toda?

A resposta era óbvia: não. Foi então que a ficha caiu para Broome. Isso explicava por que ninguém tinha percebido a ligação com o Mardi Gras. A mulher de Berman o odiava. Wagman era um caminhoneiro de passagem pela cidade. A acusação de Megan fazia sentido – mas, por outro lado, no que dizia respeito à possível participação de Ray Levine nos casos, também era totalmente irrelevante.

– A polícia favorece algumas pessoas – disse Broome, cruzando os braços. – Parabéns, você conseguiu o furo jornalístico do ano. E daí?

– Não é aí que eu quero chegar.

– Então aonde você quer chegar?

– Quando vi Stewart Green caído ali, quando pensei que ele estava morto, naturalmente me passou pela cabeça que Ray tivesse algo a ver com aquilo.

– Você estava apaixonada por Ray?

– Talvez.

– Não me venha com "talvez".

– Está bem, imagino que sim.

Broome começou a andar de um lado para outro.

– Então não fugiu para se proteger. Fugiu para proteger o homem que amava.

– Ou eu ou Ray seríamos acusados pela polícia, isso era certo – falou Megan. – Se eu ficasse, um de nós acabaria na cadeia, talvez até os dois. Como Ricky Mannion.

Broome sorriu.

– O que foi?

– Tudo isso soa grandioso e dramático, Megan, exceto por um detalhe: você achou que Ray fosse o assassino, não achou? Ele queria protegê-la, e parte de você ficou aliviada ao se ver livre daquele pervertido. Além do mais, se você parar para pensar, Stewart Green fez por merecer, não foi?

Megan ficou calada.

– Então, naquela noite, você viu Stewart Green. Achou que ele estivesse morto. Sentiu um alívio, mas ao mesmo tempo achou que tivesse sido seu namorado, Ray Levine, quem o havia matado. Daí fugiu para que ele não fosse preso.

Ela não sabia bem como responder, disse apenas:

– Não estou negando isso.

– E – prosseguiu Broome, erguendo a mão – você fugiu porque, na verdade, não queria ficar com Ray, se casar com ele e tudo mais, porque agora, com razão ou não, via seu namorado como um

assassino. Também foi por isso que fugiu, não foi?

Broome recuou um passo. Conseguia ver que tinha acertado na mosca. Por alguns instantes, os dois ficaram apenas parados ali em silêncio. O celular dele vibrou. Ele viu pelo identificador que era Goldberg mandando-lhe uma mensagem de sua sala.

– Durante todos esses anos – continuou Broome –, você achou que Ray tivesse matado Stewart Green.

– Achei que era possível.

Ele abriu os braços.

– O que nos leva à grande questão: o que fez você mudar de ideia?

– Duas coisas – respondeu ela.

– Sou todo ouvidos.

– Em primeiro lugar – começou Megan, apontando para a mesa –, Ray lhe mandou a fotografia.

Broome descartou esse argumento com um gesto.

– Para brincar comigo. Muitos assassinos em série fazem isso.

– Não. Se ele estivesse matando há todos esses anos, teria começado a brincar com você muito tempo atrás. Você não fazia ideia de que Carlton Flynn tinha estado no parque. Sem aquela foto, não saberia de nada. Ele a enviou para ajudá-lo a encontrar o verdadeiro assassino.

– Então ele estava sendo o quê, um cidadão consciente?

– Por um lado, sim – afirmou ela. – Por outro, assim como eu, precisa saber a verdade sobre aquela noite. Pense um pouco. Se Ray não tivesse mandado aquela foto, você ainda estaria na estaca zero.

– E pode me fazer a gentileza de dizer como ele tirou a foto?

– Pense nisso também. Por que logo agora? Por que não no ano passado, ou no retrasado? Se Ray fosse o assassino, ele poderia ter enviado uma foto todo ano, certo? Uma para cada Mardi Gras. Mas a questão é que, para Ray, o grande dia era 18 de fevereiro. Essa foi a última vez que estivemos juntos. Foi quando tudo terminou de forma tão horrível para nós dois. Então Ray vai todo ano até lá, no aniversário do meu desaparecimento, e não durante o Mardi Gras. Tira fotos. É o que ele sabe fazer. É assim que Ray lida com as coisas. Então ele não tem fotos das suas outras vítimas porque não estava lá no Mardi Gras, exceto quando caiu no dia 18 de fevereiro. Ray só tem fotos de Carlton Flynn.

Broome quase deu uma risadinha.

– Nossa, você está mesmo forçando a barra.

Broome sabia que aquela história era absurda e cheia de furos. Ainda assim, como havia aprendido ao longo dos anos, a verdade tem um cheiro mais peculiar do que a mentira. De todo modo, não precisava confiar na sua intuição. Se Ray tivesse fotografias de cada dia 18 de fevereiro, isso talvez pudesse respaldar a versão maluca de Megan.

Mais importante ainda: se Ray tinha tirado uma foto da vítima, talvez, e apenas talvez, tivesse tirado uma foto do assassino.

– Você disse duas coisas – falou Broome.

– Hã?

– Você disse que havia dois motivos para ter mudado de opinião quanto a Ray ter matado Stewart Green. Só me contou um. Qual é o outro?

– O mais simples de todos – respondeu Megan. – Stewart Green não está morto.

◆◆◆

O comissário Samuel Goldberg queria chorar.

Não podia, é claro; nem se lembrava da última vez que havia chorado, mas, de repente, sua vontade era essa. Estava sozinho em sua sala, que na verdade era separada do restante da delegacia apenas por uma divisória de vidro. Qualquer um poderia enxergar lá dentro, a não ser quando ele baixava as persianas. Mas, quando fazia isso, todos os policiais em serviço – já desconfiados por natureza – ficavam mais ansiosos ainda.

Goldberg fechou os olhos e esfregou o rosto. Parecia que o mundo estava se fechando ao seu redor, preparando-se para esmagá-lo, como naquela cena do compactador de lixo em *Guerra nas estrelas* ou naquele episódio da série antiga do *Batman* em que um muro de espinhos controlado pela Mulher-Gato quase faz picadinho da dupla dinâmica. Seu divórcio havia lhe arrancado uma fortuna. As prestações de sua casa e da casa de sua ex eram ridiculamente altas. Sua filha mais velha, Carrie, queria se tornar um fenômeno do tênis, e isso era caro para cacete. Ela estava na Flórida com um treinador mundialmente famoso, o que custava a Goldberg mais de 60 mil dólares por ano, quase seu salário inteiro, descontados os impostos. Além disso, tudo bem, o comissário gostava de mulheres caras, o que nunca é saudável para a conta bancária.

Então, precisava ser criativo para fazer o mês fechar. Como? Ele vendia informações. E daí? Na maioria das vezes, elas não mudavam absolutamente nada. Por sinal, nem o trabalho da polícia. Quando você se livrava dos italianos, os negros assumiam o controle. Quando dava um jeito nos negros, era a vez dos mexicanos, dos russos e assim por diante. Então Goldberg jogava dos dois lados. Ninguém se machucava, a não ser quem merecia. Elas por elas, por assim dizer.

Quanto àquela nova situação – fornecer dados sobre o caso Carlton Flynn –, ora, parecia-lhe mais simples ainda. Um pai queria encontrar o filho. Quem não entenderia uma coisa dessas? O pai acreditava que a polícia tinha suas limitações e que talvez ele mesmo pudesse ajudar. Goldberg duvidava, mas, claro – por que não? –, quem era ele para impedir? Na pior das hipóteses, o pai ficaria com a sensação de que fez tudo ao seu alcance. Que mal havia nisso? E, no melhor dos panoramas, bem, a polícia tinha mesmo suas limitações. Precisavam seguir certas regras, até mesmo as mais imbecis. Alguém fora do meio policial não teria essas restrições. Então, quem sabe, talvez fosse bom para todas as partes.

Além do mais, é claro, Goldberg embolsava uma graninha.

Todos saíam ganhando.

Durante seu último casamento, a esposa, uma daquelas mulheres lindas que querem ser levadas a sério mas o único motivo pelo qual você faria isso é justamente o fato de elas serem lindas, tinha lhe enchido os ouvidos com um monte de baboseiras zen-budistas, alertando-o sobre os perigos de suas armações para tirar um por fora. Ela falava sobre como as más ações podiam corromper sua alma, sobre os riscos de escolher esse tipo de caminho, sobre como essas atitudes deixariam seu chacra vermelho e tudo mais. Ela continuou com essa ladainha até, é óbvio, ele lhe mostrar que, se lhe desse ouvidos, eles teriam que se mudar para uma casa menor, desistir das férias de verão e esquecer as aulas de tênis de Carrie.

Mas talvez aquela conversa fiada sobre "os riscos de escolher esse tipo de caminho" fizesse algum

sentido. Uma stripper termina um pouco machucada – nada de grave, certo? Só que talvez não fosse bem assim. Podia ser só o começo da bola de neve.

E onde ela iria parar?

Em Megan Pierce, isso sim – esposa e mãe de dois filhos, que agora talvez pudesse identificar os dois psicopatas de Del Flynn. Era preciso silenciá-la. Esse era o problema de sair da linha. Você sai dela por um instante e já não consegue enxergá-la direito, não sabe mais onde ela começa e onde termina, e, quando menos espera, é obrigado a ajudar dois maníacos com cara de modelo de revista a matar uma mulher.

O celular de Golbderg tocou. Ele conferiu o identificador de chamadas e viu que era a garota da dupla de psicopatas.

– Goldberg – disse ele ao atender.

– Ela ainda está na delegacia, comissário Goldberg?

Sua voz alegrinha lhe trouxe à memória a chefe das animadoras de torcida de quando ele ainda estava no ensino médio.

– Está.

A jovem suspirou.

– Mal posso esperar.

Foi então que, para sua própria surpresa, Goldberg disse o seguinte:

– Não há necessidade.

– Desculpe, pode repetir?

– Estou extraindo todas as informações dela e vou passá-las para vocês em seguida. Não há necessidade de vocês, hã, discutirem nada com ela. Podem deixá-la em paz.

Silêncio.

– Alô? – falou Goldberg.

– Não se preocupe, estou aqui – respondeu ela em um tom cantarolado.

Onde Flynn foi arranjar aqueles dois? Ele decidiu insistir um pouco mais.

– Além disso, a pressão está grande.

– Pressão?

– Ela está sendo observada. Por outros policiais. Vocês não têm a menor chance de ficarem sozinhos com ela por mais de um ou dois minutos. Sério, é melhor deixarem essa comigo.

Mais silêncio.

Goldberg pigarreou e tentou mudar de assunto.

– Para a informação de vocês, o sangue encontrado naquelas ruínas pertence a Carlton Flynn. Então, que outro ângulo vocês estão explorando? Posso ajudar de alguma forma?

– Comissário Goldberg?

– Sim?

– Quando Megan Pierce vai sair da delegacia?

– Não sei, mas acabei de falar que...

– Ela viu algumas coisas, comissário Goldberg.

A imagem do corpo sem vida de Harry Sutton surgiu em sua mente – as calças do pobre homem arriadas até os tornozelos, as marcas de queimadura, as incisões, as coisas terríveis que tinham sido feitas com ele. Gotas de suor brotaram na testa de Goldberg. Não era esse o combinado. Repassar

algumas informações para um pai preocupado era uma coisa. Mas isso?

– Não, não viu.

– Poderia repetir? – pediu a jovem.

– Acabei de conversar com ela – informou Goldberg, percebendo que estava falando rápido demais. – Ela disse que viu um homem negro no local do crime, só isso.

Silêncio.

– Alô.

– Se o senhor está dizendo, comissário Goldberg...

– O que quer dizer com isso?

Mas a ligação já havia sido cortada.

capítulo 28

Enquanto se encaminhava para o escritório do chefe, Broome pesou os prós e os contras e logo deduziu que não tinha escolha. Goldberg estava terminando uma ligação e gesticulou para que ele se sentasse.

Broome olhou de relance para o rosto do comissário, mas então parou para analisá-lo com mais atenção. Goldberg nunca tinha sido um exemplo de beleza e saúde, mas agora, sentado atrás de sua mesa entulhada, parecia um farrapo humano. Meio pálido, seboso, trêmulo e talvez precisando de uma angioplastia.

Broome se sentou. Esperava levar um esporro homérico, mas Goldberg parecia cansado demais para isso. Ele desligou o telefone, lançou um olhar exausto para Broome e, com uma voz delicada que surpreendeu o detetive, disse:

– Conte para mim o que está havendo aqui.

O tom de voz o deixou sem ação. Ele tentou recordar qual fora a última vez que Goldberg não tinha sido extremamente hostil, mas não conseguiu. Porém não fazia diferença. Ele já estava decidido a abrir o jogo e dividir suas suspeitas com o chefe. Seria impossível seguir em frente sem a aprovação de seu superior imediato. Provavelmente já tinham o bastante para recorrer aos agentes federais – talvez até desde o dia anterior, mas Broome não queria colocar o carro na frente dos bois. A ideia de ficar com cara de idiota se estivesse enganado não o atraía, mas também não gostaria de correr o risco de perder o caso se tivesse razão.

Ele começou com o assassinato de Ross Gunther, então passou para os homens desaparecidos durante o Mardi Gras – até o momento, Erin havia descoberto 14 sumiços em 17 anos que se encaixavam no padrão –, partindo em seguida para Carlton Flynn. Terminou com a suspeita de que o assassinato de Harry Sutton na noite anterior estivesse interligado a esses fatos, mas não fazia ideia de como.

– Por outro lado – concluiu Broome –, nossa testemunha nos deu uma boa descrição das duas pessoas que estavam perto do escritório dele na hora do assassinato. Vamos divulgar os retratos falados assim que estiverem prontos.

Goldberg despertou do torpor em que estava e disse:

– Quando diz testemunha, está falando da mulher que acabei de ver lá embaixo?

– Sim.

– E por que a estava escondendo?

– Ela é a Cassie de quem lhe falei antes – explicou Broome. – A que reapareceu e entrou em contato conosco ontem.

– A ex-namorada de Stewart Green?

– Não exatamente ex-namorada, mas sim, a garota que Green perseguia ou sei lá o quê. Agora essa Cassie tem uma nova identidade, com direito a marido, filhos e tudo mais, e me pediu para protegê-la. Eu prometi que iria tentar.

Goldberg se deu por satisfeito. Pegou um clipe de papel e começou a dobrá-lo para a frente e para trás.

– Só não entendi uma coisa – falou ele. – Em todo Mardi Gras, um sujeito desaparece?

– Exatamente.

– E não encontramos nenhum corpo?

– Nenhum – respondeu Broome. – A não ser que a gente inclua Ross Gunther no grupo.

Goldberg retorceu o clipe até ele quebrar. Em seguida pegou outro.

– Então o tal de Gunther é assassinado nesse parque há 18 anos durante o Mardi Gras. Daí esse outro cara... como ele se chama mesmo?

– Ricky Mannion.

– Isso, Ricky Mannion. Esse cara leva a culpa. As provas contra ele são contundentes, mas o sujeito continua se declarando inocente. No ano seguinte, no dia do Mardi Gras, Stewart Green desaparece. Não sabíamos na época, mas ele estava naquela mesma parte afastada do parque, ferido e sangrando?

– Correto.

– Mas alguém o viu há pouco tempo, não?

– Acreditamos que sim.

Goldberg balançou a cabeça.

– Agora pulamos 17 anos para a frente. Outro homem, Carlton Flynn, desaparece durante o Mardi Gras, e a perícia preliminar nos diz que havia sangue dele no mesmo lugar?

– Sim.

– Por que só estou sabendo disso agora? – Goldberg ergueu a mão antes que Broome pudesse dizer qualquer coisa. – Esqueça, não temos tempo para isso. – Ele tamborilou a mesa com as pontas dos dedos. – Três homens feridos no mesmo local – prosseguiu ele. – Devíamos mandar a equipe de perícia de volta para lá. Eles precisam analisar cada centímetro do terreno, ver se conseguem encontrar mais alguma amostra de sangue. Sei lá, essa história toda é muito maluca, mas se algum dos outros homens desaparecidos no Mardi Gras também tiver sido retalhado por ali, talvez ainda possamos encontrar vestígios de sangue.

Broome achou que era uma boa ideia.

– De que mais você precisa? – perguntou Goldberg.

– De um mandado de busca para o apartamento de Ray Levine.

– Vou providenciar. Você acha que devemos emitir um alerta para todas as unidades a respeito dele?

– É melhor não – respondeu Broome. – Ainda não temos o suficiente para uma prisão, e não quero assustá-lo.

– Então qual é o seu plano?

– Vou tentar encontrá-lo. Quero conversar com ele sozinho, antes que ele pense em procurar um advogado.

Alguém bateu à porta. Era Mason.

– A simulação de envelhecimento de Stewart Green está pronta.

Ele entregou uma cópia para Goldberg e outra para Broome. Conforme prometido, lá estava Stewart Green, 17 anos depois de haver desaparecido, com a cabeça raspada e um cavanhaque.

– Já terminou aqueles retratos do caso Sutton? – perguntou o comissário.

– Estão quase prontos.

– Ótimo. Quando acabar, entregue-os a mim. – Goldberg se virou para Broome. – Vá atrás de Ray Levine. Eu me encarrego de divulgar os retratos falados.

◆◆◆

Ken encontrou um reservado discreto nos fundos do La Crème, que lhe dava uma péssima visão das dançarinas, mas uma ótima visão da mulher do bar que havia levado o detetive Broome àquele antro de perdição.

Mais cedo, tinha conseguido se aproximar o suficiente para entreouvir trechos da conversa entre o detetive e a barwoman chamada Lorraine. Ela claramente sabia muito. Claramente o assunto mexia com ela. E claramente ela não estava contando tudo o que sabia.

Ken estava muito feliz, quase bobo de alegria, por conta da aproximação de suas núpcias. Cogitou várias formas de fazer o pedido. Aquele trabalho pagaria bem, então ele poderia usar o dinheiro para comprar o maior diamante que conseguisse encontrar. Mas a grande questão era: qual era a melhor maneira de fazer o pedido? Não queria nada cafona, como aqueles sujeitos que pediam a namorada em casamento no telão de um estádio no intervalo de um jogo de futebol. Pensava em algo grandioso mas simples, significativo mas divertido.

Ela era tão maravilhosa, tão especial... – e se havia um lugar que deixava isso bem claro era aquele suposto "clube de cavalheiros". As mulheres ali eram grotescas. Ele não entendia por que alguém iria querê-las. Elas pareciam sujas, doentes, falsas. Ken se perguntou se os homens não iriam até lá por outros motivos que não sexuais, só para sentir algo diferente, ou talvez porque aquele lugar tivesse o mesmo apelo de um show de horrores em um parque de diversões.

Perguntou-se também até que horas Lorraine iria trabalhar, se poderia abordá-la durante o intervalo ou se teria que esperar até o fim de seu turno. Se houvesse a chance, gostaria de amarrá-la e esperar que sua amada se juntasse a ele. Barbie adorava ficar no comando quando eles torturavam mulheres.

Ele sentiu seu telefone vibrar. Olhou para baixo e viu que era o amor da sua vida. Pensou no seu rosto, no seu corpo, na sua pureza, e nunca se sentiu tão sortudo na vida.

Atendeu o telefone e disse:

– Eu te amo.

– Também te amo. Mas estou um pouco preocupada.

– Por quê?

Ela o colocou a par de sua conversa com Goldberg. Quando terminou, Ken perguntou:

– O que você acha?

– Acho que nosso amigo comissário Goldberg está mentindo.

– Eu também.

– Que tal eu cuidar disso? – perguntou ela.

– Não vejo outra saída.

◆◆◆

Megan terminou de descrever o casal para o desenhista. Estava ansiosa para voltar para casa, conversar com Dave e resolver toda aquela confusão. Quando Broome voltou à sala, ele disse:

– Quer que eu peça para alguém levar você em casa?
– Prefiro alugar um carro e voltar sozinha.
– Podemos lhe emprestar um dos nossos e ir buscá-lo pela manhã.
– Ótimo.
O detetive atravessou a sala.
– Você sabe que eu preciso interrogar Ray Levine, certo?
– Eu sei. Só lhe peço para manter a mente aberta, está bem?
– Se existe alguém com a mente aberta, esse alguém sou eu. Alguma ideia de onde eu possa encontrá-lo?
– Tentou a casa dele? – perguntou ela.
– Mandei uma viatura para lá. Ele não estava.
Megan deu de ombros.
– Então não sei.
– Como o encontrou ontem? – indagou Broome.
– É uma longa história.
O detetive fechou a cara.
– Através do chefe dele – falou Megan. – Um cara chamado Fester.
– Espere um instante, eu conheço esse Fester. É um sujeito grande, com a cabeça raspada?
– Isso mesmo.
– Ele é dono de uma empresa de paparazzi de mentira ou algo do tipo.
Broome se sentou diante de um computador e começou a teclar. Encontrou o telefone da Celeb Experience, que ficava na Arctic Avenue, em Atlantic City. Digitou o número, falou com uma recepcionista e foi transferido para Fester. Identificou-se como um agente de polícia e explicou que precisava falar com Ray Levine.
– Não sei onde ele está – disse Fester.
– Ele não está encrencado.
– Ah, claro. Espere, deixe-me adivinhar. Ele ganhou uma bolada e você só quer ajudar, certo?
– Só preciso falar com ele. Ray talvez tenha testemunhado um crime.
Havia um barulho ao fundo. Fester mandou alguém calar a boca.
– Vamos fazer o seguinte: posso ligar para o celular dele e dizer que você está querendo falar com ele.
– Vamos fazer o seguinte – retrucou Broome. – Que tal você me dar o celular dele e eu mesmo telefono?
Silêncio.
– Fester, ou seja lá qual for o seu nome, você não vai querer se meter nessa confusão. Confie em mim. Me dê o número dele. Não ligue para avisá-lo ou nada parecido. Você não vai gostar das consequências se pisar na bola comigo.
– Não gosto de ser ameaçado.
– Problema seu. Qual é o número de Ray?
Fester continuou bancando o difícil por mais alguns minutos, mas acabou dando o número do celular do amigo. Broome o anotou, alertando Fester mais uma vez que mantivesse o bico calado, e

então desligou.

◆◆◆

Dave não conseguia pensar direito.

Fez uma pausa no litígio trabalhista em que estava atuando e foi para sua sala.

– Precisa de alguma coisa, Sr. Pierce? – perguntou sua jovem colega.

Ela havia acabado de se formar na faculdade de direito de Stanford. Era linda, animada e cheia de vida, e ele imaginava quando o mundo iria sugar tudo isso dela. No fim das contas, era o que sempre acontecia. Aquele tipo de entusiasmo não era feito para durar.

– Não, Shannon, obrigado. Só termine aqueles dossiês, sim?

Era impressionante como conseguíamos esconder as coisas quando nos esforçávamos. Ninguém – nem seus clientes nem o advogado oponente – fazia ideia de que, enquanto ouvia os depoimentos, fazendo anotações e dando seus pareceres, ele estava totalmente devastado por conta da mentira de sua mulher. A fachada profissional nunca desmoronava. Ele se perguntava se todo mundo seria assim o tempo inteiro, se as pessoas na outra sala não estariam simplesmente usando uma máscara para esconder alguma dor íntima, se todas elas também não teriam sido arrasadas naquela manhã e eram apenas tão boas quanto ele em esconder os problemas.

Olhou para a mensagem desesperada da mulher. Ela queria se explicar. Na noite anterior, ele tinha sido tão compreensivo... Dave a amava. Confiava nela. Ainda que houvesse algo mais na vida de Megan ou na dele próprio... Bem, todos têm seus segredos, não é? Ninguém é perfeito. A essência do que eles tinham construído juntos sempre estaria ali. Mas, quando a manhã chegou, apesar do êxtase da noite anterior, todo esse raciocínio lhe pareceu simplesmente errado.

Agora, Dave estava perdido.

Ele teria que conversar com Megan em algum momento, ouvir sua explicação. Perguntou-se qual seria e se iria acreditar nela. Sentiu-se tentado a ligar para a mulher naquele instante, mas continuaria dando um gelo nela por mais algumas horas. Por que não, certo? Não importava qual fosse a explicação: Megan tinha mentido para ele.

Dave olhou para a tela do computador. Imaginava que, mais cedo ou mais tarde, ela iria perguntar como ele ficara sabendo sobre sua ida a Atlantic City. Não tinha certeza se queria contar a ela. Na noite anterior, tinha detestado localizá-la por meio do GPS do celular, mas de repente gostou da ideia de ser capaz de saber onde ela estava quando bem entendesse. Esse era o problema de passar dos limites, de perder a confiança.

Ele clicou no link para o GPS do celular dela e esperou o mapa carregar. Quando ele surgiu na tela, Dave não conseguiu acreditar no que via. Megan não estava em casa, chorando, remoendo-se ou arrependida do que havia feito.

Em vez disso, tinha voltado a Atlantic City.

Mas que...

Ele pegou seu smartphone e se certificou de que podia ver o mapa do GPS no aplicativo. Sim, lá estava ele. Isso significava que, se Megan se movesse, ele saberia. Ótimo.

Talvez fosse hora de ver com seus próprios olhos o que ela estava fazendo.

Pegou as chaves do carro e se levantou, pressionando o botão do interfone do escritório.

– Sharon?

– Sim, Sr. Pierce?

– Não estou me sentindo muito bem. Por favor, cancele meus compromissos para o resto do dia.

◆◆◆

Megan andava de um lado para outro enquanto Broome anotava o celular de Ray. Não havia pedido o número na noite anterior – não quis fazer isso –, mas olhou disfarçadamente por sobre o ombro do detetive e o memorizou. Cogitou telefonar para ele, alertá-lo sobre a visita iminente de Broome, mas uma voz dentro de sua cabeça lhe disse para não se meter.

Deixe a investigação seguir seu rumo natural, pensou ela.

Não acreditava que Ray fosse culpado de... de quê, afinal? Agressão? Sequestro? Desaparecimentos? Assassinato? Tinha sido bastante persuasiva em sua argumentação com Broome, defendendo o ex-namorado da melhor forma possível, mas algo ainda a incomodava. Havia muito naquela história – Stewart Green, Carlton Flynn, os desaparecimentos do Mardi Gras – que não fazia sentido, mas ela não conseguia se livrar da sensação de que Ray estava escondendo alguma coisa.

Algo mais havia acontecido com ele para arrasá-lo daquela maneira, algo mais do que ser abandonado por uma namorada. Sim, eles eram um casal e tudo mais, e só Deus sabe o que poderiam ter se tornado. Mas Ray era, antes de tudo, um fotojornalista. Costumava ser independente, sarcástico e brilhante. Ser largado por uma mulher o magoaria, partiria seu coração. Mas não o deixaria daquele jeito.

O celular dela tocou. Quando olhou para a tela, viu que era sua sogra, telefonando da clínica de repouso.

– Agnes?

Conseguia ouvir o choro do outro lado da linha.

– Agnes?

Em meio às lágrimas, a velha senhora disse:

– Ele voltou ontem à noite, Megan.

Megan fechou os olhos.

– Tentou me matar – continuou Agnes.

– A senhora está bem?

– Não. – Ela parecia uma criança assustada. Era óbvio e talvez um pouco clichê, mas nós não envelhecemos em linha reta. Na verdade, descrevemos um círculo e retornamos à infância, mas no pior sentido. – Você precisa me tirar daqui, Megan.

– Estou um pouco ocupada...

– Por favor! Ele tinha uma faca. Uma faca enorme. A mesma que você tem na cozinha, sabe? A que eu comprei para você de Natal naquele site. É do mesmo tipo. Dê uma olhada na sua cozinha. A faca continua lá? Ah, meu Deus, não posso ficar nem mais uma noite aqui...

Megan não sabia o que dizer. Outra voz surgiu na linha.

– Olá, Sra. Pierce, aqui é Missy Malek.

Era a diretora da clínica.

– Por favor, pode me chamar de Megan.

– Ah, sim, você já me disse isso, desculpe.

– O que está havendo aí?

– Como você sabe, Megan, esse comportamento de sua sogra não é novidade.

– Hoje está parecendo pior.

– Essa não é uma doença que melhore com o tempo. Agnes continua ficando cada vez mais agitada, mas podemos tomar algumas providências para ajudar nesse tipo de situação. Creio que já conversamos a respeito disso, certo?

– Conversamos, sim.

A intenção da diretora era transferir Agnes para o terceiro piso, tirando-a da "vida independente" para o "tratamento intensivo" reservado aos pacientes com Alzheimer em estado avançado. Também queria uma autorização para usar sedativos mais fortes.

– Já vi esse tipo de caso antes – explicou Malek –, mas raras vezes de forma tão aguda.

– Pode haver algum fundo de verdade no que ela diz? Agnes ainda tem muitos momentos de lucidez, por isso estou perguntando.

– Você quer saber se um homem pode estar invadindo o quarto dela com uma faca e ameaçando matá-la? É isso mesmo?

Megan não sabia bem como responder.

– Talvez, não sei. De repente alguém da sua equipe está lhe pregando uma peça, ou ela pode estar entendendo algo errado...

– Megan?

– Sim?

– Ninguém está pregando peças na sua sogra. Essa é a crueldade da doença dela. Nós temos mais facilidade para entender quando é um problema físico: perder um membro, precisar de um transplante, algo assim. O que está acontecendo não é culpa dela. É um desequilíbrio químico em seu cérebro. E, infelizmente, como venho tentando frisar, não é algo que vá melhorar com o tempo. É por isso que você e seu marido precisam reavaliar seriamente o tipo de hospedagem de Agnes na clínica.

De repente, o telefone pareceu pesado nas mãos de Megan.

– Deixe-me falar com ela, por favor.

– Claro.

Poucos segundos depois, a voz assustada estava de volta.

– Megan?

– Estou a caminho, Agnes, vou levá-la para casa. Não saia daí, está bem?

capítulo 29

Quando você chegava ao calçadão de Atlantic City pela primeira vez, ficava impressionado ao ver como o lugar era previsível, com seu aspecto vulgar, embora cheio de vida. Fliperamas, barraquinhas de bolo, cachorro-quente e pizza, corretores de imóveis, campos de minigolfe, lojas de camisas com mensagens sugestivas, barraquinhas de suvenires, tudo em perfeita harmonia com hotéis-cassinos gigantes, o museu Acredite se Quiser! – o de lá contava com um "revestimento para pênis" da Nova Guiné, usado, de acordo com a legenda, "para fins decorativos e para evitar picadas de insetos", sem contar que servia também como um ótimo pretexto para começar uma conversa – e shopping centers recém-inaugurados. Em suma, o calçadão de Atlantic City era exatamente o que se espera, e provavelmente se deseja, dele: uma cafonice total.

Mas também tinha suas surpresas. Ali, cravado entre a Park Place e o calçadão, com a espalhafatosa fachada estilo Velho Oeste do hotel-cassino Bally's ao fundo, ficava um memorial da Guerra da Coreia que, ao menos por alguns instantes, tinha o poder de ofuscar toda aquela atmosfera e fazê-lo refletir.

Broome viu Ray Levine parado ao lado do vulto de imponência quase sobrenatural – uma estátua de mais de 3,5 metros chamada *The Mourning Soldier*, esculpida por Thomas Jay Warren e J. Tom Carrillo. O soldado tinha as mangas da camisa enroladas e segurava o capacete na mão direita. Porém, o que mais impressionava, o que fazia você parar, era a maneira como a figura de bronze olhava para baixo, claramente lamentando a morte de seus companheiros, com as várias placas de identificação pendendo de sua mão esquerda. Era possível ver a desolação em seu rosto jovem e corajoso, enquanto ele encarava as placas de seus parceiros mortos em combate, ainda carregando o rifle nas costas e o facão na cintura. Atrás dele, um grupo de soldados cansados parecia brotar de um muro de água, dois deles carregando um companheiro ferido ou talvez morto. Na lateral, debaixo de uma chama eterna, estão gravados os nomes dos 822 cidadãos de Nova Jersey mortos ou desaparecidos no conflito.

Normalmente, o monumento já faria você parar para pensar, mas ali, em meio a toda a futilidade e superficialidade do calçadão de Atlantic City, o efeito era profundo. Os dois homens – Broome e Ray Levine – ficaram imóveis ali por um bom tempo, olhando em silêncio para as placas de identificação na mão do soldado.

Broome se aproximou um pouco mais de Ray. O outro sentiu sua presença, notou que o policial estava ali, mas não se virou em sua direção.

– Você vem sempre aqui? – perguntou Broome.

– Às vezes – respondeu o fotógrafo.

– Eu também. Ajuda a colocar as coisas em perspectiva.

Turistas passeavam a poucos metros de distância, observando os luminosos dos cassinos em busca de caça-níqueis e bufês baratos. A maior parte nem sequer via o memorial, e quando via afastava o olhar como se os soldados fossem mendigos pedindo esmola. Broome entendia. Eles estavam ali por outros motivos. Aqueles homens no muro, que tinham lutado e morrido para preservar esse tipo de liberdade, provavelmente compreenderiam também.

– Fiquei sabendo que você esteve no Iraque durante a Primeira Guerra do Golfo – disse Broome.

Ray franziu a testa.

– Não como soldado.

– Como fotojornalista, certo? Trabalho arriscado. Ouvi dizer que um estilhaço de granada atingiu sua perna.

– Não foi nada grave.

– É o que os mais corajosos dizem. – Broome notou a mochila de Ray e a câmera em sua mão. – Você sempre tira fotografias aqui?

– Costumava tirar.

– Não mais?

– Não, não mais.

– Por quê?

Ray deu de ombros.

– É de pedra e bronze. Nunca muda.

– Ao contrário de algo como, digamos, a natureza – comentou Broome. – Ou algo que cresça perto de ruínas. Esses são lugares melhores para se fotografar, não?

Ray se virou para finalmente encará-lo. Broome notou que ele estava com a barba por fazer. Os olhos, vidrados e vermelhos. Megan lhe contara que, na noite anterior, havia encontrado o ex-namorado pela primeira vez em 17 anos. Estava claro que a reação dele tinha sido beber todas, algo que, de acordo com as pessoas que o conheciam, fazia bastante frequência.

– Suponho, detetive Broome, que você não tenha me ligado para saber minha opinião sobre temas fotográficos.

– Talvez tenha sido por isso, sim. – O policial lhe mostrou a foto de Carlton Flynn tirada no parque. – O que pode me dizer sobre esta imagem?

Ray olhou para o pedaço de papel e não falou nada.

– É amadora – afirmou enfim, entregando-o de volta para Broome.

– Ora, Ray, nós somos sempre nossos maiores críticos, não é?

Ray se calou novamente.

– Nós dois sabemos que você tirou essa foto – insistiu Broome. – Por favor, não se dê o trabalho de negar. Eu sei que foi você. Sei que esteve nas ruínas no dia em que Carlton Flynn desapareceu. E também sei que estava lá há 17 anos, no dia do sumiço de Stewart Green.

Ray balançou a cabeça.

– Eu, não.

– Você, sim, Ray. Megan me contou tudo.

Ele tornou a franzir a testa.

– Megan?

– Ah, esse é o nome dela agora. Você a conheceu como Cassie. Ela é casada, sabia? Chegou a lhe dizer isso? Que tem dois filhos?

Ray ficou em silêncio.

– Se isso serve de consolo, ela não quis entregar você. Na verdade, tem certeza de que você é inocente. Diz que você enviou esta foto para nos ajudar. – Broome virou a cabeça para o lado. – É

isso mesmo, Ray? Estava tentando nos ajudar a descobrir a verdade?

Ray se afastou da estátua e foi em direção aos jatos de água dançantes da Fonte da Luz. Às vezes a fonte, que existia havia quase 100 anos, jorrava bem alto, mas agora a água borbulhava a menos de 10 centímetros de altura – mal dava para ver.

– Podemos fazer isso de duas maneiras – disse Ray. – Ou eu contrato um advogado e não digo uma palavra.

– Você poderia fazer isso, claro.

– Ou converso com você, coopero e torço para tudo dar certo.

– Confesso que prefiro a segunda opção – falou Broome.

– Porque a segunda opção é uma burrice. É assim que caras como eu entram pelo cano, mas quer saber? Estamos em Atlantic City, então acho que vou tentar a sorte. Sim, eu tirei essa foto. Vou àquele parque uma vez por ano e faço isso.

– Que baita coincidência.

– O quê?

– Você estar lá no mesmo dia em que Carlton Flynn sumiu.

– Era 18 de fevereiro. Sempre vou lá nessa data, a não ser quando viajo para passar um tempo na Costa Oeste.

– O que esse dia tem de tão especial?

Ray fechou a cara.

– Quem está fazendo joguinhos agora? Você falou com Cassie, então já sabe.

Ponto para ele, pensou Broome.

– É tipo uma peregrinação? – perguntou o detetive.

– Mais ou menos. Eu vou até lá, sento um pouco, fotografo, reflito.

– Reflete?

– Isso.

– Tudo isso porque sua namorada largou você lá?

O fotógrafo não respondeu.

– Porque se for isso, não me entenda mal, Ray, você fica parecendo um frouxo. Sua namorada lhe deu um pé na bunda, e daí? Seja homem e siga com a vida. Em vez disso, você volta ao lugar em que ela lhe deu o fora e fica tirando fotos?

– Ela não me deu um pé na bunda.

– Não? Então Megan está só matando tempo com sua nova identidade, seu marido rico e seus dois filhos, enquanto espera sua carreira de paparazzo de mentira decolar?

Ray não pôde deixar de sorrir.

– É, soa mesmo um pouco patético.

– E?

– Então eu sou patético – falou Ray, dando de ombros. – Já fui chamado de coisas piores. Algo mais em que possa ajudá-lo, detetive?

– Quero falar sobre aquela noite, há 17 anos, quando você estava perto das ruínas da fábrica de minério de ferro.

– Está bem.

– Conte-me o que aconteceu.

– Eu tinha marcado de me encontrar lá com Cassie – começou Ray, como se tivesse ensaiado. – Quando cheguei, vi Stewart caído perto da rocha, imaginei que ele estivesse morto e então fugi.

– Só isso?

– Só isso.

– Não chamou uma ambulância para socorrê-lo?

– Não.

– Nossa, Ray, que humano de sua parte.

– Cassie lhe contou como Stewart Green era?

– Contou, sim.

– Então você entende. Parte de mim quis dar pulos de felicidade ao vê-lo caído ali. E, sim, eu sei que isso me transforma em um suspeito, mas eu não o matei.

– Tem certeza de que ele estava morto?

Ray olhou para ele.

– Não fui até lá conferir os sinais vitais dele, se é isso que quer saber.

– Então não tinha certeza?

Ray pensou na pergunta.

– Tem mais uma coisa que talvez você possa gostar de saber. Não sobre aquela noite, mas sobre o 18 de fevereiro deste ano.

– Vá em frente.

– Eu fiz um serviço nessa noite. Depois que tirei as fotos no parque.

– Que serviço?

– Um bar mitzvah, como paparazzo de aluguel.

Broome balançou a cabeça.

– Que profissão mais glamourosa.

– Você não faz ideia. Sabe de onde eu estou vindo? Da inauguração de gala de uma concessionária da Ford. Havia um tapete vermelho e qualquer um que passasse por lá podia andar nele. Então eu e os outros paparazzi de mentira nos amontoávamos ao redor das pessoas e tirávamos fotos. Depois eles tentavam vender um carro para elas. Mas, enfim, quando eu estava saindo do bar mitzvah, fui assaltado. Alguém roubou minha câmera.

– Você registrou queixa?

– Até parece que eu queria perder uma noite inteira fazendo isso. Mas essa não é a questão. A princípio achei que fosse um assalto comum, mas então me perguntei por que o cara nem tentou pegar minha carteira e só quis levar minha câmera.

– Talvez ele estivesse com pressa.

– Pode ser. Mas, quando cheguei em casa, vi Carlton Flynn na TV. Foi então que me dei conta de que tinha uma foto dele. As imagens ainda estavam na minha câmera, mas ela tem uma conexão sem fio que envia automaticamente todas as fotos para o meu e-mail de 10 em 10 minutos. Só que o ladrão não tinha como saber disso.

Broome conseguia ver aonde ele queria chegar com aquilo.

– Então você acha que o assaltante poderia estar atrás da fotografia?

– É possível.

– Então decidiu enviá-la para mim anonimamente?

– Eu queria ajudar, mas precisava manter meu nome em segredo por motivos óbvios. Como você disse, o fato de eu ter estado no local durante os dois desaparecimentos era suspeito. Posso ver pela sua cara que continua sendo. Mas foi esse o motivo.

– Você conseguiu ver o rosto do assaltante?

– Não.

– Altura, peso, cor, traços distintivos como tatuagens, nada?

– Nada. Ele me acertou com um taco de beisebol e eu caí no chão. Ainda tentei me agarrar à câmera, mas, sinto muito, não deu para vê-lo direito.

Ray relatou todo o incidente, contando que levara mais de um golpe, o modo como ainda tentou salvar a câmera e como o ladrão finalmente fugira.

– Você estava bêbado?

– Hã? Não.

– Porque você bebe bastante, certo?

– E daí? Que eu saiba, sou maior de idade.

– Ouvi dizer que às vezes enche a cara até apagar. É verdade?

Ray não se deu o trabalho de responder. Broome enfiou a mão no bolso e tirou o retrato de Stewart Green envelhecido graficamente, em que ele aparecia com a cabeça raspada e cavanhaque.

– Pode ter sido este homem?

Quando Ray Levine viu a imagem, seus olhos se arregalaram. Era como se alguém tivesse lhe dado outra pancada com aquele taco de beisebol.

– Quem é esse?

– Você o reconhece ou não?

– Eu... não. Quero dizer... não, não é o sujeito que me atacou.

– Achei que não tivesse visto o ladrão direito.

– Não seja engraçadinho, Broome. Você entendeu.

O detetive levantou um pouco mais o retrato, até quase esfregá-lo na cara de Ray.

– Já viu este homem antes?

– Não.

– Então por que a cara de espanto?

– Sei lá. Quem é ele?

– Não interessa.

– Desembuche, Broome. Quem é o cara?

– Um suspeito. Ou você o conhece ou não.

– Não conheço.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Ótimo. – Broome guardou a foto, perguntando-se como interpretar a reação de Ray. Será que ele tinha visto Stewart Green? Voltaria ao assunto mais tarde. Agora, precisava mudar um pouco o rumo da conversa, mantê-lo desnorteado. – Você disse que vai às ruínas da fábrica todo ano no dia 18 de fevereiro.

– Não falei isso. Disse *quase* todo ano, no dia 18 de fevereiro.

– Isso, sem contar os anos em que viaja. Tem alguma prova disso?

– Prova de que eu estive lá em vários anos nesse dia?

– Exatamente.

– Por que você precisaria disso?

– Vamos lá, colabore comigo.

– Você está investigando assassinatos e desaparecimentos. Acho que, nesse caso específico, não estou muito a fim de colaborar.

– Quem falou em assassinatos?

Ray suspirou.

– Você acha que eu sou idiota? Pensa que eu não sei que Cassie, ou como foi mesmo que você a chamou? Megan? Você acha que eu não sei que ela esteve com Harry Sutton? Ele foi assassinado, não foi? Está em todos os jornais.

– Ah, bem colocado. Então vamos parar com os joguinhos. Você pode provar que tirou fotografias no parque – Broome fez o gesto de aspas com os dedos – "quase" todos os anos no dia 18 de fevereiro?

Ray pensou no assunto.

– Na verdade, acho que sim.

– Como?

– As fotos que eu tiro. Elas têm data.

– E você não pode forjar isso? Não tem como falsificar a data?

– Sinceramente, não sei. Você pode pedir para seus peritos as analisarem. Talvez também possa conferir os boletins do tempo da época, ver se no dia das fotos estava chovendo, nevando, sei lá. Mas ainda não entendi. Que diferença pode fazer em que dias eu estive lá?

Era simples, embora Broome não fosse dizer ainda. Se Ray Levine pudesse provar que tinha ido até lá ao longo dos anos no dia 18 de fevereiro – e não durante o Mardi Gras –, isso sustentaria sua versão. Naturalmente, Broome apreenderia todas as fotos e investigaria em que outras datas ele havia estado naquela área do parque. Mas já seria um começo.

Estava acabando. Broome sentia que sim. Após 17 anos de caça, de busca, de persistência, ele estava prestes a solucionar aquele maldito caso. Pensando bem no assunto, era estranho. Todo ano – bem, "quase" todo –, no dia 18 de fevereiro, Ray Levine visitava aquele parque para refletir sobre um determinado incidente. Enquanto isso, Broome visitava Sarah Green também nessa data e refletia sobre o mesmo acontecimento. Só que "refletir" não era bem a palavra, era? O detetive ficara obcecado com o caso Stewart Green desde o primeiro dia. Enquanto todos os outros policiais da cidade o haviam descartado como mais um mulherengo que havia fugido com uma stripper, Broome deu continuidade à investigação com um afinco que surpreendia até a ele próprio. Sim, conhecer a família que Stewart deixara para trás – Sarah, Susie e Brandon – o havia ajudado a manter o foco, porém, mesmo naquela época, ele reconhecia que Sarah poderia estar se iludindo, que nem tudo ficaria às mil maravilhas naquela casa triste e solitária se seu adorado marido fosse levado de volta para lá em segurança.

Na verdade, Broome havia acreditado, desde o início, que o sumiço de Stewart Green não era bem

o que parecia – que havia algo mais, algo sinistro, terrível e quase além da sua compreensão. Agora, tinha certeza.

– Já acabamos aqui, detetive?

Broome conferiu o celular. Goldberg lhe mandaria uma mensagem assim que estivesse com o mandado pronto e despachado. Não queria que Ray fosse para casa antes disso e tivesse a chance de adulterar ou destruir provas.

– A foto que você me enviou não foi a única que tirou naquele dia, foi?

– Não, claro que não.

– Onde estão as outras?

– No meu disco rígido, em casa, mas tenho o backup delas na nuvem.

– Nuvem?

– É como eles chamam esse serviço de armazenagem segura. É tipo um disco rígido virtual, mais ou menos como mandar coisas por e-mail para você mesmo. Posso acessá-las de qualquer computador com as respectivas senhas.

Uau, pensou Broome.

– Tenho um laptop no carro – falou o detetive. – Tudo bem para você?

– O quê, você quer que eu faça isso agora?

– Seria de grande ajuda. Meu carro está logo ali na esquina.

Broome tinha estacionado na South Michigan Avenue, perto do Caesars. Enquanto o computador iniciava, Ray disse:

– Eu lhe enviei a última foto que tirei. Quando outra pessoa apareceu por lá, achei que era melhor ir embora.

– Então essa é a única foto de Carlton Flynn?

– Exatamente.

– E não existe mais ninguém em nenhuma das outras?

– Não. Antes disso, eu estava sozinho.

O computador acabou de carregar. Broome o entregou a Ray. O sol forte ofuscava a tela, então eles entraram no automóvel. O policial ficou observando as pessoas indo embora do cassino. Elas sempre saíam da mesma forma: trôpegas, fazendo sombra nos olhos com uma das mãos, piscando sem parar.

– Você viu mais alguém enquanto saía do local? – perguntou Broome.

– Não, sinto muito.

Ray se conectou à internet, digitou o endereço de um site, preencheu nome de usuário e senha, clicou em algumas pastas e então entregou o laptop a Broome. Havia 87 fotografias. Ele começou pela última, a que Ray havia lhe enviado. Logo de cara, algo chamou a atenção do detetive. As primeiras fotos eram, sem exceção, o que se poderia chamar de paisagens pitorescas, só que havia algo na composição que lhes dava um ar melancólico. Na maioria das vezes, registros de paisagens fazem você querer estar ao ar livre, aproveitando toda aquela agradável solidão. Mas aquelas imagens eram desoladoras, solitárias, deprimentes – o que era interessante, pois combinava exatamente com o estado de espírito e a intenção do fotógrafo.

Broome continuou a ver as fotos, uma a uma. Nelas havia basicamente plantas, pássaros, pedras etc. Ele tinha esperado encontrar... o que exatamente? Não sabia. Pistas, talvez. Mas tudo o que via

eram imagens insípidas, porém criativas e comoventes, da cena em que o coração de um homem tinha sido despedaçado, enquanto outras pessoas tinham... o quê?

– Você é bom – disse Broome.

Ray ficou calado.

Agora o detetive conseguia praticamente sentir a atmosfera de pessimismo que havia nas imagens – o impacto acumulado do trabalho de Ray começava a sugar suas energias. Estava quase terminando de vê-las quando algo prendeu sua atenção.

Ele se deteve.

– Dá para aumentar o tamanho da foto? – perguntou.

– Claro. É só clicar no botão de comando e no sinal de mais.

A fotografia era uma das primeiras que Ray havia feito naquele dia. Tinha sido tirada de uma perspectiva diferente, o que talvez explicasse tudo. As árvores estavam ali, é claro, assim como a rocha e a chaminé do antigo alto-forno, mas, daquele ângulo, Broome achou que podia ver algo além, algo atrás das ruínas da velha chaminé ao fundo. Ele clicou e foi aproximando a imagem cada vez mais. Por sorte a qualidade do arquivo era excelente.

O detetive sentiu seu coração vir à boca.

Ray olhou por sobre seu ombro.

– O que é isso?

Broome aproximou ainda mais a imagem. Algo despontava por trás da chaminé. Era verde e metálico, com uma ponta de borracha preta. Era possível ver apenas uns 15 centímetros do objeto. Mas era o suficiente. Tinha passado o verão depois do fim do ensino médio trabalhando em uma empresa de mudanças, então, embora pudesse ver apenas o cabo, sabia muito bem o que era.

– É um carrinho de mão dobrável – falou Broome. – Alguém escondeu um carrinho de mão dobrável perto de onde aqueles homens desapareceram.

capítulo 30

MEGAN COMEÇOU A VIAGEM até a clínica em que morava sua sogra.

Pensava no pobre Harry Sutton. Havia, é claro, a possibilidade de o momento do assassinato ter sido coincidência. Ela havia voltado a Atlantic City por conta de um incidente ocorrido 17 anos antes. O jovem casal procurado pela polícia devia ter 5, no máximo 10 anos naquela época. Então, talvez, se aqueles dois fossem os assassinos, Megan e seu passado não teriam absolutamente nada a ver com o que acontecera ao advogado.

Sua mente continuou fazendo esse exercício de negação, mas no fim das contas a verdade parecia bem óbvia: ela havia atraído a desgraça para a vida de Harry Sutton. Mas ainda não tinha conseguido descobrir como. No fundo do seu coração, Megan sabia que havia estragado tudo mais uma vez.

Duas semanas antes, tinha voltado a Atlantic City pela primeira vez para aquela inofensiva feira comercial. Parte dela conseguira se convencer de que não era nada de mais, que estava ali estritamente para aproveitar a oportunidade de começar uma nova carreira. Mas, novamente, estava apenas se iludindo. Poderia ter ficado para o seminário, por exemplo. Alguns dos outros aspirantes a corretores tinham até planejado um jantar coletivo no Rainforest Café, mas Megan recusou o convite. Em vez disso, foi ao La Crème.

Alguém poderia culpá-la? Quem não visitava os lugares que costumava frequentar quando voltava a uma cidade tão importante em sua vida?

Ela decidiu tentar falar outra vez com Dave. Quando a ligação caiu na caixa postal, Megan começou a sentir a primeira onda de raiva. Depois do bipe, falou: "Agora já chega. Precisamos conversar. Sua mãe está com problemas sérios. Deixe de criancice e me ligue."

Megan desligou, quase atirando o celular no banco do carona. Por um lado, é claro que entendia o comportamento do marido. Era ela que estava errada. Mas talvez fosse esse o problema. De certo modo, sempre tinha sido Megan a estar errada. Ao longo dos anos, deixara a culpa que sentia por enganá-lo permear todo o relacionamento dos dois. Ela era a única responsável, sim, mas talvez Dave tivesse se aproveitado disso. Sua culpa a havia feito se submeter a mais coisas do que devia. Não se ressentia dos filhos por nada disso. Jamais transferiria a questão para eles, mas...

Por que Dave não estava retornando suas ligações?

Era verdade que durante todos aqueles anos ele havia trabalhado, sustentado a casa, colocado comida na mesa e toda a lenga-lenga que os homens usam para justificar o que fazem – mas Dave gostava do seu trabalho. Adorava ficar no escritório até tarde, viajar, jogar golfe aos domingos e depois voltar para casa, para os braços de sua mulher gostosa e que não negava fogo. Megan havia sido tudo isso para ele, mesmo quando não queria. Não que o marido alguma vez a houvesse maltratado ou qualquer coisa do tipo. Nunca tinha sido cruel ou desonesto, mas, pensando bem, que motivo teria para isso? Ela era a esposa perfeita: tinha desistido de seguir uma carreira, organizava todas as contas da casa, cuidava das compras, levava as crianças a todos os cursos e jogos, certificava-se de que a casa estivesse sempre arrumada. Além disso, tomava conta da mãe dele, importando-se com ela mais do que ele jamais se importaria. Depois de tudo isso, de todos os

sacrifícios que Megan fazia, como ele a tratava?

Ignorava suas ligações – e, de alguma forma, tinha passado a espioná-la.

Não que Megan não merecesse tudo isso, mas ainda assim... Lá estava ela, querendo falar com ele, revelar seu passado e seus demônios, alertá-lo de que a mulher que ele jurara defender estava em perigo, e ele não era sequer capaz de retornar seus telefonemas desesperados, preferindo agir como uma criança birrenta.

Ela tornou a pegar o celular. Já havia gravado o número de Ray nele para não se esquecer. Pressionou o botão para realizar a chamada, mas, antes que o telefone sequer começasse a chamar, viu o letreiro da Sunset Assisted Living Home.

Não seja idiota, Megan, pensou ela.

Desligou o telefone, estacionou e, ainda fervendo de raiva, entrou na clínica.

◆◆◆

Barbie se manteve a dois carros de distância.

Não estava tão preocupada assim em não ser vista – Megan Pierce não parecia exatamente uma especialista em notar que estava sendo seguida –, mas o seguro morreu de velho. O fato de aquela dona de casa aparentemente simples estar de alguma forma envolvida naquela história toda indicava que ela não era apenas o que parecia ser. O que, naturalmente, também se aplicava à própria Barbie.

Enquanto dirigia, sua mente não parava de voltar ao pedido repentino de Ken. Tinha sido fofo e bonito da parte dele, é claro, mas também muito perturbador. Ela sempre partira do princípio de que ele enxergava além das ilusões ao nosso redor, que o relacionamento deles tinha aberto seus olhos para uma realidade nova e diferente. Mas não era o caso. Nem mesmo ele conseguia ver além das ideias que tentavam nos empurrar goela abaixo desde nossos primeiros dias de vida.

Por exemplo, todos ouvíamos de nossos tristes e infelizes pais que a melhor forma de encontrar a felicidade era viver e agir exatamente como eles. Barbie nunca tinha entendido essa lógica. Não era essa a definição da loucura? Fazer a mesma coisa repetidas vezes e esperar resultados diferentes? Geração após geração, o mundo parecia fazer justamente isso. O pai de Barbie, por exemplo, odiava se arrastar para o trabalho com seu velho terno e gravata, voltar para casa furioso e exausto às seis da tarde e buscar o clássico consolo na bebida. Sua mãe detestava ser dona de casa – obrigada a desempenhar um papel que a própria mãe havia desempenhado, assim como sua avó antes dela. Ainda assim – e isso era o cúmulo da cegueira –, o que ela queria para sua própria filha?

Que ela encontrasse um homem, se estabilizasse e tivesse seus próprios filhos – como se rancor e infelicidade fossem um legado a ser transmitido.

Que tipo de lógica perversa era essa?

Agora, Ken queria se casar com ela. Desejava ter uma casa com cerca de madeira e, claro, filhos, embora Barbie já houvesse aceitado que não contava com um pingo de instinto maternal. Ela olhou pelo retrovisor e balançou a cabeça. Será que ele não entendia? Barbie adorava aquela vida – a adrenalina, a emoção, o perigo –, além de acreditar piamente que era o plano do Senhor para ela. Deus a havia criado dessa forma. Por que Ele faria isso se quisesse que ela fosse apenas mais uma dona de casa cabeça oca, fadada a limpar catarro e cocô de bebê?

Ela ajudaria Ken a ver que eles tinham sido unidos por um propósito maior. Ela o amava. Seus

destinos estavam interligados. Ela sabia que seu papel era tirar a venda dos olhos dele. Ele entenderia. Iria se sentir inclusive aliviado por não ter que fazer simplesmente o que se esperava dele.

Megan ligou a seta para a direita e pegou a saída da estrada. Barbie a seguiu. Afastou da cabeça o pedido de casamento e pensou em como se sentia sobre o que precisava fazer com Megan. Por um lado, não gostava da ideia de matar aquela mulher. Se tivesse acreditado em Goldberg – o que não era o caso – e tivesse a certeza de que Megan não representava ameaça alguma para ela e Ken, tudo seria muito melhor. Ela a deixaria voltar para sua casa patética, seu marido e seus filhos sem pestanejar. Mas agora não podia mais fazer isso. Não havia escapatória. Naquele ramo de trabalho, você não durava muito se deixasse pontos sem nó.

Mais à frente, viu Megan parar seu carro e entrar em um lugar chamado Sunset Assisted Living. Interessante. Barbie parou um pouco mais longe no estacionamento. Então, enfiou a mão debaixo do banco e puxou uma faca.

◆◆◆

Ray voltou para casa ainda atordoado.

Broome havia chamado seus peritos e, sem dizer mais nada, voltou correndo para as ruínas no parque. Ray ficou onde estava por mais cinco minutos, incapaz de se mover. Nada daquilo fazia o menor sentido. Ele tentou analisar a situação, mas só ficou mais confuso.

Enquanto dirigia pelo Danny Thomas Boulevard e passava em frente ao Trump Taj Mahal, um cassino que ultrapassava todos os limites da cafonice, sentiu seu telefone vibrar. Quando foi pegá-lo, suas mãos pareciam grandes demais para o seu bolso e ele o sacou desajeitadamente. O aparelho tinha parado de vibrar e a tela mostrava o ícone de chamada perdida. Ao ver que a ligação era de uma tal "Megan Pierce", seu coração acelerou.

Cassie.

Será que deveria telefonar de volta? Não tinha certeza. Cassie havia ligado para ele, o que sem dúvida era algum tipo de sinal, mas, por outro lado, também tinha desligado. Ou a conexão havia caído. Mas, se fosse o caso, ela não ligaria de volta assim voltasse a ter cobertura? Certo, tudo bem, melhor esperar que ela entrasse em contato de novo. Ray balançou a cabeça. Qual era o problema dele? De repente, tinha voltado a ser um adolescente inseguro tentando interpretar os sinais da sua primeira paixão.

Perguntou-se como Cassie teria conseguido seu número. Não tinha importância. O importante era que ela havia ligado. Por quê? Ray não fazia ideia. Ficou com o telefone na mão, torcendo para o aparelho vibrar, conferindo a bateria para ver se havia carga suficiente e as barras do sinal para ver se estava na área de cobertura. Patético. Chega. Cassie ligaria de volta ou não.

Mas... e se não ligasse?

Estaria ele disposto a voltar para... para o quê? Sua rotina de beber até apagar?

Quando finalmente dobrou a última esquina em direção à sua casa, parou no ato. Ali, bem em frente a seu prédio, havia quatro viaturas policiais.

Essa não.

Ele se agachou atrás de uma cabine telefônica. Patético, como sempre. Cogitou tentar fugir, mas de que adiantaria? Além do mais, se a intenção fosse prendê-lo, Broome poderia ter feito isso 10

minutos atrás. Ele deu outra olhada. O proprietário do apartamento, o paquistanês Amir Baloch, estava parado em frente ao edifício com os braços cruzados. Ray se aproximou, titubeante, esperando que os policiais fossem agarrá-lo. Isso não aconteceu. Eles entravam e saíam de sua casa com caixas nos braços.

Amir balançou a cabeça.

– Parece que estou de volta ao meu país.

– O que está havendo? – perguntou Ray.

Um dos agentes o viu e se aproximou. Seu crachá de identificação dizia Howard Dodds.

– Raymond Levine?

– Eu mesmo.

– Sou o agente Dodds. – Ele lhe entregou uma folha de papel. – Temos um mandado de busca para esse local.

Ray não se deu o trabalho de ler o documento.

– Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa?

– Não.

– Posso lhe dar as senhas do meu computador, se facilitar.

Dodds sorriu.

– Ótima tentativa.

– Hã?

– Existem senhas que são configuradas para destruir arquivos.

– Eu nem sabia disso.

– Claro, você só quer ajudar, certo?

– Bem – disse Ray –, sim.

– Deixe-nos fazer nosso trabalho.

Ele lhe deu as costas e voltou para o prédio.

Ray olhou para o paquistanês, que estava lívido.

– Desculpe, Amir.

– Tem alguma ideia do que eles querem?

– É uma longa história.

– Será que vou ter algum problema? – perguntou ele.

– Não.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Fui envolvido em uma confusão em Karachi e fiquei preso por seis meses. Por isso me mudei para cá.

– Sinto muito, Amir.

– O que eles vão encontrar?

– Nada – afirmou Ray.

E estava falando sério. Eles analisariam as fotografias, mas não encontrariam nada. Ele voltou a se lembrar daquela noite, de todo aquele sangue. Essa era a única imagem que jamais havia conseguido afogar com álcool – a única que nunca lhe dava trégua.

Isso não era bem verdade. Cassie também nunca desaparecia de sua mente.

Então Ray pensou naquela fotografia estranha que Broome lhe mostrara, a do homem de cabeça raspada e cavanhaque. Ele não conseguia entender, mas tinha a sensação de que o cerco se fechava ao seu redor. Começou a sentir um aperto no peito. Afastou-se dali, deixando Amir sozinho em frente ao edifício. Por um instante, achou que fosse chorar. Tentou recordar quando tinha sido a última vez que havia realmente chorado como queria naquele instante. Apenas dois momentos em sua vida adulta lhe vieram à mente. O primeiro, quando seu pai morreu. O segundo, 17 anos antes, naquele parque.

Ray desceu o quarteirão. Seu bar favorito ficava ali, mas ele não entrou, nem mesmo sentiu vontade, o que era raro. O que desejava – o que sempre havia desejado, percebia agora – era tirar o peso de seus ombros. Isso podia parecer piegas, Nova Era e psicanalítico demais, mas talvez, no fim das contas, contar a verdade para alguém sobre aquela noite fosse, se não libertá-lo, ao menos tirá-lo daquele caminho autodestrutivo.

Talvez por isso ele tivesse enviado aquela fotografia para Broome, para início de conversa.

A questão agora era: com quem deveria desabafar? A resposta, enquanto ele olhava para o celular em sua mão, era óbvia.

O telefone ainda não tinha voltado a vibrar, mas e daí? Ela havia tomado a iniciativa. Agora era a vez dele.

Ray pressionou o botão de discagem, viu o nome Megan Pierce surgir na tela e levou o aparelho à orelha.

capítulo 31

MEGAN ESTAVA ATRAVESSANDO o corredor em direção ao quarto de Agnes quando seu celular tocou.

A clínica tentava ao máximo passar a imagem de algo que não era. O exterior queria dar a impressão de uma pousada em estilo vitoriano, mas na verdade tinha cara de hotel de beira de estrada pré-fabricado, com suas samambaias artificiais e rampas para cadeirantes na varanda. O interior também não ficava atrás, com carpete verde e pôsteres desbotados de quadros de Renoir e Monet.

Ela passou por Missy Malek, que a encarou com seu olhar bem treinado de preocupação.

– Talvez seja melhor conversarmos logo, o que acha?

– Assim que eu der uma olhada em Agnes.

– Claro – respondeu Malek, quase fazendo uma mesura.

Megan estava em frente ao quarto da sogra quando finalmente pegou o celular e viu o número de Ray na tela. Ela ficou petrificada, sem saber o que fazer, mas sabia que no fim das contas só tinha uma opção. Pressionou o botão para atender e levou o aparelho à orelha.

– Alô?

– Fiquei sabendo que agora você atende pelo nome de Megan – disse Ray.

– É o meu nome verdadeiro.

– Eu poderia fazer o comentário óbvio de que talvez nada entre nós tenha sido real...

– Mas nós dois saberíamos que é mentira – falou ela.

– Exatamente.

Silêncio.

– Broome encontrou você? – perguntou Megan.

– Encontrou.

– Desculpe.

– Não, você fez a coisa certa ao contar para ele.

– O que você disse para ele?

– Basicamente a mesma coisa que falei para você.

– E ele acreditou?

– Duvido. A polícia está fazendo uma busca no meu apartamento.

– Você está bem?

– Estou.

– Se servir de consolo – comentou Megan –, eu acredito em você.

Ele ficou calado.

– Ray?

Quando ele tornou a falar, sua voz estava diferente, mais suave e com um timbre estranho.

– Você ainda está em Atlantic City?

– Não.

– Pode voltar?

– Por quê?

Mais uma vez, ele se calou.

– Ray?

– Eu não lhe contei a verdade – falou ele.

Megan sentiu um arrepio.

– Como assim?

– Volte para cá.

– Não posso. Quer dizer, pelo menos não agora.

– Vou esperar na Lucy o tempo que for necessário. Por favor, venha.

– Não sei.

Mas ele já havia desligado. Ela ficou parada ali, olhando para o telefone, até que um barulho chamou sua atenção. Megan ergueu a cabeça e viu Agnes sair do quarto, confusa e com o olhar distante. Seus cabelos brancos estavam totalmente desgrenhados. A pele de seu rosto estava lívida, quase transparente – o azul das veias saltava aos olhos.

– Não me machuque! – gritou Agnes, se afastando, quando uma enfermeira a interceptou.

– Eu jamais faria isso, Agnes. Só estou tentando...

– Pare!

A velha senhora então se encolheu como se esperasse que a funcionária da clínica fosse bater nela. Megan correu para ela e afastou a enfermeira do caminho. Encarou sua sogra, segurando seus ombros, e disse:

– Está tudo bem, Agnes. Sou eu. Megan.

Agnes estreitou os olhos.

– Megan?

– É. Está tudo bem.

Agnes virou a cabeça para a esquerda.

– Por que você está aqui? Por que não está em casa com os bebês?

– Eles não são mais bebês. São adolescentes. Estou aqui porque a senhora me chamou.

– Chamei? – Uma expressão de medo atravessou o rosto de Agnes. – Quando?

– Não tem importância. Está tudo bem agora. Estou aqui. A senhora está em segurança.

A enfermeira ficou observando a cena com uma expressão solidária. Megan passou o braço em volta de Agnes e a levou de volta para o quarto. Missy Malek foi atrás delas, mas Megan balançou a cabeça para despachá-la e fechou a porta. Demorou um pouco, mas conseguiu acalmar Agnes, fazê-la parar de tremer e choramingar. Então, como da outra vez, a lucidez voltou aos olhos de sua sogra.

– A senhora está bem? – perguntou Megan.

Agnes assentiu com a cabeça.

– Megan?

– Sim?

– Com quem você estava falando ao telefone?

– Quando?

– Agora. Quando saí do quarto. Você estava no corredor, falando ao telefone.

Ela não sabia muito bem como responder.

– Era só um velho amigo.

– Eu não queria ser indiscreta.

– Não, tudo bem, é só que... – Ela se deteve, contendo as lágrimas. Agnes lançou-lhe um olhar tão preocupado que Megan sentiu algo ceder dentro de si. – Minha vida inteira tem sido uma mentira.

Sua sogra forçou um sorriso e afagou sua mão.

– Ora, eu não diria isso.

– A senhora não entende.

– Você ama meu Dave?

– Amo.

– Megan?

– Sim?

– Eu sei – sussurrou Agnes em um tom de voz que fez o quarto inteiro ficar gelado.

– Do que a senhora está falando?

– Sobre a semana passada.

– O que tem a semana passada?

– Quando Dave levou você lá em casa, no dia seguinte eu liguei para o Emerson College. Você tinha dito que estudava lá. Mas, sei lá, algo não me cheirava bem. Então, liguei para a universidade. Eles disseram que nunca tinham ouvido falar de você.

Megan ficou sem palavras.

– Não vou contar a ninguém – continuou Agnes, sussurrando novamente. – Não tem importância. Eu minto sobre minha idade para Roland. Sou três anos mais velha que ele, mas ele não sabe. A verdade é que você ama meu Dave. Eu sei. É boa para ele. Não é como aquelas garotas ricas e esnobes da cidade. Seu segredo está em segurança comigo, querida. Só lhe peço uma coisa.

Uma lágrima escapou e correu pela face de Megan.

– O quê?

– Me dê netos. Você vai ser uma mãe maravilhosa.

Agnes sabe, pensou Megan. Durante todos aqueles anos, sempre soube da mentira. Essa era uma ideia quase impossível de suportar.

– Megan?

– Eu prometo.

– Não, não é isso – falou Agnes, pestanejando. Ela olhou em direção à porta. – Eles querem me transferir para o terceiro andar, não querem?

– Querem. Mas a senhora não precisa ir, se não quiser.

– Não vai adiantar nada. – Ela baixou a voz mais uma vez. – Ele vai me encontrar. Mesmo lá em cima. Vai me encontrar e me matar.

– Quem?

Agnes olhou de um lado para outro. Inclinou-se para a frente e encarou Megan.

– O homem malvado que aparece à noite.

Foi então que Megan se lembrou da câmera de espionagem no relógio digital.

– Agnes?

– Sim?

– Esse homem esteve aqui ontem à noite?

– Claro, foi por isso que liguei para você.

Às vezes Agnes parecia um aparelho de rádio descontrolado, que ficava mudando de estação a cada minuto. Megan apontou para o relógio.

– A senhora se lembra de ontem, de quando eu vim aqui?

Agnes começou a sorrir.

– A câmera de espionagem!

– Isso.

– Então você vai poder vê-lo? Vai conseguir ver o homem malvado?

– Vamos tentar.

Megan havia programado a câmera para gravar das nove da noite às seis da manhã. Ela não registrava tudo – era acionada por um detector de movimento –, de modo que não precisariam assistir a nove horas inteiras de filme. Conferiu a parte de trás do relógio e viu que a luz estava piscando. Isso significava que havia algo na memória.

– Já volto, Agnes.

Ela percorreu o corredor a passos rápidos e voltou à recepção. Pegou um laptop emprestado e voltou direto para o quarto. Agnes continuava na cama. A ligação do relógio/câmera era por uma entrada USB. Megan o colocou em cima da cama e o conectou ao laptop. Agnes se aproximou. Quando o ícone do aparelho surgiu na tela, Megan moveu o cursor e clicou nele.

– Se ele esteve em seu quarto – disse Megan –, nós vamos conseguir vê-lo.

– O que está havendo aqui?

As duas olharam para a porta. Missy Malek estava parada na entrada do quarto, com as mãos na cintura e os lábios contraídos. Ela viu aquela cena – as duas mulheres na cama, o relógio/câmera conectado ao laptop – e seus olhos se arregalaram.

– O que é isso?

– É uma câmera de vigilância – respondeu Megan.

– O quê?

– Uma câmera oculta. Está embutida no relógio digital.

O rosto de Malek ficou vermelho.

– Você não pode colocar uma coisa dessas aqui.

– Já coloquei.

– Nós temos regras de privacidade. Quando Agnes foi internada aqui, seu marido, que é responsável por ela, assinou um contrato que estipula claramente que...

– *Eu* nunca assinei nada – argumentou Megan.

– Porque não tem poder legal para isso.

– Exatamente. E este aqui é o quarto de Agnes. Ela quis uma câmera, não quis, Agnes?

A senhora assentiu.

– Quis, sim.

– Não estou entendendo – disse Missy Malek. – Você gravou o que aconteceu aqui no quarto?

– É o que parece.

– Sabe o que significa quebra de confiança?

Megan deu de ombros.

– Se vocês não têm nada a esconder...

– É claro que não temos!

– Ótimo – falou Megan. – Quer assistir à gravação conosco, então?

Malek fuzilou Agnes com o olhar, voltando-se em seguida para Megan.

– Isso é um erro.

– Então assumimos a responsabilidade por ele – afirmou Megan.

As imagens eram granuladas, nem tanto pelo fato de a resolução da câmera ser ruim, mas por causa da escuridão no quarto no momento da gravação. A primeira coisa a surgir na tela foi uma imagem congelada de Agnes sentada na cama. O modo de visão noturna dava ao aposento uma atmosfera sinistra, verde e nebulosa.

Embora a lente estivesse ajustada para filmar o quarto inteiro, ainda era possível notar a expressão assustada no rosto de Agnes. A visão noturna fazia seus olhos emitirem um brilho branco.

Havia um ícone em forma de seta no meio da imagem congelada. Megan tornou a olhar para Missy Malek. Ela lhe pareceu resignada. Megan clicou no ícone.

O vídeo começou a rodar – e de fato solucionou o mistério, mas não da maneira que Megan esperava.

Não havia som, mas talvez fosse melhor assim. Na tela, Agnes continuava sentada na cama. Dava para ver que ela estava gritando, chorando, claramente apavorada. Pegou seu travesseiro para se defender. Recuou para o canto da cama, erguendo os joelhos até o peito. Levantou os olhos para o invasor, sua mão direita protegendo-lhe o rosto.

Mas não havia ninguém ali.

Megan sentiu um aperto no coração. Olhou de relance para Missy Malek. Seu rosto continuava resignado, mas não por culpa ou medo. Ela sabia desde o início. Olhou para a sogra. Agnes encarava a tela, boquiaberta. A princípio pareceu confusa, mas, por trás da desorientação, Megan conseguia ver lucidez. Agnes entendia o que estava acontecendo. Parte de sua mente conseguia aceitar aquilo, mas outra, mais forte, simplesmente se recusava a fazê-lo. Era como se de repente quisessem convencê-la de que a esquerda era na verdade a direita e em cima era na verdade embaixo.

– Ele ficou invisível – constatou Agnes.

Mas não estava sendo sincera.

Depois do que pareceu uma hora – na verdade, deviam ter sido dois minutos –, o vídeo mostrou uma enfermeira entrar correndo no quarto e começar a acalmar Agnes. Megan pôde ver que ela segurava um copo em uma das mãos. Com a outra, estendia alguns comprimidos em direção à sua sogra. Agnes os engoliu bebendo o líquido contido no copo, que Megan supôs ser água. Então, recostou na cama. A enfermeira a cobriu com cuidado, esperou alguns instantes e então saiu pela porta na ponta dos pés.

No minuto seguinte, a gravação foi interrompida.

Justiça seja feita: Malek não disse uma só palavra. Agnes ficou olhando para o laptop, esperando algo acontecer. A tela voltou a acusar movimento apenas mais uma vez. De acordo com o contador digital no canto da imagem, foi cerca de uma hora depois. Agnes e Megan se inclinaram para a frente a fim de enxergarem melhor, mas tudo o que viram foi a enfermeira checando como Agnes

estava.

Na tela, a velha senhora continuava adormecida.

Isso foi tudo.

– Vocês o viram, não viram? – falou Agnes, apontando para a tela. – Com a faca na mão? Uma vez ele apareceu com um coiote e um vidro cheio de veneno.

Malek saiu do quarto sem dizer mais nada.

– Megan? – chamou Agnes, com uma voz extremamente fraca.

– Está tudo bem – respondeu Megan, sentindo uma nova onda de desolação.

Droga. Que idiota ela havia sido. Não era óbvio que, no fundo, já sabia o que a gravação iria mostrar? Ela tinha mesmo acreditado que um homem com uma faca – isso sem falar no coiote e no vidro de veneno que ele às vezes preferia usar – aparecia à noite para aterrorizar uma velhinha indefesa? Como podia ter se iludido tanto? Agnes era o mais próximo de uma confidente e de uma amiga que alguém como Megan – uma mulher que havia passado sua vida adulta quase inteira vivendo uma mentira – poderia ter. Nesse dia, descobrira quanto elas eram próximas – que, durante todos aqueles anos, Agnes soubera, se não a verdade, algo muito próximo a ela. E nunca havia se importado.

Agnes conhecia Megan melhor do que ninguém, o que não a impedira de amá-la da mesma forma.

– É melhor você voltar para casa agora – disse a senhora com uma voz distante. – Precisa tomar conta do bebê.

O bebê. Singular. O rádio tinha mudado de estação novamente. De qualquer modo, Agnes tinha razão. Aquilo precisava acabar. Ela tinha que parar de perseguir o passado, de viver uma mentira. Seu sogro, o falecido Roland Pierce, para quem Agnes mentia sobre sua idade, costumava dizer: "A juventude passa num instante." Era verdade, mas o mesmo se aplicava à meia-idade e a cada etapa da vida. A efemeridade de nossa existência é a única certeza que podemos ter.

Quando Agnes havia começado a perder o juízo? Quando a própria Megan começaria a perdê-lo?

Ela não queria viver mais nem um dia com aquelas mentiras.

Fechou os olhos e deu um beijo demorado na testa da sogra.

– Eu te amo muito – falou ela, baixinho. – Não vou deixar que nada de mau aconteça à senhora. Prometo.

Megan se afastou e começou a percorrer o corredor para ir embora. Missy Malek estava parada ali, lançando-lhe um olhar interrogativo. Megan balançou a cabeça e disse:

– Vou conversar com meu marido, mas vamos começar a tomar as providências para a transferência.

– Vai ser melhor para ela. Eu garanto.

Megan continuou atravessando o saguão decorado com exagero e passou pela lanchonete. As portas deslizantes se abriram. Recebeu de bom grado o ar fresco, especialmente depois do calor sufocante que fazia lá dentro. Fechou os olhos por um instante e respirou fundo.

Ainda não havia nenhuma mensagem de Dave no seu celular. Ela se sentiu triste, irritada, exausta e confusa. Ray estava à sua espera na Lucy. Megan não queria ir até lá. Ele fazia parte do seu passado. Abrir aquela porta só traria infelicidade. Estava na hora de virar a página.

Mas as palavras de Ray voltaram à sua mente: "Eu não lhe contei a verdade."

Será que ela conseguiria simplesmente ignorar aquilo? O tom de voz dele, o desespero contido

nela... Será que Megan seria mesmo capaz de tapar os ouvidos e ir embora? Não devia algo a Ray? E talvez, no fim das contas, não teria sido isso que a levara até ali? Talvez não a chance de reviver uma juventude perdida, mas a oportunidade de ajudar alguém a se reerguer.

Ela chegou ao carro. Quando estendeu a mão para a maçaneta, algo atraiu seu olhar.

Megan se virou depressa e viu uma faca vindo em sua direção.

capítulo 32

BROOME SENTIU O DESÂNIMO invadir seu peito.

– Não está mais aqui.

Ele tinha voltado às ruínas do antigo alto-forno com Samantha Bajraktari e o jovem perito. Cowens recusara o convite de se juntar a eles dessa vez, então Broome chegou à conclusão de que ele não tivera muita sorte com a moça.

– O que você acha que viu na foto? – perguntou ela.

– Um carrinho de mão dobrável.

– Um carrinho de mão dobrável? Do tipo que se usa para transportar caixas?

– Ou corpos – respondeu Broome.

Ele colocou a mão sobre os tijolos velhos. Se você fosse uma pessoa atenta, as ruínas da antiga fábrica de minério de ferro podiam ser muito interessantes. Broome se lembrou de sua lua de mel com Erin na Itália. Eles haviam passado duas semanas viajando por Nápoles, Roma, Florença e Veneza. A arte era incrível, é claro, mas o que os fascinou de verdade tinham sido as ruínas. Alguma coisa naqueles restos mortais, naqueles vestígios de algo que não existia mais, os atraía. Tinham ficado deslumbrados com o Fórum Romano, o Coliseu e, acima de tudo, com Pompeia, uma cidade inteira devastada por um vulcão. Dois mil anos atrás, o Vesúvio entrara em erupção, deixando a cidade e seus habitantes cobertos por mais de 6 metros de cinzas. Durante vários séculos, Pompeia permanecera assim – a "cena do crime" totalmente desaparecida, ocultada –, até ser descoberta por acaso em uma escavação e seus segredos serem lenta e dolorosamente revelados. Agora, Broome pensava em quando tinha percorrido aquelas ruas perfeitamente preservadas de mãos dadas com sua nova e linda esposa. Como era um completo imbecil, não fazia ideia na época de que aquele seria o melhor momento de sua vida.

– Você está bem? – perguntou Bajraktari.

Broome assentiu. Ele sabia que o parque florestal de Pine Barrens estava cheio de ruínas dos séculos XVIII e XIX. Não chegavam a ser atrações turísticas, a não ser as mais famosas, às margens do rio Batsto e do lago Atsion. Quase todas as demais, como aquela ali, ficavam escondidas e só eram acessíveis por meio de trilhas no meio do mato. Tudo o que restava agora eram relíquias decadentes de uma era passada, mas houvera uma época em que aquela região de Nova Jersey era repleta de vilarejos, por conta das fábricas de papel, vidro e minério de ferro. Com o passar do tempo, os recursos naturais se esgotaram, condenando a maioria deles. Porém, em alguns casos, ninguém sabia o que havia acontecido. Um dia as pessoas estavam ali, vivendo suas vidas e criando suas famílias. No outro, haviam sumido – ou pelo menos era o que parecia. Talvez, como em Pompeia, estivessem apenas esperando que um belo dia alguém as desencavasse.

Samantha analisou os tijolos de um alto-forno construído em 1780.

– Você acha que viu um carrinho de mão dobrável, não foi?

– Foi.

Ela passou os dedos pelos tijolos.

– O que foi? – perguntou ele.

– Tem um arranhãozinho aqui. Talvez até um pouco de ferrugem. Não posso afirmar antes de fazer um teste.

– Como se um carrinho de mão tivesse sido recostado aí?

– Talvez.

Samantha se agachou até o chão e esfregou a mão na terra.

– Qual é sua teoria sobre esse carrinho de mão? – indagou ela.

– No momento? – disse Broome. – A mais óbvia de todas: ele foi usado para transportar algo.

– Como, digamos, um corpo?

Broome assentiu.

– Vamos supor que, uma vez por ano, durante o Mardi Gras, você fosse matar alguém ou, sei lá, deixá-lo desacordado. Digamos que você queira locomovê-lo.

Samantha assentiu.

– Poderia usar um carrinho de mão dobrável – completou ela.

– Exatamente – concordou Broome.

– Se fosse o caso, haveria algum tipo de marca. Sulcos no chão, por exemplo. É claro que as marcas antigas não estariam mais visíveis, mas se Carlton Flynn tivesse sido transportado dessa forma há poucos dias, provavelmente ainda veríamos algo.

Ela voltou em direção à rocha onde havia encontrado os vestígios de sangue. Broome a seguiu. Dessa vez, Samantha ficou de quatro no chão, com o rosto a poucos centímetros do solo. Então começou a engatinhar, movendo-se cada vez mais rápido.

– O que foi? – perguntou Broome.

– Está vendo isso? – disse ela, apontando para o chão

– Mais ou menos.

– É um sulco. Há quatro deles, formando um retângulo que calculo que seja de 60 centímetros por 1,20 metro.

– E o que isso quer dizer?

– Se você quisesse colocar o corpo em um carrinho de mão dobrável, precisaria apoiá-lo nos quatro pés. O momento em que ele ficaria mais pesado seria quando o corpo fosse largado em cima dele pela primeira vez. – Ela ergueu os olhos para o detetive. – Resumindo, o carrinho deixaria marcas como essas.

– Hum.

– Pois é.

– E você consegue, sei lá, seguir os rastros?

– Acho que não – falou ela. – O chão é bem duro, mas...

Ela deixou a frase pela metade. Virou a cabeça e, como um cão de caça, voltou a subir a trilha. Então parou de novo e se agachou.

– Ele foi por esse caminho? – indagou Broome.

– Não é nada conclusivo, mas veja só as marcas nesse arbusto.

Broome se aproximou e se abaixou. Parecia mesmo que algo pesado, talvez um carrinho de mão dobrável carregado com um corpo, havia passado pelo local. Tentou encontrar um rastro, mas não havia nenhum.

– Para onde ele pode ter ido?

– Talvez não muito longe. Pode ser que quisesse apenas enterrar o corpo.

Broome balançou a cabeça.

– Tem feito frio demais nas últimas semanas para isso.

– Tem alguns galhos quebrados mais à frente. Vamos segui-los.

Os dois se embrenharam na mata, afastando-se da trilha. Começaram a descer uma colina. Ali, numa área que ninguém teria motivo para visitar, encontraram mais galhos quebrados, mais sinais de que algo de tamanho considerável havia atravessado, se não esmagado, a vegetação em ritmo acelerado.

O sol se punha e começava a fazer frio. Broome fechou o zíper do casaco corta-vento e seguiu em frente.

A vegetação ficou mais cerrada, tornando cada vez mais evidente que alguém tinha passado por ali. Broome sabia que devia desacelerar, que devia ter cuidado para não estragar uma provável cena de crime, mas suas pernas se moviam por vontade própria. Ele assumiu a dianteira. Sua pulsação acelerou. Os pelos de sua nuca se eriçaram.

Ele sabia. Simplesmente sabia.

– Mais devagar, Broome.

Ele não lhe deu ouvidos. Chegou inclusive a ir mais rápido, afastando galhos para o lado, quase tropeçando nas raízes grossas. Finalmente, menos de um minuto depois de começar a descer a colina, Broome desembocou em uma pequena clareira e parou no ato.

Samantha surgiu atrás dele.

– Broome?

Ele estava olhando para a estrutura dilapidada à sua frente. Era um muro baixo, que não chegava a 1 metro de altura, quase todo coberto de trepadeiras.

– O que é isso? – perguntou Samantha.

Broome engoliu em seco.

– Um poço.

Ele correu até lá e olhou para dentro do buraco. Escuridão.

– Tem uma lanterna?

O eco de sua voz deixou claro que o buraco era fundo. Broome sentiu um peso no estômago.

– Aqui está – disse ela.

Broome pegou a lanterna e a acendeu. Quando a apontou para dentro do poço, viu algo que fez seu coração parar por um segundo. Talvez tivesse chegado a emitir algum som, quem sabe um gemido, mas não sabia ao certo. Samantha parou ao seu lado, olhou para baixo e soltou um arquejo de espanto.

◆◆◆

Ken estava sentado no último banco, observando Lorraine.

Ela era bastante boa no que fazia. Ria bastante. Tocava o braço dos homens. Sorria e dava a entender que adorava o trabalho, mesmo que isso pudesse não ser verdade. As outras garotas, bem, elas tentavam. Sorriam, mas era possível ver que eram sorrisos falsos. A expressão vazia em seus rostos e o ódio em seus olhos também eram evidentes.

Os frequentadores assíduos do lugar chamavam Lorraine pelo nome. Frequentadores assíduos de uma boate de striptease – Ken tentou imaginar algo mais lamentável. Ainda assim, entendia. Somos todos movidos por nossos impulsos. Sexo, naturalmente, era um dos mais fortes. Muito menos poderoso que o autocontrole, é claro, mas a maioria daqueles homens jamais saberia disso. Nunca teriam essa experiência e, portanto, continuariam ignorantes em relação ao que realmente podia motivar a mente de um homem.

Mas Ken tinha aprendido que o segredo para lidar com qualquer coisa que o atraísse daquela forma era entender que, no fundo, era impossível deter os impulsos. Ele se considerava um homem disciplinado, mas a verdade era que os seres humanos não eram feitos para dar as costas às próprias vontades. É por isso que dietas quase nunca dão certo no longo prazo. Ou abstinência.

A única maneira de vencer era aceitar que o desejo existia e encontrar uma válvula de escape para extravasá-lo. Ele olhou para Lorraine. Mais cedo ou mais tarde, ela sairia dali. Ken a seguiria até um lugar isolado e então... bem, então ele extravasaria.

Ele girou o corpo sobre o banco e se recostou no bar. As garotas eram feias. Quase dava para ver as doenças emanando de seus poros. Nenhuma delas, é claro, se comparava a Barbie. Ken pensou de novo numa casa em uma rua tranquila, nas crianças, churrascos no quintal e festas em família. Ele sabia que Barbie tinha sérias reservas quanto a isso tudo. Entendia muito bem seu pessimismo, mas, também neste caso, a atração era inegável. *Por que*, perguntava-se ele, *ainda nos sentimos atraídos pela vida em família quando sabemos que ela traz infelicidade?* Já havia refletido a respeito e concluído que não era o sonho que estava errado, e sim as pessoas que o tinham. Barbie sempre dizia que eles eram diferentes e que, portanto, não se encaixariam naquele tipo de vida. Mas, na verdade, ela não estava totalmente correta. Eles eram diferentes, sim, mas isso era justamente o que lhes dava uma chance de dar certo como uma família. Eles não entrariam naquela vida sem pensar, como dois trouxas.

A vida que as pessoas desejavam não era inerentemente má ou desprezível – era apenas inatingível para a maioria delas.

– Vai querer beber o quê, bonitão?

Ele girou o corpo de volta. Lorraine estava parada ali, com um pano jogado sobre o ombro. Usava brincos longos. Seu cabelo tinha a consistência e a cor de feno. Seus lábios davam a impressão de que deveria haver um cigarro pendurado neles. Sua blusa branca estava propositalmente desabotoada na parte de cima.

– Ah, acho que já bebi o suficiente por hoje – respondeu Ken.

Lorraine lhe abriu o mesmo meio sorriso que ele a havia visto oferecer aos frequentadores assíduos.

– Você está num bar, bonitão. Tem que beber alguma coisa. Que tal uma Coca, pelo menos?

– Claro, uma Coca está ótimo.

Sem desgrudar os olhos dele, Lorraine jogou um pouco de gelo dentro de um copo e depois o encheu de refrigerante.

– Então, o que está fazendo por aqui, bonitão?

– O mesmo que qualquer outro cliente.

– Sério?

Ela lhe entregou a Coca. Ele deu um gole.

– Claro. Por quê? Pareço deslocado?

– Você parece o meu ex: bonito demais para estar por aqui. – Lorraine se inclinou para a frente como se quisesse dividir um segredo. – Mas quer saber de uma coisa? Os caras que parecem deslocados são nossos melhores clientes.

Os olhos dele tinham sido atraídos para o decote de Lorraine. Quando tornou a erguê-los, viu que ela o encarava. Não gostou daquilo. Era como se aquela velha barwoman fosse capaz de decifrá-lo de alguma forma. Ken pensou nela amarrada e sofrendo e voltou a sentir aquele arrepio familiar. Manteve o contato visual e arriscou uma sondagem inicial.

– Acho que você tem razão a meu respeito – disse ele.

– Como assim?

– Sobre eu estar deslocado. Acho que vim aqui para refletir. E talvez lamentar a morte de um amigo.

– Ah, é? – falou Lorraine.

– É, ele costumava vir aqui. Você deve ter lido a seu respeito nos jornais. O nome dele era Carlton Flynn.

Os olhos dela fizeram Ken ter a certeza de que ela sabia. Estava claro que sim. Agora era sua vez de encarar a mulher como se pudesse enxergar dentro dela e ler cada pensamento seu.

Ela sabia de algo muito valioso.

capítulo 33

MEGAN VIU A FACA DESCREVER um arco em sua direção.

Ela não tinha nenhum treinamento em artes marciais e, mesmo que tivesse, provavelmente não teria adiantado. Não havia tempo para se esquivar, bloquear o punho de quem a atacava ou tomar qualquer atitude apropriada a uma situação daquelas.

Dizem que, em momentos como esse, quando a violência e a destruição se abatem sobre você, o tempo para. Isso não é verdade. Por um breve instante, à medida que a lâmina se aproximava de sua garganta, Megan deixou de ser um animal evoluído. De repente, seu cérebro passou a funcionar apenas no modo mais básico. Até mesmo uma formiga, se você pisar perto dela, de alguma forma sabe que deve correr na direção oposta. No fundo, a única coisa que nos interessa é sobreviver.

Era isso que estava acontecendo ali. O lado primitivo de Megan, o lado que já existia nos seres humanos bem antes de qualquer tipo de cognição se desenvolver, assumiu o controle. Ela não chegou a pensar, traçar um plano ou qualquer coisa parecida. Não houve nenhum pensamento consciente, ao menos não a princípio, mas certos mecanismos de defesa já estão embutidos em nosso sistema nervoso.

Ela ergueu o braço em direção ao pescoço numa tentativa de impedir que a faca penetrasse sua garganta e a matasse.

A lâmina fez um corte profundo em seu antebraço, atravessando a carne sem nenhum impedimento até se chocar contra o osso.

Megan soltou um grito.

Em algum lugar nas profundezas de sua consciência, conseguiu ouvir o rangido do metal raspando osso, mas isso não significava nada para ela. Não naquele instante.

A única coisa que interessava era sobreviver.

Ela estava literalmente lutando pela vida, de modo que logo entendeu que, se a pessoa que a atacava conseguisse soltar a faca de seu braço, Megan acabaria morta.

Toda a sua concentração estava voltada para a arma, mas em algum lugar no fundo da sua mente Megan conseguiu notar os cabelos loiros e se deu conta de que aquela era a mesma mulher que havia matado Harry Sutton. Não se deu o trabalho de perguntar-se por quê – isso poderia ficar para depois, se ela sobrevivesse –, mas então uma onda de raiva se misturou ao pânico que estava sentindo.

Não podia deixar que ela recuperasse o controle da faca.

Apenas um ou dois segundos haviam se passado desde que Megan vira a arma descrever um arco em sua direção. Agindo mais uma vez por puro instinto, ela fez algo normalmente impensável: espalmou sua mão livre contra o próprio antebraço para cobrir a faca – prendendo a lâmina afiada em sua própria carne.

Ela não pensou no que estava fazendo – no fato de estar tentando *manter* uma faca em seu braço. Sabia apenas que não interessava o que fosse acontecer em seguida, que tipo de desgraça estaria prestes a se abater sobre ela: não havia a menor hipótese de Megan deixar aquela mulher tirar a arma de sua carne.

Quando a loura tentou soltar a lâmina, fazendo-a correr ao longo do osso, Megan foi invadida por uma dor lancinante e quase caiu de joelhos.

Quase.

Mas a dor tem isto de interessante. Parte de você quer interrompê-la, mas, se dá alguma importância à sua vida – e quem não dá? –, a vontade de salvá-la consegue ser mais forte que o sistema que controla seu comportamento. Pode ser algo químico, como a adrenalina. Ou algo mais abstrato, como a força de vontade.

Isso queria dizer que a dor não significava nada para Megan naquele momento.

Sobrevivência e raiva – isso era tudo o que importava. Quanto à sobrevivência, bem, essa parte era óbvia, mas ela também estava furiosa com tudo e todos: com aquela assassina que havia torturado o pobre Harry, com Dave por abandoná-la, com Ray por ter desistido de tudo. Estava irada com a divindade que decidia que pessoas idosas como Agnes mereciam, no fim de suas vidas, passar pela tortura e pela humilhação de perderem a sanidade. Odiava a si mesma por não dar valor ao que tinha, por sua necessidade de resgatar o passado, por não entender que certo grau de insatisfação era parte de ser humana – e, acima de tudo, estava furiosa por aquela cadela loura querer matá-la.

Bem, que tudo fosse para o inferno.

Megan berrou novamente – um grito desconcertante, primitivo e agudo. Com a lâmina ainda presa à carne de seu antebraço, ela girou a cintura com força. A loura cometeu o erro de continuar tentando segurar a faca, mas o movimento repentino a fez perder ligeiramente o equilíbrio.

O suficiente para fazê-la cambalear para a frente.

Megan ergueu o cotovelo com força, acertando em cheio o nariz da loura. Ouviu-se um estalo e um jorro de sangue escorreu pelo rosto dela.

Mas isso não resolveu o problema.

A loura, agora também sofrendo, encontrou novas forças. Recuperou o equilíbrio e puxou a faca com tudo. A lâmina raspou o osso como se o estivesse esculpindo. Megan continuou tentando impedi-la, mas a outra mulher já tinha dado um impulso poderoso, fazendo a arma deslizar para fora da carne com um barulho audível de sucção.

Uma grande quantidade de sangue jorrou da ferida, como água de um chafariz.

Megan sempre fora medrosa. Quando tinha 8 anos, um de seus "padrastos" queria ir ao cinema para ver o filme mais recente da série *Sexta-feira 13* e, como não conseguiu arranjar uma babá, a levou junto. A experiência tinha sido traumática. Desde então, era difícil para ela ver qualquer filme com cenas violentas até o final.

Não que isso fizesse alguma diferença no momento. A visão de todo aquele sangue – tanto dela quanto da outra – não a obrigou a se encolher de medo. Na verdade, até a agradou.

Por um instante depois que a faca foi arrancada de seu braço, não sentiu dor alguma – até que ela veio em um fluxo poderoso, como se suas terminações nervosas tivessem sido bloqueadas e então acionadas subitamente.

A dor a cegou com um clarão branco e implacável.

Com um rugido animalesco, a loura ergueu a arma e a atacou novamente.

Agindo outra vez por instinto, Megan pensou que precisava proteger seus órgãos vitais – a garganta, o coração, as partes mais macias do corpo. Abaixou a cabeça e parte do tronco,

impedindo o acesso a seu pescoço e a seu peito. Virou o ombro na direção do golpe iminente e a ponta da faca acertou em cheio a parte superior de sua escápula.

Ela tornou a gritar.

A dor ficou mais forte, mas a arma praticamente só rasgou sua pele.

Megan deu um chute que atingiu o joelho da mulher, fazendo-a perder o equilíbrio. A agressora caiu, mas começou a se levantar imediatamente.

Por um instante, Megan cogitou sair correndo, mas seria impossível. A loura já estava quase de pé de novo. Ela era mais jovem e, provavelmente, mais forte e rápida, e Megan se recusava a morrer com uma facada nas costas enquanto fugia correndo.

Nem sonhando.

Então, saltou para cima da outra mulher, com aquele mesmo pensamento de volta à cabeça: *Pegue aquela faca*.

As duas caíram na calçada, Megan focada em conseguir agarrar a arma. Segurou o punho da loura com as duas mãos. O sangue se espalhava por todos os lados, cobrindo-as de vermelho. Em alguma parte distante do cérebro de Megan, ficou claro que ela precisaria agir rápido. Estava perdendo muito sangue e se aquela situação se prolongasse ela iria simplesmente sangrar até a morte.

Megan puxou o punho da outra para baixo, mas não conseguiu fazê-la largar a faca. Então enterrou as unhas na fina pele da jovem. A mulher soltou um grito agudo, mas continuou segurando firme. Megan cravou as unhas mais fundo ainda no pulso, tentando usar a ponta de alguma delas para chegar às veias. Não era ali que passava uma artéria?

A loura voltou a gritar, inclinou a cabeça para a frente e então deu uma dentada no braço ferido de Megan.

Ela urrou de dor.

A loura mordeu a carne até conseguir rasgá-la. A mordida provocou mais um jorro de sangue, que manchou os dentes brancos perolados da mulher. Megan enfiou suas unhas mais fundo ainda no punho dela.

A faca caiu na calçada.

E foi nesse instante que Megan cometeu um erro.

Estava tão concentrada em se apoderar da faca, em pegá-la e apunhalar a loura até fazer picadinho dela, que se esqueceu de todas as armas disponíveis no arsenal de um ser humano.

Ela soltou o punho da outra para pegar a faca, e a mulher, percebendo que o único objetivo de Megan era esse, reagiu. Primeiro, terminou sua mordida puxando a carne para trás, arrancando um pedaço dela e cuspindo-o no chão.

A nova onda de dor fez Megan revirar os olhos.

Enquanto ela ainda tentava alcançar a faca, a loura conseguiu empurrá-la. Megan perdeu o equilíbrio e caiu para a direita, sem conseguir posicionar as mãos para proteger a cabeça.

A lateral de seu crânio bateu com força contra o para-choque do carro.

Estrelas explodiram em sua cabeça.

Pegue aquela faca.

A loura se aproximou depressa e atingiu a cabeça de Megan com um pontapé violento. Acertou em cheio, tornando a esmagar seu crânio contra o para-choque. Megan sentiu que estava prestes a desmaiar. Por um instante, perdeu a noção de tempo e espaço. Nem sequer registrou a presença da

agressora ou sentiu seu próximo chute. Restava apenas aquele mesmo pensamento.

Pegue aquela faca.

A loura se levantou e desferiu um pontapé nas costelas de Megan. Confusa e atordoada, ela sentia o asfalto colado ao rosto. Seus braços ficaram estendidos para os lados e seus olhos se fecharam.

Era o seu fim.

De repente, um facho de luz passou por ela. Podia ser uma lanterna ou algum carro que se aproximava. Fosse o que fosse, fez a loura hesitar por tempo suficiente. Com os olhos ainda fechados, Megan tateou a calçada.

Ainda lembrava onde a faca tinha caído.

Com um grito, a loura se jogou em cima dela para lhe dar o golpe final.

Mas Megan estava com a faca agora. Ela se virou e apoiou o cabo da arma em seu corpo, com a lâmina apontada para cima.

A loura aterrissou sobre a ponta cortante.

A faca se enterrou em sua barriga, mas Megan não se deu por satisfeita. Com o braço livre, empurrou o corpo da loura para cima apenas o suficiente para que pudesse movimentar a arma e, com ela, rasgar-lhe o estômago, até a lâmina parar na caixa torácica. Conseguiu sentir algo pegajoso e quente se derramar sobre seu corpo.

A boca da mulher se abriu em um grito silencioso. Seus olhos se arregalaram e então fitaram os de Megan. Uma troca se estabeleceu entre as duas, algo profundo, primitivo e além de qualquer explicação racional. Megan não se esqueceria daquele olhar por um bom tempo. Repetiria a cena em sua mente incessantemente, mas nunca conseguiria verbalizá-la para ninguém.

Os olhos da loura se arregalaram um pouco mais. Então, enquanto Megan a encarava, algo se apagou e ela soube que a outra estava morta.

Megan ouviu passos enquanto deixava o corpo relaxar na calçada. De repente sentiu as mãos de alguém pegando sua cabeça, segurando-a com cuidado e deitando-a no chão com delicadeza.

Ela ergueu os olhos e o que viu foi medo.

– Megan? Ah, meu Deus, Megan?

Quase sorriu ao ver o rosto bonito de Dave. Queria acalmá-lo, dizer que o amava, que ficaria bem – mais tarde ela lembraria que mesmo seu instinto mais básico era amar e tranquilizar aquele homem –, mas as palavras não queriam sair.

Seus olhos se reviraram para trás. Dave desapareceu e ela foi engolida pela escuridão.

capítulo 34

BROOME TREMEU DE FRIO.

Havia mais seis policiais diante do poço àquela altura. Um deles lhe ofereceu uma manta. Broome fechou a cara e mandou que o deixassem em paz.

Havia corpos no poço.

Vários deles. Empilhados.

O primeiro que foi trazido à tona era o de Carlton Flynn.

Seu cadáver era o mais fresco de todos e, portanto, o mais horroroso. Fedia a decomposição. Animais de pequeno porte – ratos e esquilos, talvez – tinham mordiscado a carne morta. Um dos oficiais virou para o outro lado. Broome, não.

O médico-legista tentaria determinar o momento e a causa da morte, mas, ao contrário do que se vê na televisão, não havia garantia de que descobriria nenhum dos dois. Com a exposição às intempéries e os animais se refestelando com os órgãos vitais, isso poderia ser impossível.

Broome, é claro, não precisava de evidências científicas para saber quando o assassinato havia acontecido. Estava certo de que tinha sido durante o Mardi Gras.

Por alguns instantes, enquanto o corpo era içado com uma corda e uma polia, todos ficaram apenas parados ali, aguardando solenemente.

– Os outros são apenas esqueletos, praticamente – falou Samantha Bajraktari.

Isso não surpreendeu Broome. Depois de todos aqueles anos, de todas as reviravoltas e dos novos desdobramentos, de todos os boatos e supostos reaparecimentos, a coisa se resumia àquilo. Alguém matara aqueles homens e os jogara naquele poço. Alguém os havia atraído até aquele lugar remoto, assassinado e então usado um carrinho de mão dobrável para transportá-los até um poço a cerca de 50 metros da trilha de terra batida.

Não havia mais dúvida. Aquilo era obra de um assassino em série.

– Quantos corpos? – perguntou Broome.

– Difícil dizer por enquanto. No mínimo 10, talvez 20.

As vítimas do Mardi Gras não tinham fugido, assumido novas identidades ou viajado para alguma ilha remota. Broome balançou a cabeça. Já deveria saber. Sempre havia acreditado que John Kennedy tinha sido morto por apenas um atirador. Costumava rir de OVNIs, aparições de Elvis, aterrissagens falsas na Lua e de basicamente toda e qualquer teoria da conspiração idiota. Mesmo sendo policial, sempre suspeitava do mais óbvio: do cônjuge, do namorado ou namorada, do parente mais próximo... Quase sempre, a menor distância entre dois pontos é uma reta.

Stewart Green provavelmente seria um dos últimos da pilha.

– Precisamos comunicar isso aos agentes federais – disse Samantha.

– Eu sei.

– Quer que eu cuide do assunto?

– Já fiz isso – respondeu Broome.

Ele pensou em Sarah Green, em todos os anos que ela havia passado sentada naquela casa, incapaz de seguir adiante, incapaz de chorar a morte do marido, apesar de o corpo dele provavelmente

estar jogado no fundo de um poço durante todo aquele tempo. Broome tinha se envolvido demais. Isso prejudicara sua capacidade de discernimento. Ele quisera salvar a família Green. Convencera-se de que havia uma chance de fazer isso, de que, contra todas as probabilidades, ele encontraria Stewart Green são e salvo e o levaria de volta.

Quanta burrice.

Ainda restavam perguntas, é claro. Por que o corpo de Ross Gunther não tinha sido desovado naquele poço também? Havia algumas possibilidades, mas Broome não gostava de nenhuma delas. Os corpos no poço também não revelavam quem tinha matado Harry Sutton e por quê, mas talvez o momento do seu assassinato tivesse de fato sido uma coincidência. Quanto ao fato de Lorraine ter visto Stewart Green vivo, ela poderia facilmente ter se enganado. Havia sido a primeira a admitir que tinha suas dúvidas. Provavelmente ela vira alguém parecido com ele. Com a cabeça raspada, cavanhaque e 17 anos mais velho, nem mesmo Broome conseguiria afirmar que aquele envelhecimento simulado por computador se baseava nele.

A não ser, é claro, que Lorraine não tivesse se enganado. A não ser que Stewart Green não fosse a primeira vítima, mas o próprio assassino...

Duvidava que fosse o caso.

Outro esqueleto foi içado do poço.

– Detetive Broome?

Ele se virou.

– Meu nome é Guy Angiuoni, agente especial. Obrigado por telefonar.

Eles trocaram um aperto de mãos. Broome estava velho demais para brincar de demarcar território. Só queria aquele louco filho da puta atrás das grades.

– Alguma ideia de quem está lá embaixo? – perguntou o agente.

– Minha es... – Ele quase disse "esposa". – Minha parceira, Erin Anderson, ainda está fazendo uma lista de homens desaparecidos no Mardi Gras ou por volta da data. Depois podemos lhe fornecer esses nomes para que possa cruzá-los com as vítimas no poço.

– Isso seria bastante útil.

Os dois homens observaram a corda descer novamente.

– Fui informado de que você tem um suspeito – falou Angiuoni. – Um homem chamado Ray Levine.

– Imagino que ele seja uma possibilidade, sim, mas ainda não há muitas evidências. já estamos fazendo uma busca na casa dele.

– Ótimo. Será que você pode ajudar a coordenar a passagem do caso para a nossa equipe?

Broome assentiu. Estava mesmo na hora de sair dali. Não havia mais nada que pudesse fazer no momento. O resgate dos corpos demoraria horas, talvez dias. Enquanto isso, ele se informaria sobre o que sua equipe tinha descoberto no apartamento de Ray Levine, se é que haviam chegado a algum lugar. Pensou em Sarah Green e se deveria esperar até terem uma confirmação de que Stewart estava naquele poço. Mas não, a imprensa iria partir com tudo para cima daquilo. Ele não queria que ela recebesse a notícia de algum repórter agressivo.

– Posso encontrar vocês na casa de Ray Levine – disse Broome.

– Fico agradecido. Quero que continue no caso, detetive. Precisamos de um agente local para trabalhar junto conosco.

– Estou à disposição.

Os dois trocaram outro aperto de mãos. Usando sua lanterna para iluminar o caminho, Broome começou a voltar em direção ao carro quando seu celular tocou. Ele viu que era Megan Pierce.

– Alô?

Mas não era ela. Era um detetive de homicídios do condado de Essex informando-lhe que alguém havia acabado de tentar matá-la.

◆◆◆

Demorou um pouco, mas Erin finalmente conseguiu encontrar o número residencial de Stacy Paris, a dançarina exótica que havia sido o motivo da briga entre Ricky Mannion e Ross Gunther. Ela havia mudado seu nome para Jaime Hemsley. Era solteira e dona de uma pequena loja de roupas em Alpharetta, um bairro de classe alta na Geórgia, a meia hora de Atlanta.

Erin se perguntou se deveria telefonar, mas logo decidiu que sim. Apesar da hora, pegou o fone e teclou o número.

Uma mulher com um leve sotaque sulista atendeu.

– Alô?

– Jaime Hemsley?

– Sim, em que posso ajudá-la?

– Meu nome é Erin Anderson e eu sou detetive do Departamento de Polícia de Atlantic City. Preciso lhe fazer algumas perguntas.

Fez-se um breve silêncio.

– Srta. Hemsley?

– Não vejo como poderia ajudá-la.

– Desculpe por ligar assim, de repente, mas preciso de sua ajuda.

– Não imagino como poderia ser útil.

– Bem, Jaime... ou devo dizer Stacy? – começou a falar Erin.

– Ah, meu Deus. – O sotaque desapareceu completamente. – Por favor. Eu imploro. Me deixem em paz.

– Não tenho interesse em prejudicar você.

– Já faz quase 20 anos.

– Eu sei, mas temos uma nova pista em relação ao assassinato do Sr. Gunther.

– Do que você está falando? Ricky matou Ross.

– Acreditamos que não. Temos motivos para achar que foi outra pessoa.

– Então Rick vai ser libertado? – Um soluço cortou sua voz. – Ah, meu Deus.

– Srta. Hemsley...

– Não sei de nada, está bem? Eu era um saco de pancadas para aqueles dois psicopatas. Achei... achei que Deus me tivesse feito um favor. Dois coelhos com uma cajadada só, entendeu? Ele tirou os dois da minha vida e me deu a chance de recomeçar.

– Quem lhe deu a chance de recomeçar?

– Como assim, quem? Deus, o destino, meu anjo da guarda, sei lá. Dois homens estavam brigando para ver quem acabaria me matando. E, de repente, os dois saíram de circulação.

– Como se você tivesse sido salva... – disse Erin, mais para si mesma do que para a testemunha ao

telefone.

– Fui salva, sim. Me mudei para longe. Troquei de nome. Tenho uma loja de roupas. Não é grande coisa, mas é minha. Entende o que estou dizendo?

– Entendo.

– E agora a senhora vem me dizer que Ricky vai sair da cadeia? Por favor, detetive, não conte a ele onde eu estou.

Erin refletiu sobre o que ouvia. A situação se encaixava novamente no perfil dos homens desaparecidos que vinha se delineando: nenhum deles era exatamente um modelo de cidadão. Várias das esposas ou namoradas tinham sido muito diretas quanto a isso, implorando a Erin que não encontrasse seus parceiros sumidos.

– Ele não vai encontrá-la, mas preciso lhe perguntar: você faz alguma ideia de quem possa ter feito isso?

– Matado Ross, você quer dizer?

– Isso.

– Além de Ricky, não.

O celular de Erin tocou. Era Broome. Ela agradeceu a Jaime Hemsley e lhe disse que voltaria a telefonar se precisasse de mais alguma coisa. Também prometeu lhe informar se Ricky Mannion fosse libertado da prisão.

Depois que desligou, atendeu o celular.

– Alô?

– Eles estão mortos, Erin – falou Broome em um tom de voz estranhamente inexpressivo. – Estão todos mortos.

Ela sentiu seu peito gelar

– Do que você está falando?

Ele lhe contou sobre o carrinho de mão que aparecia em uma das fotografias de Ray, sobre sua volta às ruínas, sobre os corpos no poço. Erin permaneceu imóvel em sua cadeira.

Quando Broome terminou, ela disse:

– Então é isso? Acabou?

– Para nós, imagino que sim. O caso agora está nas mãos da polícia federal. Mas algumas peças ainda não se encaixam.

– Nenhum caso fecha perfeitamente, Broome. Você sabe disso.

– Sim, eu sei, mas essa é a questão. Acabei de receber um telefonema de um detetive do condado de Essex. Megan Pierce foi atacada hoje por uma jovem loura que se encaixa na descrição da mulher que foi vista no escritório de Harry Sutton.

– Ela está bem?

– Megan? Vai sobreviver. Mas matou a outra mulher com uma facada na barriga.

– Nossa.

– Pois é.

– Alguma dúvida de que tenha sido legítima defesa?

– Segundo o agente do condado, não.

– A mulher já foi identificada?

– Ainda não.

– Então como você acha que ela se encaixa no nosso caso?
– Não sei. Talvez não tenha nada a ver com ele.
Erin duvidava que não e sabia que Broome pensava o mesmo.
– O que você quer que eu faça? – perguntou ela.
– Em relação a Megan Pierce, não podemos fazer muita coisa. Quando a polícia local descobrir a identidade da loura que a atacou, talvez possamos partir daí.
– Combinado.
– Também acho que temos que descobrir exatamente como o assassinato de Ross Gunther se relaciona com tudo isso.
– Acabei de falar com Stacy Paris.
– E?
Erin o colocou a par da conversa.
– Isso não ajuda muito – constatou ele.
– Exceto pelo fato de o comportamento dele se encaixar em um padrão.
– Homens violentos.
– Exatamente.
– Investigue melhor esse ângulo. Namorados ou maridos violentos. De alguma forma, o Mardi Gras está ligado a isso. Foi essa data que desencadeou tudo. Vá mais além, veja se existe algum caso de desaparecimento durante o Mardi Gras que tenhamos deixado passar.
– Está bem.
– Mas o mais importante é o seguinte: os agentes federais estão nas ruínas agora, reunindo os corpos. Vão precisar de sua ajuda para identificá-los.
Erin já desconfiava.
– Tudo bem. Deixe que eu cuido dos detalhes e repasso os nomes para eles. E você?
– Vou dar um pulo na casa de Ray Levine, mas depois preciso falar com Sarah, antes que a imprensa entre em contato com ela.
– Isso vai ser horrível – comentou Erin.
– Talvez não. Pode ser que ela fique feliz pelo fim dessa história toda.
– Você acha mesmo?
– Não.
Silêncio.
Erin o conhecia bem demais. Trocou o telefone de orelha:
– Você está bem, Broome?
– Estou.
Mentiroso.
– Quer passar lá em casa depois que terminar?
– Não, acho que não – respondeu ele, e então: – Erin?
– Sim?
– Você se lembra da nossa lua de mel na Itália?
Era uma pergunta estranha, totalmente inesperada, mas algo nela, mesmo em meio a toda aquela carnificina, fez Erin sorrir.

– Claro.
– Obrigado.
– Pelo quê?
Mas ele já havia desligado.

capítulo 35

Já era noite e Lucy, a Elefanta, estava fechada. Ray esperou o último guarda ir embora. Do outro lado da rua, o badalado bar e restaurante Ventura's Greenhouse estava lotado de fregueses. Isso tornava especialmente difícil entrar por aquele lado. Ray deu a volta até o velho ponto de encontro atrás da loja de presentes e pulou a cerca.

Anos antes, quando Cassie tinha roubado a chave de Lucy de um ex-namorado, fizera uma cópia para Ray. Ele a havia guardado durante todo aquele tempo. Sabia que a chave já não funcionava, mas isso não o preocupava muito. Lucy tinha portas nas duas patas traseiras. Uma delas era usada pelos visitantes, enquanto a outra era fechada por um simples cadeado. Ray pegou uma pedra pesada e o quebrou com um golpe só.

Usando a lanterna de seu chaveiro para iluminar o caminho, subiu a escada em espiral até a barriga daquela estrutura colossal. As "entranhas" eram uma câmara com teto abobadado que lhe dava a sensação de estar numa pequena igreja. As paredes eram pintadas em um tom estranho de rosa, supostamente a cor do trato gastrointestinal de um elefante. Pelo menos era isso que diziam.

Na época, ele e Cassie tinham escondido um saco de dormir no fundo de um armário que não estava mais lá, retirado provavelmente em alguma das reformas pelas quais o animal havia passado. Ray se perguntou se alguém teria encontrado o velho saco lá dentro. Imaginou também o que a pessoa teria pensado e o que acabara fazendo com ele. Então se perguntou por que, em um momento em que o mundo estava desmoronando à sua volta outra vez, perdia tempo considerando algo tão estúpido.

Que burrice voltar ali.

Fazia 17 anos que não entrava naquele paquiderme de seis andares de altura, mas se as paredes daquele estômago falassem... Ele deixou o sorriso iluminar seu rosto. Por que não? Ora essa, por que não? Já havia se torturado o suficiente. Aquela noite terrível estava voltando a todo vapor. Nada poderia impedir isso. Tempos muito difíceis estavam por vir, então por que não pensar nas suas noites mais gloriosas? Como seu pai sempre fazia questão de lembrar, não existia esquerda sem direita, nem alto sem baixo – e, da mesma forma, a vida era feita de bons e maus momentos.

Ali estava ele, dentro de Lucy, esperando a única mulher que tinha amado de verdade, quando percebeu que praticamente não havia tido bons momentos ao longo dos últimos 17 anos. Apenas coisas ruins tinham acontecido com ele. Patético. Patético e idiota.

O que seu pai pensaria disso?

Um erro. Um erro cometido 17 anos atrás, e Ray – o intrépido fotojornalista que não tinha problemas em trabalhar na linha de frente de uma guerra em plena troca de fogo – permitiu que o derrubasse. Mas não era isso que determinava uma vida? Sincronia. Decisões. Sorte.

Chorando sobre o leite derramado. Que lindo.

Subiu a escada em espiral até o pavilhão-observatório montado sobre as costas de Lucy. A noite estava fresca, o vento vindo com força do mar. Tinha um cheiro delicioso de sal e areia. O céu estava límpido e o brilho das estrelas refletia no Atlântico.

A vista era de tirar o fôlego. Ele sacou a câmera e começou a fazer fotos. Era espantoso como

algumas coisas não podiam faltar em sua vida, enquanto outras não faziam diferença.

Quando acabou de fotografar, Ray se sentou, esperou e começou a pensar em como contar a verdade a Megan mudaria tudo novamente.

◆◆◆

Quando o médico colocou o curativo no braço de Megan, balbuciou algo sobre a época em que era mais novo e trabalhava em um açougue, moendo carne. Megan entendeu a indireta. Seu braço estava destroçado, para dizer o mínimo.

– Mas vai sarar – falou o atendente.

Apesar da morfina, o ferimento ainda latejava. Sua cabeça também doía, provavelmente graças a uma concussão. Ela se sentou na cama.

Dave tinha sido obrigado a ficar na sala de espera enquanto Megan era interrogada no leito hospitalar. A policial, que havia se apresentado como detetive Loren Muse, tinha sido surpreendentemente compreensiva. Tivera a paciência de deixar Megan explicar o que havia acontecido sem nem ao menos erguer uma sobrancelha, por mais louca que parecesse a história. "Sim, eu estava saindo de uma clínica para a terceira idade quando essa loura com cara de patricinha me atacou com uma faca... Não, não sei o nome dela... Não, não sei quem ela é ou por que tentou me matar, apesar de tê-la visto perto do escritório de Harry Sutton ontem à noite..."

A detetive ficara escutando com uma expressão séria, fazendo poucas interrupções. Não fez perguntas condescendentes, não pareceu duvidar de Megan nem nada parecido. Quando ela terminou, Muse telefonou para Broome em Atlantic City para confirmar a história.

Agora, poucos minutos depois, ela fechava seu notebook.

– Bem, já chega por hoje. Você deve estar exausta.

– Você nem imagina.

– Vamos tentar identificar a mulher. Você acha que estará bem para falar conosco novamente amanhã?

– Claro.

Muse se levantou.

– Vou indo, então, Megan.

– Obrigada. Você se importaria de me fazer um favor?

– Diga.

– Pode pedir ao médico que deixe meu marido entrar agora?

Muse sorriu.

– Sim, claro.

Assim que ficou sozinha, Megan se recostou no travesseiro. O celular estava à sua direita, no criado-mudo. Ela pensou em enviar um torpedo para Ray, avisando que não iria aparecer – nunca, na verdade –, mas se sentia fraca demais.

Logo em seguida, Dave entrou correndo no quarto com lágrimas nos olhos. Megan foi invadida de repente pela lembrança de um episódio semelhante e sentiu dificuldade de respirar. Kaylie tinha 1 ano e 3 meses e havia acabado de começar a andar quando eles foram a um jantar de Ação de Graças na casa de Agnes e Roland. Estavam todos na cozinha e Agnes tinha acabado de entregar uma xícara de chá para Megan quando ela se virou e viu Kaylie se apoiar com toda a força contra a grade de

segurança para bebês no topo da escada do porão. Mais tarde, ela descobriria que Roland não havia instalado a grade corretamente. Enquanto observava cada vez mais aterrorizada, a grade cedeu e Kaylie começou a rolar pelos degraus de concreto.

Mesmo agora, recordando a cena 14 anos depois, Megan ainda sentia o pânico materno. Lembrou que, naquela fração de segundo, anteviu o inevitável: os degraus do porão eram íngremes e escuros, e sua bebê cairia de cabeça no concreto. Como estava longe demais, não poderia fazer nada além de assistir, congelada, sua filha despencar pela escada.

Ela nunca se esqueceria do que aconteceu em seguida. Dave, que estava sentado ao seu lado, mergulhou em direção ao porão. Mergulhou. Como se o chão fosse uma piscina. Sem um instante de hesitação. Sem ao menos pensar. Ele não era nenhum grande atleta, tampouco possuía reflexos excepcionais. Não era especialmente rápido ou ágil, mas, ainda assim, atravessou a cozinha a uma velocidade que não conseguiria repetir nem se treinasse por 10 anos seguidos. À medida que Kaylie começava a sumir de vista, Dave deslizou em direção à grade aberta, estendendo o braço e agarrando a filha pelo tornozelo. Não conseguiu interromper o impulso e evitar cair, ele próprio, pelos degraus abaixo, mas de alguma forma foi capaz de atirar Kaylie de volta para o chão da cozinha e salvá-la. Já não havia mais como amortecer a própria queda. Ele rolou até o final da escada e fraturou duas costelas.

Megan já havia ouvido falar sobre esse tipo de heroísmo, sobre aqueles raros cônjuges ou pais que se sacrificavam sem pensar. Já tinha lido sobre tiroteios em que os maridos saltavam naturalmente na frente de suas esposas, salvando suas vidas. Nem sempre eram bons homens, na definição clássica do termo. Alguns eram bêbados, viciados em jogo ou ladrões. Mas no fundo também possuíam uma bravura congênita. Havia uma espécie de altruísmo neles, certa pureza na maneira como agiam. Faziam com que você se sentisse segura, protegida e amada. Não era algo que se pudesse ensinar. Ou você tinha dentro de si ou não tinha.

Mesmo antes desse episódio com Kaylie, Megan sabia que seu marido era um desses homens.

Agora, Dave se sentou ao seu lado e tomou sua mão – a do braço ileso – na dele. Acariciou seus cabelos com cuidado, como se ela tivesse se transformado em porcelana de repente e pudesse quebrar.

– Eu poderia ter perdido você – disse, com a voz parecendo terrivelmente amedrontada.

– Estou bem – respondeu ela, para tranquilizá-lo. E então, porque a vida também podia exigir que fôssemos práticos mesmo nos momentos mais aterrorizantes, perguntou: – Quem está cuidado das crianças?

– Os Reale. Não se preocupe com isso, está bem?

– Está bem.

– Eu te amo – falou ele.

– Eu também – afirmou ela. – Mais do que você pode imaginar. Mas preciso lhe contar a verdade.

– Isso pode esperar.

– Não, não pode.

– Você está ferida. Meu Deus, quase foi assassinada. Não me importa a verdade neste momento. A única coisa que me importa é você.

Megan sabia que ele estava falando sério – e também sabia que, com o tempo, esse pensamento iria mudar. Ela ficaria curada, voltaria para casa e, então, sorrateiramente, as perguntas surgiriam de

novo. Talvez ele pudesse esperar. Mas ela, não.

– Por favor, Dave, só me deixe falar, está bem?

Ele assentiu.

– Está bem.

Então, enquanto ele soltava lentamente sua mão, Megan lhe contou tudo.

◆◆◆

Quando a campainha tocou, a mão de Del Flynn procurou automaticamente a medalha de São Judas Tadeu em seu pescoço.

Ele estava em casa, assistindo a um jogo de basquete na TV. Na verdade, para ele futebol americano é que era esporte. Havia três gerações que os homens da família Flynn – o pai de Del, o próprio Del e seu filho, Carlton – eram torcedores fervorosos do time Philadelphia Eagles. Mais de 20 anos antes, quando Del finalmente começara a ganhar dinheiro, ele passara a comprar ingressos para toda a temporada da equipe, sempre nos melhores lugares do estádio. Levara dois anos para convencer seu pai a tirar uma folga de seu trabalho no bar em um domingo para ir a um jogo. Tinha sido um dia ótimo, em que os Eagles venceram os Cowboys por três pontos. O velho morreu pouco depois de câncer de pulmão, provavelmente por conta de todos os anos que passara respirando o ar cheio de fumaça daquele bar. Mas aquele jogo era uma boa recordação, que Del guardava com carinho e na qual pensava de vez em quando, nos momentos em que queria se lembrar de seu pai antes de aquela maldita doença devorar suas entranhas.

Del se lembrava de ter levado o filho para assistir a seu primeiro jogo quando ele tinha apenas 4 anos. Os Eagles enfrentaram os Redskins, e Carlton quis comprar uma flâmula do adversário, embora odiasse o time. Depois, isso se tornou uma espécie de tradição – Carlton passou a colecionar as flâmulas dos times oponentes para pendurá-las acima da sua cama, na parede. Del agora tentava lembrar quando seu garoto havia parado de fazer aquilo e quando acabara por tirá-las da parede.

Na TV, o novo pivô de um dos times errou dois lances livres seguidos.

Del jogou os braços para cima em sinal de contrariedade e se virou para o lado, como se quisesse lamentar os péssimos arremessos com o filho. Carlton, naturalmente, não estava ali. Mas, de qualquer forma, não se importaria. Assim como o pai, também só levava a sério os jogos de futebol americano. Nossa, como aquele garoto adorava ir às partidas... Adorava tudo relacionado a elas – ir de carro até o estádio, jogar um pouco de bola no estacionamento, comprar aquelas flâmulas, cantar o hino dos Eagles. Das oito vezes ao ano em que o time jogava em casa, Carlton em geral ia somente a duas ou três partidas, embora implorasse para ir mais vezes. Nas outras, Del levava amigos, parceiros de negócios ou então dava os ingressos para algum cara a quem devesse um favor.

Que desperdício. Como podia ter sido tão imbecil?

É claro que, depois que ficou mais velho, Carlton já não queria mais ir aos jogos com Del. Preferia a companhia dos amigos, com alguma festa depois. Nada mais natural, certo? Pai e filho nunca estão em sintonia. Se perguntou quando Carlton começara a sair dos trilhos. Durante seu último ano no ensino médio, houvera um incidente em que uma garota o acusara de estupro e agressão física depois de um encontro. Carlton disse a Del que a garota estava apenas com raiva por ele ter lhe dado um pé na bunda logo depois de conseguir transar com ela. Ele acreditou no filho. Quem

estuprava alguém em um encontro? Estupradores se escondiam em arbustos, atacavam de surpresa e tal. Não eram convidados a entrar na casa das mulheres que estupravam, como Carlton tinha sido. De todo modo, havia alguns hematomas e marcas de mordida na garota, mas o rapaz argumentara que era assim que ela gostava. Del não tinha como ter certeza, mas, no fim das contas, não se importava com os detalhes ou com todo aquele disse me disse. Nem em sonho deixaria seu filho ir para a cadeia por conta de um mal-entendido. Então molhou a mão de algumas pessoas e tudo foi resolvido.

Era assim que a coisa funcionava. Seu filho era um bom rapaz. Talvez fosse apenas uma fase. Com o tempo, iria passar.

Mas, ainda assim, algo havia mudado em Carlton. Agora que tinha bastante tempo sobrando, Del tentava descobrir o quê. Poderia muito bem ter sido o futebol americano. Quando era bem jovem, o garoto tinha sido um excelente *running back*. Ainda no ensino fundamental, havia quebrado todos os recordes de jardas percorridas em uma temporada regional. Mas então Carlton parou de crescer. Isso o deixou extremamente frustrado. Não era culpa dele. Era genética, pura e simples. Não havia nada que se pudesse fazer. Quando ele foi mandado para o banco de reservas, começou a malhar mais pesado e, Del suspeitava, a tomar anabolizantes. Esse tinha sido o começo de tudo? Talvez. Mas quem poderia saber?

Del tentou se concentrar no jogo de basquete e, para sua própria surpresa, conseguiu. Era engraçado como a vida funcionava. Naquele momento, ele realmente se importava com aquela partida, apesar de tudo o que estava acontecendo em sua vida. Maria, é claro, sempre morria de rir quando o via tão envolvido com um jogo. Ela apontava para a televisão e dizia: "Você acha que esses caras iriam aparecer no seu trabalho para torcer por você?" Talvez ela tivesse razão, mas e daí? E, como se quisesse demonstrar que não falava por mal, levava algo para ele beliscar: batatas fritas, salgadinhos, sanduíches etc.

Foi nesse momento, enquanto estava sentado em seu sofá branco pensando em sua doce ex-mulher, que Del ouviu a campainha tocar.

Levou imediatamente a mão à medalha de São Judas Tadeu. Ele era o santo das causas perdidas e, como Del sabia muito bem, isso também incluía pessoas. Quando era mais jovem, achava esse tipo de coisa uma besteira total, mas com o passar dos anos tornara-se supersticioso.

Levantou-se do sofá e foi abrir a porta da frente. Goldberg, o policial, estava parado ali, no frio. Não falou nada. Não era preciso. Seus olhares se cruzaram e Goldberg balançou de leve a cabeça para ele, fazendo o gesto mais devastador que um homem pode fazer a outro. Del sentiu algo em seu peito se desfazer.

Não houve negação, pelo menos não de imediato. A princípio, tudo o que ele sentiu foi uma lucidez esmagadora. Del Flynn entendia plenamente o que aquilo significava. Seu garoto havia partido para sempre. Nunca mais voltaria. Seu filho, morto. Sua jovem vida, acabada. Não haveria perdão, milagre, nada que pudesse salvá-lo. Del nunca mais o abraçaria, nunca mais o veria ou falaria com ele novamente. Não haveria mais jogos de futebol americano. Carlton estava morto, não havia volta, e Del sabia que jamais conseguiria se recuperar.

Suas pernas cederam. Ele começou a cair – na verdade, queria cair –, mas Goldberg o segurou em seus braços fortes. Del se apoiou, sem ânimo, contra o corpo grande do policial. A dor era profunda demais, inconcebível, insuportável.

– Como? – perguntou ele, enfim.
– Nós o encontramos perto de onde achamos os vestígios de sangue.
– Na floresta?
– Isso.
Del visualizou Carlton ali sozinho, ao relento, no frio.
– Havia outros corpos, também. Achamos que é obra de um assassino em série.
– Um assassino em série?
– Acreditamos que sim.
– Quer dizer então que não houve motivo? Ele matou meu garoto aleatoriamente?
– Ainda não sabemos.
Del tentou afastar a dor, se concentrar no que Goldberg dizia. Era isso que se fazia nos momentos de agonia. Algumas pessoas entravam em negação. Outras alimentavam um desejo de vingança. Independentemente de como agiam, elas não se concentravam no que aquilo que tinham perdido significava para suas vidas, pois isso seria insuportável. Já que não podiam mudar a terrível verdade, se distraíam com irrelevâncias.
Com as lágrimas já escorrendo, Del perguntou:
– Meu garoto sofreu?
Goldberg refletiu por um instante.
– Não sei dizer.
– Vocês já pegaram o culpado?
– Ainda não. Mas vamos pegar.
Del ouviu a comemoração do jogo na TV. Algo de bom havia acontecido com um dos times. Seu filho estava morto, mas as pessoas vibravam. Ninguém se importava. A eletricidade continuava funcionando na casa. Carros ainda passavam. As pessoas ainda torciam por seus times favoritos.
– Obrigado por vir me contar pessoalmente – disse Del.
– Tem alguém que possa ficar com você?
– Minha mulher vai chegar daqui a pouco.
– Quer que eu lhe faça companhia até ela aparecer?
– Não. Vou ficar bem. Agradeço por ter vindo.
Goldberg pigarreou.
– Del?
Ele ergueu os olhos para o rosto do comissário. Havia compaixão genuína ali, mas não só isso.
– Não queremos mais nenhum inocente ferido. Entendeu o que eu disse?
Del não respondeu.
– Livre-se daqueles psicopatas – continuou Goldberg, entregando-lhe um celular. – Já houve mortes suficientes para um dia só.
Por trás de sua agonia ofuscante, havia de fato uma lucidez esmagadora. Goldberg tinha razão. Muito sangue havia sido derramado. Del Flynn pegou o aparelho da mão do comissário e teclou o número de Ken.
Só que ninguém atendeu.

◆◆◆

Broome telefonou para Sarah Green.

– Você vai estar em casa daqui a uma hora?

– Vou.

– Posso passar aí?

– Alguma novidade?

– Sim.

Fez-se um pequeno silêncio.

– Não parece uma boa notícia.

– Estarei aí em uma hora.

◆◆◆

A luz dos postes em frente à casa de Ray Levine era muito forte e muito amarela, dando a impressão de que a rua inteira sofria de hepatite. Quatro viaturas da polícia de Atlantic City estavam paradas diante do modesto endereço. Enquanto se aproximava, Broome viu os agentes federais chegarem numa caminhonete. Entrou às pressas e encontrou Dodds.

– Alguma coisa? – perguntou Broome.

– Nada de surpreendente, se é isso que você quer saber. Nenhuma arma do crime. Nenhum carrinho de mão dobrável. Já começamos a analisar as fotografias no computador dele. Quanto a isso, pelo menos, o sujeito estava dizendo a verdade. As fotos nas proximidades da antiga fábrica de minério de ferro foram tiradas durante vários dias 18 de fevereiro, não no Mardi Gras.

Isso sustentava, de forma muito convincente, a versão de Ray Levine.

Dodds olhou pela janela.

– É a polícia federal?

– Exatamente.

– Eles vão assumir o caso?

Broome assentiu.

– O filho é deles agora. – Ele conferiu seu relógio. Não havia motivo para continuar ali. Poderia ir para a casa de Sarah e começar as explicações. – Se não tiver mais nada em que eu possa ajudar...

– Não, na verdade não. Só uma coisa que achei estranha.

– O quê?

– Ray Levine. Esse é o verdadeiro nome dele?

– É.

Dodds assentiu, mais para si mesmo.

– Você conhece alguma outra pessoa com esse sobrenome?

– Algumas, por quê? – perguntou Broome.

– É um nome judeu, certo?

Broome olhou para a espelunca que era aquele apartamento e franziu a testa para Dodds.

– Você sabe que nem todo judeu é rico, não sabe?

– Não é disso que estou falando. Minha intenção não é estereotipar ninguém nem nada. Olhe, esqueça, está bem? Não é nada de mais.

– O que não é nada de mais? – quis saber Broome.

– Nada. Como eu disse, não encontramos nada de comprometedor. É só que, sei lá... – Ele deu de

ombros. – Por que um judeu teria isto?

Ele entregou a Broome um pequeno saco plástico de coleta de provas. O detetive olhou para o que havia lá dentro. A princípio não entendeu o que era, mas poucos segundos depois, quando finalmente registrou o que via, sua cabeça começou a rodar. Seu mundo, que já estava abalado, deu outra guinada tão repentina que foi quase impossível se manter de pé.

– Broome?

Ele ignorou a voz. Pestanejou, tornou a olhar para o objeto e sentiu um nó no estômago. Dentro daquele saco plástico, havia uma medalha de São Judas Tadeu.

◆◆◆

Posicionado do outro lado da rua, Ken observou Lorraine sair do La Crème pela porta dos fundos. Ela demorou um bom tempo para atravessar o estacionamento. Sua saída da boate parecia uma espécie de evento. Cada garota que trabalhava naquela espelunca chamava a barwoman mais velha e lhe dava um longo abraço. Lorraine, por sua vez, aceitava o carinho e parecia oferecer a cada uma delas algo de que precisavam – um ombro amigo, um sorriso que dizia "eu sei como é", uma palavra de afeto.

Como se fosse a mãe delas.

Quando finalmente conseguiu se desvencilhar da multidão e ir para casa, Ken a seguiu a uma distância segura. Não era muito longe. Ela morava em um muquifo, é claro, uma casa caindo aos pedaços que provavelmente tinha sido daquele jeito desde sempre.

Lorraine abriu a porta à chave e desapareceu no interior da casa. Duas luzes se acenderam nos fundos. Como antes estava tudo escuro, era provável que ela se encontrasse sozinha. Ken deu a volta na casa, espiando pelas janelas. No claro, longe daquela espelunca mal iluminada que era o La Crème, Lorraine parecia muito menos atraente e muito mais velha.

O que, naturalmente, fazia sentido.

Que bela vida essa mulher arranjou, pensou Ken. Ele lhe faria um favor se simplesmente acabasse com seu sofrimento. O jovem sentiu aquele anseio de sempre voltar com força total. Suas mãos estavam cerradas em punhos. Olhou para a mesa da cozinha e pensou que o móvel parecia firme o suficiente para dar conta do recado.

Hora de botar a mão na massa.

Enquanto Ken se aproximava da porta de Lorraine, seu telefone vibrou. Ele conferiu o número, viu que não era Barbie e decidiu não atender. Bateu à porta, ajeitou o cabelo e esperou. Ouviu um barulho de pés se arrastando, seguido pelo som do trinco sobre a fechadura se abrindo. Estranho como a maioria das pessoas fazia isso. Você instala um trinco caríssimo e então simplesmente abre a porta para qualquer um.

Os olhos de Lorraine se arregalaram um pouco quando ela viu Ken, mas a mulher não bateu a porta na cara dele ou nada parecido.

– Ora, ora, se não é o bonitão que se parece com meu ex...

Ela tentou abrir seu sorriso enviesado, o mesmo que ele tinha visto na boate, mas não estava dando muito certo. Ken notou... temor, talvez? Sim, era isso. Um pequeno vestígio de medo, quase imperceptível, atravessou aquele rosto maltratado pelo tempo, e isso o deixou excitado.

Ken fez a cara mais simpática que conseguiu.

– Preciso falar com você.

Lorraine pareceu relutante, talvez assustada também, mas não era do tipo que fazia escândalos ou virava as costas às pessoas.

– É muito importante – continuou ele. – Posso entrar?

– Não sei – respondeu Lorraine. – Está meio tarde.

– Ah, não se preocupe. – Ele lhe abriu seu sorriso cheio de dentes. – Não vai demorar nada, prometo.

E então Ken forçou sua entrada e fechou a porta atrás de si.

◆◆◆

Estava ficando frio lá fora, de modo que Ray desceu as escadas para voltar ao "estômago" de Lucy. Tinha sido uma idiotice voltar ali. Para quê? Sim, ele tinha lembranças maravilhosas daquele lugar. Talvez achasse que Cassie também fosse sentir o mesmo. Mas e daí? Por acaso achava que levá-la até lá iria de alguma forma amortecer o golpe? Que suscitar as lembranças da época em que eles eram apaixonados um pelo outro tornaria mais fácil para Cassie entender por que ele fez o que fez?

Que idiota.

Sim, algumas coisas podiam ser atenuadas pelas memórias de dias felizes, mas será que ele realmente era tão ingênuo a ponto de achar... o quê? Que os hormônios dela iriam à loucura só de entrar naquele edifício e que isso iria, por algum milagre, tornar o que ele fizera mais compreensível? De repente Ray se sentiu um imbecil.

Ele olhou para o celular. Nenhum torpedo de Cassie, ou Megan, ou seja lá qual fosse seu nome. Cogitou telefonar novamente para ela, mas de que adiantaria? Ele esperaria mais uma hora, talvez duas, depois iria embora. Para onde poderia ir? A polícia provavelmente já estava terminando a busca em sua casa, mas será que ele queria mesmo voltar para aquele apartamento deplorável?

Não.

Estava na hora de seguir em frente. Se Cassie – para Ray, esse seria sempre seu nome, não Megan – não queria ouvir o que ele tinha a dizer, bem, ele precisaria simplesmente encontrar uma maneira de viver com isso. Mas ficar ali enquanto o mundo desmoronava ao seu redor não fazia sentido. Era arriscado demais e, embora não tivesse sido nada difícil para ele encontrar maneiras de estragar sua vida ao longo dos anos, Ray não era totalmente suicida.

Mas, assim que se encaminhou para as escadas na perna traseira de Lucy, ele ouviu um barulho no andar de baixo. Deteve-se e esperou.

Alguém tinha aberto a porta e estava subindo para o estômago de Lucy.

– Cassie?

– Não, Ray.

Seu coração se encheu de desânimo quando ele reconheceu a voz que pertencia ao detetive Broome.

– Como você me encontrou? – perguntou ele quando o policial apareceu na sua frente.

– Rastreamos seu celular. Isso é bem fácil quando a pessoa deixa o aparelho ligado.

– Ah, claro.

– Acabou, Ray.

Ele não disse nada.

– Ray?
– Já ouvi, detetive.
– Não adianta tentar fugir. O local está cercado.
– Está bem.
– Você está armado?
– Não.
– Estou aqui para prendê-lo. Você entende isso?
Sem saber ao certo como responder, Ray se contentou em dizer que sim, ele entendia.
– Então faça um favor a nós dois – pediu Broome. – Facilite as coisas e não corra riscos desnecessários. Ajoelhe-se e coloque as mãos na cabeça. Vou algemá-lo e ler seus direitos.

capítulo 36

Às oito da manhã do dia seguinte, Megan abriu os olhos e sentiu dores lancinantes. Tinha sido uma noite longa, em muitos sentidos – especialmente considerando a carga emocional de ter contado a Dave toda a verdade sobre seu passado. Agora cada centímetro do seu corpo estava dolorido. O braço era a pior parte: parecia ter sido estraçalhado por um tigre e depois triturado em um liquidificador. Havia uma bigorna dando marteladas em seu crânio. Sua boca estava tão seca que era uma mistura de deserto do Saara com a pior ressaca imaginável.

Ela abriu os olhos devagar. Dave estava sentado na ponta da cama, com a cabeça apoiada na mão. Ele aparentava também estar sentindo dores, embora não físicas. Seu cabelo estava todo desgrenhado. Megan calculou que ele havia passado a noite inteira a seu lado.

Ela tentou lembrar a que horas tinha interrompido sua confissão – Dave mal abrira a boca durante todo o tempo –, mas não conseguiu. Havia falado até praticamente desmaiar por conta da combinação de cansaço, dor e morfina. Se Dave fez algum comentário sobre o que ela dissera, ela não se recordava.

Megan nunca sentira tanta sede. Quando estendeu a mão para pegar o copo com água no criado-mudo, seu corpo inteiro protestou e ela soltou um grunhido. Dave levantou a cabeça na mesma hora e disse:

– Pode deixar que eu pego para você.

Ele foi até o pequeno móvel e ergueu com cuidado o copo na direção da esposa, levando o canudo aos lábios dela. Megan bebeu com avidez. A água era um verdadeiro néctar dos deuses. Quando terminou, Dave pousou o copo de volta no criado-mudo e se sentou ao seu lado.

– Como está se sentindo? – perguntou ele.

– Como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

Ele sorriu e acariciou sua testa.

– Vou chamar o médico.

– Espere – pediu ela.

A mão dele estava fria contra sua pele. Ela fechou os olhos e saboreou o toque. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Megan não sabia bem por quê.

– Estou pensando em tudo o que você me contou – falou Dave. – Ainda estou tentando processar as coisas.

– Eu sei. Mas converse comigo, está bem?

– Tá bom.

Ela abriu os olhos e o encarou.

– É difícil – disse Dave. – Quero dizer, por um lado acho que seu passado não tem nenhuma importância. Você me ama?

– Amo.

– De verdade?

– Claro que eu te amo de verdade.

– Então o que mais importa, certo? Todos temos um passado. Todos temos segredos. – Ele se

remexeu na cama. – Esse é um dos lados da moeda. A parte que eu consigo entender.

– E qual é o outro lado?

Dave balançou a cabeça.

– Ainda estou processando.

– Processando – disse ela – ou julgando?

Ele pareceu confuso.

– Como assim? – perguntou.

– Se eu tivesse sido, sei lá, uma princesa virgem antes de nos conhecermos, você acha que teria mais facilidade para aceitar meu passado?

– Você acha que eu sou tão superficial assim?

– Só estou querendo saber – argumentou ela. – É uma dúvida natural.

– E se eu dissesse que seria mais fácil?

– Acho que eu entenderia.

Dave parou para pensar.

– Quer ouvir uma verdade estranha?

Ela aguardou.

– Eu nunca confiei plenamente em você, Megan. Não, espere, isso não é bem verdade. O que quero dizer é que nunca acreditei de verdade em você. Confiar, eu confiava. Me casei com você, a amei, e sei que você me amou. Nós dividimos uma vida, uma cama, e tivemos filhos juntos. – Dave engoliu em seco, afastou o olhar e tornou a se voltar para ela. – Eu confiaria minha vida a você. Você sabe disso.

– Eu sei.

– Mas, mesmo assim, nem sempre acreditei em você. Você pode confiar em uma pessoa e ao mesmo tempo saber que ela está escondendo algo. Está entendendo o que quero dizer?

– Estou.

– Foi difícil mentir para mim durante todos esses anos?

– Não só para você. Para todos.

– Mas principalmente para mim.

Ela ficou em silêncio.

– Foi? – insistiu ele.

Megan pensou bem antes de responder.

– Não, na verdade, não.

Ele se recostou.

– Uau, isso é que é honestidade.

– A verdade não era uma opção. Não via a menor vantagem em lhe contar sobre meu passado. Isso só pioraria as coisas.

– Mas devia ser duro, não? De alguma forma.

– Com o tempo, acho que me acostumei.

Ele assentiu.

– Parte de mim quer saber detalhes, senão minha imaginação não vai me deixar em paz, entende?

Ela concordou com a cabeça.

– Mas outra parte, muito maior, sabe que é melhor deixar pra lá.

– Já faz muito tempo, Dave.
– Mas faz parte de quem você é.
– Sim. Da mesma forma que o seu passado é parte de quem você é.
– Você sente falta daquela época?
– Não acho que precise me desculpar pelo que vivi.
– Não foi isso que eu perguntei. Quero saber se você sente falta daquela época.
Mais lágrimas lhe vieram aos olhos. Ela não iria mentir outra vez, não depois de ter passado por tanta coisa para contar a verdade.
– Lembra quando você estava no ensino médio e fazia parte de um grupo de teatro? – indagou Megan.
– Sim, e daí?
– Você me contou que vocês costumavam sair juntos, ir a festas e fumar maconha em grupo.
– Não estou entendendo aonde você quer chegar – falou Dave.
– Você sente falta disso, não sente? Não pretende fazer nada de novo, é um tempo que já passou, mas tenho certeza de que tem saudade. Então eu preciso mesmo odiar meu passado para você me aceitar?
Dave se recostou de novo, como se estivesse chocado.
– Você realmente acha que é a mesma coisa?
– Qual é a diferença?
Ele esfregou as mãos no rosto.
– Não sei. É isso que preciso processar. – Dave tentou sorrir. – Acho que as mentiras nos afetaram mais do que você imagina. De certa forma, criaram uma distância entre nós. É natural. Então, a partir de agora vai ser diferente. Mas talvez seja melhor.
O celular na mesa de cabeceira tocou.
Dave fechou a cara.
– Você não deveria ser incomodada agora.
Megan estendeu o braço ileso para pegar o aparelho.
– Alô?
– Fiquei sabendo que você teve uma noite difícil.
Era o detetive Broome.
– Vou ficar bem.
– Já deu uma olhada nas notícias hoje?
– Não, por quê?
– Carlton Flynn está morto. Ele e um monte de outros homens. Encontramos os corpos em um poço perto do antigo alto-forno.
– Hã? – perguntou Megan, tentando se sentar. – Não entendi. Stewart Green também?
– Provavelmente. A polícia federal ainda está analisando os corpos.
Aquilo, sim, seria difícil de processar.
– Espere um instante, então alguém assassinou todos eles?
– Mais tarde explico os detalhes, mas agora preciso de sua ajuda.
– O que posso fazer?

– Sei que seus ferimentos são graves, então, se não estiver em condições...
– De que você precisa, detetive?
– Ontem à noite, nós prendemos Ray Levine pelos assassinatos.
Ela abriu a boca, mas por alguns instantes as palavras não quiseram sair. Mais uma vez, seu mundo virou de ponta-cabeça.
– Isso é alguma piada?
– Não...
– Qual é o seu problema? Você está louco?
Dave lançou-lhe um olhar interrogativo. Ela o ignorou.
– Broome! – gritou Megan.
– Estou aqui – respondeu o detetive.
Ela começou a balançar a cabeça, pronta para lhe dizer que aquilo era simplesmente impossível, então se lembrou da noite anterior, da última coisa que Ray lhe dissera: "*Eu não lhe contei a verdade*."
– Não, não, isso é um engano – falou ela, sentindo uma lágrima escorrer pelo rosto. – Está me ouvindo? Que provas você tem?
– Não quero entrar nesse mérito agora, mas preciso de sua ajuda.
– Como?
– Estamos com Ray sob custódia – começou a explicar Broome. – Ele não quer falar com ninguém. Só com você, pessoalmente. Sei que é pedir muito no estado em que você se encontra, mas posso esperar alguns dias até você estar preparada...
– Qual é o endereço? – perguntou ela.
Dave se limitou a encará-la.
Megan ouviu com atenção, então desligou o telefone e se virou para o marido.
– Preciso que você me leve até um presídio.

◆◆◆

Assim que Broome desligou o telefone, voltou para a área de detenção. Ray Levine, em um uniforme cor de abóbora, estava em uma sala de interrogatório com as mãos e as pernas acorrentadas. Ele havia telefonado para seu único amigo em Atlantic City, seu chefe, Fester, que havia arranjado um advogado chamado Flair Hickory para representá-lo. Ele tinha fama de ser muito bom e muito espalhafatoso.
Quando Broome entrou na sala, Hickory, cujo terno roxo era um tanto exagerado para as oito da manhã, disse:
– Bem, e então?
– Ela está a caminho.
– Ótimo.
– Ainda gostaria de fazer algumas perguntas a seu cliente.
– E eu gostaria de tomar um banho de espuma com o Hugh Jackman – retrucou o advogado, abanando as duas mãos. – Sonhar não custa nada, não é mesmo? Meu cliente já deixou bem claro: antes de dizer qualquer coisa ao senhor, ele quer ter uma conversinha em particular com Megan Pierce. Agora, por favor, nos dê licença.

Broome saiu da sala. O agente especial Angiuoni deu de ombros e disse:

– Valeu a tentativa.

– É, acho que valeu.

– Mesmo com a escolta da polícia, ela vai demorar no mínimo uma hora para chegar aqui. Por que não vai tomar um ar ou algo assim?

– Preciso voltar ao La Crème.

– A boate? Por quê?

Broome não se deu o trabalho de explicar. Saiu e foi em direção ao carro. Ainda havia alguns pontos sem nó. Tinha sido, de fato, uma noite longa. Os agentes federais ainda estavam vasculhando a casa de Ray Levine, procurando por mais objetos que pertencessem às vítimas. Até o momento, 12 corpos já haviam sido retirados do poço, embora estivesse se tornando cada vez mais difícil definir imediatamente que ossos pertenciam a quem à medida que o poço ia ficando mais fundo. Os corpos tinham se partido e se empilhado ao longo dos anos, transformando o buraco num verdadeiro depósito de ossos.

Depois que Broome prendera Ray, na noite anterior, fora até aquela casa amaldiçoada que em algum momento havia sido o lar de Stewart Green. Contou a Sarah o que sabia, que todas as evidências apontavam para o fato de Stewart estar no fundo daquele poço, tendo sido vítima de um assassino em série. A mulher ouviu com a atenção de sempre. Quando o detetive terminou, ela disse:

– Mas você não disse que alguém viu Stewart recentemente?

Então era para lá que Broome estava indo agora – o La Crème. Fazia pouco tempo que o clube havia começado a abrir para o café da manhã e, surpreendentemente, a iniciativa se mostrara um ótimo negócio. Ele não achava que sua visita teria algum resultado palpável. Tinha certeza de que Lorraine daria de ombros e diria: "Eu falei que não tinha certeza. Você não quis ouvir."

Mas a verdade – já estava na hora de Broome admitir para si mesmo – era que ele queria ver a barwoman. Ele havia passado por uma noite pavorosa, repleta de sangue e de cadáveres. Claro, tinha uma desculpa profissional para procurá-la, mas talvez só quisesse estar em sua companhia, ver um rosto familiar e bonito à sua frente, de uma mulher que não estivesse casada com outro homem. Lorraine tinha isto de especial: era outra veterana daquela cidade, e era bom estar perto dela. Achava que isso era tudo o que precisava no momento. Queria apenas ver aquele sorriso enviesado e reconfortante e ouvir aquela risada gutural por alguns instantes. E talvez o fato de ela estar morrendo o fizesse perceber que não gostaria de perder nenhuma outra oportunidade na vida.

O que havia de errado nisso?

Os leões de chácara do La Crème estavam abrindo as portas do clube quando ele chegou. Alguns clientes até já faziam fila, provavelmente vindo direto dos cassinos ou de qualquer outra atividade que os tivesse feito virar a noite. Essas eram as pessoas que iam ali atrás do café da manhã – não homens que tinham simplesmente acordado para fazer a refeição matinal, mas que haviam passado a noite em claro e precisavam começar a manhã com um show de striptease. Era difícil não chegar à conclusão de que aqueles caras estavam, na melhor das hipóteses, desesperados pra cacete.

Broome balançou a cabeça para os seguranças vestidos de preto enquanto entrava. Embrenhou-se na escuridão, indo direto para o bar de Lorraine, mas ela não estava lá. Ele já ia dar meia-volta e

perguntar por ela quando alguém lhe deu um empurrão por trás, fazendo-o voar longe.

Era Rudy. Seu rosto estava vermelho.

– Que porra é essa, Rudy?

O dono do estabelecimento apontou um dedo gordo para ele.

– Eu avisei.

– Do que você está falando?

– Primeiro você fala com Tawny. Tudo bem, sem problemas. Tem um monte de garotas iguais a ela. Beleza. – Ele tornou a empurrar Broome. – Mas eu avisei, não avisei?

– Avisou o quê?

– Eu falei que Lorraine era diferente. Que ela era especial. Falei o que faria com você se algo acontecesse com ela.

Broome ficou petrificado. De repente a música pareceu mais alta. O salão começou a girar ao seu redor.

– Onde ela está?

– Não me venha com gracinhas. Você sabe muito bem...

Broome agarrou Rudy pela gola e o imprensou contra a parede.

– Onde ela está, Rudy?

– É isso que estou perguntando, seu babaca. Ela não veio trabalhar hoje.

capítulo 37

MEGAN ESTAVA SENTADA diante de Ray em uma sala de interrogatório comum, mas ao mesmo tempo surreal.

Durante a viagem até ali, nem ela nem Dave falaram muito. Um agente federal chamado Guy Angiuoni tinha ligado para ela e fornecido detalhes sobre os assassinatos e a detenção de Ray Levine. Não fazia o menor sentido. Depois que Megan desligou, Dave tentou jogar conversa fora, mas ela ficou em silêncio. Àquela altura, seu marido já sabia sobre seu relacionamento com Ray no passado – não dos detalhes, é claro, mas o suficiente. Megan, por sua vez, tinha certeza de que aquilo não estava sendo fácil para ele. Queria consolá-lo e tranquilizá-lo – Dave merecia isso e muito mais –, mas também estava chocada.

Isso teria que esperar.

Megan teve que passar por um detector de metais e por uma revista completa antes de poder entrar na sala. Havia cinco homens ali: o agente especial Angiuoni; dois guardas; o advogado, Flair Hickory, que a recebeu com um sorriso caloroso; e, naturalmente, Ray.

Hickory ergueu uma pequena pilha de papéis.

– Essas são declarações juramentadas de que sua conversa com meu cliente não será ouvida por ninguém fora daqui, gravada ou utilizada de nenhuma forma – explicou ele. – Todos os presentes assinaram uma cópia.

– Está bem.

– Eu agradeceria muito se a senhora também assinasse uma, se comprometendo a não divulgar nada do que o meu cliente vai lhe dizer durante sua permanência aqui.

– Não há necessidade – falou Ray.

– É para o bem dela também – explicou Flair. – Mesmo que você confie nela, Ray, estou tentando dificultar que eles a obriguem a falar.

– Tudo bem, eu assino – disse Megan.

A mão do seu braço ferido ainda funcionava o suficiente para ela segurar a caneta e rabiscar uma assinatura.

Flair Hickory recolheu os papéis.

– Pronto, pessoal, hora de sair.

Angiuoni se encaminhou para a porta.

– Vai ter um policial vigiando vocês, Sra. Pierce. Se sentir que está correndo perigo, bastar erguer o braço acima da cabeça – informou ele.

– Meu cliente está acorrentado como um animal – retrucou Flair. – Ela não corre nenhum risco.

– Mesmo assim.

O advogado revirou os olhos. Angiuoni foi o primeiro a sair, seguido pelos dois guardas. Flair foi o último. A porta se fechou atrás dele. Megan se sentou de frente para Ray. Os tornozelos dele estavam presos à cadeira e seus braços, ao tampo da mesa.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Fui atacada na noite passada.

– Por quem?

Ela balançou a cabeça.

– Não estamos aqui para falar de mim.

– Foi por isso que não pôde ir à Lucy ontem à noite?

Megan não sabia exatamente como responder a isso.

– Eu não teria aparecido, de qualquer forma.

Ele assentiu como se compreendesse.

– Você matou aqueles homens, Ray?

– Não.

– Matou Stewart Green?

Ele não respondeu.

– Você descobriu que ele estava me machucando, não descobriu?

– Descobri.

– E se importava comigo. Inclusive... – Ela se deteve, mas logo voltou a falar: – Inclusive me amava.

– Sim.

– Ray, preciso que me conte a verdade agora.

– Vou contar – falou ele. – Mas você primeiro.

– O quê?

Quando Ray olhou dentro de seus olhos, um arrepio se espalhou pelo corpo dela.

– Cassie – disse ele –, você matou Stewart Green?

◆◆◆

Broome não se deu o trabalho de fazer mais nenhuma pergunta a Rudy.

Tentou, sem muito sucesso, não entrar em pânico. Mandou Rudy ficar no clube e telefonar caso Lorraine aparecesse. Sem dizer mais nada, voltou correndo ao carro, pegou sua arma e saiu correndo em direção à casa de Lorraine.

Por favor, não, por favor, não, por favor, não...

Ligou para a central e pediu reforços, mas sem a menor intenção de esperar. Já estava correndo a toda velocidade. Seus pulmões ardiam. Sua respiração reverberava em seus próprios ouvidos. O ar matinal fazia seus olhos lacrimejarem.

Nada disso era importante. Só uma coisa importava.

Lorraine.

Se algo lhe acontecesse, se alguém fizesse mal a ela...

As pessoas que estavam na rua àquela hora se arrastavam à luz do sol após uma noite inteira sob o brilho de luzes artificiais. Broome nem sequer olhou para elas.

Lorraine não. Por favor, Lorraine não...

Broome dobrou à direita na rua dela. Mais à frente, viu a casa. Lembrou-se da outra vez em que estivera ali, quando passara a noite com ela. Engraçado como nós não percebemos o óbvio. Aquilo não significara quase nada para ele, e provavelmente menos ainda para ela, mas agora ele lamentava sua estupidez.

Uma onda de adrenalina fez Broome acelerar o passo, saltando os degraus da varanda da frente de dois em dois. Quase se lançou contra a porta, pronto para arrombá-la com o ombro, mas se deteve

no último instante.

Não podia simplesmente derrubar a porta daquele jeito. Sabia que não. Mas também não estava disposto a esperar. Acalmou-se e tentou a maçaneta.

A casa estava destrancada.

Seu coração parou por um instante. Lorraine faria a idiotice de deixar a porta da frente aberta naquele bairro?

Ele duvidava disso.

Abriu a porta lentamente, com a arma engatilhada. O rangido preencheu o ar matinal.

– Polícia! – gritou ele. – Tem alguém aí?

Nenhuma resposta.

Deu um passo para dentro da casa.

– Lorraine?

Conseguia ouvir o medo em sua própria voz.

Por favor, não, por favor, não, por favor, não...

Seus olhos percorreram a sala. Era totalmente comum. Havia um sofá grande e outro de dois lugares, do tipo que se encontra em qualquer loja de móveis de beira de estrada. A televisão era pequena se comparada aos padrões atuais. Fiel ao estilo Atlantic City, o relógio na parede tinha dados vermelhos no lugar de números.

Havia uma mesa de centro com três cinzeiros que tinham imagens do Centro de Convenções de Atlantic City gravadas. Um pequeno bar, com dois bancos, ficava à direita. No balcão, uma garrafa de vodca e uma de gim montavam guarda como dois soldados. Os descansos de copo eram descartáveis, os mesmos usados no La Crème.

– Tem alguém aí? É a polícia! Saia com as mãos para cima.

Ainda nenhuma resposta.

Os quadros nas paredes mostravam pôsteres sensacionais de antigos espetáculos burlescos.

A casa de Lorraine não era grande ou sofisticada, mas tinha a sua cara. Broome sabia que o quarto ficava à esquerda, o banheiro à direita e a cozinha nos fundos. Foi primeiro ao quarto. Estava uma bagunça só, mais parecendo um camarim que um lugar para dormir. As roupas de trabalho espalhafatosas de Lorraine estavam quase todas em manequins em vez de cabides, o que podia ter sido uma escolha consciente de decoração.

A cama, no entanto, continuava feita.

Broome engoliu em seco e voltou à sala. Não podia perder mais tempo. Foi correndo à cozinha. De longe, viu a geladeira verde abacate coberta de ímãs. Quando chegou à porta, parou.

Ah, não...

Viu o piso debaixo da mesa e começou a balançar a cabeça. Olhou com mais atenção, esperando que algo mudasse, mas é claro que a imagem continuou a mesma.

O chão da cozinha estava encharcado de sangue.

◆◆◆

– Cassie, você matou Stewart Green?

Ray levantou a cabeça, sustentando o olhar dela. Queria ver sua reação ao que ele acabara de perguntar, conferir se ela vacilaria em algum momento.

– Não, Ray, eu não matei Stewart – respondeu ela. – E você?

Ele ficou observando seu belo rosto, mas não havia nada que denunciasse que ela estava mentindo; havia apenas a surpresa diante da pergunta. Ele olhou bem dentro de seus olhos e acreditou nela.

– Ray?

– Não, eu não o matei.

– Então quem foi?

Estava na hora de abrir o jogo. Ele precisava contar a verdade. Mas o problema era: agora que tinha certeza de que não havia sido ela, como deveria colocar a questão?

Meio tarde para se preocupar com isso.

– Naquela noite – começou ele –, você foi até as ruínas. Viu Stewart Green caído perto daquela rocha e achou que ele estivesse morto.

– Nós já falamos disso, Ray.

– Tenha um pouco de paciência.

– Está bem – respondeu Cassie. – Eu vi Stewart e achei que ele estivesse morto.

– Então fugiu, não foi? Estava assustada. Achou que poderia acabar levando a culpa.

– Ou eu ou você.

– Exato – disse Ray. – Ou eu.

– Não estou entendendo, Ray. Por que você pediu que eu viesse até aqui? O que queria me contar?

Ele se perguntou como poderia fazê-la entender.

– Por que você foi até lá naquela noite?

Ela pareceu confusa.

– Como assim, por que fui até lá?

– Por que foi ao parque naquela noite?

– Ué, eu recebi seu recado. Você me deu instruções bem claras sobre como chegar lá.

Ray balançou a cabeça.

– Não deixei recado nenhum para você.

– Hã? É claro que deixou.

– Não, não deixei.

– Então como você podia saber onde era?

Ray deu de ombros.

– Eu segui você.

– Me seguiu? Por quê?

– Eu sabia o que você estava passando com Stewart Green. Cheguei até a pedir que você fugisse comigo. Queria que nós dois recomeçássemos do zero, lembra?

Ela abriu um sorriso triste.

– Você estava sonhando.

– Pode ser. Ou talvez, se você tivesse me dado ouvidos...

– Não vai adiantar nada pensar no que poderia ter sido, Ray.

Ele assentiu. Ela tinha razão.

– Enfim, eu segui você naquela noite. Você deixou o carro no estacionamento em Pine Barrens e subiu a trilha. Eu não conseguia imaginar por que estava ali ou quem iria encontrar. Talvez estivesse

com ciúme, não sei direito, mas isso já não tem importância. Você subiu a trilha e eu fiquei onde estava. Se quisesse se encontrar com outro, bem, no fim das contas eu não tinha nada com isso. Tínhamos numa relação aberta. Isso era parte da diversão, não era?

– Continuo sem entender – falou ela. – Você não deixou aquele recado que dizia que eu fosse encontrá-lo?

– Não.

– Então quem deixou?

– Tive bastante tempo para pensar nisso nas últimas 24 horas. Acho que a resposta é bastante óbvia. Só pode ter sido Stewart. Ele preparou uma armadilha para você, estava tentando pegá-la desprevenida.

– Mas quando cheguei lá...

– Ele estava morto – concluiu Ray.

– Pelo menos foi o que pensei.

Ray respirou fundo. A visão do sangue invadiu sua mente.

– E tinha razão.

Novamente, ela pareceu confusa.

– Hã?

– Stewart estava morto.

– Você já o havia matado?

– Não. Já disse que não fui eu.

– Então o que aconteceu? – perguntou ela.

– Você subiu aquela trilha – começou a explicar Ray. – Viu o corpo. Achou que ele estivesse morto, então desceu de volta correndo. Eu quis chamar você, saber se estava tudo bem. Se eu tivesse lhe perguntado o que tinha acontecido...

Sua voz se perdeu.

Ela se inclinou para a frente.

– O que aconteceu, Ray?

– Eu achei... sei lá... achei que a pessoa com quem você tinha ido se encontrar a tivesse machucado ou algo do tipo. Estava confuso e com raiva, então hesitei. Daí, bem, você sumiu e eu subi correndo a trilha em direção às ruínas.

Megan analisou o rosto dele. Estava curiosa, é claro, mas também se importava com ele. Ray conseguia ver isso. Ele já estava quase concluindo o raciocínio, então talvez ela finalmente estivesse começando a enxergar a verdade.

– Quando cheguei lá em cima, vi Stewart Green caído. Ele estava morto. Sua garganta tinha sido cortada. – Ray se inclinou para a frente, querendo se certificar de que ela pudesse ver seus olhos, enxergar o que ele havia visto naquela noite. – Imagine a cena, Cassie. Tente me visualizar correndo lá para cima e encontrando Stewart com a garganta cortada.

Foi então que ela entendeu. Tudo.

– Você achou... achou que eu o tivesse matado.

Ele não se deu o trabalho de concordar. Apenas abaixou a cabeça.

– O que fez depois disso, Ray?

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dele.

– Eu entrei em pânico...

– O que você fez?

O sangue. Todo aquele sangue.

– ... ou talvez tenha sido exatamente o contrário. Talvez eu tenha começado a pensar de maneira lógica demais. Tinha visto você fugir e cheguei à conclusão mais óbvia: você tinha se cansado de sofrer os abusos dele, mas Stewart era um cidadão exemplar e ninguém iria ajudá-la. Então você fez o que precisava fazer. Combinou de se encontrar com ele naquele lugar afastado para poder matá-lo e então algo fez com que você saísse correndo. Talvez tivesse entrado em pânico, ou tivesse sido vista, sei lá. Mas havia deixado pistas. Havia outros carros naquele estacionamento. Alguém poderia se lembrar de você. Eles encontrariam o corpo, a polícia começaria a investigar e chegaria até o La Crème. No fim das contas, bem, tudo apontaria para você.

Agora ela entendia. Ray podia notar isso pela expressão em seu rosto.

– Então fiz a única coisa que poderia fazer para ajudá-la: me livrei do corpo. Sem isso, a polícia não poderia fazer nada.

Ela começou a balançar a cabeça.

– Entendeu? – continuou ele. – Se o corpo sumisse, todos pensariam que Stewart havia fugido. Poderiam até suspeitar de você, mas, se não encontrassem o corpo, eu sabia que você estaria segura.

– O que você fez, Ray?

– Arrastei Stewart mais para dentro da floresta, então voltei para casa e peguei uma pá para enterrá-lo. Só que, como era fevereiro, a terra estava batida demais. Cheguei a tentar, mas o chão estava muito duro e não cedia. Horas se passaram. O dia estava prestes a raiar e eu tinha que me livrar do corpo. Então voltei para casa e peguei minha motosserra.

Ela levou a mão à boca.

O sangue, pensou Ray novamente, fechando os olhos. *Tanto sangue*...

Ele quisera parar, mas assim que a motosserra começou o serviço, não teve mais escolha. Precisava ir até o fim. Não se deu o trabalho de contar o resto a Megan, a sensação de serrar carne e ossos humanos, colocar pedaços de uma pessoa – mesmo de alguém tão detestável quanto Stewart Green – em sacos de lixo. A única coisa que o fizera seguir em frente fora a ideia de que estava fazendo aquilo para salvar a mulher que amava. Pegou os sacos, encheu-os de pedras para deixá-los mais pesados e foi até um local que conhecia perto de Cape May. Depois foi para casa, esperando encontrar Cassie, mas ela não estava lá. Ligou sem parar e ela não atendeu. Passou a noite tremendo em sua própria cama, tentando afastar aquelas imagens da cabeça, mas elas não iam embora. Procurou-a no dia seguinte e no outro, e no outro, sempre em vão. Os dias se transformaram em semanas, depois em meses e anos. Mas ela tinha sumido.

E tudo que restara para Ray fora o sangue.

◆◆◆

Erin Anderson tinha conseguido.

Passara quase a noite inteira trabalhando com a polícia federal na identificação dos corpos. Ainda era cedo para tirar conclusões, mas ela já havia reunido informações suficientes sobre roupas, relógios e joias para ter uma ideia de quais ossos pertenciam a quem. O restante ficaria a cargo dos exames de DNA, mas isso poderia demorar um pouco.

Quando conseguiu um momento de folga, acessou o computador da delegacia. Broome lhe pedira que ampliasse a busca e procurasse por qualquer outro tipo de violência que pudesse estar relacionado ao Mardi Gras. Poucos minutos depois, encontrou um caso que talvez se encaixasse no que estava pensando, embora não perfeitamente.

Pelo menos não a princípio.

Erin vinha pesquisando homens assassinados ou desaparecidos. Era por isso que aquele caso em especial tinha passado despercebido. No fim das contas, aquela morte tinha sido considerada legítima defesa, não homicídio. Como ninguém fora acusado de nada, o caso não tivera muita repercussão. Um homem chamado Lance Griggs havia sido morto a facadas em sua casa no município vizinho de Egg Harbor, nos arredores de Atlantic City. Griggs tinha um longo histórico de violência doméstica. Foi isso que chamou a atenção de Erin para o caso. Não, ele não tinha desaparecido. Não tinha sido desovado em um poço. Mas, como muitos outros envolvidos naquela investigação, abusava de forma recorrente de sua parceira.

De acordo com o relatório, sua mulher tinha sido hospitalizada diversas vezes. Os vizinhos, na época, afirmaram ter ouvido os espancamentos ao longo dos anos. A polícia havia sido chamada várias vezes ao local. Erin balançou a cabeça. Já havia lidado com muitos casos de violência doméstica. Tinha ouvido todas as justificativas imagináveis, mas ainda assim, no fundo, não conseguia entender por que as mulheres continuavam em relacionamentos como aqueles.

Griggs, ao que tudo indicava, tinha atacado sua esposa com uma chave de roda, quebrando sua perna e depois pressionando a barra contra o seu pescoço. A mulher finalmente conseguira se desvencilhar, pegara uma faca e o matara. Com o longo histórico de detenções de Griggs, havia fotos de identificação de sobra para Erin. Além disso, quando o corpo fora encontrado, a esposa havia sido detida, então existiam fotos disponíveis dela também. Erin colocou as imagens dos dois lado a lado.

Que casal mais feliz.

– No que você está trabalhando?

Ela se virou e topou com Goldberg. Ótimo, era tudo o que precisava. Ele parecia tenso e esgotado, sua gravata tão frouxa que mais um pouco chegaria ao umbigo dele. Tinha sido uma noite longa para todos.

– Em algo que provavelmente não vai dar em nada – respondeu ela, desligando o monitor. – Estava só dando mais uma olhada no caso do Mardi Gras.

– Espere um instante.

– O quê?

– Ligue o monitor de novo.

Erin obedeceu a contragosto.

Goldberg olhou para a tela.

– Esses dois estão envolvidos?

– Sim. Ela o matou há alguns anos.

Ele balançou a cabeça.

– Não faz o menor sentido.

– Por quê?

Goldberg apontou para a tela.

– Eu conheço essa mulher.

◆◆◆

A visão do sangue no chão da cozinha foi um soco no estômago para Broome.

Ele segurou sua arma com mais força e começou a fazer todo tipo de oração e promessa, na esperança vã de que Lorraine ainda estivesse viva. Broome se amaldiçoou por ter falado com ela, especialmente num local em que qualquer um poderia ver. Seria possível que não tivesse aprendido nada depois de Tawny e Harry Sutton? Havia pessoas perigosas envolvidas naquela história toda.

Como podia ter sido tão descuidado?

Seu coração esmurrava-lhe o peito, mas não havia tempo a perder. Ele precisava encontrá-la, tinha que tentar estancar a hemorragia. Broome se agachou, girou o corpo para a direita e, novamente, ficou chocado com o que viu.

Não era Lorraine que estava ali.

Era o corpo de um homem. Observando-o com mais atenção, Broome se lembrou da descrição que Megan havia feito do sujeito que vira perto do escritório de Harry Sutton. Poderia ser o mesmo.

Aquele homem sem dúvida estava morto. Sua garganta tinha sido cortada.

Broome estava prestes a se virar quando sentiu a pressão da arma contra a sua nuca.

– Largue a arma, Broome – disse Lorraine.

capítulo 38

O CORAÇÃO DE MEGAN se desfez em mil pedaços.

Já havia se perguntado por que Ray ficara tão surpreso ao saber que Stewart Green tinha sido visto. Agora ela entendia. Ray sabia, durante todos aqueles anos, que ele estava morto. Tinha feito um grande sacrifício – enorme, na verdade –, um sacrifício que se transformara em um segredo que o havia devorado, afundando-o na depressão e na angústia, e que provavelmente tinha lhe tirado um pouco da sanidade. Algumas pessoas conseguem viver com esse tipo de bagagem. Elas simplesmente fazem o que precisam fazer. Mas Ray era muito sensível. Não era capaz. Além disso, ainda tinha sido abandonado pela mulher que amava – a mesma que havia salvado a um preço tão alto – e que só tornaria a ver 17 anos depois.

A última coisa que Megan disse para Ray antes de sair da sala de interrogatório era que faria tudo ao seu alcance para que ele fosse libertado. E estava falando sério. Ela lhe devia isso. Iria ajudá-lo e, fosse isso justo ou não, desapareceria de sua vida para sempre.

Mas a primeira coisa que falou quando saiu da sala foi:

– Onde está meu marido?

– No fundo do corredor, à esquerda.

Ela seguiu em passos rápidos em sua direção. Quando chegou aonde ele estava, Dave levantou a cabeça, assustado, e ela sentiu seu coração se encher de amor verdadeiro. Correu até ele e se jogou em seus braços.

Foi só então que ela se sentiu segura o bastante para perguntar a si mesma como tinha ido parar naquela trilha na noite em que Stewart fora morto.

Não tinha sido Lorraine quem havia espalhado o boato de que Stewart Green ainda estava vivo, embora agora não houvesse mais dúvidas de que ele morrera?

Não tinha sido ela quem dissera saber onde Megan havia estado durante os últimos 17 anos, embora isso fosse impossível?

Ela voltou correndo até o agente especial Angiuoni.

– Onde está o detetive Broome?

– Não sei. Se não me engano, ele disse algo sobre uma boate chamada La Crème.

◆◆◆

Goldberg apontou para a tela do computador por sobre o ombro de Erin.

– Essa é Lorraine, a barwoman do La Crème. O que aconteceu nessa porra de caso?

– Ela matou o marido que batia nela.

– O quê?

– Foi considerado legítima defesa. O caso mal foi aberto e já estava solucionado.

– Onde Broome se meteu? – explodiu Goldberg. – Ele precisa saber disso.

◆◆◆

Lorraine falou:

– Largue a arma.

– Que história é essa? Eu vim ajudar você, Lorraine.

– Por favor, Broome. – Ela pressionou a arma com mais força contra a nuca dele. – Foi uma noite muito longa. Largue a arma.

Ele obedeceu.

– Agora ligue para a delegacia. Avise que não vai precisar de reforços, que a barra está limpa.

Ainda chocado, Broome fez o que ela mandou. Então, apontou para o corpo no chão.

– Quem é esse?

– Um cara que Del Flynn contratou.

– O que ele queria?

– Me torturar para obter informações sobre o paradeiro de Carlton. Não deixa de ser irônico. Ele era do tipo que sabia causar sofrimento, mas não conseguia aguentar na própria pele. Como a maioria dos homens.

Broome olhou para ela. Lorraine o encarou de volta e balançou a cabeça, como se o incitasse a ver o que àquela altura era tão óbvio.

– Meu Deus... foi você?

– Fui eu – disse ela.

– Você matou todos eles?

– Exatamente. Um por ano. Sempre no Mardi Gras. Mas nunca achei que alguém fosse notar o padrão. A maioria desses canalhas não tinha ninguém que se importasse o suficiente com eles para notificar o desaparecimento. Estou impressionada que você tenha descoberto a conexão com a data.

– Foi minha parceira quem chegou a essa conclusão – falou Broome.

– Sua ex-mulher, não é? Aposto que é muito inteligente. Parabéns para ela.

Ele ficou calado.

– Ah, não se preocupe, Broome. Não vou matar você e ir atrás da sua ex nem nada do tipo. – Lorraine lhe deu seu sorriso enviesado e olhou para a arma como se ela tivesse se materializado de repente em sua mão. – Imaginei uma centena de maneiras como isso poderia terminar, mas eu apontando uma arma para você e explicando tudo? – Ela balançou a cabeça. – Me parece tão... sei lá... banal. Você vai tentar ganhar tempo na esperança de que alguém venha salvá-lo?

– Não faz meu estilo.

– Ótimo, porque não adiantaria nada. Mas não se preocupe. Logo tudo vai ficar claro.

– O que vai ficar claro?

– Meu plano. E preciso contar do meu jeito. Você tem que me ouvir, Broome. Se já sentiu alguma coisa por mim, tente manter a mente aberta, está bem?

– Por acaso tenho escolha?

– Acho que não, considerando que estou com a arma na mão e tal. Mas estou cansada, Broome. Foi divertido, mas está chegando ao fim. Só quero... só quero que você me escute. Só isso. Deixe-me começar do começo e talvez você consiga ver aonde quero chegar, certo?

Lorraine parecia muito sincera. Ela estava esperando uma resposta, então ele disse:

– Está bem.

– Você sabe que eu fui casada, não sabe?

– Sei, sim.

– Me apaixonei assim que terminei o ensino médio. Não vou entediá-lo com a narrativa de minha infância numa cidade pequena com um pai alcoólatra. Essa história é velha e já estamos carecas de ver as consequências dela nas ruas desta cidade, não é verdade?

Broome achou que a pergunta fosse retórica, mas Lorraine se deteve novamente, sem nunca largar a arma.

– É.

– Comigo ia ser diferente. Eu tinha um homem que me amava. Fugimos juntos e ele arranjou um emprego. Mas então foi despedido e começou a me cobrir de porrada. A coisa era feia, Broome, você não faz ideia. Ele já tinha me batido algumas vezes antes, no começo do namoro. Nada grave, você sabe como é. Acontecia com todas as mulheres onde eu cresci, então não dei importância. Mas a agressividade de um homem pode aumentar muito rápido quando ele passa por dificuldades, não é?

Broome assentiu, pois não lhe parecia haver mais nada a fazer.

– A vida começou a cagar em cima da cabeça do meu marido, e como ele reagiu? Fazendo a única pessoa no mundo que ainda se importava com ele de saco de pancadas. Irônico, não?

Broome ficou calado.

O cabelo de Lorraine caiu sobre o seu rosto. Ela o afastou com um dedo.

– Então adivinhe o que aconteceu comigo, Broome? Você é um cara inteligente. O que sempre acontece em casos como esse?

– Você engravidou – respondeu ele.

– E a resposta estáááá... correta! Durante alguns meses da gravidez, a paz reinou na nossa casa. Pensei que todos os especialistas modernos estavam enganados: um bebê podia realmente salvar um casamento. Então, uma bela noite, meu maridinho ficou puto porque o bife dele estava muito duro. Falei alguma burrice, ele me chutou na barriga, eu caí no chão e ele começou a pisar em mim com tanta força que eu perdi o bebê.

Broome baixou os olhos para o cadáver no chão, ainda sem saber o que dizer.

– Ele me pisoteou com tanta força, aquele psicopata, que chegou a romper o meu útero. Sabe o que isso significa, Broome? Preciso desenhar para você? Eu não poderia mais ter filhos. Nunca mais. – Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela piscou para afastá-las, aparentemente sentindo raiva de si mesma. – Eu queria filhos, sabia? Finjo que não, e talvez agora... bem, eu sou uma garota que aprendeu a fazer o melhor com as cartas que a vida lhe deu. Mas na época meu sonho era ter um casal de filhos e um pequeno quintal. Patético, não? Não queria uma mansão. Só um marido, um par de filhos e um lugar que pudesse chamar de meu, entende?

Broome se aproximou alguns centímetros dela, tentando encontrar uma posição da qual pudesse atacar.

– Sinto muito, Lorraine. Sinto muito que você tenha passado por tudo isso.

– Pois é, história triste, não? – Ela ergueu a arma e seu tom de voz mudou. – Por favor, não tente nenhuma gracinha, Broome. Minha intenção aqui é que o cara no chão seja minha última vítima, não você.

Broome se deteve.

– Enfim, deixe-me avançar alguns meses, até a noite de Mardi Gras. O Sr. Perfeito encheu a cara e

me atacou com uma chave de roda. Então eu matei o desgraçado. Simples assim. E sabe de uma coisa, Broome?

– O quê?

– Foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Eu estava livre, feliz.

– Nenhum remorso?

– Pelo contrário! Qual é o oposto do remorso? – Lorraine estalou os dedos quando a resposta lhe veio à mente. – Pura satisfação. Foi isso que senti. Me mudei para a cidade, arranjei um emprego no La Crème e... bem, todo ano, no dia de Mardi Gras, eu celebrava minha liberdade, por assim dizer, ajudando outra garota a se libertar também. O resto, você já sabe.

– Não exatamente.

– Ah, não?

– Ainda não entendi a parte em que você decidiu celebrar sua liberdade e pura satisfação se transformando numa assassina em série.

Ao ouvir o termo, Lorraine deu uma risadinha.

– Assassina em série. Nossa... Isso parece tão... sei lá... Hannibal Lecter e tal. Mas faz sentido. Só que você precisa entender que todos os caras que eu matei mereceram. Eram uns desgraçados que batiam em mulheres e arruinavam vidas. Então, sim, em parte era por isso. Também posso argumentar que, ao matar aqueles fracassados, eu dei uma segunda chance a muitas pessoas. Ninguém sentiu falta deles. Algumas das esposas até imploraram que você nunca encontrasse os maridos delas, não foi?

– Isso não é desculpa para o que você fez.

– Realmente, não é. É só a minha maneira de justificar meus atos. Nós matamos animais inocentes, não matamos? Aqueles caras eram muito piores. Eu extravasei minha raiva neles. Mas você tem razão: não é desculpa. Só posso lhe dizer uma coisa, Broome. Você pode até achar estranho, e é mesmo, mas talvez entenda. Você me chamou de assassina em série, mas minha teoria é que... – sua voz se transformou em um sussurro – ... existe um monte de gente igual a mim por aí, aposto que milhões delas.

De repente a cozinha ficou muito mais fria.

– Pense assim, Broome: é como se elas estivessem em modo de espera. Muitas pessoas já nascem assassinas, apenas não sabem disso. E como poderiam saber, sem matar ninguém antes? Eu mesma não tinha a menor ideia, mas então matei o Sr. Perfeito e foi como abrir uma represa. Foi tão prazeroso... Não só porque ele merecia, mas pelo ato em si.

As sirenes das viaturas preencheram o ar matinal.

Lorraine suspirou.

– Não temos muito tempo, Broome. Acho que o resto das respostas vai ter que esperar.

– Esperar o quê?

Ela não respondeu. Ele se perguntou do que ela estaria falando, o que planejava fazer. Certamente, cercar a casa dela com viaturas não ajudaria em nada. Broome tornou a olhar para o cadáver no chão.

– Por que, Lorraine?

– Você não ouviu o que eu disse?

– Porque eles mereciam.

– Sim. E porque eu gostava. Eles precisavam ser mortos, e eu precisava matar.

No fim das contas, era simples assim.

Uma voz em um megafone soou.

– Lorraine Griggs? Aqui é a polícia.

Ela apontou para a janela.

– Nosso tempo acabou.

– Então o que você vai fazer agora?

– Fazer?

– É, qual é o seu plano? – perguntou Broome, abrindo os braços. – Vai saborear mais uma morte antes de ir para a cadeia?

– Ah, Broome – disse ela, abrindo-lhe um sorriso que tornou a partir seu coração –, eu nunca faria mal a você. Nunca.

Ele a encarou, confuso.

– Lorraine Griggs – repetiu a voz no megafone. – Aqui é a polícia...

– Já planejei tudo – afirmou ela. – Acaba aqui. Como eu disse ontem, estou morrendo. Não quero passar meus últimos dias fugindo da polícia.

Ela girou a arma no dedo, apontando-a em sua própria direção.

– Não faça isso – pediu Broome.

– O quê? – Ela olhou para o cano. – Você acha que eu vou me matar? Ah, que gracinha, Broome, mas não, não é esse o meu plano.

Lorraine lhe entregou a arma e colocou as mãos para cima.

– Hora de me prender.

– Então é isso? Você vai se entregar e pronto?

– É, meu bem, justamente – disse ela, sorrindo. – Pode me levar, já acabei por aqui.

Broome apenas a encarou.

– Não sei o que dizer, Lorraine.

Ela lançou um breve olhar para a porta e então de volta para ele.

– Você lembra quando me prometeu que estaria a meu lado quando eu morresse?

Broome assentiu.

– Lembro, claro.

– Esta é sua grande chance de provar que não é um mentiroso – falou ela, agora com os olhos marejados. – Prometa que não vai me abandonar. Prometa que vai ficar comigo.

epílogo

Duas semanas depois.

– Está pronto? – perguntou o médico.

Del Flynn assentiu e segurou a mão de sua bela Maria. O médico retirou o tubo de alimentação e desconectou o respirador artificial. Del sabia que, em algum lugar fora daquele quarto, os policiais estavam fechando o cerco ao redor dele e de Goldberg, mas tudo bem. Ele já havia perdido tudo o que realmente importava. Nada mais valia a pena, a não ser o que estava acontecendo ali, naquele momento.

Del ficou ao lado de Maria até o fim. Não largou sua mão em nenhum momento. Passou oito horas falando com ela sobre a primeira vez que a viu, sobre como, desde o início, soube que eles estavam destinados a ficar juntos. Riu do primeiro encontro dos dois, de como ele tropeçou ao saltar do carro para abrir a porta para ela. Recontou cada segundo do dia em que Carlton nasceu, lembrando-se de como quase desmaiou ao ver a cena, de como Maria nunca estivera tão bonita quanto naquele momento, com seu bebezinho nos braços. E, no final, quando restavam a ela apenas alguns minutos de vida, começou a soluçar. Implorou pelo seu perdão. Implorou a ela que não o deixasse sozinho. Gritou e esbravejou, mas nunca lhe contou o que havia acontecido com Carlton.

Maria morreu com Del segurando sua mão.

◆◆◆

Antes de Ray Levine ser libertado da prisão, concordou em ajudar as autoridades a encontrar os restos mortais de Stewart Green. Flair Hickory se encarregou da papelada. Em troca, o advogado exigiu que nenhuma acusação fosse apresentada contra seu cliente. O promotor do condado aceitou na mesma hora. No fim das contas, Ray Levine seria indiciado apenas por ocultação de cadáver, um crime cujo prazo de prescrição já tinha expirado havia muito tempo.

A pedido de Sarah Green, a viúva de Stewart Green, Broome liderou a equipe de busca. Ray os conduziu por uma trilha oculta – mais uma em meio a tantas outras naquele caso – até o penhasco distante do qual ele havia atirado as partes amarradas e ensacadas do corpo em um lago.

Como uma última surpresa, os mergulhadores encontraram algumas delas ainda intactas.

Então agora estavam todos no cemitério, enterrando os restos mortais de Stewart Green. Sarah, enfim oficialmente viúva, estava entre sua filha, Susie, e seu filho, Brandon. Broome ficou observando seus rostos, perguntando-se o que aconteceria em seguida. Sarah tinha vivido tanto tempo em um estado de espera, de expectativa, que ele temia que ela não conseguisse sair dele.

Para os demais, a vida precisava seguir em frente. Rick Mannion, por exemplo, tinha sido inocentado da acusação de assassinato e libertado da Penitenciária Estadual de Rahway. Quando atravessou os portões, não havia ninguém esperando por ele.

O caixão atingiu o fundo da cova.

Broome tinha acabado de voltar de outra visita-interrogatório com Lorraine. Ela só falava com ele – essa fora sua condição para contar tudo o que sabia –, mas o detetive tinha liberdade para discutir qualquer coisa que descobrisse através de outras pessoas. A princípio, Broome se perguntou que

tipo de jogo era aquele, por que motivo, além do cansaço e de não querer se tornar uma fugitiva, ela havia se entregado tão facilmente e o que quisera dizer quando falara que tinha um "plano".

Demorou um pouco, mas com o tempo ele entendeu.

Broome havia se tornado o confidente e confessor de Lorraine, e, por mais que detestasse admitir, ainda gostava de vê-la, o que talvez explicasse sua tendência a ter relacionamentos atribulados com as mulheres.

Lorraine sabia que ele ainda tinha perguntas, então se esforçou ao máximo para respondê-las. Durante seu último encontro em particular, ele pediu:

– Fale-me sobre Ross Gunther.

– Ele foi o primeiro que matei – contou-lhe a mulher, que agora usava um uniforme cor de abóbora. – Depois do meu marido, é claro. Fui ambiciosa demais, mas valeu a pena.

– Como assim, ambiciosa?

– Veja bem, eu gostava de Stacy. Ela era uma boa menina que tinha sido maltratada pelos homens a vida inteira. Ela namorava esse cara péssimo, esse Ricky Mannion. Você não acreditaria nas coisas que ele fazia com ela. E então, porque às vezes um canalha só não é suficiente, Stacy acabou se envolvendo com um segundo psicopata chamado Ross Gunther. Daí, meu plano original era matar os dois.

– O que deu errado?

Lorraine sorriu e seu olhar ficou distante.

– Matar pode ser... bem, como sexo para a maioria dos homens que eu conheço. Depois que você mata uma vez, fica satisfeito por um tempo. Então eu acabei com Gunther e, em vez de fazer a mesma coisa com Mannion, achei mais interessante armar para que ele levasse a culpa pelo assassinato. A verdade era que matar apenas Gunther não teria libertado Stacy. Eu precisava me livrar dos dois. Admito que é uma lógica estranha, mas funcionava.

– Então esse foi o primeiro?

– Foi.

Em seguida, Broome tocou no ponto que realmente interessava.

– E Stewart Green foi o segundo?

– Isso mesmo. Mas a questão é a seguinte: eu nunca soube o que havia acontecido com ele. Quer dizer, eu sabia que o tinha matado. Mandei Cassie até lá porque queria que ela soubesse que estava livre. Não achei que ela fosse surtar. Deveria ter imaginado. Esse foi um erro meu, e eu aprendi a lição. Enfim, quando ninguém encontrou o corpo... bem, eu também não sabia que fim ele tinha levado. Fiquei meio assustada. Calculei que Cassie tivesse escondido o cadáver ou algo assim, mas depois ela também desapareceu. Cheguei até a me perguntar se Ray não a teria matado e escondido os dois corpos, especialmente depois de vê-lo perto das ruínas há algumas semanas, logo antes de Carlton Flynn aparecer.

– Espere um instante, você viu Ray?

Lorraine assentiu.

– Quase desisti de tudo, mas então pensei: "Que se dane, não vou estar viva no próximo Mardi Gras mesmo..."

– Então foi você quem atacou Ray com o taco de beisebol e roubou a câmera. Queria as fotos que ele tinha tirado.

– Admito que sim – falou Lorraine. – Não vai me acusar de agressão também, vai?

– Podemos deixar passar essa.

– Não ia ser grande coisa comparado a todos aqueles corpos, não é? Enfim, do que estávamos falando? De Cassie, certo?

Broome concordou com a cabeça.

– Eu não queria estragar a vida dela nem nada parecido, mas precisava saber o que havia acontecido. Não conseguia tirar isso da cabeça. Tentei encontrá-la, mas ela conseguiu mesmo sumir do mapa. Enquanto isso, fiquei observando você, Broome, correndo atrás do próprio rabo enquanto tentava descobrir que fim tinha levado Stewart Green. Você não fazia a menor ideia. Sem um corpo, estava realmente de mãos atadas. Essa confusão toda foi uma lição para mim. Então, decidi mudar meu modus operandi.

– Decidiu esconder os corpos – raciocinou Broome.

– Isso aí.

– E dar a entender que talvez os homens tivessem desaparecido ou fugido da cidade.

– Exatamente. Se continuasse largando os corpos lá em cima, os policiais continuariam investigando e eu teria que encontrar um novo local para desová-los todo ano. Seria demais para mim, se é que você me entende. Mas, se fossem desaparecimentos, bem, em muitos casos a polícia não tem nem de onde partir.

– Mas tem uma coisa que eu continuo sem entender.

– Sou toda ouvidos, bonitão.

Broome não deveria estar gostando daquilo.

– Você contou a Megan, ou melhor, a Cassie, que sempre soube onde ela estava. Como?

– Ah, eu menti – disse Lorraine. – Não fazia ideia até conseguir encontrá-la.

Isso o surpreendeu.

– Não entendi. Como você finalmente a achou?

– O fato era que Cassie... não vamos chamá-la de Megan, não foi assim que eu a conheci... Cassie era a melhor de todas. Eu adorava aquela garota. De verdade. E ela adorava aquela vida. Ninguém conta essa parte, Broome. Você só ouve falar das drogas, da prostituição, dos abusos, mas não da coisa como um todo. Você conhece as boates, Broome. Para algumas garotas, aquilo é o melhor que elas vão arranjar na vida. É divertido e empolgante. Toda noite é uma festa e, nesta vida miserável e sem graça, o que há de errado nisso?

– E Cassie era uma dessas garotas?

– Ah, pode apostar que sim. Eu sabia que ela sentiria falta de tudo aquilo. Então, foi por isso que, mesmo depois de 17 anos, não fiquei surpresa quando ela voltou ao La Crème para fazer uma visita. Ela lhe contou, não é?

Broome assentiu.

– Contou.

– Cassie fingiu que tinha ido a Atlantic City para alguma convenção idiota, mas é claro que acabou indo ao La Crème.

– E você a reconheceu?

– Reconheci. Depois que ela foi embora, eu a segui até o Tropicana, o hotel dela. Tenho amigos na

recepção. Eles me forneceram seu verdadeiro nome e endereço. Fui até onde ela morava e bolei uma maneira de atraí-la de volta para cá.

– Fingiu que tinha visto Stewart. Deu a impressão de que ele pudesse ter algo a ver com o sumiço de Carlton Flynn.

– Exato. E, quando vi a reação dela, tive certeza de que Cassie também não sabia que fim tinha levado o corpo. Agora é sua vez, Broome. – Lorraine se inclinou para a frente. – Me fale sobre Stewart Green. Esse sempre foi o grande mistério para mim. Me diga o que aconteceu com o corpo dele.

Broome satisfez a curiosidade dela. Contou-lhe toda a história de como Ray Levine havia retalhado o cadáver. Lorraine ouviu com atenção.

– Pobre e doce Ray – comentou ela.

– O que nos leva a mais uma questão – disse Broome. – Como a medalha de São Judas Tadeu de Carlton Flynn foi parar no apartamento de Ray?

– Eu a coloquei lá – esclareceu Lorraine. – Quem mais?

– Como você entrou?

– Está falando sério? Ray morava no subsolo, em um muquifo com janelas estreitas. Eu abri uma delas e joguei a medalha no meio da sala. Simples assim. Mas não deixa de ser engraçado o fato de Ray ter retalhado o corpo.

– O que tem de engraçado nisso?

– É tipo o oposto do que eu disse.

– Não entendi.

– Quando eu cometi um ato de violência, descobri que gostava daquilo. Quando o coitado do Ray fez a mesma coisa, descobriu exatamente o contrário. O que me encheu de vida foi a ruína dele. É tudo uma questão de como nós somos por dentro, Broome. Ele era sensível demais. Não foi ser abandonado por Cassie que o destruiu. Foi o fato de ele não ter conseguido viver com a imagem de todo aquele sangue...

Broome queria fazer mais perguntas, mas então ela disse:

– Por hoje chega, querido. Tenho uma entrevista para dar à TV.

Foi aí que Broome percebeu qual era o plano dela.

Lorraine estava prestes a ser apanhada: a polícia tinha encontrado os corpos e descobrira que ela havia matado seu marido durante o Mardi Gras. Os agentes federais estavam envolvidos. Era só uma questão de tempo, coisa que ela não tinha de sobra. Mas, no momento em que se entregou, bem, uma estrela nasceu.

A história de Lorraine se tornou uma sensação internacional, algo que Broome a princípio não havia esperado. O fato é que assassinos em série são raros. Do sexo feminino, mais ainda. Só isso já bastaria para gerar interesse, mas acrescentando-se uma ajuda profissional ao caso, *voilà*. O advogado de Lorraine era o famoso Hester Crimstein, um especialista em manipular a imprensa. De repente, Lorraine não era mais um monstro homicida, mas uma vítima de abuso que se tornara o "Anjo Vingador". As esposas e namoradas das vítimas foram a público, cada uma delas contando seu relato aterrorizante de violência, sobre como costumavam viver em agonia e medo e como tinham sido salvas pela única mulher que poderia ajudá-las.

Lorraine.

Então, passou a dar entrevistas para a TV. O fascínio por ela era inesgotável. Seu carisma se destacava por ser inato. A estratégia de Hester Crimstein era simples: confundir, desviar a atenção e retardar o julgamento. Os promotores públicos estavam até bastante satisfeitos com esse último aspecto. Não gostavam muito da ideia de julgar uma mulher à beira da morte que muitos viam como uma heroína.

Broome pensou no sorriso enviesado que Lorraine lhe dera antes de ser presa. Ela sabia desde o início. Sabia exatamente como tudo aquilo pareceria aos olhos da imprensa.

◆◆◆

– Do pó ao pó...

De volta ao funeral de Stewart Green, um homem assassinado por Lorraine, os presentes baixaram suas cabeças.

– E assim dizemos nosso último adeus ao nosso querido falecido...

Sarah Green se aproximou da cova com uma rosa na mão e a atirou sobre o caixão. Susie fez o mesmo, seguida por Brandon. Broome ficou onde estava. Erin, linda toda de preto, ocupava a fileira atrás dele. Seu marido, Sean, estava ao seu lado. Sean era um bom homem, verdade seja dita. Broome se virou para Erin e a encarou. Sua ex-mulher lhe deu um pequeno sorriso e o detetive sentiu aquela velha pontada no peito.

O desejo nunca desapareceria. Broome sabia que não. Mas ele havia perdido Erin. Precisava entender isso.

As pessoas começaram a se dispersar. Broome começou a voltar a seu carro quando a mão de alguém tocou seu ombro. Ele se virou e deparou com Sarah.

– Obrigada, Broome.

– Meus pêsames – disse ele.

Sarah colocou as mãos acima dos olhos, para protegê-los da luz do sol.

– Eu sei que pode parecer estranho, mas isso realmente me dá uma sensação de desfecho.

– Fico feliz.

– Hora de seguir em frente, certo?

– Certo.

Eles ficaram parados ali por alguns instantes.

– Agora que o caso foi resolvido – continuou ela –, você vai continuar me visitando?

Ele não sabia bem o que dizer.

– Não sei.

– Porque eu gostaria que continuasse, Broome. Gostaria muito.

Após dizer isso, Sarah foi embora. Broome ficou observando-a até ela desaparecer.

Pensou em Lorraine, em Del Flynn, em Ray Levine, em Megan Pierce e até mesmo em Erin, que o havia deixado e largado o emprego, mas sem nunca partir de verdade.

Talvez Sarah tivesse razão. Talvez estivesse na hora de todos eles seguirem em frente.

◆◆◆

Fester parou o carro no aeroporto.

– Obrigado, Fester – disse Ray, saindo do automóvel e agradecendo a carona.

– Ah, você não vai se livrar tão fácil assim de mim. Espere um instante.

Fester saiu e deu um abraço apertado em Ray, que, para sua própria surpresa, retribuiu o cumprimento.

– Se cuida, está bem? – disse o grandão.

– Sim, mamãe.

– Ei, eu tenho o direito de ficar preocupado. Enfim, quando você pisar na bola por lá, é só me ligar e eu consigo meu melhor funcionário de volta.

Ray havia telefonado para Steve Cohen, seu antigo chefe na Associated Press, na esperança de conseguir alguma dica sobre como tentar voltar à ativa aos poucos.

– Voltar à ativa aos poucos? – dissera Cohen. – Está de brincadeira? Que tal embarcar na semana que vem para a Linha de Durand?

A Linha de Durand era a perigosa e vulnerável fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão.

– Assim? – perguntara Ray. – Depois de todos esses anos?

– O que eu sempre digo, Ray? Qualidade é qualidade. E você é bom. Muito bom. Estará me fazendo um favor.

Já no terminal, Ray entrou na fila para passar pela revista de segurança. Duas semanas antes, quando Flair Hickory lhe explicara pela primeira vez que ele iria se safar de seu crime, Ray tinha balançado a cabeça.

– Isso não está certo, Flair.

– O que não está certo?

– Eu passei todos esses anos fugindo. Preciso pagar pelo que fiz.

Flair sorrira, pousara a mão no braço dele e respondera:

– Você já pagou. Passou 17 anos pagando.

Talvez Flair tivesse razão. Fazia algum tempo que as imagens do sangue não lhe voltavam à mente. Ray ainda não estava 100% recuperado, e provavelmente nunca ficaria – ainda bebia muito –, mas estava no caminho certo.

Pegou sua bagagem de mão e se encaminhou para o portão. Viu no painel de chegadas e partidas que ainda tinha 15 minutos até o horário do embarque. Sentou-se perto do portão e olhou para o celular. Queria ligar para Megan, dizer a ela que tinha arranjado um emprego e que ficaria bem, mas havia perdido propositalmente seu número e, mesmo que conseguisse lembrar, acabaria não telefonando. Ao longo dos anos, pensaria muito nisso, mas nunca mais veria Megan – Cassie – novamente.

◆◆◆

Megan Pierce fechou sua geladeira de última geração e olhou para os dois filhos pela janela da sacada em que a família tomava o café da manhã. No quintal, Kaylie, sua filha de 15 anos, implicava com Jordan, seu irmão mais novo. Megan se sentiu tentada a abrir a janela e mandar pela enésima vez que Kaylie parasse com aquilo. Mas hoje não estava nem um pouco a fim de fazer isso.

Irmãos brigam. Ficaria tudo bem.

Na sala, Dave estava esparramado na poltrona, em um conjunto de moletom cinza, com o controle remoto na mão.

– Kaylie tem treino hoje – falou ela.

– Posso levá-la.

– Acho que ela pode pegar carona com Randi na volta.

– Já seria uma ajuda – disse ele. – Estou louco que ela tire logo a carteira para poder ir e voltar sozinha.

– Ah, é? Duvido.

Dave se empertigou no sofá e sorriu para ela. Megan retribuiu o sorriso. Ele deu um tapinha no lugar ao seu lado.

– Sente um pouquinho aqui – pediu ele.

– Tenho um milhão de coisas para fazer.

– Só cinco minutos.

Megan obedeceu. Dave a enlaçou com o braço, puxando-a para junto de si. Ela se aninhou contra ele, descansando a cabeça em seu peito. Ele zapeou pelos canais, como sempre. Ela deixou. As imagens passavam rapidamente pela tela.

Sua vida não era perfeita, Megan sabia disso. No longo prazo, talvez não fosse nem satisfatória. Mas era, finalmente, honesta. Ela não sabia onde aquilo iria dar, mas, naquele instante, tudo lhe parecia ótimo. Ansiava por aquela normalidade. Gostava de levar as crianças de carro a seus compromissos, preparar almoços, ajudar os filhos com o dever de casa e assistir a nada em especial na TV com o homem que amava. Esperava que essa sensação durasse, mas a história e a condição humana previam o contrário. A inquietude voltaria. Era inevitável. Sofrimento, medo, paixão, os segredos mais obscuros – nada durava para sempre. Mas talvez, se respirasse fundo e aguentasse firme, Megan pudesse manter essa sensação pelo menos por mais algum tempo.

agradecimentos

O AUTOR GOSTARIA DE AGRADECER a Ben Sevier, Brian Tart, Christine Ball, Diane Discepolo, Lisa Erbach Vance, Chris Christie, Linda Fairstein, Ben Coben (que adorou "pesquisar" as ruínas, Lucy, a Elefanta, e o calçadão de Atlantic City), Anne Armstrong-Coben e Bob McGuigan.

Esta é uma obra de ficção, o que significa que inventei a maioria das coisas. Porém, o Memorial da Guerra da Coreia no calçadão de Atlantic City, as ruínas e cidades fantasmas em Pine Barrens e Lucy, a Elefanta, são todos lugares reais e merecem ser visitados. Você pode descobrir mais sobre eles em harlancoben.com.

Também gostaria de fazer uma breve menção a Erin Anderson, Guy Angiuoni, Samantha Bajraktari, Howard Dodds, Jaime Hatcher Hemsley, Missy Malek, Rick Mason e Barbara e Anthony Reale. Essas pessoas (ou seus ilustres entes queridos) fizeram generosas contribuições para obras de caridade em troca de terem seus nomes incluídos neste romance. Se tiver interesse em participar no futuro, acesse harlancoben.com para maiores detalhes.

Conheça outros títulos do autor

Não conte a ninguém

Desaparecido para sempre

Não há segunda chance

O inocente

Silêncio na floresta

Confie em mim

Cilada

Refúgio (série Mickey Bolitar)

Série Myron Bolitar

Quebra de confiança

Jogada mortal

Sem deixar rastros

O preço da vitória

A promessa

Quando ela se foi

Alta tensão

O preço da vitória

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e *Cilada,* de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva,* de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter: @editoraarqueiro

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

capítulo 1
capítulo 2
capítulo 3
capítulo 4
capítulo 5
capítulo 6
capítulo 7
capítulo 8
capítulo 9
capítulo 10
capítulo 11
capítulo 12
capítulo 13
capítulo 14
capítulo 15
capítulo 16
capítulo 17
capítulo 18
capítulo 19
capítulo 20
capítulo 21
capítulo 22
capítulo 23
capítulo 24
capítulo 25
capítulo 26
capítulo 27
capítulo 28
capítulo 29
capítulo 30
capítulo 31
capítulo 32
capítulo 33
capítulo 34
capítulo 35
capítulo 36
capítulo 37
capítulo 38
epílogo

Conheça outros títulos do autor
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos